

Conte Isso ao Mundo

Conte Isso Ao Mundo

História do Adventismo

C. Mervyn Maxwell

Tradutor: Azenildo G. Brito

Casa Publicadora Brasileira

Índice

1.	Não, Senhor. Eu Não Sei Pregar!	4
2.	O Grande Despertamento do segundo Advento	11
3.	Tempo de Tardança.....	20
4.	O Clamor da Meia-Noite.....	27
5.	“Por Que Papai Não Veio?”	34
6.	Entrada Triunfal II	41
7.	“O Cléopas do Milharal”	48
8.	Nova Luz da Palavra de Deus	53
9.	"Olha um pouco mais pra cima"	58
10.	O que Jesus Está Fazendo Agora?.....	64
11.	O Testemunho de Uma Viúva.....	70
12.	O Capitão Espalha as Novas	78
13.	A Mensagem do Terceiro Anjo.....	89
14.	A “Velha e Boa Review”	100
15.	O que os Adventistas Devem a outros Cristãos	113
16.	Jesus e o “Juízo Investigativo”	122
17.	Necessidade de “Ordem Evangélica”	133
18.	Dando Nome à Criança	143
19.	Laodicéia!	159
20.	Senso de Missão	165
21.	Ex-Sacerdote Católico.....	172
22.	“A Família Missionária de Ultramar”	180
23.	Movimento Missionário Mundial	190
24.	Mulheres Líderes.....	202
25.	Inspirados a Salvar Almas	214
26.	Feliz, Santa e Saudável.....	226

27.	Presente de Natal, 1865	233
28.	Pela Alegria do Serviço	246
29.	Os Incomparáveis Encantos de Cristo.....	261
30.	Dezesseis Anos de Crise.....	274
31.	Círculo de Amor	285
32.	Em Glória Resplendente.....	296

1. Não, Senhor. Eu Não Sei Pregar!

“Não, Senhor. Não!”

“Tu sabes que eu não sei pregar.”

“Eu não sei pregar!”

Antes que Guilherme Miller se dedicasse ao Senhor e se transformasse no líder do grande despertamento do segundo advento na América, ele argumentou com Deus e lutou com sua consciência por treze anos. Deve ser dito de saída que ele não desejava contar ao mundo que Cristo estava para voltar em breve.¹

Numa época em que nove décimos da população americana viviam em fazendas, Guilherme Miller era também um fazendeiro. Mas ele não era um fazendeiro comum. Quando criança, após a família ter-se recolhido, ele se punha a ler livros, a exemplo de Lincoln, à luz de lamparinas em seu rancho de madeira em Low Hampton, Estado de Nova Iorque. Casado em 1803 e estabelecido entre as Montanhas Verdes, em Poultney, Estado de Vermont, ele rapidamente leu todas as obras da biblioteca local. Sua jovem esposa, Luci, realizava muitas das tarefas da fazenda para que ele pudesse dispor de mais tempo para o estudo. Sociável e dinâmico, além de estudioso, Miller foi sucessivamente eleito delegado de polícia e juiz de paz. Logo conseguiu recursos suficientes para possuir dois cavalos, tornou-se suficientemente esperto para ter amizades íntimas em ambos os partidos políticos de seu tempo – e mundano ao ponto de renunciar a fé de sua infância, tornando-se deísta.

Criado num lar batista, Guilherme, quando rapaz, havia se

preocupado seriamente com sua condição espiritual. Buscara encontrar paz mediante estrita obediência a seus pais e renunciando a posses apreciadas, mas sem resultado. Continuava crendo na Bíblia, mas irritava-se com sua aparente ineficácia e contradições. Mas após seu matrimônio, nos dias e que a América era jovem, Miller leu os livros que Jefferson, Franklin e os outros Pais

Peregrinos haviam lido, os escritos de David Yume, Voltaire e Thomas Paine. Outras pessoas estudiosas em Poultney leram os mesmos livros e em breve ele adotou o deísmo, a atraente, mas superficial filosofia deles sobre o Universo.

Segundo o deísmo, deus criou o mundo e o pôs em marcha sob leis inalteráveis de causa e efeito. Em harmonia com tais leis, os homens deveriam viver existências puras, bondosas e honestas; mas crer na oração, num Salvador ou na vida após a morte era considerado uma superstição infantil. Milagres, perdão e ressurreição requereriam que Deus agisse de modo contrário a Suas próprias leis naturais e isto era inimaginável. Deus havia disposto o mundo como alguém que dá corda a um relógio, deixando-o em funcionamento por si mesmo.

Não o cristianismo, mas um americanismo decente e subordinado à lei e à ordem produziria o melhor no homem, concluía Miller; sua casa tornou-se um local de reuniões regulares para os patrióticos mas irreligiosos casais de sua nova comunidade.

Em sua antiga Hampton, a mãe de Miller ouviu sobre o que estava tendo lugar em Poultney e ficou profundamente preocupada. Ela rogou ao cunhado e velho pai, ambos do clero batista, para visitarem Guilherme de tempos em tempos, e prometeu que suas orações os acompanhariam. Guilherme deu alegremente as boas-vindas ao Tio Eliú e ao Vovô Phelps, mas após terem partido ele os imitava comicadamente, o que divertia grandemente os seus amigos.

Convencido de que o amor pelo país, antes que o amor por Cristo, era a grande esperança da humanidade, Miller apresentou-se como voluntário para servir na Guerra de 1812. Quarenta e sete outros também se apresentaram como voluntários, com a condição de que servissem diretamente sob o seu comando!

A Guerra de 1812, a segunda luta militar da América pela independência, foi uma ocorrência de pouca ação e inconstante na maior parte. A Batalha de Plattsburg, desenvolvida às margens do Lago Champlain não muitos quilômetros distante da casa onde Miller vivera na infância, foi uma brilhante exceção.

Na manhã de 11 de setembro de 1814, os britânicos gabavam-se de possuir uma força terrestre de 15 mil regulares e uma pequena, mas bem equipada marinha no lago. Os americanos totalizavam somente 5500, sombriamente certos da derrota.

O resultado foi uma total surpresa.

“Senhor: terminou, missão cumprida”, relatou um entusiasmado oficial americano às 14:20 naquela tarde. “A frota britânica se rendeu à bandeira americana. Grande matança de ambos os lados – podem ser vistos perfeitamente agora de onde estou escrevendo. ... A visão foi majestosa, nobre e grandiosa. Esta manhã, às dez horas os britânicos abriram um pesado e destrutivo tiroteio sobre nós, tanto por terra como por água. Seus... projéteis voavam como saraiva. ... O senhor não tem ideia da batalha. ... Deve imaginar o que sentimos porque eu não posso descrevê-lo.”

O oficial recapitulou com orgulho a parte que havia desempenhado. “Estou satisfeito por poder lutar. Sei que não sou um covarde. ... Três de meus homens estão feridos por bomba que caiu a um metro de mim.”

“Hurra! Hurra!” exclamou ele em sua animação; e depois, ao serem conduzidos ao forte vinte ou trinta prisioneiros, ele assinou cuidadosamente seu nome: “Guilherme Miller, às suas ordens.”

A guerra terminou em 1815. O capitão Guilherme Miller havia demonstrado sua aptidão para liderança anos antes de fundar involuntariamente um movimento religioso.

Mas ao retornar para casa e dedicar-se às atividades de ordenha, semeadura, colheita e trabalhos do campo, sua mente esquadrihava incansavelmente a religião dos patriotas. Pela lei de causa e efeito, racionava ele, a vitória de Plattsburg deveria ter sido ganha pelos britânicos. Suas tropas eram formadas por veteranos que recentemente haviam derrotado Napoleão e superavam os americanos numa proporção de três para um. Um moderno historiador considerou Plattsburg a “ação decisiva” da guerra,² e o comodoro americano, em seu relatório ao departamento de guerra da época, deu glória a Deus: “O Todo-Poderoso agradou-Se em conceder-nos uma vitória-sinal.”³ Seria possível que Deus tivesse tomado interesse pessoal pela América? E que dizer da bomba que havia explodido a seus pés sem feri-lo ou matar seus amigos? Haveria um Deus que realmente Se interessava e velava pelos indivíduos?

Ele se mudou de Poultney retornando a New Hampton. Seu pai havia morrido e ele pagou a hipoteca da casa onde fora criado a fim de que sua mãe pudesse viver sem dívidas no lugar; então, instalou-se numa propriedade de 80 hectares de terra, nas proximidades.

Por cortesia, Miller frequentava a igreja batista local sempre que seu tio apresentava o sermão. Em outras ocasiões, mantinha-se à distância.

– Não o vimos no culto do último domingo – disse-lhe sua mãe, ternamente.

– Não espere ver-me lá quando o tio está fora, mamãe.

– Por que não, meu filho

– Não aprecio a forma como os diáconos leem o sermão.

– Eles fazem o melhor que podem, estou certa.

– Quando o tio está fora, por que não me deixam lê-lo?

E assim Miller preparou uma armadilha para si próprio, e os bons irmãos dos quais se havia rido tão divertidamente providenciaram para que ele caísse nela. os sermões que lhe designaram ler eram da obra de Alexander Proudfit, *Practical Discourses* e serviram para moderá-lo.

Suas dúvidas sobre o deísmo se aprofundaram.

Em 11 de setembro de 1816 comemorava-se o segundo aniversário da vitória de Plattsburg. Um baile público foi programado, e também um sermão para a noite anterior. O evangelista visitante fez com que as pessoas voltassem para casa banhadas em lágrimas. Um reavivamento foi iniciado, e o baile suspenso. No domingo seguinte foi a vez de Miller ler novamente, dessa vez uma homília de Proudfit intitulada “O Dever dos Pais para com Seus Filhos.”⁴ Dominado pela emoção no meio da leitura, ele não conseguiu completá-la.

Em desespero por seus próprios pecados, Miller imaginava quão bom seria lançar-se nos braços de um Salvador e confiar inteiramente em Sua graça.

Ele carecia de um Salvador. O mundo carecia do Salvador. Mas um ser tão maravilhoso assim realmente existia?

Recorreu à Bíblia, e em suas páginas descobriu o Salvador que procurava. “Fui compelido a admitir que as Escrituras devem ser uma revelação de Deus”, escreveu ele posteriormente. “Tornaram-se meu deleite, e em *Jesus encontrei um amigo*.”⁵

Imediatamente começou a realizar cultos familiares com regularidade. Mas seus amigos mundanos ridicularizavam-no agora como ele próprio antes ridicularizara a tantos cristãos. “Como você *sabe* que a Bíblia é a Palavra de Deus?” perguntavam-lhe zombeteiramente. “Que diz de suas contradições?”

“Se a Bíblia é a Palavra de Deus,” respondia Miller firmemente, “então tudo quanto contém pode ser compreendido, e todas as suas partes se harmonizarão. Dêem-me tempo e harmonizarei suas aparentes contradições ou continuarei sendo deísta.”

Deixando de parte todos os livros, exceto a própria Bíblia e a Concordância Bíblica de Cruden, ele começou pelo primeiro verso de Gênesis 1 e não avançava mais depressa do que podia tratar dos problemas que as passagens levantavam. Usando a margem e a concordância, ele permitiu que a Bíblia se interpretasse a si própria. Uma por uma, a maior parte de suas aparentemente insolúveis contradições desapareceram.

Melhor do que tudo, ele havia descoberto que Jesus, seu amorável Amigo e Salvador prometera retornar à Terra! Descobrira que muitas outras promessas proféticas haviam sido cumpridas, então porque não esta? Um dia, então, deparou com o texto que haveria de marcá-lo para o resto da vida – Daniel 8:14: *“Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.”*

Seu estudo intensificou-se de modo impressionante, às vezes durando todo o dia; às vezes toda a noite. Empregando Ezequiel 4:6 e 7 e outros textos, ele concluiu que os 2300 dias eram 2300 anos e que se iniciaram em 457 AC. Equivocadamente raciocinou que a “purificação do santuário” era o fim do mundo e a segunda vinda de Cristo. Em 1818, após dois anos de inarredável concentração ele chegou à impressionante conclusão de que Cristo retornaria “por volta do ano de 1843” 2300 anos após 427 AC, e que “em cerca de vinte e cinco anos... todas as atividades do nosso estado presente serão encerradas.”

O fim, dentro de vinte e cinco anos? Então outros precisavam ser advertidos. Uma voz interior instava-o com frequência: “Vai e anuncia isto ao mundo”.

Por cinco anos Miller descartou a insinuação e vigorosamente analisou sua posição. Temia, escreveu depois, “que por alguma possibilidade pudesse estar em erro e viesse a confundir alguém.” Mais objeções surgiram-lhe na mente do que quaisquer das que seus oponentes levantaram depois. Quando anos de pesquisa removeram toda dúvida, o temos de falar em público ocupou seu lugar. “Eu dizia ao Senhor que era tímido e não possuía as qualificações necessárias.”

Miller desempenhava um papel crescentemente mais ativo em sua igreja local. Passou a dar maior atenção à conversão de pecadores. E compartilhou suas convicções a respeito da volta de Cristo com conhecidos e correspondentes. Nada, porém, parecia satisfazer o chamado interior para *pregar*. Em agosto de 1831, após treze anos de protelação, o peso de sua alma pareceu subitamente insuportável.

“Vai e anuncia isto ao mundo. Designei-te como atalaia. Anuncia isto ao mundo!”

Ele ergueu os olhos da Bíblia que estava lendo, profundamente perturbado pelo chamado de Deus. Era mesmo um chamado de Deus? Precisava certificar-se fora de qualquer dúvida.

Dando um golpe com o punho sobre a mesa, levantou-se. Ajoelhou-se e orou: “Não, Senhor. Não! Tu sabes que eu não sei pregar. *Eu não sei pregar.*”

Mas talvez *seja* Tua vontade que eu vá.

“Ó Senhor, farei um acordo contigo. Se Tu indicares um meio; quero dizer, se enviares um convite para que eu pregue, então, Senhor, irei.”

Ele acomodou-se tranquilo em sua cadeira. “Agora”, pensou, “terei paz, pois se eu receber um convite sei que Deus me assistirá. Mas isso é bem pouco provável”, e sorriu convencido de que “ninguém pedirá a um velho fazendeiro de cinquenta anos como eu para que pregue sobre a segunda vinda do Senhor.”

Dentro de trinta minutos uma forte batida na porta o desviou de seus pensamentos.

“Quem poderia ser, assim tão agitado numa manhã de sábado?” indagou-se distraidamente.

As batidas foram repetidas. “É melhor eu ir atender.”

– Bom dia, tio Guilherme – disse alegremente um garoto à porta.

– Meu sobrinho Irving! – exclamou Miller. – O que você está fazendo a vinte e cinco quilômetros de casa, tão cedo de manhã?

– Tio Guilherme, eu saí antes do desjejum para dizer-lhe que nosso pastor na igreja batista de Dresden não poderá dirigir a palavra no culto de amanhã. papai mandou que eu viesse fazer-lhe um apelo. Ele deseja que venha e nos fale sobre as coisas que tem estudado na Bíblia. A respeito da segunda vinda de Cristo, o senhor sabe. Aceita?

2.O Grande Despertamento do segundo

Advento

Miller deu meia-volta sem dizer palavra, saiu violentamente pela porta da cozinha e dirigiu-se a um bosque das proximidades onde passou a lutar com Deus. Ele estava irado consigo próprio, irado com Deus e muito temeroso.

Por uma hora inteira implorou para ser escusado de seu voto. “Ó meu Deus, envia algum outro, eu Te peço!”

Mesmo quando fora deísta ele havia mantido sua palavra. Como cristão poderia fazer menos? Após angustiosas lágrimas ele se entregou a Deus, finalmente.

Então, que felicidade encheu-lhe a alma! Treze anos de relutância vencidos. A alegria da submissão! Glória a Seu Nome! Numa maneira que não lhe era de costume ele ficou pulando e dando louvores a Deus em voz alta.

Luci Ana, seu filha caçula, observando ansiosamente, correu para dentro de casa gritando: “Mamãe, mamãe, venha depressa!”

Imediatamente após o almoço, Miller, acompanhado de Irving, contornava o Lago Champlain (em cujas margens anos antes ele havia lutado na Batalha de Plattsburg) rumo à casa de sua irmã em Dresden – e ao êxito. Para deixá-lo à vontade, a reunião teve lugar na cozinha, com Miller sentado à mesa numa grande poltrona: O grande despertar do segundo advento na América havia tido início! ¹

Tão impressionante foi seu profundo conhecimento bíblico, tão tocantes os seus simples e fervorosos apelos que as pessoas em Dresden o

persuadiram a pregar cada noite durante a semana. As notícias se espalharam de fazenda em fazenda. A assistência aumentou. Mais de uma dúzia de famílias converteram-se a Cristo.

Quando retornou para casa, aguardava-o um convite de um pastor que ainda não havia ouvido falar sobre sua primeira série. O acordo de Miller com Deus estava duplamente confirmado. Não havia dúvida de que ele havia sido chamado para o Seu ministério.

Tão certamente quando Pedro, Tiago e João haviam sido. Com a mesma clareza; pelo mesmo Senhor.

Logo de começo Miller recebeu mais convites do que poderia atender. Congregacionais, metodistas, batistas, presbiterianos concorriam entre si para atraí-lo de sua fazenda para seus púlpitos. Para ajudar a diminuir a demanda ele publicou um panfleto de seus sermões por sua conta. Quando isso apenas aumentou a demanda devido à divulgação de seu trabalho perante o público, um impressor publicou um livro de seus sermões por *sua* conta.

Em 1833 um batista local que conhecia bem a Miller assinou-lhe uma licença para pregar. Dois anos depois, um certificado recomendando-o como conferencista sobre as profecias foi assinado por vários pastores batistas e uma quantidade de líderes de outras denominações.²

Quase em toda parte em que Miller pregava, pessoas se convertiam. Frequentemente ocorriam reavivamentos; às vezes cidades inteiras eram transformadas. “Você se ri, irmão Hendryx”, escreveu ele a um amigo no princípio de sua carreira, “ao pensar que o velho irmão Miller está pregando! Mas pode rir;... está bem – eu mereço. A única coisa que me importa é pregar a verdade.”

Naqueles dias, toda povoação tinha seus incrédulos; algumas pequenas comunidades estavam repletas desses. Os incrédulos eram semelhantes aos deístas, contudo apresentando dúvidas mais radicais. Em Miller eles reconheceram um homem que havia formulado suas perguntas e as havia respondido. Em determinado lugar uma centena de incrédulos aceitou sua mensagem numa só semana.³ Perto do fim de sua vida Miller calculou que havia pregado em não menos que 500 cidades desde

Massachusetts até Michigan, de Montreal a Maryland, em muitas delas por várias vezes, e que havia pessoalmente contribuído para a conversão de mais de 6 mil almas.⁴ Mas estamos nos antecipando em nossa história.

Durante os primeiros oito anos, Miller, que tornara uma regra ir somente onde o senhor “abrisse uma porta”, foi mantido imensamente ocupado em pequenas igrejas de cidades pequenas. No outono de 1839, ao final de um culto em Exeter, New Hampshire, ele encontrou um homem que mudou o curso de sua carreira.

Josué V. Himes⁵ com a idade de trinta e quatro anos era já vastamente conhecido na Nova Inglaterra como um ardente campeão contra a escravidão, as bebidas alcoólicas e a guerra. Buscando por todo meio tornar o mundo um lugar melhor para viver, ele ficou profundamente impressionado ao ouvir a mensagem de Miller sobre os 2.300 dias. Tão logo a reunião terminou, Himes encaminhou-se rapidamente a Miller e convidou-o a repetir o sermão em sua capela da Rua Chardon, em Boston.

Assim, em 8 de dezembro de 1839 Miller apresentou sua primeira série numa cidade importante. O interesse foi tão grande que reuniões foram marcadas duas vezes por dia, e contudo centenas tinham que voltar para trás por falta de espaço.

Himes ficou encantado. Como um comandante sempre em busca de tropas e de uma causa, ele viu no apelo de Miller para preparar-se para a Terra renovada, a causa que concluiria todas as causas.⁶

“Crê realmente no que está nos pregando?” indagou ele a Miller certa noite em sua casa.

Deliberada e fervorosamente Miller retrucou: “Certamente que sim, irmão Himes, ou não estaria pregando isso.”

– E o que está fazendo para divulgar essa mensagem pelo mundo?

Miller contou-lhe de suas tentativas em alcançar cada cidade e vila que lhe enviava um convite. Himes ficou atônito. Toda pequena cidade e vila? E o que dizer das grandes cidades? E Baltimore, Rochester, Filadélfia, Nova Iorque – na verdade os dezessete milhões de pessoas nos Estados Unidos – ficariam sem ser advertidas? E o que dizer do resto do mundo?

“Se Cristo está para voltar dentro de poucos anos, como acredita”, exclamou ele, “então não há tempo a perder. A mensagem deve ser trovejada para despertá-los à preparação!”

“Eu sei disso, eu sei disso, irmão Himes”, Miller replicou conformadamente, “mas o que pode um velho fazendeiro fazer? Eu não estava acostumado a falar em público, e estou sozinho”, suspirou. “Os pastores apreciam que eu pregue e inspire suas congregações, e aí tudo termina, com a maioria deles como antes. Tenho estado à procura de auxílio.”

Himes estava inflamado. A partir daquele instante (declarou posteriormente), ele depositou a si próprio, sua família, sua reputação e tudo quanto possuía, sobre o altar do Senhor para ajudar Miller até os limites de suas faculdades, até o fim. Imediatamente tornou-se o agente de Miller, dedicando-se à publicidade como um especialista em promoção.

– Estaria disposto a ir às cidades grandes se obtiver um convite?

– Sem dúvida irei, com a ajuda de Deus.

– Então, pai Miller, prepare-se para a campanha. Portas serão abertas em cada cidade na União, e a advertência será soada até aos confins da Terra. (“Pai” era o termo usado naqueles dias como sinal de afeição e respeito para com homens idosos).

Himes fez com que sua promessa e predição se confirmassem. Em breve Miller estava se apresentando nas mais importantes cidades do país, e seu nome ficou famoso em toda a nação.

Uma maneira em que Himes introduziu Miller nas cidades maiores foi por persuadir os pastores de sua própria denominação, a Conexão Cristã, a franquear-lhe os púlpitos. Um dos pastores era Lorenzo Dow Fleming, de Portland, Maine. Na igreja de Fleming situada na Rua Casco a mensagem de Miller alcançou a família de Roberto Harmon; e assim a juvenzinha Ellen, uma futura fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia dedicou a vida à esperança do advento.

Himes fez muitas contribuições dinâmicas. Talvez a maior foi mediante as publicações. Em fevereiro de 1840, sem dinheiro ou lista de

assinantes, ele lançou o primeiro periódico adventista, *Signs of Times*. Isso serviu para pôr o adventismo em destaque.

Durante algum tempo Himes editou o *Signs* ele próprio. Ao ampliar-se o movimento, conseguiu outros para ficarem no escritório enquanto iniciava outras publicações em outras cidades ou encorajava homens de talento a publicarem periódicos por sua iniciativa. Dentro de quatro anos a mensagem do advento era proclamada em diferentes cidades por meio de *Midnight Cry*, *Glad Tidings*, *Advent Chronicle*, *Jubilee Trumpet*, *Philadelphia Alarm*, *Voice of Elijah*, *Southern Midnight Cry*, *Western Midnight Cry*, *True Midnight Cry* e vários outros – a maioria muito bem escritos, habilmente editados e impressos em excelente papel. Havia livros também, uma série de mais de quarenta conhecida como “Biblioteca do Segundo Advento”. Antes do grande desapontamento de 22 de outubro de 1844, oito milhões de exemplares de literatura adventista chegaram ao povo e espalharam a mensagem.

As assinaturas de revistas eram normalmente controladas naquele tempo pelas estações dos correios. A estação postal de Canton, Iowa, relatou que quando os periódicos mileritas chegavam havia uma “grande corrida” por exemplares extras. Poderia remeter-me mais? solicitou ele. “Não tem idéia do bem que fazem.”⁷

A mensagem de Miller não era um “rebuliço em torno de uma data”. Tratava-se da primeira mensagem Angélica: “o evangelho eterno” e “é chegada a hora do Seu juízo.” Apocalipse 14: 6 e 7. Tratava-se de evangelismo procurando ajudar pessoas a se prepararem para o encontro com o Senhor. Mediante ela a igreja metodista parece ter ganho 40 mil novos membros no outono de 1844, e a batista, 45 mil.⁸ Um único itinerário de seis semanas, realizado por um jovem pregador milerita, acrescentou um milhar às igrejas locais.

Em Portland, Maine, quando Miller ali estava, um jovem dissoluto correu até perder o fôlego para um bar e gritou a seus amigos: “Rapazes, há um pregador na Rua Casco que diz que o mundo vai acabar. Não querem parar de jogar para ouvir o que ele tem a dizer?”⁹ Em Portsmouth, New Hampshire, o reavivamento continuou por semanas após Miller ter partido. Os sinos das igrejas soavam todos os dias convocando para a oração, como

se todo dia fosse domingo. Cantinas se transformavam em salas de reunião. Várias centenas eram convertidas e milhares reuniam-se às margens de lagos e rios para assistir aos batismos.

Ministros de muitas denominações ofereciam-se para ajudar no trabalho. Josué V. Himes era um deles. Outros notáveis líderes que se uniram a Miller incluíam Josias Litch, um metodista que já se tornara vastamente conhecido como intérprete das profecias, e que aceitou o milerismo somente depois de certificar-se de que não discordava do metodismo. Ele pregou amplamente, publicou um livro de 200 páginas sobre as conferências de Miller e, entre outras coisas, ajudou a persuadir Carlos Fitch para unir-se a eles. Fitch era um pastor congregacional em Boston, e durante algum tempo foi assistente executivo do famoso evangelista Carlos G. Finney. Com a ajuda de Apolo Hale, um conhecido metodista, ele desenvolveu o “Gráfico 1843” que provavelmente foi utilizado por todos os conferencistas, revelando muitas profecias bíblicas que convergiam em 1843. Também idealizou uma imagem de Daniel 2 que separava, reino por reino.

Além desses destacados líderes havia muitos mais. Pensamos em Tiago White, que como Himes, era ministro da Conexão Cristã; e em José Bates, também ministro dessa denominação, um leigo que era considerado pastor. Mas ninguém sabe quantos cooperadores havia! Estimativas contemporâneas variam de 700 a 2.000. De 174 ministros evangélicos *conhecidos*, cerca da metade era constituída por metodistas, um quarto por batistas e o restante incluía congregacionais, cristãos, presbiterianos, episcopais, luteranos, reformados holandeses, quacres e vários outros.

Nunca é demais ressaltar que Miller não foi o único milerita destacado! Um grande grupo de homens capazes e cultos de importantes denominações o apoiavam e não poucos deles haviam sido beneficiados com considerável preparo acadêmico. Era um impressionante atestado para o “velho fazendeiro”. O milerismo constituía uma reforma cristocêntrica alegremente aceita por muitos, tanto leigos como líderes, nas igrejas respeitáveis da época e, por milhares de incrédulos, deístas e almas indiferentes no conturbado mundo lá fora.

O interesse cresceu mais e mais a ponto de Miller, Himes e outros

líderes permanecerem se movimentando quase incessantemente entre Nova Iorque e Boston, Albany e Utica, Rochester e Búfalo, subindo até Montreal ao norte e descendo ao sul, até Washington e Baltimore. Roberto Winter levou a mensagem para a Inglaterra. Os correios a transportavam a todas as agências de correio dos Estados Unidos e a toda estação missionária conhecida ao redor do mundo.¹⁰

Em Washington D.C., até mesmo um anúncio falso atraiu cinco mil. Em Filadélfia a imprensa secular falou de uma “imensa” multidão adventista de 15 mil.

A presença no movimento milerita de muitos líderes de várias diferentes igrejas tornava essenciais as assembleias de obreiros. A começar do outono de 1840, mais de vinte¹¹ “assembléias gerais” foram promovidas numa variedade de lugares, às vezes numa média de duas ou três por mês.

A primeira assembléia geral foi realizada na congregação de Josué V. Himes. Um ataque de febre tifóide manteve Miller afastado da reunião, mas esta, mesmo assim, foi um sucesso. O mesmo ocorreu com a segunda, terceira e quarta. (A quinta assembleia foi realizada em Low Hampton para que ele pudesse assistir.) Desapontado por ter que se manter afastado, Miller começou a compreender que o movimento que havia iniciado pelo chamado de Deus estava crescendo muito além de seu controle, pelo poder divino.

Assembléias gerais foram realizadas na forma de grandes concentrações públicas. Ao crescer a assistência a essa e outras reuniões mileritas, a assembleia realizada em Boston, sob a direção de José Bates, em maio de 1842 votou tentar realizar reuniões campais, e programou três para o verão.

A reunião campal iniciada em 28 de junho de em East Kingston, New Hampshire, teve Josué V. Himes como responsável, e sete a dez mil pessoas na assistência. O *Boston Daily Mail* deu cobertura ao evento e felicitou as multidões por seu decoro. Até mesmo o poeta John Greenleaf Whittier apareceu por uma hora ou duas. Anos mais tarde ele ainda se lembrava dos eloquentes pregadores dominados pela linguagem simbólica da Bíblia, as pinturas da imagem de Nabucodonosor e das bestas do Apocalipse – e da escura mata arqueada, o círculo branco das tendas, a

fumaça das fogueiras erguendo-se incenso, e as faces solenes e fervorosas.

Logo, reuniões campais estavam sendo realizadas em muitos lugares, frequentemente convocadas por comissões voluntárias locais. Homens, mulheres e crianças reuniam-se vindos de toda direção, lotando barcos a vapor, superlotando vagões de trem e diligências; pedestres faziam seu caminho vindos de estradas secundárias, um por um, os religiosos e os curiosos, dirigindo-se às importantes reuniões no acampamento do segundo advento. Parecia que quase todo crente levava uma Bíblia na mão.¹²

O retumbante êxito das campais levou os mileritas a contribuírem com recursos para a aquisição de uma tenda suficientemente grande para atender comunidades onde fossem impossíveis as campais e os salões fossem pequenos demais. Eles encomendaram a maior tenda fabricada na América até aquela época e a apelidaram de “a grande tenda”. Ela requeria uma equipe permanente de quatro pessoas para armá-la e desarmá-la. Seu mastro central tinha 18 metros e seu diâmetro era de 40 metros. Havia nela espaço para quatro mil pessoas.¹³

A grande tenda foi encomendada, armada e estava em uso dentro de trinta dias. Não havia tempo a perder se Cristo estava para vir “por volta do ano de 1843”. Os jornais revelavam assombro com a velocidade com que era desmontada, transportada por carroça, barco a vapor ou trem, e levantada em outra cidade. Quando estava armada, havia os que apostavam que não iria encher de gente. Quando as reuniões tiveram início, ficaram surpresos em vê-la repleta. Linhas férreas programavam composições especiais para servir às multidões.

Em Rochester um súbito temporal arrebentou quinze correntes e depositou a grande tenda – suavemente – sobre as cabeças do povo. Como prova de apreço, cidadãos levantaram dinheiro para repará-la sob a condição de que a série prosseguisse. Enquanto isso, no domingo, Himes pregou no mercado da cidade para três grupos durante oito horas.

Os adventistas frequentavam as próprias igrejas aos domingos, mas uniam-se com frequência em assembleias interdenominacionais e reuniões de oração durante toda a semana. Não demorou muito, em Boston, Akron, Cincinnati, e Cleveland foram construídos sólidos, mas econômicos “tabernáculos” que podiam acomodar milhares. Quando zombadores

declaravam que as construções negavam a fé deles no breve regresso de Cristo, os crentes citavam as palavras de Jesus: “Estai ocupados até que Eu venha”.

A assembleia geral de maio de 1842 havia votado três campanhas para aquele ano. Trinta e uma foram realizadas. Em 1843, quarenta. Em 1844, cinquenta e quatro, num total de 125. A assistência foi total, pelo menos meio milhão, além de milhares e milhares que assistiram a outras reuniões na “grande tenda” e nas igrejas, tabernáculos e salões alugados.

Deus desejava que a primeira mensagem angélica fosse pregada a “toda nação, e língua, e povo”. Ele chamou Miller para “anunciá-la ao mundo”. Ele não desejava esta mensagem restrita a um canto!

3. Tempo de Tardança

Nem todos, logicamente, concordavam com Guilherme Miller ou o tomavam a sério. Alguns diziam que ele estava interessado em dinheiro. Um legislador apresentou uma proposta para postergar o fim do mundo até 1860. Um espertalhão ofereceu lugares reservados num balão de escape por 200 dólares. Um anúncio publicitário declarava: “Chegou o Tempo” – o tempo seria, porém, para tomar o “Bálsamo de Cereja Silvestre de Winstar”. Um quadrinho humorístico retratava a “Grande Ascensão de Tabernáculo de Miller” enquanto o diabo agarrava Himes e gritava: “Josué, você precisa ficar comigo.”

O otimismo prevalecia na América quando Miller começou a pregar, e, para muitas mentes, falar sobre o fim de mundo próximo ocorria como uma nova idéia. A democracia de Jackson parecia proclamar a perfeição absoluta da raça humana e assim se dava com as sociedades missionárias em multiplicação, sociedades bíblicas e escolas dominicais. Invenções quase incríveis ofereciam evidências adicionais de que o mundo estava no limiar de uma era dourada.

Viajando numa embarcação a vapor pelo rio Hudson para atender um compromisso na primavera de 1833, Guilherme Miller ouviu um grupo de homens comentando maravilhadamente os progressos dos anos recentes. Luzes de gás! Máquinas de extrair caroços de algodão! Alimentos enlatados! Fotografias! Colheitadeiras! Trens de vapor! E até mesmo o barco a vapor, deslizando, sussurrante e fumacento em que se encontravam.

“As coisas não podem continuar assim”, um dos homens assinalou com seriedade, “ou em trinta anos o homem se tornará mais do que humano.”

Miller aproximou-se mais. “Senhores”, observou ele, “essas invenções trazem a minha mente Daniel 12:4. Nos últimos dias, muitos correrão de um lado para o outro e a ciência se multiplicará.” (Cf. Versão

Almeida Antiga). Vendo que demonstravam interesse, ele lhes ofereceu uma síntese histórica à luz das profecias de Daniel 11 e 12. Então, repentinamente caiu em si. “Eu não intencionava, cavalheiros, abusar tanto de vossa paciência.”

Mas ao dirigir-se ao lado oposto da embarcação, o grupo inteiro o seguiu pedindo-lhe mais esclarecimentos. A partir disso, ensinou-lhes o livro de Daniel integralmente – cabeça de ouro, pequeno chifre, 2300 dias, virtualmente tudo, desde os quatro reinos até o juízo e a segunda vinda. “O senhor escreveu sobre isso?” perguntaram-lhe; e quando lhes forneceu cópias impressas de seus sermões, apanharam todas quanto ele trazia.¹

Enquanto os companheiros de viagem de Miller aceitavam finalmente sua doutrina, muitos ministros contemporâneos e teólogos não o faziam. Levados em vez disso pelo fantástico “pós-milenismo” popularizado por Daniel Whitby, apontavam para as invenções e desenvolvimentos missionários ao redor deles e alegavam: “Vejam, o mundo está se tornando cada vez melhor. A segunda vinda de Cristo está tendo lugar exatamente agora, espiritualmente, nos corações do povo. Estamos no começo de mil anos de paz.”

Surpreendente como possa parecer, não poucos desses ministros criam mais ou menos nos 2300 dias. Alguns deles diziam que a nova era realmente começaria nos anos a partir de 1840. O Reverendo Jorge Bush, professor de Hebraico e Literatura Oriental na Universidade de Nova Iorque era típico de muitos. Admitindo que a compreensão de Miller quanto aos 2300 dias estava essencialmente *correta*, ele não obstante alegava que “o grande evento perante o mundo não é sua conflagração física, mas sua regeneração moral”.²

Miller respondia citando as Escrituras: “Nos últimos dias”, ele declarava, “os homens perversos... irão de mal a pior, enganando e sendo enganados” (II Timóteo 3: 1, 13); mas nem todo ministro desejava ouvir tal passagem. Ao transcorrer o tempo, estes começaram a opor-se vigorosamente a Miller de seus púlpitos. Outros homens se opunham de outras maneiras.

A frenologia era popular na década de 1840. Alegava que o caráter de uma pessoa poderia ser percebido pela forma de sua cabeça e estava

bem em voga naquele tempo mandar examinar a cabeça em virtude dessa crença. Em março de 1842, quando Miller estava pregando em Medford, Massachusetts, não distante de Boston, um cristão que havia adotado os pontos de vista adventistas persuadiu Miller a visitar um frenologista amigo seu, esperando sem dúvida, convertê-lo. O frenologista, que não se interessava nem um pouco pelo adventismo, jamais havia visto Miller pessoalmente, e portanto, não o reconheceu.

"Ah, aqui está uma cabeça bem equilibrada e bem desenvolvida", declarou ele ao correr seus dedos práticos sobre o crânio de Miller. "Vou-lhe dizer, senhor, esse Miller teria dificuldade em converter este homem!" Avançando um passo e olhando para o rosto de Miller, ele acrescentou: "O senhor tem muito bom senso para engolir as baboseiras do tal Miller!"

O frenologista continuou fazendo uma série de comparações apimentadas entre a cabeça que ele estava examinando e a cabeça de Miller tal como imaginava que fosse. "Oh! como eu gostaria de examinar a cabeça desse Miller", suspirou ele, dirigindo-se aos homens que se assentavam na fileira de cadeiras ao longo da parede. "Eu bem que lhe daria um aperto!" Então, colocando a mão sobre o "lóbulo do fanatismo", ele disse bem humorado: "Aposto qualquer coisa que o velho Guilherme Miller tem um calombo de fanatismo do tamanho de meu punho, em sua cabeça."

E conforme o frenologista apertava o punho como ilustração do que dizia, os que esperavam em fila, riam-se divertidamente com ele, davam palmadinhas nas pernas, e um apalpava a cabeça do outro, imitando com seus punhos os gestos do doutor.

O frenologista era o que ria mais alto.

Com o exama completado, o frenologista indagou polidamente:

– Cavalheiro, pode me dizer seu nome para que eu o escreva no seu gráfico?

– Oh! – respondeu Miller com compaixão – meu nome não tem importancia. Deixe-o em branco.

– Mas, eu realmente gostaria de colocar um nome junto a uma cabeça tão esplendida como a sua. Além disso, necessito do nome para

meus registros.

– Muito bem – concordou o examinado relutantemente – pode me chamar de Miller, se preferir.

– Miller? Miller? – gaguejou o frenologista. – Mas, se me permite, qual é o seu primeiro nome?

– Chamam-me de Guilherme Miller.

– O cavalheiro que faz conferências sobre as profecias?

– O próprio.

Com isso o frenologista sentouse na cadeira, tremendo de perplexidade e consternação.³

Mas se alguns se opunham a Miller e outros divertiam-se dele, muitos, conquanto dele discordassem, defendiam firmemente sua honestidade. E havia um grande numero – fazendeiros, donas de

casa, operários, pessoas cultas – que, embora não desejassem crer nele, não obstante sentiam-se incomodados.

Testemunhas que relatavam misteriosos fenômenos enchiam as paginas dos jornais. Jupiter girava com um halo. Um cavalo e seu cavaleiro na Lua. Uma cruz negra sobre uma lua ensangüentada. Cântico no céu. Pessoas andando nos céus. Três anjos gritando "Ai, Ai, Ai".

Nem todos esses estranhos fenômenos eram relatados pelos milleritas. Com seus olhos voltados para as Escrituras, eles mal os notavam! Descrentes os relatavam e os publicavam amplamente através da imprensa.

Em 1833, dois anos após Miller ter começado a pregar, as estrelas caíram como flocos de neve. Depois, no frio ocaso do final de fevereiro de 1843, apareceu inesperadamente no céu da região sul do país um cometa flamejante. Visível à luz do dia. Um mensageiro do espaço exterior. O olho da destruição final. Até os céticos tremiam.

Os calculos iniciais de Miller o haviam conduzido "ao ano de 1843, aproximadamente". No inicio de 1843 ele publicou no *New York Tribune*

uma carta aberta a Josué V. Himes, tornando claro o que ele queria dizer pela expressão.

Miller compreendia que o ano bíblico de 457 AC. começara na primavera, ou mais especificamente, em 21 de março de 457 e que, portanto, o ano dois mil e trezentos subsequente começaria na primavera de 1843 e terminaria na primavera de 1844.

Assim, ele anunciou no *Tribune* que estabelecia o tempo não além de alguma ocasião entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844.

Ao ingressarem no "ano do fim do mundo", Miller, mais fervorosamente do que nunca – com sua voz solene, melodiosa e bondosa – instou homens por toda a parte a se arrependerem:

"Sede advertidos; arrependei-vos; fugi, buscai socorro junto à arca de Deus, com Jesus Cristo, o Cordeiro que uma vez foi morto, para que possais viver, pois Ele é digno de receber toda honra, poder e glória. Crede e vivereis. Obedecei à Sua palavra, a ao Seu Espírito, Seus apelos, Seus convites; não há tempo a perder; não procrastineis, vos suplico; não, nem por um momento. Quereis unir-vos àquele coro celestial e cantar o *novo cantico*? Então vinde segundo o caminho designado por Deus; arrependei-vos. Desejais uma casa, não feita com mãos, eterna, nos Céus? Então uni-vos de coração e alma a este povo feliz cujo Deus é o Senhor. Desejais uma propriedade na Nova Jerusalém, a amada cidade? Então fixai o rosto como uma pedra na direção de Sião; tornai-vos um

peregrino no velho e bom estilo. 'Buscai primeiro o reino do Céu' disse Cristo, 'e todas essas coisas vos serão acrescentadas'."⁴

Mas, qual! Apesar de todos os sermões pregados, apesar de todas as publicações distribuídas, de todas as campanhas realizadas, de toda a clara evidência bíblica de Miller, e apesar de seu miraculoso chamado para anunciar isso ao mundo, o ano do fim do mundo passou e Cristo não voltou.

Os crentes ficaram perplexos. Eles não haviam firmado suas esperanças em nenhum dia particular daquele ano, de modo que seu desapontamento na primavera de 1844 não foi tão agudo como deveria sê-

lo no dia que se seguiu a 22 de outubro. O movimento ainda respirava, mas seu pulso estava lento e seus olhos caídos.

Contudo, milhares de mileritas declararam-se miraculosamente pela operação interior do Espírito Santo.

Volvendo outra vez para suas Bíblias, leram em Habacuque 2:3: "A visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado...; se *tardar*, espera-o, porque certamente virá." Obtinham coragem de modo particular das palavras de Cristo: "E *tardando* o noivo, todas as virgens cochilaram e dormiram até que à meia-noite ouviu-se o clamor: Eis o noivo!" Mateus 25:5 e 6.

Descobrir que a Bíblia previa um tempo de tardança foi uma real fonte de encorajamento. No mês de maio de 1844 Josias Litch publicou o *Advent Shield*, uma recapitulação da liderança e guia divinas até então, no despertamento adventista. Isso também representou uma fonte de alegria.

Por volta desse tempo, a oposição à esperança do advento, que se havia desenvolvido nas várias denominações protestantes, atingiu o auge e os mileritas foram sendo desligados delas. Ao perceberem suas igrejas de origem rejeitando a mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14, reconheceram que elas haviam se transformado nas igrejas "caídas" de "Babilônia", preditas pelo segundo anjo desse capítulo. Isso contribuiu adicionalmente para que confiassem em que eram um povo da profecia e que Deus com eles estava.

Uns amigos adventistas, notadamente Samuel Sheffield Snow e seus amigos, lembraram-se de uma carta que Guilherme Miller escrevera ao *Signs of the Times* em 3 de maio de 1843, na qual ele mostrava que assim como Jesus morreu na páscoa, no "primeiro mês" (na primavera do ano bíblico cerimonial), poderia talvez se esperar que Ele no Dia da Expição no "sétimo mês" (no outono). Era uma idéia em embrião que haveria de desenvolver-se.

Assim, no verão de 1844 os mileritas consideravam-se como as virgens no tempo de tardança, proclamando e cumprindo tanto a primeira como a segunda mensagem angélica. Eles se apegavam às promessas, estudavam as profecias, distribuíam suas publicações, continuavam seus

cultos de oração e reuniões nos tabernáculos, reuniam-se aos milhares durante freqüentes campais – e oravam pelo clamor da meia-noite.

4.O Clamor da Meia-Noite

Numa inesquecível campal em Exeter, New Hampshire, em agosto de 1844, o clamor da meia-noite foi finalmente ouvido.¹

O ex-capitão naval Jose Bates, um homem que havia investido sua fortuna na causa, estava exortando pesaros os mileritas a ficarem firmes, e encorajando-os com alusões a seus velhos tempos de marujo.

A congregação estava inquieta, sob o calor sufocante, desconfortável e não impressionada. Quando um cavaleiro apareceu com o seu animal, desmontou e tomou assento na extremidade de uma fileira, todos volveram-se para olhar. Os que estavam mais próximos envolveram-no em conversação espiritual. Mas José Bates continuava monotonamente.

De repente a Sra. Couch ergueu-se determinadamente. Ela era irmã de Samuel Snow, o cavaleiro recém-chegado. Ela falou cortesmente mas com convicção.

“Irmão Bates! É muito tarde para gastarmos o nosso tempo com essas verdades com as quais estamos familiarizados. O tempo é curto. O Senhor tem servos aqui com alimentos para o devido tempo para a sua casa. Que eles falem, e que o povo possa ouvi-los.”

Enquanto ela falava, relata uma testemunha presente, o Espirito do Senhor moveu-Se sobre a assembleia como uma brisa enrugando um plácido lago. Ardentes expressões de “amém, irmã, sim, sim”, foram ouvidas por toda parte. Aqui e acolá homens e mulheres começaram a chorar espontaneamente, antecipando uma resposta a suas orações.

Bates galantemente deixou o púlpito. “Se o irmão Snow tem verdades para nós procedentes do Senhor, que venha e nos transmita a mensagem. “No trem para Exeter ele havia sido impressionado de que exatamente tal acontecimento haveria de se dar.

Snow estava pronto, mas ficou combinado conceder-lhe a oportunidade na reunião que teria lugar cedinho pela manhã.

“Nosso bendito Senhor prometeu que virá novamente e receberá Seu povo para Si mesmo”, Snow recordou a seus milhares de ouvintes reunidos no ar fresco da manhã seguinte.²

“Quanto ao *tempo* de seu retorno, Jesus disse à Seus discípulos que “a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe, nem os anjos no Céu, nem o Filho, senão somente o Pai”, S. Marcos 13:32. “Muitos pensam” prosseguiu Snow, “que esta passagem prova que os homens nunca saberão o tempo. Mas se prova isso, então Igualmente provará que o Filho nunca saberá o tempo, pois ocorre a mesma declaração quanto ao Filho tal como no que concerne aos homens e anjos! Mas se este verso não prova que Cristo nunca saberá o tempo de Seu retorno, não prova também que nem os homens nem os anjos nunca o saberão!

“Quando Jesus veio pela primeira vez”, Snow disse ainda. “Ele veio *no tempo* e tinha uma mensagem a *respeito* de tempo. Ele declarou: ‘O tempo está cumprido.’ S. Marcos 1:15. “Eu vos pergunto, irmãos e irmãs *que tempo* foi cumprido?”.

“Tempo profético”, respondeu o auditório. “A sexagésima nona das setenta semanas de Daniel”

“Certo, certo”, Snow os encorajou. “Nós todos conhecemos as profecias de Daniel 8 e 9 sobre os 2.300 dias-anos e sobre as setenta semanas de anos que estavam “determinadas” (ou cortadas) deles. E tem sido costumeiro entre nós seguir os 2.300 anos até “por volta do ano 1843”.

Mas temos passado por alto algumas coisas! Temos dito que os 2.300 anos começaram na primavera de 457 AC e terminaram na primavera de 1844, mas os 2.300 anos não deveriam começar com o início do ano mas com a “saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém. Daniel 9:25. Agora, Esdra 7:8 nos diz que esse decreto não alcançou Jerusalém até o quinto mês do ano! Meus irmãos, se os anos bíblicos começam e terminam na primavera, e se o decreto não entrou em vigor senão cinco meses após o início do ano, não devem os 2.300 anos estender-se pelo menos cinco meses além do início da primavera?”

– Amém. Isto é certo. Certamente é assim – respondeu o povo.

– Então erramos em esperar o retorno de Cristo na primavera de 1844!

– Sim, sim! Graças a Deus!

– A verdade seguinte, que tem que ver com o tempo do retorno de Cristo – Snow ia em frente com seu argumento com maior segurança – é uma compreensão mais, integral dos tipos da primavera e do outono na lei de Moisés.

“O principal festival das cerimônias de primavera era a Páscoa, realizada no “primeiro mês” do ano bíblico. O principal festival das cerimônias de *outono* era o Dia da Expição, no “sétimo mês” do ano. Agora, em que dia Cristo, morreu na cruz?”

– Na Pascoa – respondeu a multidão, seguindo-o atenciosamente.

– Correto! “Cristo nossa páscoa” foi crucificado por nós (I Coríntio 5:7) no primeiro mês, na primavera do ano, no mesmo dia em que o cordeiro pascal era morto. Mas isso não era tudo. Em que hora do dia era morto o cordeiro pascal?

– À tardinha – respondeu o grupo.

– Sim, mais precisamente “entre as tardes” como hebraico expressa; não no por do Sol, mas no meio da tarde. Digam-me a que hora Cristo nossa Páscoa, entregou sua vida por nós?

– Às três horas da tarde – foi a resposta.

Referindo-se ao antigo historiador judaico Josefo e ao hábil cronólogo Willian Hales, Snow estabeleceu a data da morte de Cristo como sendo na primavera de 31 AD, no meio da septuagésima semana de anos de Daniel. “Eu vos declaro, irmãos, com base na Palavra de Deus, que quando Jesus veio a primeira vez, Ele morreu como nosso Cordeiro Pascal no exato ano predito pela profecia de Daniel e no exato dia prescrito na lei cerimonial – de fato, na hora exata prescrito nessa lei. Nenhum ponto da lei falhou. Cada jota e til foi cumprido. O *tempo foi considerado de modo estrito.*”

– Agora, irmãos, assim como a Páscoa era o principal tipo da primavera, igualmente o Dia da Expição era o principal tipo do outono.. E o que fazia o sumo sacerdote no Dia da Expição?

– Ele purificava o Santuário.

– Sim exatamente! E que obra Jesus completará ao final dos 2.300 dias-anos de Daniel 8:14?

– A purificação do santuário! – completou a multidão outra vez.

– Perfeito! Agora, se o tempo foi considerado de modo estrito quando Cristo morreu como nosso sacrifício pascal, não se seguirá que o tempo será tão estritamente considerado quanto ao nosso Sumo Sacerdote cumprir a purificação do santuário? Não parece claro que Jesus cumprirá a profecia de Daniel 8:14 não somente no ano de Daniel 8 mas, mais precisamente na exata data do Dia da Expição?

Os mileritas olhavam para suas Bíblias, para Snow e entreolhavam-se surpresos e com profunda gratidão.

Snow continuava detalhando seu ponto de vista.

– E em que data, irmãos, cai o Dia da Expição no calendário cerimonial da Bíblia?

– No décimo dia da sétimo mês – responderam eles, quase em uníssono.

– Certo novamente! Levítico 23:27 declara: “Mas aos dez deste mês sétimo será o dia da expiação” Irmãos, se o tipo da purificação vinha no décimo dia do sétimo mês, quando, no antítipo Jesus completará a purificação do santuário? – Sua animação era dominante.

E a multidão reagia em resposta:

– No décimo dia do sétimo mês.

Snow fez uma pausa e tomou fôlego antes de apresentar sua evidência final:

– Pelos mais cuidadosos registro preservado na providência divina

pelos judeus caraitas, *o décimo dia do sétimo mês cai neste ano em 22 de outubro.*

Fez nova pausa; então lançou seu apelo num clímax.

– Irmãos, pensai nisto. Estamos na segunda semana de agosto. Em menos de três meses o Senhor completará a expiação e sairá do santuário para abençoar Seu povo expectante. Levítico 9:22 e 23. Em menos de três meses a obra de Deus será completada. Nunca mais teremos um inverno nesta fria e velha Terra. Em menos de três meses o Noivo estará aqui para levar Sua noiva que o espera. Não é agora o tempo para o clamor da meia-noite, o clamor, “Eis o noivo”! Sai ao Seu encontro!

Lágrimas de gratidão e alegria corriam livremente. Snow foi instado a repetir seu discurso no dia seguinte para que todos se certificassem de terem entendido bem. Outros líderes exortavam o povo a empregar bem o limitado número de dias que restavam.

Solenes, humildes, mas eletrizados, os crentes tomaram os trens, barcos a vapor e carroças de retorno para seus lares. Levavam as novas a toda parte. Campal após campal testemunhava a mesma tranquila mas excitante reação

As graníticas colinas da Nova Inglaterra logo ressoavam o “clamor da meia-noite”. Com poder quase irresistível saltava sobre as asas do vento de um lado para o outro da região. Do Canadá a Maryland, do Atlântico ao Meio-Oeste, simultânea e quase unanimemente o “movimento do sétimo mês” espalhou-se até que cada cidade, vila e choupana ouviram a novas. Himes o desafiou a principio, mas depois tomou posição favorável certo de que Deus estava nele. Guilherme Miller estudou-o meticulosamente, orou intensamente a respeito e depois escreveu com alegria: “Vejo uma glória no “sétimo mês”, como nunca vi antes”. Estou quase no lar, Glória! Glória! Glória!

22 de outubro! Somente alguns dias até o fim.

Que tempo solene para se viver!

Ao se esgotarem os últimos, dias do tempo, os comerciantes adventistas fecharam seus estabelecimento; mecânicos trancaram suas

oficinas; empregados desistiram de seus empregos. Em campanhas, dezenas confessavam suas faltas e uniam-se em orações. Grandes somas eram doadas para que os pobres pudessem liquidar suas dívidas, bem como para a publicação de literatura – até que os editores dissessem que não precisavam mais, o que fez muitos doadores em potencial retirarem-se com pesar.

No campo, alguns fazendeiros abandonam suas plantações para demonstrar sua fé. As batatas permanecem na terra,^(*) as maçãs apodrecem nos pomares, o feno cai pelos campos. Nas cidades as pessoas – muitos professores, vários juizes de paz, até um magistrado de Norfolk – renunciam a seus postos.

Em Filadelfia um alfaiate na Rua Cinco fecha sua oficina “em homenagem ao Rei dos reis que aparecerá no dia vinte e dois de outubro” Uma grande instituição comercial no Brooklin despensa seus empregados. Metodistas, congregacionais, presbiterianos apressam-se às águas batismais.

Impressoras a vapor operam dia e noite produzindo o Midnight Cry e outras publicações. Centenas de milhares de exemplares são publicados em Nova Iorque e Boston nas últimas três semanas. Além de outros milhares em Rochester, Topsham, Filadelfia, Lancaster, Utica, Cleveland, Cincinnati, Detroit e Toronto.

Antecipação. Publicação. Preparação. Consagração. O auge no final.

15 de outubro, sete dias para o fim, 16 de outubro, seis dias, 17 de outubro, 18 de outubro, 19 de outubro.

No dia 19 de outubro as impressoras pararam de rodar. A grande tenda havia sido dobrada pela última vez. Os pregadores haviam retornado para seus lares a fim de estarem com os familiares. Josué V. Himes apressou-se para Low Hampton a fim de estar com Miller.

^{**} Os Céus celaram pelas batatas. Numa ocasião em New Ipswich, Nwe Hampshire, uma seca afetou as batatas plantadas no tempo normal, mas as batatas plantadas tardiamente por Leonardo Hasting foram protegidas no solo e vendidas por um preço extraordinariamente bom.

Dentro do movimento os crentes aguardavam com alegre expectativa. A adolescente Ellen Harmon escreveu depois. “Este foi o ano mais feliz de minha vida. Meu coração estava cheio de feliz expectativa”³

O mundo exterior esperava em *suspense*. Milhares que nunca se haviam unido ao movimento examinavam o coração com temor de que fosse verdade.

20 de outubro, 21 de outubro, 22 de outubro de 1844.

Ao cair o dia 22 de outubro os mileritas reuniram-se em grupos pequenos e grandes; em seus tabernáculos, em igrejas, em tendas, em casas particulares; em reuniões solenes de oração e alegres de louvor. Em Low Hampton, Nova Iorque, os amigos de Miller reuniram-se no bosque ao lado de sua casa, no que hoje se conhece como as Rochas da Ascensão. Eles vigiaram todo o dia, pois não sabiam a que hora seu Senhor haveria de vir.

O sol ergueu-se no oriente, “como um noivo que sai de seus aposentos” Mas o Noivo não apareceu.

Permaneceu no meridiano, quente e comunicador de vida, “trazendo salvação nas suas asas” Mas o Sol da Justiça não apareceu.

Escondeu-se no ocidente, flamejante, cruel, “terrível como um exército com bandeiras”. Aquele que se assenta sobre o cavalo branco não retornou como o líder das hostes celestiais.

As sombras do ocaso estendiam-se serena e friamente por sobre a terra. As horas da noite passavam vagarosamente. Em desconsolados lares de mileritas, os relógios assinalaram doze horas da meia-noite. 22 de outubro havia terminado. Jesus não viera. Ele não voltara!

5. “Por Que Papai Não Veio?”

O ardoroso milerita Carlos Fitch não foi desapontado. Ele havia morrido oito dias antes, em 14 de outubro de 1844. Tinha trinta anos de idade e era pai de seis filhos.

Fitch, como se lembram, foi o ministro milerita (congregacional) que criou a imagem de Daniel 2 que podia ser desmontada e o “Gráfico 1843”.

Fitch uniu-se ao movimento do advento *duas vezes*. Em 1838 ele foi um dos primeiros pastores a tomarem uma posição pública ao lado de Miller. Ele admirava as interpretações proféticas de Miller; mas quando viu que a oposição o privaria de sua elegante igreja em Boston, recuou. Logo depois, contudo, quando se transferiu para uma paróquia em Nova Jersey, descobriu a Jesus como um Salvador verdadeiro e pessoal. Então sacrificou voluntariamente sua congregação a fim de levar as boas novas a respeito de Cristo e Sua justiça a muitas outras congregações. Suas cartas cheias de afeto à esposa, escritas enquanto viajava, mostram como ele interligava naturalmente o amor por Jesus com o amor pelas pessoas.

Quando Josias Litch chamou a atenção de Fitch para as conferências de Miller pela segunda vez, Fitch viu nos 2300 dias uma linda mensagem a respeito do retorno de seu maravilhoso Senhor e lançou-se a sua proclamação de corpo e alma. A trágica morte de quatro de seus filhos aumentou seu anseio pela segunda vinda.

Não muito antes de 22 de outubro de 1844, Fitch batizou três grupos sucessivos de conversos ao ar livre num dia frio. Aparentemente, em consequência disto, adoeceu e, na segunda-feira, 14 de outubro, faleceu.¹

O periódico milerita, *Midnight Cry* relatou que “sua viúva e filhos órfãos estão agora em Cleveland, aguardando confiantemente a vinda de nosso Senhor para reunir os membros espalhados de sua família” em alguns poucos dias. “A irmã Fitch esta... sorridente e feliz.”². Não é difícil imaginar os dois filhos sobreviventes perguntando em meio às lágrimas após o funeral: “Mamãe, nós veremos papai novamente?”

“Sim, queridos”, respondeu corajosamente a Sra. Fitch. “Em poucos dias, quando Jesus retornar, Ele despertará papai e seus irmãos adormecidos também, e então seremos uma família completa e feliz outra vez, para sempre!”

Na noite de segunda-feira, 21 de outubro, as crianças perguntaram: “Mamãe, amanhã tornaremos a encontrar papai?”.

“Sim, queridos!”

Na terça-feira à noite, eles soluçaram: “Por que papai não veio hoje?”.

Havia muitas famílias como essa naqueles dias. Com filhos ou jovens pais que tinham morrido de tuberculose, cólera, tosse comprida e outras doenças fatais, muitos antecipavam uma alegre reunião quando Jesus viesse novamente. Não é sem razão que 22 de outubro de 1844 passasse para a História como o dia do “grande desapontamento”.

Escreveu Tiago White anos depois: “Quando o irmão Himes visitou Portland, Maine, poucos dias após a passagem da data, e declarou que os irmãos deveriam preparar-se para outro duro inverno, meus sentimentos foram quase incontrolláveis. Deixei o local da reunião e chorei como uma criança.”³

Noutra cidade, setenta aturdidos adventistas permaneciam juntos na espaçosa casa onde haviam se reunido para encontrar o Senhor, encorajando-se mutuamente para não abandonarem sua confiança, e compartilhando despesas ao depositarem todas as suas economias leiteira comum. Um dirigente milerita teve êxito em persuadi-los a retornarem para casa e reiniciarem a vida normal.⁴

Um bom número de mileritas, contudo, não podia ajustar-se facilmente. Eles não mais possuíam casas a que retornar. Havia vendido suas fazendas e doado o valor à causa. Em Paris, Estado do Maine, Eduardo Andrews convidou a desamparada família Stowell para ir morar com ele, um ato de generosidade que Deus recompensou amplamente, como veremos num capítulo posterior.

Por toda parte, desapontados mileritas se perguntavam: “Onde

estamos agora? Que deixamos de entender?”

Miller e os outros líderes admitiam francamente que haviam cometido um erro; mas estavam mistificados pela evidência cristalina deque o “clamor da meia-noite” (de que Cristo haveria de vir em 22 de outubro) e o “movimento do sétimo mês” (a dedicada divulgação desta mensagem e a ardorosa resposta favorável do povo para com ela) haviam sido maravilhosamente abençoados por Deus.

Himes falou por Miller e por muitos outros: “Enganamo-nos numa crença à qual cremos ter sido conduzidos pela palavra e Espírito e Providência de Deus.” No movimento do sétimo mês “parecia haver um poder irresistível...que prostrava todos perante ele.” Sua mensagem “alcançava corações em diferentes e distantes lugares quase simultaneamente, e numa maneira que somente pode ser atribuída à presença de Deus nele. Produziu por toda parte o mais profundo exame de coração e humilhação de alma perante o Deus das alturas do Céu. Causou um abandono das afeições pelas coisas deste mundo – uma solução para controvérsias e animosidades – uma confissão de erros – uma submissão diante de Deus e penitentes súplicas de todo o coração a Ele por perdão e aceitação.” “Somente poderíamos exclamar: ‘Quem éramos nós para que pudéssemos resistir a Deus?’”⁵

“O grande Deus operou maravilhosamente por nós”, escreveu F.G. Brown, outro destacado adventista. “Nossos preconceitos, educação, gostos, tanto intelectuais como morais, eram todos opostos a esta doutrina da vinda do Senhor... O Espírito Santo operou... no mais íntimo de nossas almas”, até a segunda vinda tornar-se “nossa esperança, nossa alegria, nosso tudo.” “A Bíblia a contém, cada página esta repleta da imediata vinda do Senhor.”⁶

Quando Brown disse que cada página da Bíblia estava repleta da imediata vinda do Senhor, ele exagerou só um pouco. Somente o Novo Testamento a menciona 300 vezes! Jesus prometeu: “Quando Eu for..., voltarei.” S. João 14:3. Anjos predisseram: “Esse Jesus...virá do modo como O vistes subir.” Atos 1:11. Pedro falou do tempo em que “o Supremo Pastor Se manifestar”. I Pedro 5:4. Paulo disse: “O mesmo Senhor... descera dos Céus.” I Tessalonicenses 4:16. João declarou objetivamente:

“Eis que vem com as nuvens.” Apocalipse 1:7.

Mesmo que a promessa não fosse em parte alguma explícita, podia ser prontamente deduzida a partir de todas as demais coisas que a Bíblia fala a respeito de Deus. O amável e todo-poderoso Deus da Bíblia não deixará que a maldade reine soberana sobre a Terra para sempre. Algum dia Ele operará uma mudança!

Miller estava indiscutivelmente certo ao pregar a segunda vinda. Ele estava inquestionavelmente certo, também, quando instava as pessoas a se prepararem. Jesus disse: “Por isso ficai também vós apercebidos; porque à hora em que não cuidais o Filho do homem virá!” S. Mateus 24:44.

A ênfase em preparar-se era tão fundamental na mente de Miller que para ele o tempo para o retorno de Cristo, conquanto importante, era secundário. “Meu objetivo pleno era o desejo de converter almas a Deus”, escreveu ele após o desapontamento, “e induzir meus semelhantes a fazerem aquela preparação de coração que os habilitem a encontrar seu Deus em paz.”⁷ Num de seus primeiros itinerários ele externou seu pesar pelo povo de sua terra natal. “Ó Deus, desperta o povo de Deus em Hampton...converte, Meu Pai, os meus filhos!”⁸ Muitos de seus vizinhos aceitaram a Cristo; quanto a sua família, em 1843 ele pôde regozijar-se dizendo: “Tenho esposa e oito filhos; tenho grande razão para crer que são todos filhos de Deus e crentes na mesma doutrina na qual eu creio.”⁹

Tão maior era a ênfase de Miller na preparação do coração do que em calcular o tempo, que quando Jesus não veio em 22 de outubro, pôde dizer com toda honestidade: “Desejo indagar se meus ensinamentos foram materialmente afetados” pelo desapontamento.¹⁰

Miller, logicamente, estava errado quanto ao acontecimento que cumpriu a “purificação do santuário” ao final dos 2300 dias; mas ele não precisava ter sido modesto quanto a seus cálculos do tempo. Sua interpretação dos 2300 dias como 2300 anos firmava-se no conceito (Ezequiel 4:6) de que dias simbólicos em profecia equivalem a anos completos. Muitas profecias na Bíblia contêm linguagem simbólica semelhante. Mulheres representam igrejas, animais representam impérios, águas representam povos, e assim por diante. Até mesmo vigorosos oponentes de Miller, como o Reverendo Jorge Bush, admitiam para si que

“ao tomardes um dia como tempo profético para um ano,...estais apoiando por bem fundamentada exegese, bem como fortalecido pelos destacados nomes de Mede, Sir I. Newton, Bispo Newton, Kirby, Scott, Keith e uma multidão de outros”.¹¹

Ao fazer essa admissão, Bush estava correto. Os 2300 dias haviam sido reconhecidos como 2300 anos por muitos homens antes de Miller, remontando a Nahawendi no início do nono século, quase mil anos antes de Guilherme Miller nascer!¹²

Martinho Lutero e muitos outros reformadores criam no princípio do dia-ano, como o fizeram Sir Isaac Newton, um dos maiores cientistas da História. Newton, na verdade, estudou Teologia e História Sagrada a vida toda, e escreveu mais palavras (1.300.000) sobre esses temas do que no campo da ciência.¹³ Para sua mente matemática, as profecias de longo prazo exerciam um especial fascínio.

No século dezoito uma monumental descoberta foi feita sob a direção de Deus por Johann Petri (1718-1792), um pastor da Igreja Reformada, na Alemanha.¹⁴ Petri foi o primeiro (1768) a reconhecer que os 2300 dias de Daniel 8 começam ao mesmo tempo que as setenta semanas da profecia de Daniel 9, tornando possível afinal calcular com alguma precisão quando terminariam.

A validade do argumento de Petri – que faz bastante sentido – é atestada pela descoberta independente de semelhantes linhas de raciocínio por Hans Wood na Irlanda (1787), John A. Brown na Inglaterra (1810), e W. C. Davis, um pastor presbiteriano da Carolina do Sul (1811)¹⁵ – todos antes que Guilherme Miller, um leigo batista do Estado de Nova Iorque, chegasse à mesma conclusão geral independentemente em 1818. Baseando-se em seus pontos de partida e na precisão de seus cálculos matemáticos, todos esses homens concluíram que os 2300 dias terminariam nos anos da década de 1840 ou (no caso de Hans Wood) nos anos 1880.

Manuel de Lacunza, um sacerdote jesuíta; José Wolff, um judeu cristão; Henrique Drummond, um banqueiro inglês e membro do parlamento; Guilherme Cunningham, Henrique Ritcher, Mortimer O’Sullivan, Luís Gaussen, Guilherme Pym, Jorge Croly, Henrique Manning, Alexandre Keith, Tiago A. Begg, Jorge Stanley Faber e muitos

outros na Escócia, Irlanda, França, Alemanha, Holanda, Suíça, América do Sul, Oriente Médio e (o maior número) na Inglaterra escreveram livros, pregaram sermões, publicaram revistas e promoveram conferências num despertar em torno do segundo advento que correu mais ou menos paralelamente com o despertar de Miller sobre o segundo advento na América do Norte.

O despertar europeu não teve a unidade do americano e não chegou à data precisa de 22 de outubro de 1844; mas por volta de 1844 um grande número de ministros religiosos, incluindo 700 sacerdotes anglicanos,¹⁶ estavam proclamando o segundo advento em igrejas de pedra e pequenas capelas por todo o interior da Inglaterra, tendo como texto básico a mensagem do primeiro anjo, “é chegada a hora de Seu Juízo”. Tomás B. Macaulay, o famoso historiador e membro do parlamento, registrou em 1844 que o número dos que criam num eminente retorno de Cristo incluía homens “destacados pela posição, riqueza e habilidade. ... Nobres”, acrescentou ele, “e membros do parlamento têm escrito em sua defesa”.¹⁷

Igualmente impressionante a seu modo, foi o aparecimento nesse tempo das “crianças pregadoras” na Suécia. Começando por volta de 1841 e continuando até o verão de 1844, jovens, e mesmo crianças, confiantemente instavam por reforma em preparação para o retorno de Cristo.

Por lei, nenhum adulto podia pregar na Suécia sem permissão da Igreja estatal. Para contornar isso, Deus chamou crianças. Mesmo assim, algumas foram perseguidas. Ole Boqvist, por exemplo, foi surrado impiedosamente na presença de sua irmã, e a seguir, inesperadamente liberado para prosseguir.

Uma garotinha bem pequena brincava regularmente com seus brinquedos enquanto vizinhos reuniam-se em seu lar. Então ela pregava com autoridade por uma hora ou mais, voltando a seguir para suas bonecas.

O Dr. Sven Erik Sköldberg, oficial médico governamental por trinta anos, examinou a “doença da pregação”, como seus adversários a apelidavam, e relatou que algumas das crianças pregavam deitadas, com os olhos cerrados, inconscientes e aparentemente sem respirar. Lis

Andersdotter, Maria Swensdotter, e talvez outras adolescentes, mesmo com os lábios e narinas comprimidos enquanto cantavam, continuavam murmurando a melodia. O Dr. Sköldberg relatou que as crianças proclamavam os pontos essenciais do cristianismo – Cristo, oração, arrependimento e conversão – mas não ofereceu qualquer explicação para suas manifestações físicas. Quando se pedia às crianças que fornecessem sua própria explicação, elas citavam Joel 2:28: “E acontecerá depois que derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne, vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões”.

E qual era a temática de sua mensagem? Basicamente a mesma de Miller e dos adventistas ingleses, a primeira mensagem angélica de Apocalipse 14: “É chegada a hora de Seu Juízo.”¹⁸

Fosse qual fosse a razão por que “papai não voltou” à família de Carlos Fitch em 22 de outubro de 1844, não teria sido por Miller ter inventado uma teoria extravagante baseada em interpretações peculiares e particulares. Sua mensagem na maior parte de sua essência estava absolutamente correta. E foi parte do grande despertar do segundo advento – um movimento intercontinental e interdenominacional que proclamou uma grande verdade profética, cujo tempo havia chegado.

6. Entrada Triunfal II

“Ora, nós esperávamos que fosse Ele quem havia de redimir a Israel.” São Lucas 24:21.

É útil recordar que a tragédia de 22 de outubro de 1844 não foi o primeiro grande desapontamento experimentado pelos filhos de Deus. Pensemos na tristeza quando Jesus morreu na cruz!

No domingo imediatamente após a cruz, não conscientes de que Jesus havia despertado dentre os mortos, dois de Seus seguidores estavam caminhando pelo campo quando Jesus aproximou-Se deles. Não esperando jamais tornar a vê-Lo, eles deixaram de reconhecê-Lo e conversavam melancolicamente sobre a crucificação. Cléopas, um dos que caminhavam, suspirou lamentosamente: “Nós esperávamos que fosse Ele quem havia de redimir a Israel.”

Dois mil anos e milhares de quilômetros distantes daquele tempo e lugar, ainda captamos o soluço na voz daquele triste viajor.

E não eram só dele as lágrimas.

Imaginem um jovem casal poucos dias antes levando seu filho enfermo à Páscoa. Tudo dependia de poder mantê-lo vivo por mais alguns penosos quilômetros, mais umas poucas horas de ansiedade, até que pudessem estar em Jerusalém na presença do grande Médico, que por vários anos havia regularmente assistido à festa. E eles prosseguiram por aqueles extenuantes quilômetros e angustiosas horas. Chegaram com o filho ainda vivo, para ouvirem que o próprio operador de curas estava morto.

Milhares compartilharam o sofrimento deles. “De todos os lados ouvia-se o clamor: Queremos Cristo, o Médico. ... Mas eram expulsos dos átrios do templo, e foram postados soldados às portas. ... Os sofredores... sucumbiam ante a decepção. ... Médicos eram consultados em vão; não

havia eficiência como a dAquele que jazia no túmulo de José.”¹

“Nós esperávamos que fosse Ele quem havia de redimir a Israel.” Aqui, como se pode ver, estava o “Grande Desapontamento I”.

Agora, o sofrimento do fim de semana da crucifixão foi ressaltado pelo fato de que, somente poucos dias antes de Sua morte, Jesus participara da emocionante celebração conhecida como entrada triunfal.

Não podemos passar por alto este fato. Ajuda bastante em nossa compreensão do desapontamento milerita.

No domingo antes de Sua morte Jesus enviou dois de seus discípulos em busca de um jumento que deveria ser levado a Ele. Quando demonstraram surpresa, Jesus os instruiu ao dizer ao seu possuidor: “O Senhor precisa dele.” Assim os discípulos prepararam o jumento e Jesus entrou em Jerusalém montado sobre ele – em cumprimento, diz a Bíblia, da profecia do Velho Testamento: “Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eia aí te vem o teu Rei, justo e salvado, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta.” Zacarias 9:9.

Quando o povo O contemplou montado sobre o jumento em cumprimento da profecia de Zacarias, certificou-se de que Ele estava em vias de estabelecer um reino terreno, expulsar os odiados romanos de seu meio e tornar Jerusalém, e não Roma, a capital do mundo. Claramente, Cristo tomou a iniciativa num empreendimento que deixou o povo com uma impressão bastante errada a Seu respeito, o que, em consequência, foi seguido por um trágico desapontamento.

Como poderia Cristo, o caminho, a verdade e a vida, tomar parte num engano tão premeditado? Como podia o Príncipe da Paz tão intencionalmente preparar o ambiente para a grande tristeza que se seguiu?

Ou tais perguntas são inadequadas? Era Jesus Aquele que “havia de redimir Israel”? Certamente! Ele era o Salvador do mundo inteiro! Era Jesus, sentado sobre o jumento, realmente um rei? Ele era o rei do Universo!

Então, quando Jesus levou o povo a vê-Lo como um rei, acaso o enganou? Logicamente, não!

Então, o que causou tanta confusão a respeito dEle e, pouco depois, tanto desapontamento? Foi a falta de compreensão por parte do povo.

Para tornar perfeitamente claro em nossa mente que Jesus não foi responsável pela concepção equivocada e subsequente desapontamento, indaguemos ainda: Acaso Jesus alguma vez advertiu Seus seguidores de que Ele não era o tipo de rei que pensavam que Ele fosse e que haveria de ser morto? A resposta é que cerca de nove meses antes da crucifixão “começou Jesus Cristo a mostrar a Seus discípulos que Lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto, e ressuscitado no terceiro dia”. S. Mateus 16:21.

Cristo dificilmente poderia ter sido mais explícito! Contudo o Céu realizou ainda mais do que isso para fazer com que o povo soubesse a verdade em antecipação. Jesus foi apresentado por João Batista no primeiro momento de Seu ministério oficial como o *Cordeiro* de Deus. S. João 1:29. Todos sabiam que no serviço do santuário, cordeiros de Deus morriam como sacrifícios cada dia do ano, e anualmente por ocasião da Páscoa. Daniel 9, escrito 500 anos antes do nascimento de Cristo, revelara que no “meio” da última semana das setenta semanas de anos, o Messias seria “morto”. Isaías 53, escrito uns 700 anos antes do nascimento de Cristo predisse que o Servo de Deus iria, à semelhança de um Cordeiro, ser “levado ao matadouro”. Verso 7. Gênesis 3:15, a primeira exata promessa de um Salvador, advertiu que o inimigo iria ferir a semente da mulher. Assim, por 4000 anos o Céu fez o seu melhor para impedir a incompreensão do povo e conseqüente desapontamento!

Mas por que Jesus encenou a entrada triunfal, finalmente? Por que Ele não permaneceu em Sua banca de carpinteiro em Nazaré a fim de evitar toda possibilidade de incompreensão?

Vocês conhecem a razão! Chegara o tempo para que Ele realizasse o mais significativo ato em toda a História. Ele havia de morrer na cruz como expiação pelos pecados do mundo, e para tornar o perdão possível a todo ser humano sobre a Terra e para restaurar a confiança no caráter e governo de Deus por todo o Universo estrelado.

Naquele domingo cedo da entrada triunfal Jesus sabia que no meio

da septuagésima e final semana dos anos proféticos, predita em Daniel 9 – especificamente, na sexta-feira da Páscoa que se aproximava e no exato momento, três horas da tarde, em que o cordeiro pascal era morto – Ele, o Criador do céu e da Terra deveria expirar na cruz fora dos muros da velha Jerusalém. Ele sabia que por esse ato demonstraria o amor de Deus de modo inequívoco, abrindo o caminho para a redenção do homem e tornando a vida eterna possível a todo pecador culpado. “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”

Mas de que adiantaria demonstrar tal amor se ninguém jamais tivesse ouvido a Seu respeito? Tal bondade requeria a mais ampla publicidade para que homens culpados pudessem aprender, e crer, e viver.

Esta é a razão por que Jesus participou da entrada triunfal. Ele fez tudo quanto pôde para preservar o povo da incompreensão. Mas quando eles persistiram em sua má percepção, foi em frente de qualquer maneira, sabendo que com o tempo muitos chegariam a compreender claramente, e que, de outro modo, nunca teriam se interessado no assunto.

Todavia, antes de deixarmos a “Entrada Triunfal I”, precisamos indagar-nos duas perguntas a seu respeito e a respeito do “Grande Desapontamento I” que a ele se seguiu. No caminho de Emaús, a quem e por que meios Jesus explicou o que acontecera?

Você pode indicar o nome dos dois discípulos que estavam caminhando pelo campo? Sabemos de Cléopas. Mas, não se recorda do nome da outra pessoa? Não, a Bíblia não o indica.

Após o grande desapontamento da crucificação do fim de semana, Jesus fez a mais significativa revelação de Si mesmo, a mais esclarecedora explicação do que havia saído errado, não aos principais discípulos, Pedro, Tiago e João, mas a dois dedicados leigos cristãos um tanto desconhecidos.

E em que forma Jesus explicou o desapontamento para eles? “Então lhes disse Jesus: Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na Sua glória? E, começando por Moisés, percorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a Seu respeito constava em todas as

Escrituras.” S. Lucas 24:25-27.

Aí está. Aparentemente Ele recordou-lhes versos bíblicos tais como os mencionados pouco atrás – Gênesis 3:15, sobre a serpente ferindo a semente da mulher; Isaías 53, sobre o cordeiro sendo levado ao matadouro no sistema cerimonial do santuário; Daniel 9, sobre o Messias sendo “morto”, e sem dúvida muitas outras passagens. Ao fazê-lo, Cléopas e seu companheiro devem ter exclamado: “Já ouvimos isso centena de vezes! Por que não entendemos antes?” E seus corações ardiam-lhes no peito ao Ele lhes abrir as Escrituras.

Pouco mais tarde, após terem reconhecido a Jesus, Ele os deixou. Daí, quão depressa não correram a Jerusalém, tropeçando pelo caminho pedregoso à luz da Lua daquela Páscoa, apressando-se para contar aos discípulos dirigentes o que haviam ouvido e quem haviam visto!

Os líderes reexaminaram cuidadosamente as Escrituras por si próprios. Logo, capacitados pela graça de Deus, fundaram um grande novo movimento religioso, a igreja cristã.

Entrada Triunfal II

Tudo isso se deu na “Entrada Triunfal I” e seu conseqüente “Grande Desapontamento I”. Mas assim como podemos chamar o sofrimento de 22 de outubro de 1844, “Grande Desapontamento II”, igualmente podemos pensar no grande despertamento do segundo advento em termos de “Entrada Triunfal II”.

Como veremos em capítulos seguintes, no dia 22 de outubro de 1844, Jesus começou uma nova obra de expiação, tão essencial quanto a expiação na cruz do Calvário. Na disposição da graça divina, assim como Jesus morreu na cruz às três da tarde na sexta-feira de Páscoa perto do final das setenta semanas, assim Jesus começou esse outro ministério de expiação no Dia da Expiação cerimonial, na terça-feira, 22 de outubro de 1844, ao final dos 2300 dias-anos de Daniel 8:14. E tal como na primeira ocasião Ele foi pregado na cruz fora da velha Jerusalém, assim, desta vez, Ele tomou posição num local especificado ao lado das tábuas da lei no lugar santíssimo do santuário celestial na Nova Jerusalém. Esse novo ministério de expiação é, como veremos, um processo belíssimo às vezes

denominado “eliminação dos pecados”, um ministério designado a remover todo pecado dos corações e vidas e registros dos queridos crentes em Cristo e prepará-los para a unidade eterna, eterna justificação ante o Pai.

Um tão grande e gracioso ato de expiação requeria a mais vasta publicidade para que, novamente, os homens pudessem aprender, e crer, e viver. E vasta publicidade recebeu, como vimos, tanto no Velho como no Novo Mundo.

Mas como poderia Deus chamar a Miller e tantos outros para pregarem uma mensagem que não era verdadeira?

Vemos que a mensagem de Miller estava muito próxima da verdade. Quanto à literalidade da segunda vinda, ao tipo de preparação requerida, à importância vital de ganhar almas, e ao cálculo dos 2300 dias, ele estava mais correto do que seus contemporâneos.

Ele estava errado somente em pensar que o santuário a ser purificado em Daniel 8:14 estava na Terra, e ao concluir que a purificação do santuário por parte de Cristo se cumpriria com Sua vinda à Terra para purificar o mundo e julgar a igreja como Rei dos reis.

Não cometeu erro maior do que o dos discípulos quando imaginaram que as profecias previam a vinda de Cristo como um rei no ano 31 AD.

Mas se assim é, por que Jesus não esclareceu a questão para Miller e certificou-Se que ele tinha a mensagem correta?

A resposta é que Ele tentou, tal como tentara com Seus próprios discípulos antes da primeira entrada triunfal. Expressões em Daniel 7, S. Lucas 12, Hebreus 8 e 9, Apocalipse 10 e Apocalipse 11, corretamente compreendidas, teriam impedido o desapontamento de 1844, tal como outros pensamentos no Velho Testamento poderiam ter poupado os discípulos de seu desapontamento.

Há também uma impressionante analogia quanto ao fato de Jesus ter advertido Seus discípulos de que iria sofrer muitas coisas, morrer e ressuscitar outra vez ao terceiro dia. No início da década de 1840 Ele escolheu dois mileritas, Guilherme Foy (um ministro de cor parda) e Hazen Foss, e numa visão profética admoestou-os de que o tempo *continuaría*

para além de 22 de outubro de 1844!² Uma vez mais a incompreensão estava na mente das pessoas – não na vontade de Deus.

Mas se nesses particulares Miller estava errado, porque permitiu Deus que ele pregasse mesmo assim? Por que não o deixou semeando cereais e ordenhando vacas pelo resto de sua vida? Afinal de contas, era isso que Miller desejava. E então não teria ocorrido o grande desapontamento.

Nós já demos a razão. Jesus estava em vias de iniciar um grande processo de expiação equiparável em graça e eficácia a Sua morte sobre a cruz – e o mundo precisava saber a respeito disso para que os homens pudessem saber e crer e viver.

E a quem, onde e como Jesus primeiramente explicou a incompreensão depois do desapontamento?

Em 23 de outubro, na exata manhã que se seguiu a 22 de outubro, um ativo, mas quase desconhecido adventista, Hirã Edson, estava seguindo por um atalho num campo de milho em companhia de um amigo, quando, de repente teve um lampejo mental da verdadeira, coerente explicação das frases fundamentais de Daniel 7, S. Lucas 12, Apocalipse 10 e 11, e (poucas horas depois, de volta ao lar) de Hebreus 8 e 9, que os mileritas tinham até então passado por alto ou interpretado mal.

Em outras palavras, Jesus abriu-lhe a compreensão das Escrituras sobre as coisas concernentes a Si próprio. Hirã Edson foi o “Cléopas do milharal” do adventismo, viajando pelo campo com um companheiro ao Cristo Se aproximar deles!

O novo discernimento de Edson foi estudado e reestudado. A partir disso, no devido tempo, surgiu um grande novo movimento religioso mundial – a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

7. “O Cléopas do Milharal”

– Papai, eu poderia ser batizada hoje? Por favor!

– Já é tarde, você sabe, Ofélia, e temos dezenove quilômetros para cavalgar num trenó aberto antes de irmos para a cama!

– Eu sei, papai; mas realmente gostaria de ser batizada antes de irmos para casa.

– Você já pensou que o lago está provavelmente congelado ao redor das margens e que nós teríamos de viajar três ou quatro quilômetros gelados de ida e volta?

– Sim; mas não tem importância – respondeu a garota. – Eu posso suportá-lo.

Vendo sua resolução, um pastor do grupo volveu-se para um amigo e pediu:

– Irmão, incomodar-se-ia de ir ao lago com Ofélia e seu pai para batizá-la?

– Terei satisfação em fazê-lo – respondeu o bom homem. E com isso, Hirã Edson acompanhou sua filha de doze anos de idade para a água gelada, testemunhou seu batismo na escuridão, e chegou em casa em hora bem avançada, todo gelado, sem dúvida, mas muito feliz no Senhor.¹

Este incidente, que ocorreu ao final do reavivamento em 1855, onze anos após o grande desapontamento, serve para apresentar-nos Hirã Edson como um dedicado pai cristão. Ele teve seis filhos, todos em seguida, contando um que morreu com tenra idade. Neste mesmo reavivamento, Edson foi ordenado, aparentemente como um ancião local – o que o apresenta como um ativo leigo cristão. Por muitos anos após o desapontamento, tanto quanto sua saúde lhe permitia, Edson explorou a nova verdade, sacrificou-se para publicá-la e viajou para difundi-la. No

princípio da década de 1850 ele acompanhou José Bates, João Andrews, João Loughborough e uma porção de outros ministros, incansavelmente à busca de pessoas interessadas, muitas vezes cobrindo centenas de quilômetros, frequentemente a pé, e costumeiramente no inverno. Durante o verão ele trabalhava na fazenda para obter seu sustento e pagar as despesas. Por duas vezes vendeu a fazenda, uma vez um rebanho de ovelhas, para ajudar a Causa. Quando envelheceu, foi-lhe concedida credencial ministerial. Faleceu em 1882.²

Mas estamos nos adiantando muito. A primeira esposa de Edson faleceu em 1839 com trinta e dois anos de idade. Para prover seus três filhinhos com uma nova mãe, ele logo trouxe outra Sra. Edson para sua fazenda perto de Port Gibson, Estado de Nova Iorque (um aterro sobre o Canal Erie). Em 1843 a mensagem do advento chegou a Rochester, cerca de 48 quilômetros de distância. Logo se espalhou até Port Gibson. Edson, um metodista naquele tempo, aceitou-a durante uma série evangelística.

Na mesma noite em que essa série foi concluída, Edson impressionou-se com o que parecia uma voz audível dizendo-lhe para ir à casa de um vizinho moribundo a fim de curá-lo em nome do Senhor. Isso o perturbou, pois imaginava que milagres de cura haviam terminado nos tempos bíblicos. Incapaz, porém, de desfazer-se da convicção, entrou na casa de seu amigo tarde da noite. Edson seguiu até o leito do amigo à luz de uma vela, colocou as mãos sobre o enfermo e disse: “Irmão, o Senhor Jesus o cura.” Para grande alegria de Edson, o homem ergueu-se imediatamente, pôs de lado os cobertores, movimentou os pés até a beira da cama e caminhou pelo quarto louvando a Deus. Logo, a família inteira estava desperta, louvando a Deus.³

Naquela mesma noite Edson ouviu uma voz dizendo-lhe: “Vá contar a verdade [do advento] a seus vizinhos e semelhantes.” Ele julgava ainda mais difícil testemunhar do que ajudar a curar! Lutou durante dias. E quando finalmente submeteu-se, a exemplo de Guilherme Miller, descobriu que Deus poderia fazer bom uso dele. Ele visitava lares todo o dia, dava assistência a reuniões à noite e logo viu três ou quatro centenas de seus vizinhos e conhecidos aceitarem a Jesus e unirem-se ao movimento adventista.

Assim ocupados, ele e sua família chegaram a 22 de outubro. Ao atravessarem a noite naquele dia fatídico e a inevitável batida do relógio indicar que o tempo estava passando, podemos estar certos de que eles e seus amigos que se lhe haviam juntado para a ocasião, zelosamente recapitularam as evidências para sua fé: os 2300 dias que se estendem da primavera de 457 AC ao outono de 1844; o despertamento adventista como cumprimento das mensagens do primeiro e segundo anjos; o “tempo da tardança” após o desapontamento da primavera, e o “clamor da meia-noite” na reunião campal em agosto, e especialmente a clara exposição de Samuel Snow quanto à purificação do santuário à luz do Dia da Expição.

“Hoje, 22 de outubro”, comentavam eles entre si, “o décimo dia do sétimo mês, Jesus está completando sua obra final de expiação no lugar santíssimo do santuário celestial, e sem dúvida ainda deixará esse lugar para vir à Terra abençoar Seu povo que O aguarda”.

“Nós confiantemente esperávamos ver Jesus Cristo e todos os Seus santos anjos com Ele”, escreveu Edson mais tarde, “e que Sua voz despertasse Abraão, Isaque e Jacó e todos os antigos dignitários, e todos os amigos queridos que nos haviam sido arrebatados pela morte, ... Nossas esperanças eram mantidas elevadas e assim esperamos pela vinda do Senhor até que o relógio fez soar doze badaladas à meia-noite.”

Ao soar a hora no relógio, a família de Edson e seus amigos, tal como os mileritas por toda parte, contaram as batidas com corações oprimidos. Quando nada mais se fez ouvir, senão o monótono ritmo de seu tique-taque, certificaram-se de que “o dia havia passado” e seu “desapontamento tornou-se uma certeza”. Disse Edson: “Nossas mais caras esperanças e expectativas foram esmagadas, e um tal espírito de pranto nos sobreveio como nunca havíamos experimentado antes, ... Choramos e choramos até o alvorecer.”

Mas ao continuarem se passando as horas, Edson descobriu-se recapitulando mentalmente as maneiras em que Deus o havia abençoado desde que aceitara a esperança do advento. Tinha-lhe sido concedido poder para curar em nome de Cristo; havia testemunhado centenas de vidas mudadas para melhor; havia desfrutado de uma paz maravilhosa. Sua confiança começou a voltar-lhe. “Vamos até o celeiro”, disse ele aos

homens que ainda estavam em sua casa. E em meio à fria neblina daquele alvorecer do fim de outubro um grupo de homens comuns, chocados, mais ainda lutando para crer, entrou no celeiro. Ali fecharam a porta e ajoelharam-se para orar. “Continuamos em fervorosa oração até ter sido dado o testemunho do Espírito de que nossas orações foram aceitas, e de que luz seria dada, nosso desapontamento explicado e tornado claro e satisfatório.”

Nenhuma explicação lhes veio exatamente naquele momento; mas uma certeza brotou-lhes no coração de que Deus é amor e que embora não compreendessem o que havia ocorrido, Ele tornaria tudo claro algum dia.

Sentindo-se melhores, eles voltaram à cozinha e tomaram o desjejum. Edson sugeriu a um de seus amigos, O. R. L. Croiser evidentemente, a que visitassem alguns de seus vizinhos mileritas aos quais haviam ajudado a ganhar para Cristo, a fim de encorajá-los com sua nova confiança. Talvez para ganhar tempo eles tomaram um atalho em meio a um milharal ajuntado em grandes molhos.

Enquanto atravessava o milharal, Edson nos conta: “Detive-me em meio ao campo. O céu parecia abrir-se-me à vista e vi distinta e claramente que em lugar de nosso Sumo Sacerdote sair do lugar Santíssimo do santuário celestial para vir à Terra [em 22 de outubro], ... Ele pela primeira vez entrava nesse dia no segundo compartimento desse santuário; e que Ele tinha uma obra para realizar no Santíssimo antes de vir à Terra.”

Tão simples; contudo, está entre um dos mais dramáticos momentos na história religiosa.

Abrão era somente um criador nômade de gado quando Deus o chamou para ser pai de Seu povo escolhido.

Daniel recebeu seu chamado especial como um jovem cativo numa terra estranha.

Jesus era um rabino itinerante numa remota província romana quando Sua morte salvou o mundo.

Cléopas era um discípulo quase desconhecido quando Cristo lhe deu iluminações bíblicas que conduziram à fundação da igreja cristã.

E Hirã Edson, o “Cléopas do milharal” do adventismo, era um fazendeiro do norte do Estado de Nova Iorque – e um leigo dedicado e estudioso da Bíblia, ganhador de almas – quando Deus lhe deu a compreensão do ministério celestial de Cristo, que era tema inédito na história da Teologia. Num sentido muito especial a Igreja Adventista do Sétimo Dia nasceu naquele momento, naquele milharal, quando aquele fazendeiro contemplava a Cristo.

8.Nova Luz da Palavra de Deus

O adventismo do sétimo dia é basicamente uma mensagem a cerca de Jesus, a cerca do que Ele está fazendo *agora* para libertar do pecado a homens e mulheres, meninos e meninas, e transformá-los em pessoas radiantes, generosas e altruístas como Ele próprio.

Todos os cristãos bíblicos crêem que Jesus morreu pelos pecadores na cruz, e que desde Sua ressurreição Ele vive “sempre para interceder por eles”. Hebreus 7:25. A maior parte dos teólogos, se dedicaram ao assunto atenção especial, têm entendido que Ele sempre realizou essa intercessão no lugar santíssimo do santuário celestial. Os adventistas do sétimo dia, contudo, crêem que após sua ascensão Ele iniciou Sua obra de intercessão no lugar santo, o primeiro compartimento do santuário celestial, e que somente em 1844 transferiu-Se para o segundo mais interior, o lugar santíssimo.

Essa diferença não se restringe de modo algum a geografia. Absolutamente! Conquanto o ministério sumo – sacerdotal de Cristo no lugar santo do Céu fosse sempre indescritivelmente maravilhoso, Sua nova obra especial no lugar santíssimo o transcende em muito em graça transformadora e poder. Dedicaremos vários capítulos ao tema agora e a ele retornaremos seguidamente neste livro.

Quando Cléopas e seu companheiro caminhavam pelo campo, Jesus repreendeu-os por não crerem em “tudo” quanto os profetas haviam falado a Seu respeito. S. Lucas 24:25. Discípulos e mileritas de igual modo, conquanto altamente dignos de elogio por descobrirem verdades a respeito de Cristo às quais a maioria das pessoas se opunha ou ignorava, não obstante passarem por alto ou não compreenderam sentenças que por séculos haviam permanecido no Escrito Sagrado. A especial verdade a respeito de Cristo que Hirã Edson e outros descobriram, igualmente jazia na Bíblia sem ser descoberta por séculos. Todo cristão deve compreendê-la por si mesmo.

Teve Hirã Edson, como muitos sugerem, uma visão profética no

milharal? Pode ser que sim. Contudo, ele não declara que realmente viu a Jesus entrando no santíssimo. Antes, em seu relato melhor conhecido, declara ter visto “que” Jesus entrou ali em 22 de outubro de 1844. Noutro relato diferente ele nada diz sobre “ver” seja o que for, mas rememora ter ouvido uma voz lhe falando. Possivelmente ele próprio não sabia exatamente como esse valioso lampejo lhe ocorreu, mas tentar estabelecer com precisão o que se passou é desnecessário. O que interessa é que ele aprendeu algo que nós, também, podemos aprender da Bíblia (a minha, a sua, ou a que foi dele).

Citemos um pouco mais do que ele disse e depois o analisemos. “Vi...que Ele [Cristo] veio às bodas no tempo [22 de outubro de 1844]; em outras palavras, ele foi ao Ancião de dias, para receber um reino, domínio, e glória; e devemos aguardar Seu retorno das bodas; e minha mente foi dirigida ao décimo capítulo de Apocalipse, onde pude ver que a visão falara e não mentira; o sétimo anjo havia começado a soar; nós tínhamos comido o pequeno livro; havia sido doce em nossa boca, e agora se tornara amargo em nosso ventre, amargando todo o nosso ser. Foi-me mostrado que devemos profetizar novamente, etc., e que quando o sétimo anjo começou a soar, o templo de Deus foi aberto no Céu, e lá foi visto em seu templo a arca de seu testamento, etc.”

Quando os mileritas liam Daniel 8:14 (“Até duas mil e trezentas tarde e manhãs ; o santuário será purificado”), entendiam que o santuário estava sobre a Terra e que essa tão longa profecia de tempo, consistindo em 2300 dias, se estendia até o fim do mundo.

Em II Timóteo 4:1 eles liam que Cristo irá “julgar vivos e mortos, pela Sua manifestação”, e entendiam que esse juízo, quando da segunda vinda, é o único que haverá de ter lugar. Então, dirigiam-se a Daniel 7:10-13 e liam incorretamente: “Assentou-se o *tribunal*. ... Vinha com as nuvens do Céu um como o Filho do homem [para a Terra].”

No milharal, contudo, Edson subitamente compreendeu que Daniel 7:13 não diz, “para a Terra” mas “ao Ancião de dias”! Conquanto um juízo certamente vá ocorrer quando Cristo vier à Terra (II Timóteo 4:1), a Bíblia aqui prediz outro juízo que terá lugar antes do fim, no qual Jesus, após dirigir-Se *ao Pai* nas nuvens do céu, recebe “domínio, e glória e um reino”.

Isso é tão importante que retornaremos ao tema no próximo capítulo. Os mileritas concentraram tanto sua atenção na parábola de Cristo (S. Mateus 25) sobre as dez virgens que esperavam a vinda do noivo às bodas, que mal notaram a outra parábola de Cristo sobre matrimônio registrada em S. Lucas 12. O “Tempo de tardança” após o desapontamento da primavera, o “clamor da meia-noite” em agosto, e o “preparo das lâmpadas” durante o movimento profundamente espiritual do “sétimo mês” se ajustavam todos à parábola das virgens de modo tão convincente que, logicamente, criam que o Noivo viria em 22 de outubro.

E Ele veio – mas não para a Terra. Ele veio para as bodas, como a parábola disse que viria. Ele veio nas nuvens ao Pai para receber Seu reino, isto é, para o “casamento” (esta é uma velha expressão idiomática bíblica).

Lá no milharal, com sua excitada respiração fazendo nuvens de vapor no ar gelado, Edson teve a mente dirigida às palavras de Cristo em S. Lucas 12:35 e 36: “Cingidos estejam os vossos corpos e acesas as vossas candeias. Sede vós semelhantes a homens que esperam pelo seu senhor, ao voltar ele das festas de casamento”

Edson estava tão surpreso, que quando descreveu o acontecimento por escrito, sublinhou as palavras, “voltar ele *das festas de casamento*”. Pode-se imaginá-lo gritando abertamente no campo: “Temos que esperar até que Jesus retorne das bodas! As bodas são o casamento de Cristo com Sua noiva, a Nova Jerusalém, a capital de Seu novo reino (Apocalipse 21). Em 22 de outubro era subentendido que entrássemos nas bodas *pela fé*. Quando as bodas terminarem, então Ele virá para nos levar para a ceia matrimonial (Apocalipse 19). Se somente tivéssemos notado isso teríamos sido poupados de nosso desapontamento!”

Eles não o notaram, logicamente, e foram desapontados; mas o grande desapontamento em si foi realmente prova de que eles estavam no roteiro! A Bíblia o diz em Apocalipse 10, a passagem para qual a atenção de Edson foi atraída em seguida.

Em Apocalipse 10 um poderoso anjo fica em pé sobre a terra e o mar, simbolizando um movimento profético mundial. Numa das mãos ele sustenta um “pequeno livro aberto”; com outra mão erguida para o céu, jura que “não haverá demora”. Bem apropriadamente os mileritas viam o

pequeno livro como símbolos das profecias de tempo do livro de Daniel que haviam sido inadequadamente entendidas (“encerra”; ver Daniel 12) até seu próprio tempo, mas que durante o grande despertar do segundo advento foram proclamadas por um movimento profético intercontinental.

Na primeira parte de Apocalipse 10, João diz em sua visão: “Tomei o livrinho da mão do anjo e devorei, e na minha boca era doce como mel”. Claramente isso prefigurava a alegria dos adventistas ao anteciparem a vinda do Rei. “Seu na bendita esperança”, era como assinavam as cartas. “O ano mais feliz da minha vida”, recordou Ellen White.

Em sua felicidade eles deixaram de compreender as palavras que se seguiam: “Quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo.” Mas na manhã seguinte a 22 de outubro, essas palavras não mais pareciam incompreensíveis. Escreveu Edson: “Pude ver que a visão havia falado e não mentira; ...tínhamos comido o livrinho; havia sido doce em nossa boca e agora tornara-se amargo em nosso ventre, amargando todo o nosso ser”.

Assim, o grande desapontamento de 22 de outubro de 1844 havia sido predito quase 2000 anos antes! Longe de desacreditar o despertar adventista, serviu para comprová-lo como um genuíno cumprimento da profecia!

Após as palavras sobre o ventre amargo, Apocalipse 10 se encerra com este verso: “É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis”. Eis aí uma declaração para qual o próprio Edson não estava preparado. Na verdade os adventistas não a iriam compreender por muitos anos. Mas naquele momento foi suficiente para fazer notar, como o fez Edson, que “precisamos profetizar outra vez, etc.” Os períodos do tempo profético terminaram em 22 de outubro, mas o tempo real para pregar o evangelho continuaria até que o mistério de Deus fosse encerrado.

Finalmente, diz Edson, ele notou no milharal que “quando o sétimo anjo começou a soar, o templo de Deus foi aberto no Céu, foi vista a arca da aliança no Seu santuário”. Esta é uma referência Apocalipse 11:15-19. Mas o sétimo anjo soou sua trombeta, “os reinos deste mundo” tornam-se os reinos de Cristo. O “tempo dos mortos” chega, quando devem ser

“julgados”. E o “templo de Deus” é aberto no Céu, e a “arca de Sua aliança” é vista. Os mileritas aplicavam tudo isso ao juízo por ocasião da segunda vinda em 22 de outubro. Edson viu que muito mais estava envolvido; e começou a imaginar, agora, que Jesus havia pela primeira vez ingressado no lugar santíssimo do santuário celestial onde os Dez Mandamentos estão guardados dentro da arca da aliança, se talvez nova luz haveria de sobrevir quanto à guarda dos mandamentos. Era um pensamento embrionário, mas não muito claro naquela ocasião.

Por todo esse tempo, enquanto Edson estava em pé no milharal vibrando de excitação pela nova compreensão da Bíblia, seu companheiro continuou caminhando, por demais envolvido em seus próprios pensamentos para perceber que estava só. Repentinamente se deteve, volveu-se admirado e gritou: “Hirã, por que está parado há tanto tempo?”

A isso Edson replicou: “O Senhor está respondendo nossas orações matinais, dando-nos luz com respeito ao nosso desapontamento.”

9."Olha um pouco mais pra cima"

"Enquanto eu estava orando no altar da família, o Espírito Santo caiu sobre mim, e parecia-me que estava subindo mais e mais alto, bem acima deste sombrio mundo. Volvi-me para ver o povo do advento no mundo, mas não o pude encontrar. Então uma voz me disse: 'Olha outra vez, e olha um pouco mais para cima'."

Não foi somente para Hirã Edson que Cristo concedeu nova luz após o desapontamento. Seguindo-se a Sua crucifixão e ressurreição Jesus apareceu não somente a Cléopas e seu companheiro na estrada do campo, mas também a Maria no Jardim, aos onze discípulos por ocasião da ceia, aos 500 crentes na Galiléia, a Paulo numa visão, e a outros. De igual maneira, após 22 de outubro Ele concedeu nova luz a Edson num milharal, a José Turner (aparentemente) na tranqüilidade de seu escritório, e a Ellen Harmon em visão profética.

José Turner editava um periódico milerita. Em dezembro de 1844 ele também chegou a ver que os santos precisam aguardar até que o noivo retorne das bodas. Ele e Apolo Hale, outro destacado adventista, rapidamente publicaram sua luz no *Advent Mirror*.

Ellen Harmon foi criada em Gorham e Portland, Maine. Seu pai, Roberto Harmon, chapeleiro, e sua mãe, Eunice, eram ativos leigos na Igreja Metodista Episcopal. "Eles tiveram a alegria de ver seus filhos, em número de oito, todos convertidos e reunidos no aprisco de Cristo."¹

Quando era criança da escola primária, Ellen foi ferida acidentalmente na face, e ocorreu quando uma menina mais velha atirou-lhe uma pedra. Isso resultou em considerável perda de sangue na ocasião e em permanente dano ao seu sistema respiratório. Na ausência de serviços médicos modernos, sua condição deteriorou-se de modo alarmante, e por muitos anos qualquer infecção ordinária poderia precipitar uma crise. Quando seus nervos não mais podiam permitir-lhe segurar um caderno, ela

a contragosto abandonou a escola.

Quando tinha doze anos, sua família ouviu Guilherme Miller e aceitou sua mensagem. Quando ele fez um apelo, Ellen foi à frente; mas sentindo profundamente sua pecaminosidade ela não tinha a sensação de estar salva. Numa campal metodista no verão seguinte, orou intensamente, e o peso de sua culpa foi-lhe removido tão subitamente que ela sentiu-se culpada! Então um doce sentimento de aceitação tomou seu lugar. Logo ela e outros foram batizados próximo de Portland e Casco Bay.

Ellen tentou novamente obter educação frequentando uma escola local para moças, mas uma vez mais teve que desistir.

Miller retornou a Portland. Ellen viu-o parar no meio de seus sermões para conduzir pessoas idosas até seus assentos no meio da assembléia lotada. Ela o apreciou por isso; e ficou profundamente impressionada com seus sermões bíblicos. Mas sua alegria no segundo advento foi logo afetada pela pregação de um ministro não adventista, o qual dava ênfase ao fogo do inferno, fazendo Deus parecer tão cruel que suas dúvidas lhe voltaram. Ela ficava desperta toda a noite, implorando misericórdia. Sua mãe a encaminhou ao Pastor Stockman.

O Pastor Levi Stockman, um jovem ministro metodista que, como os Harmon, havia adotado a esperança adventista, disse a Ellen que Deus não é um tirano, mas um amorável Pai celestial que anseia atrair Seus filhos para perto dEle em simples e confiante fé. "Vá em paz, Ellen". Disse ele. "Deus a ama!" Também disse que Deus devia ter um plano muito especial em mente para ela, cultivando em alguém tão jovem uma experiência religiosa tão profunda. Ele orou em seu favor e assim ela partiu, sentindo-se uma moça muito mais feliz.

Com sua convicção de que somente pouco tempo restava antes da segunda vinda, Ellen aplicou-se até o limite para ganhar almas para Deus, e ganhou a maior parte daqueles com quem trabalhou.

Por todo o restante de sua longa vida ela recordava vividamente as semanas que precederam 22 de outubro. "Com diligente pesquisa de coração e humildes confissões, chegamos com oração ao tempo de espera. Cada manhã sentíamos que nossa primeira obra era assegurar a evidência

de que nossas vidas estavam em paz com Deus... Orávamos muito uns pelos outros... As alegrias da salvação eram-nos mais necessárias do que nossa comida e bebida."¹

Quando Jesus deixou de aparecer em 22 de outubro, a família de Ellen ficou tão desapontada como qualquer outra. Dos oito filhos dos Harmon, somente os quatro mais jovens ainda estavam em casa: Sara, de 22 anos de idade; Roberto, de 18; e Ellen e sua irmã gêmea, Elizabeth, ambas com 16. Dos que haviam saído, duas irmãs casadas viviam em Poland, Maine, a mais ou menos 48 quilômetros de distância.

Roberto e Elizabeth logo abandonaram toda a esperança na segunda vinda, conquanto Roberto retornasse a ela após alguns anos, e parece que Elizabeth finalmente morreu como cristão.² Mas durante o mês de novembro e começo de dezembro de 1844, Ellen, Sara e seus pais viviam dia após dia esperando, mas sua fé apenas declinava mais e mais de que Cristo viesse em breve. Nessa perspectiva, agora com dezessete anos (seu aniversário foi em 26 de novembro), Ellen foi em cadeira de rodas³ em dezembro visitar a Sra. Haynes, uma amiga sua. Certa manhã um pequeno grupo de outras senhoras adventistas uniu-se a elas em oração – rogando, sem dúvida, por luz quanto ao desapontamento e por misericórdia para com seus amados cuja fé não era mais forte.

Ao se ajoelharem, o Espírito Santo manifestou-Se concedendo-lhes um especialmente belo senso de segurança. nesse momento, Ellen recebeu sua primeira visão.

Quando terminou, ela disse às mulheres como havia procurado em vão no mundo pelo povo do advento, até que o anjo a instruiu: "Olhe outra vez, e olhe mais para cima." Foi então que viu um caminho, muito mais acima do mundo, no qual os crentes estavam viajando para a Cidade Santa.

Povo, caminho e cidade, porém, eram apenas cenários para a mensagem real que a visão tinha por objetivo transmitir. A grata atenção de Ellen foi atraída para "uma brilhante luz posta atrás deles no começo do caminho que o anjo me disse ser o clamor da meia-noite".

Ali estava uma resposta a suas orações! O Céu dizia que o clamor da meia noite – a proclamação da vinda do Noivo em 22 de outubro – era luz,

genuína luz. Nenhuma explicação para o desapontamento foi dada, mas isso era realmente uma reafirmação.

A luz foi posta "no princípio do caminho". Este era um novo pensamento. Eles haviam esperado que o clamor da meia-noite marcasse o fim do caminho. Evidentemente, Deus esperava que Seus seguidores percorressem um novo caminho de experiência e serviço.

A luz "iluminava todo o caminho concedendo luz para seus pés a fim de que não tropeçassem". Mas não era sua única fonte de luz. Jesus estava bem à frente deles, conduzindo-os à cidade e encorajando-os com luz de "Seu glorioso braço direito".

Tragicamente, Ellen viu que alguns adventistas "temerariamente negavam a existência da luz atrás deles e diziam que não fora Deus quem os guiara de tão longe".

A luz atrás dessas pessoas, que declaravam que os 2300 dias não tinham importância e que 22 de outubro fora um erro, extinguia-se e seus pés eram deixados em trevas completas, e eles "tropeçavam e perdendo de vista o sinal e a Jesus, caíam do caminho para baixo, no mundo tenebroso e ímpio." ⁴

Antes do final da visão Ellen teve outra surpresa para revelar às senhoras. O Pastor Stockman, como o Pastor Carlos Fitch, morreu pouco antes de 22 de outubro. Perto do final da visão foi-lhe mostrado que quando a segunda vinda finalmente tiver lugar, ambos serão levados para o céu. Isto também representava boas novas, e provia evidência adicional de que Deus estava com o movimento adventista.

Uma semana após essa primeira feliz visão, Ellen recebeu outra na qual Deus a chamou formalmente para trabalhar para Ele como profetisa. Ele a advertiu do grande sacrifício que isso acarretaria, e também prometeu-lhe a abundância de sua graça.

Ellen recuou em terror. Tão fraca que mal podia atravessar o piso ou falar mais alto que um sussurro, ela contentava-se em dar de si o máximo para salvar o perdido, mas temia oposição e má interpretação. Uma reunião de crentes adventistas foi marcada para sua casa. Não disposta a encará-los,

porém, ela escapou num tremó para a casa de um vizinho.

Mas dentro de pouco tempo ela submeteu-se. Durante uma reunião de oração, luz visível incidiu sobre ela. Ela apresentou seu testemunho aos adventistas de Portland, e ao final ouviu cerca de sessenta confessando que haviam renunciado à fé no clamor da meia-noite, mas estavam agora convencidos novamente de que era Deus. Pouco depois, enquanto visitava sua irmã Maria, ela apresentou suas visões a um grupo adventista em MacGuire's Hill, perto de Poland. Ela começou num sussurro, mas Deus deu-lhe uma forte voz por quase duas horas. Quando terminou e as pessoas lhe fizeram perguntas, ela somente pôde sussurrar outra vez.⁵

Ainda muito doente mesmo para ler, Ellen lançou-se a visitar outros adventistas que viviam ao leste, ao longo da costa do Maine, a despeito do rigoroso inverno da Nova Inglaterra. Numa pequena reunião em Exeter, Maine, ela teve uma visão de excepcional significação.

"Eu vi um trono", contou ao povo quando havia terminado, "e sobre ele assentavam-Se Pai e o Filho." Até aquele momento ela apenas soubera que 22 de outubro foi importante; não sabia por que razão. Agora era-lhe mostrado o interior do santuário celestial. Ao observar, "viu o Pai erguer-Se do trono, e numa carruagem de fogo entrar no santo dos santos dentro do véu, e sentar-Se".

Jesus, também, deixou o trono. E ao fazê-lo, levantou Seu braço e disse a Seus seguidores que estavam representados como O adorando ali: "Esperai aqui; vou a Meu Pai para receber o reino; guardai os vossos vestidos sem mancha e em breve voltarei das bodas e vos receberei para Mim mesmo."

Fascinada, ela observou como "um carro de nuvens, com rodas como flama de fogo, circundado por anjos, veio para onde estava Jesus. Ele entrou no carro e foi levado para o santíssimo, onde o Pai se assentava."

"Então", disse Ellen, "contemplei a Jesus, o grande Sumo Sacerdote, de pé perante o Pai."⁶

Esta foi a vez de Ellen, aprender sobre o Noivo indo às bodas em 22 de outubro e retornando delas por ocasião de sua segunda vinda. Contudo,

mais claramente do que Edson ou Turner, ela viu o preciso cumprimento de Daniel 7:9-14. Após as quatro "bestas" de Daniel 7, os dez "chifres", e a terrível "ponta pequena" terem cumprido seu terrível papel e a História se aproximar de seu fim, Daniel viu que majestosos tronos seriam postos para que o Ancião de Dias viesse e tomasse o Seu lugar. "Assentou-se o juízo e abriram-se os livros." Então "um semelhante ao Filho do homem" viria com "as nuvens do céu" até o Ancião de Dias para receber domínio e um reino.

Assim, a Bíblia predisse que antes do segundo advento, quando chegasse o tempo para o juízo, o Pai Se transferiria de uma parte do céu para outra e o filho O seguiria até lá. Em Exeter, Maine, em fevereiro de 1845, foi revelado a Ellen, para sua total surpresa, que essa profecia tinha-se agora cumprido.

Por isso 22 de outubro foi importante!

Ela também teve uma idéia da magnificência do santuário celestial. Suficientemente grande para carruagens flamejantes e séquitos de anjos, "nenhuma estrutura terrena poderia representar sua vastidão".⁷

naquele verão, com a saúde um pouco melhor, ela e sua irmã Sara começaram um roteiro de oito meses entre os adventistas de Massachusetts, permanecendo por algum tempo com a família de Otis Nichols, em Dorchester, e de vez em quando realizando uma breve viagem para casa, em Portland.⁸ Em outubro, em Carver, Massachusetts, ela teve uma terceira visão especial para acrescentar às visões do "Clamor da Meia-Noite" e do "Noivo".

Nesta ela viu o tempo, ainda futuro, em que Cristo haveria de completar Seu ministério sacerdotal no lugar santíssimo e quando começaria "o tempo de angústia de Jacó". Ela jamais tinha ouvido sobre isso antes. O pensamento de que os homens teriam que viver algum dia sem um mediador era algo solene.⁹

Ao Ellen viajar, acompanhada por sua irmã Sara, e também às vezes por outros, incluindo Tiago White e sua parente próxima Luísa Foss, narrava suas visões a qualquer adventista milerita que a ouvisse, e levava entendimento e alegria a muitos deles.

10. O que Jesus Está Fazendo Agora?

“Assim é que agora sabemos *onde* Jesus está; Ele está no lugar santíssimo do santuário celestial. E sabemos o que Ele está fazendo ali; Ele está assistindo a uma 'festa de casamento' e participando no 'julgamento' pré-advento. Mas, em linguagem simples, o que significa tudo isso? O que está Jesus fazendo agora?”

Edson e Crosier estavam assentado à mesa na casa da fazenda de Edson em Port Gibson, onde Crosier permanecia parte do tempo. Um terceiro amigo a eles se unira, Dr. F. B. Hahn de Camandaigua, o secretário da sociedade médica de seu condado. Bíblias, um exemplar ou dois da *Concordância Bíblica de Cruden*, e provavelmente alguma publicação milerita jazia perante eles.

O artigo de Jessé Turner no *Advent Mirror* estava ainda algumas semanas no futuro, e as visões de Ellen permaneceriam desconhecidas para eles por mais de um ano; desse modo, os três de Port Gibson procuravam sua resposta no melhor lugar de todos: em suas Bíblias.

Ao reunirem-se os três de tempos em tempos a fim de estudar e orar por nova luz, sua compreensão do santuário celestial aprofundou-se. Ficaram convencidos, por exemplo, de que era um lugar real, tão real quanto “a cidade que tem fundamentos” (Hebreus 11:10) na qual está localizado, e tão real quanto os “muitos lugares” que Cristo foi preparar na casa de Seu Pai. S. João 14:1-3.¹

Mas o estudo deles era dirigido principalmente por sentenças chave em Hebreus 8 e 9: “Possuímos tal Sumo Sacerdote, que Se assentou à destra do trono da Majestade nos Céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo.” “Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos Céus se purificassem com tais sacrifícios [os sacrifícios de animais] mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios a

eles superiores.”

De passagens como essas eles chegaram a compreender que o sacrifício de Cristo na cruz e seu sacerdócio no céu estavam simbolicamente prefigurados nos rituais cerimoniais do Velho Testamento. Eles compreenderam que Deus havia dirigido Moisés na edificação do tabernáculo e seus serviços como uma lição objetiva para ensinar grandes verdades a respeito de Jesus Cristo. E viram que se desejarmos saber o que Jesus, nosso Sumo Sacerdote, está fazendo no santuário celestial hoje, é vital descobrir o que os sacerdotes faziam no santuário do Velho Testamento séculos atrás. Aí estava uma chave para imensos tesouros!

Lendo em Êxodo e Levítico, eles não devem ter demorado a entender que o santuário terrestre (ou “tabernáculo” como era freqüentemente denominado) constituía uma tenda portátil de dois compartimentos, usada pelos israelitas durante sua longa jornada através do deserto desde o Egito até a Terra Prometida. Todo dia, ao vir o povo confessar seus pecados, ofereciam um sacrifício animal e obtinham perdão. Então o sacerdote, direta ou indiretamente* transportava uma pequena quantidade do sangue do animal ao primeiro compartimento (o “lugar santo”), depositando-o sobre o lindo e pequeno altar dourado ali localizado. Ao fazer isto ele carregava para dentro do santuário um registro do pecado confessado; e em vista de o pecado ser terrivelmente impuro, mesmo esse registro do pecado confessado poluía ou “contaminava” o santuário.

Uma vez ao ano, no Dia da Expição, o sumo sacerdote transportava o sangue do sacrifício diretamente ao segundo compartimento (“o lugar santíssimo”) e aspergia um pouco dele sobre a arca sagrada, revestida de ouro, que continha os Dez Mandamentos os quais, mediante o pecado, o povo havia quebrado.

Para Edson, Croiser e Hahn, o Dia da Expição parecia o evento mais significativo de todos. Foi o dia da expiação que havia fornecido a Samuel Snow em Exeter, New Hampshire sua prova expostas durante a reunião campal de que os 2300 dias terminaram em 22 de Outubro de 1844; e muito evidentemente era a mais solene e destacada ocasião do antigo calendário cerimonial.

Mas antes que descubramos o que eles aprenderam sobre o Dia da

Expição consideremos por um momento a própria palavra “expição”. Esta interessante palavra em inglês, atonement, baseia-se no idiomatismo “to be at one” (at one ment), ou seja, estar concordes num só pensamento. William Tyndale, cuja a tradução da bíblia para o inglês lhe custou a vida, no princípio do século XVI empregou “atonement” para indicar a restauração das relações de amizade entre Deus e os pecadores, para indicar também os meios pelos quais esse bom relacionamento é alcançado. Da Bíblia de Tyndale esta expressão foi transferida por volta de um século depois para a King James Version e daí passou a integrar o vocabulário de todo o estudante da Bíblia que tem o inglês como língua materna.

Os pecadores estão “de mal” com Deus, dEle separados por seus pecados. Isaías 59:2. Como não podem restaurar-se a si próprios, algum outro precisa prover a reconciliação (at-one-ment). Afim de preencher a necessidade, Jesus entregou Sua vida; E esta é a razão por que a maioria dos teólogos protestante falam da morte de Cristo como “a” expiação. Os adventistas, contudo, em seu anseio para apreenderem tudo quanto possam a respeito de Jesus, chegaram a entender a expiação num sentido significativamente mais amplo².

Hirã Edson e seus amigos, por exemplo, perceberam que nos serviços do santuário terrestre, ao oferecerem as pessoas seus sacrifícios e confessarem seus pecados dia a após dia, eram perdoadas e uma expiação se fazia por elas. Ver levítico 4:26, 31, 35. Não obstante isso, cada ano seus pecados perdoados eram revistos e eliminados no Dia da Expição.

Nesse solene Dia da Expição (Levítico 16) Deus requeria que o próprio sumo sacerdote realizasse os ritos. Nenhum sacerdote comum serviria.

Nesse dia único em todo o ano o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo, onde a presença de Deus era simbolizada por uma luz brilhante, sobrenatural acima da arca. E o propósito do sumo sacerdote nesse dia especial e nesse local especial estava enfaticamente declarado nas Escrituras: para fazer “expição pelo santuário”, e para fazer “expição por vós [o povo de Deus], para purificar-vos: e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor”. Levítico 16:33, 30.

A purificação do santuário e a purificação final do povo perdoado

iam de mãos dadas nos tempos do velho testamento. Assim, Edson e seus amigos raciocinaram, a purificação do santuário celeste e a purificação final dos perdoados santos de Deus deve ser o sentido do ministério especial de Cristo no lugar santíssimo do Céu desde 22 de Outubro de 1844.

Com a ajuda de suas concordâncias, Edson, Crosier, e Hahn procuraram as palavras “expiar” e “expição” toda vez que ocorriam na Bíblia (King James Version) e descobriram que estão associadas com palavras tais como “limpar, reconciliar, purificar, expurgar, perdoar, santificar, justificar, redimir [e] eliminar”³. Eles prestaram particular atenção à promessa de Atos 3:19-21 de que num sentido final os pecados seriam “cancelados” pouco antes de Deus enviar Jesus de volta à Terra no fim do mundo.

Eles raciocinaram que a expiação diária era um tipo da morte graciosa de Cristo sobre a cruz e de Seu ministério no lugar santo do santuário celestial, tornando o perdão do pecado disponível a todo pecador; e que o Dia da Expição anual era um símbolo do ministério de Cristo no lugar santíssimo do Céu, eliminando os pecados de todo crente que tem permanecido sincero desde sua confissão. Assim eles desenvolveram a triunfante conclusão: ao terem os pecadores ao longo dos séculos buscado o perdão, Jesus tem levado o registro de seus pecados confessados ao lugar santo, onde têm contaminado o santuário celestial. E exatamente como era necessário que “as figuras das coisas que se acham nos céus se purificassem” por sacrifícios animais, tornou-se igualmente necessário em tempos que “as próprias coisas celestiais” necessitassem de ser purificadas. Hebreus 9:23. A purificação do santuário agora em progresso é verdadeiramente uma grande obra de reconciliação (at-one-ment): não é nada menos que a remoção final e eliminação de todo pecado que separa o povo de Deus de Si mesmo.

Crosier, o melhor escritor do grupo, foi comissionado pelos demais a escrever os resultados de suas pesquisas. Enoch Jacobs um editor adventista amigo em Cincinnati, concordou em publicar seu artigo às expensas deles num numero especial (ou “extra”) de seu periódico o Day-Star. O custo foi de aproximadamente 30 dólares e as condições lhes eram tão difíceis que Edson e Hahn, que combinaram partilhar as despesas se

Crosier se incumbisse de escrever, tiveram dificuldades mesmo de cumprirem a metade desse total cada um. A senhora Edson vendeu alguns de seus artigos de prata para ajudar. Eles tinham esperança de que alguns leitores gratos haveriam de enviar contribuições para equilibrar o balanço.

Alguns dos adventistas, entre os quais Ellen Harmon, que estava viajando na época em Massachusets e outras partes da Nova Inglaterra, estavam evidentemente na lista postal; e quando o Day-Star Extra de 7 de fevereiro de 1846 chegou, ela ficou encantada. Aquilo se harmonizava de modo impressionante com as visões que havia recebido.

Seu entusiasmo foi logo endossado. Noutra visão logo depois o Senhor mostrou-lhe que “o irmão Crosier possuía a verdadeira luz sobre a purificação do santuário, etc. E que fora Sua vontade que o irmão Crosier escrevesse o ponto de vista que nos apresentou no Day-Star Extra, 7 de Fevereiro de 1846”. Ela comentou: “Sinto-me plenamente autorizada pelo Senhor esse Extra a todos os santos”.⁴

Muitos anos depois, após receber muita luz adicional sobre o assunto, ela ainda falou, como eles o haviam feito, desta “grande obra de expiação”, do “cancelamento de pecados”⁵. Ela também denominou a nova concepção deles um dos “marcos” da mensagem adventista do sétimo dia⁶. A menos que entendamos o tema, disse ela, será impossível para nós “exercer a fé que é essencial nesse tempo”⁷. Perto do fim de sua vida ela reiterou sua ênfase: “O santuário é o fundamento de nossa fé”⁸.

O santuário é o fundamento de nossa fé!

Os adventistas do sétimo dia existem para levar ao mundo uma mensagem a respeito do que Jesus está fazendo agora para aqueles que depositam confiança nEle.

Para aqueles que depositam confiança nEle. Mesmo nos tempos do Velho Testamento quando o sumo sacerdote purificava o santuário ele também purificava o povo, como o Senhor, mediante Moisés, disse ao povo: “para que estejais limpos de todos os pecados perante o Senhor”. “A passagem do tempo em 1844”, escreveu Ellen White em 1889 “foi um período de grandes acontecimento, abrindo aos nossos espantados olhos a purificação do santuário que se passava no Céu, e tendo decidida relação

com o povo de Deus sobre a terra”⁹

Quão gloriosa e quão pessoal é essa relação para o povo de Deus sobre a Terra. Ela indicou em o Grande Conflito, pág. 488: “Assim se realizará o cumprimento total da promessa do novo concerto: ‘Porque lhes perdoarei a sua maldade, e nunca mais Me lembrarei dos seus pecados’.” ‘naqueles dias e naquele tempo, diz o Senhor, buscar-se-á a maldade de Israel e não será achada; e os pecados de Judá, mas não se acharão.’ Jeremias 31:34; 50:20

Edson e seus amigos aprenderam bastante sobre Jesus; mas temos ainda que esperar até que tenhamos nos capítulos posteriores uma explicação das maneiras vitais por que o ministério sumo-sacerdotal de Cristo está relacionado com as bodas e o juízo, como também com a mensagem do terceiro anjo, o selo de Deus, o espírito de profecia e em particular ao sábado do sétimo dia.

11. O Testemunho de Uma Viúva

Na assembléia geral de 1843 dos batistas do sétimo dia americanos, foi tomado um voto que nossa cuidadosa atenção.

Varias dezenas de “mensageiros” assistiram a assembléia, que representando uns 5500 membros que residiam principalmente em Rhode Island e New Jersey, e espalhados por vários outros Estados. Uma enxurrada de propostas de leis dominicais em legislativos e federais havia recentemente despertado o interesse do povo sobre o dia de guarda. Os tempos pareciam maduros para promover a causa do santo dia do Deus; e a assembléia recomendou, mediante a um voto, algo incomum àquela igreja: “Que o primeiro dia no próximo mês de novembro seja observado por nossa igreja como um dia de jejum e oração a fim de que o todo-poderoso Deus Se levante e pleiteie por Seu santo sábado.”¹

Os fieis batistas do sétimo dia que observavam essa recomendação na quarta-feira, 1º de novembro de 1843, pouco antecipavam a maneira, ou magnitude, ou resposta que deus por séculos estava preparando.

Enquanto jejuavam e oravam, alguém dentre eles, a Sra. Raquel Oakes (após casar-se novamente, Sra. Perston) de Verona, Condado de Oneida, Nova Iorque, estava pensando em mudar-se para o vilarejo montanhoso de Washington, New Hampshire. Sua filha Delight, de dezoito anos de idade, havia aceito ali um cargo como professora pública: e sendo viúva, parecia razoável à Sra. Oakes passasse o inverno com Delight em Washington. Por que não?

Além disso, ela poderia ter a oportunidade de testemunhar ali. Poderia levar consigo um suprimento de folhetos sobre o sábado.

Transformando seus pensamentos em ação, a Sra. Oakes achou-se no fim do inverno de 1844 assistindo á igreja com os irmãos cristãos do vilarejo adotivo. Ali havia uma congregação independente que, com seu ministro, acatara a mensagem de Guilherme Miller. Na verdade, tratava-se

de uma congregação observadora do domingo, mas não havendo uma igreja de uma crença nas proximidades, a Sra. Oakes guardava o sábado da melhor maneira que podia com sua filha Delight, e então assistia a igreja no domingo em busca de comunhão cristã. Esse domingo em particular foi o da Santa Ceia, e o Pastor Frederico Wheeler, um jovem ministro itinerante metodista Hillsboro, doze milhas adiante estava pregando o sermão. De saída ele fez uma declaração que quase leva a Sra. Oakes levantar-se do auditório.²

Ela se conteve até que o Pastor Wheeler, dedicado como era, veio visitar sua nova paroquiana vinda de nova Iorque.

– Enquanto o senhor estava falando, Pastor Wheeler – ela lhe disse abruptamente – eu quase não conseguia conter-me. O senhor disse que deveríamos observar todos os Dez Mandamentos, e contudo o irmão mesmo transgride um deles!

– Ora irmã Oakes – exclamou o bom homem – o que quer dizer com isso?

– Quero dizer que o quarto mandamento declara: “O sétimo dia, é o sábado do Senhor teu Deus”, mas o irmão observa o primeiro dia. O senhor observa o domingo do Papa em vez do sábado do Senhor!

Se o pastor sentiu-se irritado não sabemos, mas o que sabemos é que durante esse mesmo inverno, possivelmente em 16 de março de 1844,³ ele tomou uma decisão de observar o sétimo dia como o sábado.

Assim foi que Frederico Wheeler, um metodista-adventista-milerita, de Hillsboro, New Hampshire, tornou-se o primeiro ministro adventista observador do sábado na América do Norte. E embora naquele tempo ele não pregasse sobre o sábado em sua igreja de Washington, parece que o fez numa escola próxima a de sua casa, e discutiu o assunto particularmente pelo menos um ministro que, à semelhança dele, havia dotado a esperança do advento. Em agosto de 1844, Tomas M. Preble, anteriormente um Batista da Comunhão Livre que pastoreava uma congregação na cidade de Weare, Estado de New Hampshire, forte na confecção de calçados, cerca de dezoito quilômetros de Hillsboro, tornou-se o segundo pastor adventista da América do Norte.

No início de outubro de 1844 havia pelo menos um outro adventista observador do sábado, a irmã S. Blake em Rhode Island, que talvez tinha sido uma batista do sétimo dia, como a Sra. Oakes.⁴

Fora da América do Norte muitos outros dentre os primeiros adventistas adotaram o sábado do sétimo dia aproximadamente por esse mesmo tempo ou antes disso. Um desses foi Francisco Hermógenes Ramos Mexia (1773 a 1825) da Argentina, eminente estadista que combinava política reformatória com produção agrícola em larga escala e evangelismo aos índios. Ele conseguiu um bom numero de conversas, e foi preso em 1821 por guardar o sábado. Outro Tiago A Begg (1800-1868) da Escócia, bem conhecido nas Ilhas Britânicas como escritor de profecias do segundo advento, começou a guardar o sábado por volta de 1832.⁵

Mas temos que voltar a Washington, New Hampshire. Parece que Delight Oakes vivia na grande casa de fazenda de Farnsworth. Sua mãe muito permaneceu ali também. Muitos devem ter sidos os comentários sobre o sábado e o domingo entre a franca Oakes e seus generosos e honestos anfitriões.

Ademais, parece que Ciro um dos meninos da família Farnsworth, estava gostando da professorinha. (Posteriormente se casara.)

Mas superando qualquer outra preocupação, estava o fim do mundo que se aproximava. Cristo estava para vir e havia pouco tempo para a maioria dos adventistas ponderar sobre as obrigações de um novo dia santificado. Assim foi que entre aqueles que aguardaram ansiosamente a segunda vinda em 22 de outubro de 1844, havia pelo menos três que observavam o sábado: Frederico Wheeler em Hillsboro, Tomas Preble em Weares, e S. Blacke em Rhode Island – a menos que a Sra. Oakes, que até então aparentemente havia falhado em persuadir os moradores de Washington a se tornarem observadores do sábado, houvesse por esse tempo (como se passou com ela por algum tempo) se deixado persuadir a tornar-se uma adventista. Nesse caso, havia pelo menos quatro.

Após a “passagem do tempo” em 22 de outubro, os adventistas em Washington não renunciaram a fé, mas continuaram pacientemente aguardar o retorno de Cristo. Por esse tempo volveram sua atenção com maior interesse aos sábados da Sra. Oakes.

Pouco tempo depois, depois quando a solida igreja dos Irmãos Cristãos estava solenemente tendo seu culto numa manhã de domingo, Guilherme, o filho mais velho dos Farnsworth, levantou-se durante a reunião social e anunciou perante pessoas que haviam conhecido desde seu nascimento que havia tornado a decisão de daí para frente viver segundo o sábado do quarto mandamento. Jesus Cristo não havia mudado o dia, mas o Papa o havia feito em cumprimento da profecia. Guilherme disse que desejava ser contado entre os observadores do sábado do Senhor e não entre os transgressores do sábado, segundo o Papa.

Mal ele se havia sentado, seu irmão Ciro ergueu-se e ofereceu o mesmo sonoro testemunho.

A Sra. Oakes e sua filha verteram lágrimas e louvores ao Senhor.

Nem todos, logicamente, estavam satisfeitos. A maior parte da congregação não aceitou o sábado na ocasião, conquanto muitos o fizessem mais tarde. Os que o fizeram, deixaram de freqüentar a igreja na ocasião, e passaram a reunir-se na ampla casa dos Farnsworth a primeira congregação de adventistas observadores do sábado na América do Norte.

Mas antes que acompanhem a história do sábado a partir de então, é muito interessante e inspirador voltar atrás por um momento. Afinal de contas, os adventistas do sétimo dia obtiveram o sábado da Sra. Oakes, e ela, uma ex-metodista, o obteve dos batistas do sétimo dia. E recuando-se no passado, quão longe podemos encontrar o sábado?

Na criação, logicamente! Mas em séculos recentes é valioso recuar até pelo menos os anos da década de 1520, quando a Reforma estava em pleno andamento na Europa central.⁵ Com Martinho Lutero e os outros grandes reformadores todos declarando que a verdade deveria ser encontrada na “Bíblia e a Bíblia somente”, não admira que surgisse um diálogo entre seus seguidores a respeito da questão do domingo e do sábado. O sábado é ensinado tão claramente na Escritura quanto tudo o mais.

Havia cristãos na Europa nos anos da década de 1520 que

perguntavam: “Se Lutero diz que devemos seguida a Bíblia e a Bíblia somente, por que ele mesmo não o faz?” Entre esses havia alguns que adotaram o “batismo do crente” em lugar do batismo infantil, adquirindo para si o apelido de anabatistas. Entre os anabatistas surgiram dois homens de particular interesse. Ambos haviam sido no passado sacerdotes católicos. Em sua busca pela verdade eles renunciaram a suas carreiras como sacerdotes para se tornarem luteranos. Ao continuarem a estudar, tornaram-se anabatistas. Após estudos mais profundos, eles adotaram o sábado e tornaram-se os primeiros “anabatistas sabatistas”.

Lutero enviou teólogos para persuadi-los. Do relatório deles sabemos que esses dois homens, Oslavo Glait e Andréas Fischer, não haviam tomado sua posição em favor do sábado de maneira superficial. Eles haviam meditado sobre sua posição cuidadosamente. O sábado, diziam, não podia ser parte da lei cerimonial porque foi instituído na criação, antes de surgir necessidade para uma lei cerimonial; portanto, faz parte da lei moral e está ainda em vigor. Citando S. Mateus 5:17 e 18 eles demonstraram que Jesus recusou alterar mesmo uma jota o til da lei; e ao referir-se a S. Tiago 2:10, acrescentavam que os apóstolos não a alteraram também. A santificação do domingo, assinalavam, era cumprimento da profecia da obra da ponta pequena (Daniel 7:25) que pensaria em “mudar os tempos e as leis”.

Naqueles dias os homens não podiam tomar tal posição, mesmo em países protestante, e esperar viver normalmente. Em 1529 o Sr. E a Sra. Andréas Fischer foram sentenciados à morte, ela por afogamento, ele por enforcamento. Ela foi efetivamente afogada, mas quando seu marido estava em processo de ser enforcado, caiu sobre o solo e escapou.

Não para sempre, infelizmente. Em 1539 ou 1540 foi apanhado por soldados de um cavaleiro “pirata”, arrastado ao seu castelo e lançado do alto de um muro.

Osvaldo Glait sobreviveu a muitas aventuras enquanto viajava pela Europa central para animar os fiéis e conseguiu novos observadores do sábado. Em 1545 foi capturado. Após um ano e seis semanas na prisão, foi despertado pelo barulho de soldados no corredor junto à cela, à meia-noite. Sua porta foi aberta. À luz das tochas flamejantes que portavam ele percebeu pelas faces sombrias dos soldados qual seria sua sorte. Foi levado

através da silenciosa cidade à margem do Danúbio, e com pés e mãos atados, lançado dentro do rio.

Ao ouvirem os soldados o som do corpo caindo na água pouco sabiam que a verdade pela qual ele entregava a vida sobreviveria por séculos na Alemanha, floresceria com nova vida na Grã-Bretanha, se transferiria para as colônias americanas e no século vinte capturaria os corações de milhões por todo o mundo.

Sabe-se que outros observadores do sábado desse período viveram na Holanda, Suíça, Moravia e Suécia,⁶ e segundo pesquisa recente, em Sevilha, Espanha.⁷

Todos sabem que os primeiros puritanos na América eram extremamente rigorosos quanto à observância dominical, crendo que o domingo deveria ser observado em cumprimento do quarto mandamento. Os puritanos britânicos eram de igual pensamento; e durante o século dezessete ocorreu tal agitação na Inglaterra sobre o quarto mandamento que muitas pessoas foram levadas a observar o sábado. Os batistas do sétimo dia entesouraram suas lembranças como pioneiros desse movimento.⁸

Entre os primeiros dentre esses estavam João e Doroti Traske. Ele era um zeloso ministro puritano, ela, uma talentosa professora que tinha um jeito todo especial para ajudar criancinhas de lares abastados a aprenderem a ler. Ambos foram mandados para a prisão por observarem o sábado. O Sr. Traske foi sentenciado (por volta de 1617) a "ser levado ao pelourinho em Westminster, e de lá chicoteado até à prisão de Fleet onde permaneceria como prisioneiro".

Eram três quilômetros de Westminster à prisão de Fleet. Como ele deve ter sofrido, amarrado atrás de uma carroça e chicoteado todo o caminho. Mas quando completou seu período de três anos de sentença, recuou e renunciou ao sábado. Sua esposa, todavia, obteve coragem de sua covardia. Em sua prisão imunda, cheia de pulgas e ratos, permaneceu fiel por quinze ou dezesseis anos, até a morte.

Francis Bampfield, ministro da Igreja da Inglaterra, foi aprisionado em 1662 por consciente recusa em fazer um juramento. Na prisão ele logo tornou-se observador do sábado em resultado do estudo pessoal da Bíblia.

Pregando quase diariamente durante o restante de sua sentença de nove anos, ele formou um grupo de observadores do sábado na prisão! Após sua soltura, foi logo mais aprisionado de novo. Solto uma vez mais, transferiu-se para Londres onde foi preso outras três vezes por pregar a verdade sobre o sábado, terminando finalmente sua vida na úmida e fria prisão de Newgate.

João James, outro ministro observador do sábado, estava pregando na tarde de sábado, 19 de outubro de 1661, quando a polícia invadiu sua igreja e requereu em nome do Rei Charles II que ele parasse.

Homem decidido que era, ele prosseguiu.

Houve tumulto. James foi preso, condenado sob acusações falsas por um júri arranjado e sentenciado como traidor a ser enforcado, arrastado e esquartejado.

A despeito de dois bravos apelos ao rei feitos por sua esposa, João James foi enforcado em Newbury, baixado à terra e seu corpo esquartejado e seu coração arrancado do peito e lançado numa fogueira. Sua cabeça foi erguida numa estaca fora de sua igreja como uma terrível advertência a quem quer que desejasse observar o sétimo dia como o sábado.

Para muitos primitivos batistas do sétimo dia, o sábado era um dia digno do sacrifício da vida.

Nem a todos os observadores do sábado no século dezessete foi requerido sofrer perseguição. O Dr. Pedro Chamberlen, obstetra predileto de várias senhoras da realeza e da nobreza na Inglaterra, observou o sábado em segurança por mais de trinta e dois anos. Ele falava várias línguas, recomendava água quente e fria para o tratamento de doenças e até chegou a inventar uma carruagem sem cavalos, impelida pelo vento. Com seu brilhantismo e habilidade ele era valioso demais à coroa britânica para ser perseguido. A observância do sétimo dia foi transferida à América por Estêvão Mumford, que emigrou da Inglaterra em 1664 e organizou, em Rhode Island, em 1671, a primeira igreja batista do sétimo dia na América. No princípio do século dezoito havia também morávios observadores do sábado na localidade de Bethlehem, na Pensilvânia. Após visitá-los, o Conde Nicolau von Zinzendorf decidiu observar o sábado e também o

domingo. E havia ainda outros observadores do sábado, alemães, em várias partes das colônias.

Os batistas do sétimo dia na América organizaram-se numa Associação Geral em 1802 com um número total de membros ao redor de 1200. Conquanto crescessem continuamente em número, nunca foram muito ativos em evangelismo. Para eles, o sábado tornou-se mais um dia para entesourar do que para compartilhar. Mas alguns o compartilharam— o que nos traz de volta à sua importante assembléia da Associação Geral de 1843, com a resolução de reservar o 1º de novembro de 1843 como um dia para jejuar e orar, a fim de que Deus "Se levantasse e pleiteasse por Seu santo sábado".

Por meio da viúva Raquel Oakes, as orações deles foram respondidas além de suas mais acariciadas esperanças.

12. O Capitão Espalha as Novas

A maneira como o sábado abriu caminho dos batistas do sétimo dia aos futuros adventistas do sétimo dia, se assemelha ao fogo seguindo por um estopim até um barril de pólvora.

A Sra. Oakes passou-o a Frederico Wheeler e a um punhado de adventistas de Washington. Wheeler pregou-o sem muito efeito na época e (aparentemente) passou-o para Tomás M. Preble.

Preble escreveu a respeito no *Hope of Israel* de fevereiro de 1845 – um periódico editado, por sinal, pelo mesmo José Turner que em dezembro de 1844 descobrira a mesma verdade que Edson e Ellen haviam descoberto quanto a esperar que Cristo retornasse das bodas.

Logo que pôde, Preble revisou seu artigo e republicou-o na forma de um folheto intitulado bem adequadamente, *Folheto Demonstrando que o Sétimo Dia Deveria Ser Observado Como o Dia de Repouso*. Ele concluiu sua mensagem vigorosamente utilizando muitas maiúsculas e grifo.

“Assim vemos Daniel 7:25 cumprido, a ‘ponta pequena’ mudando os ‘tempos e as leis’. Portanto, parece-me que todos quantos observam o primeiro dia da semana como ‘o sábado’ são observantes do domingo papal!! E “TRANSGRESSORES DO SÁBADO DIVINO!!!”

O artigo e o folheto deram resultados. Um ou outro deve ter sido o motivo por que J. B. Cook, um teólogo milerita, advogou o sábado por uns poucos anos. Um exemplar do folheto apareceu em Paris, Maine, onde chegou a convencer várias pessoas, inclusive a família de Edward Andrews, e *isso* foi algo significativo, como veremos. Um exemplar do artigo foi também lido pelo capitão naval convertido ao milerismo, José Bates. E mediante sua atuação, o fogo rapidamente seguiu queimando o estopim.

Bates não era nada menos que um homem de ação. Imediatamente deixou tudo quanto estava fazendo e consultou a bíblia. Ele seguiu 220

quilômetros por diligência, ferrovia e a pé – talvez totalmente a pé – até Hillsboro, a fim de encontrar Frederico Wheeler, chegando tarde, despertando a família, e estudando com ele o resto da noite. (O filho de Wheeler, Jorge, iria falar dessa noite por toda a vida). Na manhã seguinte, Bates e Wheeler seguiram para Washington e conversaram sobre o sábado até o meio-dia com alguns dos Farnsworth sob um bosque de bordos. Depois Bates retornou a seu lar em Fairhaven, Massachusetts. No caminho ele lutou com sigio mesmo, tentando imaginar os efeitos que a sua decisão de mudar o dia de guarda teria sobre seus vizinhos, familiares e amigos. Em seus ouvidos soavam constantemente as palavras: “*Que te importa? Quanto a ti, segue-Me.*”

Cruzando a ponte entre New Bedford e Fairhaven, Bates fez seu primeiro converso de um de seus amigos adventistas. “Quais são as novas, capitão Bates? perguntou Tiago Madison Monroe Hall. “As novas”, respondeu o capitão, “são que o sétimo dia é o sábado do senhor nosso Deus.” Hall observou o próximo sétimo dia como seu dia de repouso.

É o suficiente para 1845. Os batistas do sétimo dia podem não ter sido muito evangelísticos quanto ao sábado, mas José Bates foi capitão naval, sendo líder natural por definição. Ele era um adventista, e além disso, ansioso por ajudar as pessoas a se prepararem para encontrar o Senhor. Ele jamais poderia imaginar, como disse certa vez, “que nosso glorioso comandante pretendesse que deixássemos nossos sacrifícios queimando sobre o altar de Deus, no meio da terra dos inimigos, mas sim que avançássemos de vitória em vitória”.

Em 1846 ele leu o artigo de Crosier no *Day-Star* Extra de 7 de Fevereiro e ficou convencido de que o santuário a ser purificado ficava no céu, e é um templo real tal como a Nova Jerusalém. Ele assentou-se e escreveu um trabalho acompanhante, o folheto intitulado *Os Céus Abertos*, no qual acrescentou evidência adicional da Astronomia e da Bíblia. Não satisfeito ainda, fez todo o percurso até Port Gibson para trocar observações com Edson, Crosier e Hahn, e fez com que todos os três se tornassem observadores do sábado.

Nesse ínterim ele escreveu seu folheto mais famoso: “*O Sábado do Sétimo dia, Um Sinal Perpétuo.*” Deus abençoou o sacrifício e erudição da

pequena obra. Ela atraiu numerosos conversos para o sábado, entre os quais estavam Tiago e Ellen White, os quais aceitaram sua mensagem logo após seu casamento, em 30 de agosto de 1846.

Em vista de tudo isso e de seus trabalhos posteriores, José Bates pode corretamente ser considerado o pai da verdade sobre o sábado entre os adventistas do sétimo dia – um povo que hoje conta com milhões de observadores do sábado ao redor do mundo.

Vamos fazer uma pausa e conhecer melhor este José Bates.⁹

Que homem foi ele! Intrépido, inventivo, infatigável, disciplinado, dedicado, bondoso. Patriarca dos pioneiros adventistas do sétimo dia, ele viajou mais e ficou doente muito menos do que qualquer dentre os outros fundadores do igreja. Ele viveu até completar 80 anos.

Bates nasceu em 1792 a somente doze milhas da paisagem, sons e aromas de New Bedford, Massachusetts, um porto que logo se tornou o centro mundial de pesca da baleia.

Inevitavelmente, lançou-se ao mar com 15 anos de idade, como camareiro. Seu pai esperava que ele enfrentasse condições tão difíceis que desistisse. Enfrentou de fato, condições adversas, mas manteve-se firme. Durante sua primeira viagem, caiu do navio em pleno Atlântico, mas foi salvo antes que um tubarão, que estava em busca de comida do outro lado do navio, pudesse fazer dele uma refeição.

Em sua segunda viagem, enquanto estava em terra, em Liverpool, foi forçado a integrar a Marinha Real segundo uma brutal prática britânica que ajudou a precipitar a guerra contra a América em 1812. Passaram-se cinco anos exatos até ele ser solto. Metade desse tempo passou como marinheiro no mar e metade como prisioneiro de guerra ou na terrível prisão de Dartmoor. Varias vezes tentou escapar pelo lado do navio ou através de seu casco, mas de todas às vezes foi impedido.

Livre novamente, realizou dez viagens entre 1815 e 1828, avançado de segundo ajudante para primeiro ajudante, até chegar a ser capitão de sua tripulação e um dos proprietários de seu navio. Em 1818, entre uma viagem e outra, ele se casou com sua namorada de infância, Prudência Nye.

Sua vida sempre fora cheia de aventuras. Revisando as correntes da âncora em seus dias como marujo, ele viu formas de gelo subitamente ao redor de seu bote de remos, carregando-o para dentro das trevas do mar aberto. Seu capitão chegou a ler o cerimonial funerário para ele!

Em outra ocasião, retornando com uma pesada carga de ferro da Europa e a somente três dias de casa, seu navio foi envolvido por uma tremenda tempestade. A embarcação ficou bloqueada no Atlântico por semanas, enquanto longas plantas marinhas cresciam no casco, retardando grandemente seu avanço. Sete vezes seu capitão chamou navios que passavam solicitando água e outras provisões. José Bates cria até o final de sua vida que a oração do cozinheiro negro, a primeira oração que ele ouvira num navio, foi a razão de finalmente terem chegado ao lar.

Um por um, cinco filhos (o primeiro morreu na infância) foram acrescentados ao lar dos Bates; ao mesmo tempo, bebidas alcoólicas, profanações e fumo foram um por um eliminados da vida de José. Ele tornou-se mais preocupado com a salvação. Prudy, como chamava a esposa, colocou um novo testamento em seu baú de viagem. O bom livro impressionou profundamente o capitão. Inicialmente, deprimido com o estado de sua alma, ele pensou em atirar-se ao mar. Em terra, na América do Sul, subiu em uma árvore para livrar-se de cobras e orou em voz alta. A paz estava introduzindo no seu ser, mas ainda não depositava completa confiança em Deus.

De volta ao lar em Fairhaven, ele passou a fazer o culto familiar regularmente e começou a freqüentar a igreja. Em sua meninice, antes de para o mar, ele havia entregue seu coração a Deus e alegremente assistia às reuniões de oração. Essa experiência estava agora muito longe no passado, e ele estava começando tudo de novo. Seus temores desapareceram de uma vez e a alegria correu-lhe ao encontro. “Minha língua estava solta para louvar a Deus. ... Todas as dúvidas e trevas com respeito à minha conversão e aceitação para com Deus desapareceram como o orvalho da manhã, e paz como um rio, ocupou meu coração e mente por semana e meses.”

A bordo do navio, em seus melhores dias, ele suplicava a Deus por escrito: “Usa-me, Senhor, eu Te imploro, como um instrumento de Teu serviço; conta-me entre Teu povo peculiar.”

Em anos futuros essa oração haveria de ser maravilhosamente atendida.

No dia de seu batismo ele começou a organizar uma sociedade de temperança, uma das primeiras na América. Em sua viagem final, que seguiu imediatamente, ele ordenou a seus homens, estranhos de Boston, que evitassem toda profanidade, se abstivessem totalmente do álcool e observassem o dia de repouso (que para ele, então, era logicamente o domingo). Eles desfrutaram a viagem menos briguenta de toda a sua vida. Em breve, quarenta, e depois setenta e cinco outro navios de New Bedford e Fairhaven, estavam seguindo o exemplo estabelecido por Bates e seus homens.

Em 1928, após vinte e um anos no mar, José Bates aposentou-se da marinha e vendeu tudo. Ele havia prometido a Prudência que permaneceria em casa quando tivesse economizado dez mil dólares. Parece que alcançou seu objetivo. Houve outro fator. Ele desejava mais oportunidades para testemunhar para o Senhor.

Equanto ampliava uma fazenda de seda e vendia imóveis, tornou-se ativo membro da Conexão Cristã local, e de várias sociedades reformatórias, e inclusive de um grupo abolicionista.

Mas exatamente quando sua fazenda de seda começava a produzir, ele ouviu seu primeiro sermão milerita e imediatamente lançou-se com tudo quanto tinha no movimento adventista. Tendo trabalhado com J. V. Himes em causas de temperança nos anos da década de 1820, foi rapidamente alcançado à liderança do povo adventista. Ele presidiu uma de suas assembléias gerais.

Em 1843 Bates uniu-se com H. S. Gurney, um rústico ferreiro que tinha uma bela voz, para um giro evangelístico na Ilha Kent, AL longo da costa de Maryland. Por esse tempo ele havia abandonado o abolicionismo, julgando que a segunda vinda seria a única resposta eficaz para a escravidão. Agora desejava conduzir os escravos à liberdade em Cristo. Mas os donos de escravos acolheram-no com suspeição. -Entendo que o senhor é um abolicionista – disse um deles – e veio para tirar-nos os escravos

-Eu realmente vim para tirar-lhes os escravos, e a vocês também – respondeu Bates.

– Desejo que sejam todos salvos.

Um arruaceiro interrompeu uma reunião e ameaçou incitar uma multidão e ameaçou expulsá-los junto com Gurney para fora da cidade, montado numa vara.*².

Bates respondeu serenamente: “Se puserem uma sela por cima preferimos cavalgar a caminhar.” Sua audiência riu-se e fez o arruaceiro sentar-se. Bates e seu “evangelista cantor” prosseguiram atraindo muitos conversos, tanto pretos como brancos.

Antes da primavera de 1844, ele vendeu sua fazenda e imobiliária, acertou seus débitos, em vista da vinda de seu Senhor, e a seguir entregou virtualmente tudo o que restava de sua fortuna à Causa. Quando Prudência protestava dizendo que ele estava sendo imprudente, ele respondia confiante: “O Senhor proverá.”

Conquanto o Senhor não retornasse como o esperado, Ele realmente proveu para a família Bates, frequentemente de maneiras inesperadas. Terça-feira, 22 de outubro de 1844 encontrou José quase sem dinheiro, e sem seu único filho. Preferindo seguir sua vida aventureira da juventude de seu pai em lugar das suas convicções religiosas, o jovem José Bates Jr. seguiu para o mar num navio baleeiro na segunda-feira, 21 de outubro. Com mais de vinte anos de idade José foi ferido por uma baleia: com trinta e pouco anos encontrou a morte no oceano.

O dia seguinte ao do desapontamento achou o capitão Bates profundamente desconcertado. Como membro altamente respeitado da comunidade ele havia instado seus vizinhos a prepararem-se para a segunda vinda. Agora eles zombavam dele nas ruas a ponto de fazê-lo desejar que a terra se abrisse para engoli-lo.

Ele logo superou isso, todavia, e identificou-se com os adventistas

² * Era costume naquela época, castigar publicamente uma pessoa, fazendo-a montar numa vara cujas extremidades eram sustentadas por dois homens).

que esperavam que seus cálculos estivessem errados, e que Jesus ainda voltasse em breve. Já vimos o que ocupava parte de seu tempo em 1845 e 1846. Ele aceitou o sábado por influência de Preble e da Bíblia e a nova luz sobre o santuário descoberta por Edson, Crosier, e Hahn. Ao de 1846 convenceu-se de que Ellen White era uma verdadeira profetisa. E prosseguiu para tornar-se, com Tiago e Ellen White, um dos três líderes máximos do movimento adventista que tomava forma.

Acostumado a infindáveis viagens em alto mar, Bates, o peregrino do mar, continuou a peregrinar. Até 1852 ele buscou levar a nova luz a mileritas, desde o Maine até Michigan; após isso viajou para ainda mais longe, testemunhando a quem quer que o ouvissem, desde acimnhantes à beira da estrada até um governador (W. H. Crapo, de Michigan) em sua mansão. Os trens na época eram como aviões hoje. Ele os utilizava às vezes, entregando folhetos aos passageiros. Às vezes ele caminhava; era mais barato e podia encontrar mais pessoas dessa maneira. Às vezes, ele era forçado a caminhar por não ter dinheiro para a passagem.

Freqüentemente percorria muitos quilômetros por sobre a neve para visitar uma única família. Em várias ocasiões, chegou a tempo de orar por uma criança seriamente enferma e vê-la curada. Uma vez, após meses na estrada, ele retornou a Fairhaven, somente para partir de novo a fim de visitar "o rebanho espalhado" após um único fim de semana" (A Sra. Bates por muitos anos teve a companhia de sua mãe viúva, e depois, de uma filha casada.)

Conquanto fosse capaz de prender a atenção de multidões, o procedimento normal de Bates era dirigir-se a pequenos grupos em igrejas, escolas públicas ou casas de fazenda. Pessoas interessadas convidavam seus vizinhos pelo campo, quilômetros ao redor, e proviam para Bates um local para dormir uma noite ou duas – depois, alguns poucos novos observadores do sábado eram contados como consequência de seu apelo.

O clima era apenas um ligeiro impedimento para esse homem, que havia enfrentado tempestade em mar aberto. Quando tinha sessenta e cinco anos, batizou sete pessoas num rio, em pé num buraco aberto através de um metro de gelo. A temperatura era de trinta graus abaixo de zero.

Privilegiado com energia natural e tato, e sendo quase trinta anos

mais velho que Thiago White, Bates foi escolhido para presidir a maioria das mais importantes assembléias realizadas pelos adventistas observadores do sábado, costume que prevaleceu até a organização formal da Associação Geral em maio de 1863. Dessa forma, o capitão continuou no comando.

O reformador também continuou a reformar. Às melhorias em sua maneira de vida, que ele havia obtido na década de 1820, ele acrescentou, por volta de 1844, a rejeição do chá, café, carne e sobremesas substanciosas. Preferindo testemunhar pelo exemplo, Bates pouco disse a respeito de seu regime alimentar em público, até que Ellen White recebesse uma visão sobre reforma de saúde, em 1863. Após isso ele passou a falar mais livremente sobre o assunto.

Ao olharem para ele, as pessoas eram inspiradas a ouvir! Enfermo apenas poucas vezes em toda a vida pôde dizer aos setenta e nove anos: “Estou livre de dores e doenças”. Thiago White, que raramente estava livre de dores e doenças, podia dizer a respeito de Bates: “Ele permanecia ereto como um monumento e podia caminhar pela calçada tão levemente como uma raposa”.

Tendo-se disciplinado como oficial de navio a manter um registro contínuo de sua embarcação e tripulação, Bates pôde, apesar de suas incessantes viagens, enviar centenas de relatórios e artigos, que fluía para a redação da *Review*. Assinantes, muitos dos quais ele pessoalmente havia batizado, agradeciam-lhe por isso.

Esta sua habilidade como escritor traz-nos de volta onde começamos. Bates, o dedicado capitão observador do domingo, tornou-se um ainda mais dedicado adventista observador do sábado. E, como vimos, foi um livreto que ele escreveu em 1846 chamado *O Sábado do Sétimo Dia, Um Sinal Perpétuo* que ganhou Thiago e Ellen White, e muitos outros, para o sábado. Em 1855 ele contou a J. N. Loughborough uma experiência que teve enquanto escrevia um de seus três livros sobre o sábado. É uma história famosa que vale à pena ser repetida.

Antes da exploração das minas de prata ocidentais, na década de 1870, a prata era um artigo bem escasso nos Estados Unidos, e moedas e inglesas e espanholas estavam em uso comum. Quando o acontecimento dessa história se deu as reservas monetárias de Bates reduziam-se a um

único *shilling* de Iorque. Vamos reconstruir a história como se ele próprio a estivesse narrando:²

“Enquanto estava a orar certo dia, veio-me a convicção de que devia escrever um livro sobre o sábado e que Deus proveria os meios. Assim, sentei-me junto à escrivaninha com minha Bíblia e concordância à mão e comecei a trabalhar. Após cerca de uma hora a Sra. Bates chegou e disse: – José, não tenho farinha o suficiente para fazer pão.

– Quanta farinha lhe falta? – perguntei.

– Perto de dois quilos. – respondeu ela.

Saí e comprei a farinha, trouxe-a para casa, e sentei-me uma vez mais à mesa. Logo a Sra. Bates chegou novamente e exclamou: – De onde veio essa farinha?

– Ora – perguntei – não é suficiente?

– Mas eu não compreendo – disse ela. Acaso o capitão Bates, homem que navegou embarcações de New Bedford para todas as partes do mundo saiu e trouxe *quatro libras* de farinha?

Até aquele momento a Sra. Bates [que ainda não era uma observadora do sábado] não conhecia minha verdadeira condição financeira. Reconhecendo que agora precisava fazê-la saber disso, disse-lhe calmamente: – Esposa, eu gastei com este alimento o último dinheiro que tinha sobre a Terra.

A Sra. Bates começou a soluçar amargamente e perguntou: – Que vamos fazer agora?

Levantei-me como se ainda fosse um capitão dirigindo minha embarcação e disse: – Vou escrever um livro e espalhar a verdade do sábado perante o mundo.

– Mas do que viveremos?

– O Senhor nos indicará um meio.

– Oh! O Senhor nos indicará um meio! O Senhor nos indicará um meio! Isso é o que você sempre diz. – E desfazendo-se em lágrimas ela

deixou a sala.

Continuei escrevendo por cerca de meia hora, quando me veio a impressão de que deveria ir até o correio. Fui, e havia de fato uma carta – mas o selo de cinco centavos não havia sido pago. Tive que humilhar-me e dizer ao chefe do correio, o Sr. Drew, um amigo meu, que não dispunha nem mesmo de cinco centavos, mas ele foi bondoso e disse: – Leve-a e me pague em alguma outra ocasião.

Não – respondi – não levarei a carta sem que o selo seja pago. Mas minha opinião é a de que há dinheiro nela. Poderia, por favor, abri-la para mim? Se houver dinheiro aí, tire primeiro o valor do selo.

O agente postal concordou – e encontrou uma nota de dez dólares. Provinha de uma pessoa que declarou ter sido impressionada pelo Senhor de que o Capitão Bates precisava de dinheiro e enviou aquela quantia imediatamente.

Com o coração aliviado, dirigi-me então a um armazém, comprei um barril de farinha por quatro dólares, e algumas batatas, açúcar e outras coisas necessárias. Quando expliquei onde as compras deveriam ser entregues, avisei: “Provavelmente a senhora irá dizer que essas coisas não devem ser entregues lá, mas não dê atenção. Deixe tudo sobre a varanda de entrada.”

Dirigi-me então a Benjamin Lindsey, o impressor, e fiz arranjos para a publicação de meu livro com o acerto de que eu pagaria pela obra tão depressa quanto recebesse o dinheiro, e que os livros não seriam meus até que o débito fosse pago totalmente.

Eu sabia que ninguém me devia nada, mas senti ser meu dever escrever o livro, e que Deus haveria de atuar sobre as pessoas para enviarem meios. Comprei um pouco de papel e canetas a fim de conceder tempo para que as compras chegassem em casa antes de mim. Então fui embora, entrei na casa mansamente pelas portas dos fundos e novamente puz-me a trabalhar. Logo veio a Sra. Bates ao meu escritório e disse excitadamente: “José, olhe para a varanda da frente! De onde veio esse suprimento? Eu disse ao entregador que não deviam ser para aqui, mas ele insistiu em descarregar tudo assim mesmo.”

- Bem – disse eu – creio que está tudo certo.
- Mas de onde veio isso?
- O Senhor enviou.
- O Senhor enviou. O Senhor enviou. Isso é o que você sempre diz!

Mostrei-lhe a carta que havia recebido. Ela leu-a e teve outra crise de choro, mas bem diferente da primeira vez. Depois pediu suavemente perdão por sua falta de fé.

E o dinheiro continuou chegando, às vezes de pessoas que nunca conheci. De fato, a quantia final de que carecíamos – jamais descobri de onde procedeu – chegou no exato dia em que os livros estavam prontos.”

Conquanto José Bates descobrisse de onde o pagamento final veio, J. N. Loughborough, em 1884, conseguiu sabê-lo. Ele foi informado de que H.S. Gurney, o ferreiro cantor, amigo de Bates que participou da campanha evangelística na viagem à ilha Kent, o havia remetido. Quando Gurney saiu para aquela viagem seu empregador o despedira e iradamente recusou pagar-lhe os salários atrasados que lhe eram devidos. Agora, exatamente em tempo o Senhor levou o seu patrão a ceder!

A providência de Deus em ajudar o Capitão Bates contribuiu para a divulgação do sábado em 1846 e 1847 e fortaleceu os primeiros adventistas observadores do sábado em suas crenças, às vezes, duramente provadas, de que Deus estava realmente com eles.

O estopim havia queimado até o barril de pólvora. Uma radiosa luz sobre o santo dia de Deus estava brilhando sobre eles!

13. A Mensagem do Terceiro Anjo

Quando primeiramente se encontraram em princípios de 1846, Ellen Harmon não cria no sábado do sétimo dia de José Bates. Nem cria o capitão nas visões proféticas de Ellen Harmon.

Ellen achou em Bates, que era mais de 30 anos mais velho do que ela, um bondoso segundo pai. Ela ficou, contudo, profundamente perturbada quanto ao fato de aquele tão genuíno cristão destacar tanto o *quarto* mandamento.

Saberia ele, pensava ela, que havia outros nove?

De sua parte, Bates aceitou Ellen como uma maravilhosa jovem cristã, mas conquanto nada encontrasse em suas visões que fosse contrário às Escrituras “sentiu-se alarmado e grandemente provado” por elas e supunha que derivavam somente de seu afetado estado de saúde.

Ele a interrogava e à sua irmã intimamente fora das reuniões públicas. Em novembro daquele ano Ellen teve uma visão sobre estrelas e planetas. Ele sabia que ela era ignorante nesse assunto, sobre o qual ele, como marinheiro, tinha bastante conhecimento. Ficou tão impressionado que finalmente reconheceu seu dom como o verdadeiro espírito de profecia.

Nesse ínterim os adventistas mileritas, que haviam estado gloriosamente unidos em sua crença de que Cristo voltaria para purificar o “santuário” da Terra e da igreja em 22 de outubro de 1844, estavam agora divididos em várias correntes. Um vasto número havia rejeitado todo esse conceito e retornado a suas denominações anteriores ou mesmo abandonado a fé cristã.

Por contraste, um pequeno e animado grupo de mileritas preferiu crer que estavam corretos quanto ao tempo do retorno de Cristo. Jesus havia vindo em 22 de outubro, sem dúvida, mas *invisivelmente* e apenas para Seus verdadeiros crentes, isto é, para *eles próprios*.

Segundo tais pessoas, Jesus havia purificado Seu santuário (eles

mesmos) de toda mácula de pecado, com o resultado de que jamais poderiam pecar novamente.

Para sua grande perplexidade Ellen foi convocada pelo Senhor para tirar essas pessoas de sua ilusão. Ao ver ela que suas alegações de santidade eram acompanhadas por tolices e mesmo imoralidade, desenvolveu uma forte aversão por toda sorte de fanatismo. Ao longo dos anos que se seguiram ela muitas vezes admoestou contra a alegação de estar livre de pecado.

Um respeitável grupo de mileritas (talvez 40 mil ou mais) continuou a crer que Cristo voltaria para purificar a igreja e a Terra ao final dos 2300 dias, mas dizem que haviam se equivocado com a data inicial de seus cálculos (457 AC). Esses adventistas reagruparam-se em abril de 1846 numa assembléia em Albany, Nova Iorque. Por décadas continuaram a estabelecer novas datas para o retorno de Cristo. Ainda existem, sendo cerca de 30 mil em número, com o nome de Igreja Cristã Adventista.

Foi entre esses desapontados mas ainda crentes adventistas que Edson e Crosier (com sua luz sobre o santuário), Ellen Harmon (com *sua* luz sobre o santuário e o espírito de profecia) e Bates (com sua luz sobre o sábado) exerceram seus esforços.

Antes do final de 1846 vários núcleos de crentes no sábado, no santuário e no espírito de profecia organizaram-se em muitos diferentes lugares pela Nova Inglaterra e no Estado de Nova Iorque, em Fairhaven e Port Gibson, logicamente, e também em Topsham, Maine, por exemplo, sob a liderança de um engenheiro chamado Stockbridge Howland e em Dorchester, Massachusetts, ao sul de Boston, sob a direção de Otis Nichols, um litógrafo.

Talvez os primeiros adventistas a aceitar todas as três descobertas do sábado, santuário e espírito de profecia fossem da família de Otis Nichols. Essas pessoas sinceras acolheram Ellen e sua irmã Sara em 1845 quando eram todos guardadores do domingo. Aceitaram o sábado de José Bates muitos meses antes que Ellen o fizesse. Talvez possamos atribuir-lhes a honra de serem chamados os primeiros “adventistas do sétimo dia”.¹

Otis Nichols, por sinal, escreveu a Guilherme Miller uma carta em

abril de 1846,² instando-o a aceitar a irmã Ellen como profetiza de Deus e sua nova luz sobre o santuário como verdade de divina. Miller, é triste dizê-lo, estava muito velho e cansado para compreender.

Talvez nunca saibamos ao certo quem foram os primeiros adventistas do sétimo dia. Seja como for, Tiago White e Ellen Harmon casaram-se em Portland, no dia 30 de agosto de 1846. Tendo sido desligados de suas igrejas originais em vista da fé no advento, expressaram seus votos perante um juiz de paz.

Tiago havia tido muito êxito como evangelista adventista. Foi ele que numa excursão evangelística de seis semanas, num inverno, já referida no capítulo dois, conseguiu mil conversos. Visitando Portland de tempos em tempos ele ficou impressionado com a notícia de que a irmã Ellen estava sendo convidada por diferentes ministros para testemunhas em suas igrejas. Após o desapontamento, encontrou-se novamente com Ellen pela época em que ela havia tido a visão do “Noivo”. Após isso eles viajaram juntos ocasionalmente, acompanhados, logicamente, por Sara Harmon ou Luisa Foss, ou às vezes por meia dúzia de outros, a fim de encorajar os desapontados adventistas. Agora – quase sem dinheiro – eles estavam casados. O Sr. E a Sra. Roberto Harmon, que se haviam mudado novamente para Gorham, convidaram-nos a fazer a casa deles de seu lar, o que o jovem casal aceitou alegremente.

Prontamente, Tiago e Ellen estudaram o novo livro de José Bates sobre o sábado, comparando-o com a Bíblia, e descobriram que o sétimo dia é realmente o verdadeiro sábado do Senhor. Alguns meses depois – foi logo após Bates ter aceito suas visões – ela caiu tão enferma que algumas pessoas chegaram a imaginar que fosse morrer. Seus pais, irmãos e esposo oraram fervorosamente, mas não houve melhora até que Otis Nichols enviou de Dorchester seu filho Henrique, para comunicar sua preocupação. Com Henrique ali, eles realizaram outra seção de oração e o jovem Nichols ficou tão impressionado que se ergueu de sobre os joelhos, atravessou a sala e colocou as mãos sobre a cabeça de Ellen. “Irmã Ellen”, disse ele, “Jesus Cristo te cura”. No dia seguinte Ellen estava suficientemente boa para viajar sessenta quilômetros com Tiago para uma reunião. E por um bom tempo após isso ela sentiu-se melhor do que havia se sentido por anos. Quando seu primeiro filho nasceu, em 26 de agosto de 1847, deram-lhe o

nome de Henrique Nichols White, em homenagem àquele jovem e àquela feliz ocasião.

Durante o mesmo outono e inverno de 1846-47, após visitar Edson e Crosier em Port Gibson e observar Ellen tendo sua visão sobre Astronomia em Topsham, Bates voltou para Fairhaven para revisar e ampliar seu primeiro livro sobre o sábado cuja edição havia quase se esgotado.

Na segunda edição de *O Sábado do Sétimo Dia, Um Sinal Perpétuo*, Bates desenvolveu uma clara exposição da mensagem do terceiro anjo. Também desenvolveu o pensamento de Hirá Edson de que talvez Apocalipse 11:18 e 19 estivesse sendo cumprido. Ele fez notar que Preble, Cook e outros, inclusive ele próprio, tinham sido impressionados a publicar luz sobre a questão do sábado. E sugeriu que a razão deve ter sido que quando o “sétimo anjo começou a soar” em 1844, o “templo de Deus foi aberto no Céu”, e a “arca de Sua aliança” (contendo os dez mandamentos) foi então vista.

Bates foi modesto quanto a este segundo ponto. “Não quero dizer que esta opinião é absolutamente correta”, ele advertiu, “mas penso que a inferência é forte.”³ Pelo início da primavera, contudo, suas dúvidas foram removidas. Ellen havia recebido duas importantes visões.⁴ Uma veio em 6 de março de 1847, e a outra em 3 de abril de 1847. Elas eram suficientemente semelhantes de modo que podemos abranger ambas contando a história da segunda.

Imaginemos a cena, reconstruída de antigos relatórios.³

A bem0vinda primavera estava finalmente a caminho de Topsham, Maine. Indubitavelmente a neve estava derretendo, flores começando a brotar e pássaros caçando vermes sobre o solo. Dentro do lar de Stockbridge Howland, os crentes estavam se ajoelhando para orar no dia 3 de abril, em busca de luz e da verdade de Deus. De repente, Ellen, com sua voz cálida e agradável, exclamou: “Glória! Glória!” Todos sabiam que ela estava tendo uma visão.

Um senso de dominante reverência dominou o grupo. Suas orações já haviam sido respondidas. Eles sabiam que quando sua visão terminasse, Ellen teria algo de auxílio para expor-lhes.

Enquanto ainda em visão, Ellen pôs-se de pé e caminhou até a mesa onde eles haviam colocado suas Bíblias e outros livros antes de se ajoelharem. O restante do grupo também ergueu-se e sentou em suas cadeiras para observar e orar silenciosamente pela bênção de Deus.

Sem hesitação Ellen apanhou a Bíblia e sustentou-a acima da cabeça. Mantendo-a assim, onde possivelmente não conseguiria lê-la ela voltou-se a uma promessa bíblica. A seguir caminhou até alguém que necessitava do encorajamento daquele texto particular, citou o verso olhando em direção ao Céu e apertou a Bíblia levemente sobre o seu peito. Enquanto a pessoa apanhava a Bíblia para ler a passagem por si mesma, Ellen retornou confiantemente à mesa, apanhou outra Bíblia e repetiu o processo para uma pessoa diferente. Assim o fez uma porção de vezes. Então sentou-se e a visão prosseguiu.

Após um período de tempo, ela respirou profundamente, sua primeira respiração desde o início da visão.

Todos ansiavam saber o que teria a dizer. Ela correu o olhar ao redor da sala enquanto seus olhos se acostumavam com a escuridão da Terra após contemplarem o fulgor celeste.

-Pode nos dizer agora o que o Senhor lhe mostrou? – indagou-lhe Tiago serenamente.

-Sim, sim, posso – respondeu Ellen.

-Vi um anjo voando rapidamente em minha direção. Ele me transportou rapidamente da Terra para a cidade Santa. Na cidade vi um templo no qual entrei. Depois passei ao lugar santo.

Jesus ergueu o véu e eu passei para o santo dos santos. Ali vi uma arca coberta do mais puro ouro. Jesus estava de pé ao seu lado. Dentro havia tábuas de pedra dobradas juntas como se fossem um livro. Jesus abriu-as, e ao fazê-lo, vi os Dez Mandamentos. Numa das tábuas estavam registrados quatro mandamentos e na outra, seis. Os quatro na primeira tábua brilhavam mais do que os outros seis, mas o quarto, o mandamento do sábado, brilhava acima de todos. O santo sábado parecia glorioso. Um halo de glória o circundava.

Com isso, as pessoas se entreolharam surpresas, e Ellen observou a reação delas.

-Eu também fiquei impressionada, – concordou ela. Não tinha idéia de que o sábado fosse tão especial para Deus.

Após uma pausa, continuou:

– Vi que o sábado é e será a parede de separação entre o verdadeiro Israel de Deus e os descrentes; e que o sábado é a grande questão a unir os corações dos queridos santos de Deus que O aguardam.

Novamente olhares de surpresa percorreram a sala.

Ellen meditou por um instante, lutando para encontrar as melhores palavras para expressar o que havia visto e desejava contar.

– Vi que Deus tem filhos que não aceitam e não guardam o sábado. Eles não rejeitaram a luz sobre isto. E que no começo do tempo de angústia fomos cheios do Espírito Santo ao prosseguirmos *e proclamarmos o sábado mais plenamente*. Isso encheu de ira as igrejas e os adventistas nominais ao não conseguirem refutar a verdade sobre o sábado. Nesse tempo, os escolhidos de Deus viram todos claramente que tínhamos a verdade e vieram e suportaram a perseguição conosco.

– Havia alguma coisa a mais, Ellen?

– Sim, havia – respondeu ela – Trata-se do terceiro anjo. Vi que ele representa o povo que recebe o sábado e dispõe-se a advertir o mundo a observar a lei de Deus como a menina do seu olho. Vi que se renunciarmos ao sábado, receberemos a marca da besta. Também vi – e ela sorriu – que em resposta à advertência muitas pessoas abraçarão o verdadeiro sábado.⁶

Ellen White escreveu essa visão imediatamente, e dentro de alguns dias José Bates tinha tirado mil cópias numa folha impressa de um lado só. Tiago White levantou sete dólares e meio para cobrir as despesas de Bates. Logo depois Tiago White republicou a visão além de vários outros itens, num folheto intitulado *uma palavra ao pequeno rebanho*. Posteriormente, (em 1851) ele publicou as visões em um livreto intitulado *A Sketch of the Christian Experience and Views of Ellen G. White* [Um Esboço da

Experiência Cristã e Visões de Elen G White]. Esse texto acha-se hoje disponível em *Primeiros Escritos*.

Quando os crentes leram a visão de 3 de abril de 1847, alguns ficaram perplexos. Eles entendiam que após o tempo de angústia ter-se iniciado, o tempo de graça de todos estaria encerrado e seus casos decididos. “De que valerá”, indagavam, “pregar o sábado a eles então?” Ellen White explicou em seu próximo livro⁴ (agora também incluído em *Primeiros Escritos*):

“‘O início do tempo de angústia’ ali mencionado, não se refere ao tempo em que as pragas começarão a ser derramadas, mas a um breve período, pouco antes, enquanto Cristo está no santuário. Nesse tempo, enquanto a obra de salvação está se encerrando, tribulações virão à Terra e as nações ficarão iradas, embora contidas para não impedir a obra do terceiro anjo. Nesse tempo a “chuva serôdia” ou o refrigério pela presença do Senhor, virá para dar poder à grande voz do terceiro anjo e prepararem os santos para estarem de pé no período em que as sete últimas pragas serão derramadas.”⁵

Os primeiros adventistas observadores do sábado ficaram fascinados com a predição de quem deviam “proclamar o sábado mais plenamente”.

Mais plenamente em que sentido? A importância desta pergunta não pode ser exagerada.

Em 1847 a resposta era pelo menos esta: eles deviam atribuir ao sábado um significado muito maior e ligar a ele uma experiência pessoal muito mais profunda do que os anabatistas sabatistas haviam feito em seus dias ou os batistas do sétimo dia, de quem os adventistas receberam o sábado.

Os batistas do sétimo dia e os anabatistas sabatistas, como se lembram, diziam que o sábado está em vigor pelas seguintes razões: (1) Faz parte da lei moral, (2) Jesus e os apóstolos o endossaram, e (3) a igreja apóstata o alterou em cumprimento da profecia. Havia algo errado com a posição deles? Não. Era bíblica, e revelava uma consideração maior pelo cumprimento da profecia na história passada.

Mas havia muito quanto à verdade do sábado do que isso. E hoje não são vagas diferenças que distinguem os adventistas do sétimo dia de outros observadores do sábado. Há uma maneira vitalmente diferente de viver e pensar aqui envolvida, uma compreensão vastamente mais ampla quanto à razão de existirmos e quanto ao que se espera que façamos e sejamos.

E Esta diferença envolve discernimento de termos bíblicos como “o selo de Deus”, “a mensagem dos três anjos”, “a marca da besta”, “o santuário” e “o juízo”. Os adventistas do sétimo dia aceitam essencialmente tudo quanto os batistas do sétimo dia ensinavam, mas do estudo da Bíblia acrescentaram conceitos altamente práticos com relação às profecias do tempo do fim.

Ao estudarem as mensagens dos três anjos de Apocalipse 14, os pioneiros adventistas chegaram à solene evidência de que *eles próprios estavam desempenhando um papel específico num tempo específico predito na Escritura.*

Como mileritas nos primeiros anos da década iniciada em 1840 eles ajudaram a proclamar a primeira mensagem angélica concernente à *hora do juízo e ao evangelho eterno*. Apocalipse 14: 6 e 7. Em 1843 e 1844 haviam ajudado a proclamar a segunda mensagem angélica, segundo a qual *caiu Babilônia, e em conseqüência, o povo de Deus deveria sair das igrejas que “babilônia” representava*. Apocalipse 14:8; 18:1-4. Em 1846 notaram que o terceiro anjo proclamava uma mensagem centralizada em Cristo sobre a *guarda do sábado* – a exata verdade que justamente então lhes havia atraído a atenção. Apocalipse 14:9-12.

Para a surpresa deles, vieram a reconhecer que estavam sendo convocados para cumprir a mensagem do terceiro anjo, tal como haviam ajudado a cumprir a primeira e segunda mensagens angélicas.

Sua descoberta foi confirmada pelas visões de Ellen White de 6 de março e 3 de abril de 1847.

Havia aí um processo altamente significativo adiante dos batistas do sétimo dia. Provia de um novo senso de missão, uma conscientização de que estavam sendo chamados para cumprirem ainda outra profecia cujo tempo havia chegado.

Seu senso de oportunidade foi ainda mais reforçado nas visões de março e abril com a indicação de que desde 22 de outubro de 1844, Jesus havia estado em pé perante a arca, exibindo a lei e revelando um halo de glória em torno do sábado. Outra visão dois anos depois, em março de 1849, proveu a informação específica de que “o *tempo* para os mandamentos de Deus brilharem em toda a sua importância...seria quando a porta fosse aberta no lugar santíssimo [isto é, em 22 de outubro de 1844],... onde [Jesus] permanece agora junto da arca”.⁹ Noutra visão Ellen viu um anjo citando a terceira mensagem angélica, e ao fazê-lo, apontava para o alto em direção ao santuário celestial. ¹⁰

Agora, Jesus não permanecerá no lugar santíssimo para sempre. Como percebemos no capítulo nove, em outubro de 1845 Ellen viu chegar o momento quando Cristo deixará esse lugar e Se dirigirá às nuvens que O conduzirão à Terra enquanto os juízos de Deus caem sobre os pecadores. Apocalipse 15 e 16 também predizem esse tempo e indicam que os juízos de Deus cairão na forma de pragas.

A mensagem do terceiro anjo não fala apenas da observância do sábado mas também trata especificamente de quais serão as pessoas que terão de sofrer essas últimas pragas. São aqueles que não exercem a fé o suficiente para guardar os mandamentos de Deus e que, em vez disso, aceitam em suas mentes a “marca da besta”.

Tornou-se cristalinamente claro aos primeiros adventistas do sétimo dia que o livro do apocalipse fala de duas insígnias opostas que as pessoas receberão em suas mentes antes do encerramento do tempo de graça: a “marca da besta” e o “selo de Deus”.

Em vista de a marca da besta ser colocada sobre aqueles que não guardam os mandamentos, os primeiros adventistas começaram a ver que o selo de Deus é para aqueles que os guardam – que guardam todos eles, incluindo o sábado.

Descobriram, de fato, que o selo de Deus é o sábado, apropriadamente observado pela fé em Jesus. E essa interpretação deles foi confirmada por exaustivo estudo da Bíblia e por uma ou mais visões dadas a Ellen White.⁶

Ao examinarem Apocalipse 7, viram que outro anjo especial é comissionado nos últimos dias a assistir a esse “selamento” do povo de Deus na experiência do sábado. Viram também que as sete últimas pragas não cairão enquanto cada sincero seguidor de Jesus não houver sido selado.

Ao ponderarem os pioneiros sobre tudo isso e muito mais, um senso de urgência e propósito desenvolveu-se baseado na compreensão de que o sábado é importante porque o tempo é curto, e Cristo virá em breve.

Enquanto realiza Sua obra *final* no Céu, Cristo chama a atenção para o sábado. Nesses *últimos dias* Ele está cancelando o pecado, e a quebra do sábado é, logicamente, pecado.

Ao formarem-se no céu as negras nuvens do tempo de angústia final, e a tempestade estar a ponto de desabar em fúria, o grande conflito entre Cristo e Satanás atingirá seu clímax sobre a Terra. Anjos bons e demônios estão por toda a parte buscando atrair a lealdade dos homens, seja para Deus ou para a besta. No processo, caracteres estão sendo formados irrevogavelmente, seja à imagem de Deus ou à imagem do maligno. Ninguém pode escapar ao envolvimento. Todos deverão e hão de tomar uma posição. Somente os que se decidirem pela verdade de Deus escaparão das pragas e compartilharão a felicidade da segunda vinda de Cristo.

Todo observador do sábado que compreende os tempos é chamado a entrar nessa disputa com toda a sua energia, tesouro e talento: “Que a mensagem voa, pois o tempo é curto!”¹²

Quão diferente foi esta ênfase em relação à que a Sra. Oakes trouxe consigo a Washington, New Hampshire! Quando aquela bondosa senhora batista do sétimo dia apresentou o que tinha a dizer, os adventistas, com efeito, responderam que em vista da breve volta de Jesus, não havia tempo ou necessidade para considerarem a questão do sábado.

Mas Bates, Gurney, Edson, Tiago e Ellen White, Davi Arnold, Stockbridge Howland e os demais adventistas observadores do sábado, ao se empenharem profundamente em sua pesquisa, descobriram ser precisamente *em razão de* Cristo estar para voltar que eles *precisavam* aceitar o sábado – esse grande teste de genuína fidelidade a Jesus – e proclamá-lo por toda parte.

Isto, portanto, é pelo menos parte do que estava implícito nas palavras “proclamar o sábado mais plenamente”. É também o coração da mensagem do terceiro anjo.

E o terceiro anjo de Apocalipse 14 proclama sua mensagem “com forte voz”. A fim de que essa parte da profecia fosse cumprida, e a mensagem pudesse voar àqueles que não a conheciam, os crentes começaram a sentir a responsabilidade de lançar uma publicação regular.

14. A “Velha e Boa Review”

O periódico que Tiago White lançou em novembro de 1850 é conhecido pelos saudosistas como “a velha e boa Review”. Está registrado junto ao departamento de correios como *The Advent Review and Sabbath Herald*.¹

Advent Review [Revista do Advento]? Se o “advento” é a segunda vinda de Cristo, como pode um periódico passar em revista um evento antes que ele ocorra?

A resposta em 1850 era que o advento que a Review passava em revista era o grande despertamento do segundo advento. Após o desapontamento da primavera de 1844, Josias Litch havia iniciado o *The Advent Shield*, acompanhando a providência de Deus e o cumprimento da profecia no movimento adventista até aquele tempo. No verão de 1847 José Bates escreveu a obra *Second Advent Waymarks and High Heaps*, uma história atualizada sobre o mesmo tema.

Ellen havia visto em sua primeira visão que a luz brilhante do clamor da meia-noite deveria brilhar por todo o caminho até a Cidade Santa. Esta é uma razão por ter havido tantas obras sobre a história do adventismo primitivo, incluindo esta que está lendo agora. Essa é também uma razão para a Revista do Advento.

And Sabbath Herald [E Arauto do Sábado]. O novo periódico deveria anunciar uma mensagem crucial partida de Jesus no lugar santíssimo, designada a separa homens e mulheres do pecado e atraí-los a Ele.

Entre as descobertas iniciais do sábado no santuário e o lançamento da *Review and Herald*, dois e meio significativos anos formativos transcorreram, marcados por mais de vinte² assembléias de fim de semana que continuavam as reuniões de fim de semana anteriores, de 1846. Essas

reuniões eram realizadas em casas selecionadas nos vários centros geográficos de observância sabática que se estavam desenvolvendo, em cozinhas, salas de visita, uma garagem de carruagem, uma “grande sala inacabada” e em vários celeiros vazios.

A assembléia realizada em abril de 1848 foi particularmente digna de nota. Acostumado com uma assistência de somente uma dúzia ou pouco mais, mesmo em Topsham, Tiago White ficou profundamente impressionado quando cerca de cinquenta pessoas chegaram para a reunião no lar de Alberto Belden, em Rocky Hill, Connecticut. Anos mais tarde ele considerou aquela assembléia como “a primeira reunião geral realizada pelos adventistas do sétimo dia. Em termos de números e influência, ela marcou uma nova era na Causa”.³

Uma assembléia podia estender-se de sexta-feira a domingo ou de quinta-feira à tarde a segunda-feira pela manhã. Uma delas foi realizada domingo e segunda-feira. Tiago White e outros apresentaram evidência de que os verdadeiros acontecimentos anunciados pelo movimento milerita culminaram com a entrada de Cristo no lugar santíssimo. O próprio José Bates, um vivo “Arauto do Sábado”, pregava sobre o sábado na arca de Seu testemunho e sobre a necessidade de adoção da terceira mensagem angélica.

Os homens e mulheres que assistiram a essas reuniões haviam atravessado a preparação e o desapontamento de 1844. Agora, vários anos distantes daquele êxtase e agonia, eles se perguntavam se aquilo era verdade. Acaso os 2300 dias realmente haviam terminado em 1844? Acaso Jesus realmente penetrara no lugar mais interior do santuário celestial? Pregamos nós verdadeiramente a primeira e segunda mensagens? Era nosso “dever” agora apresentar a terceira?

Eles estavam experimentados no sacrifício envolvido em expor uma teologia impopular. Eram inexperientes nas divagações das filosofias liberais. O critério deles era o mesmo de Lutero perante a dieta de Worms – Escritura, senso comum e consciência. Quando descobriram que a Bíblia falava claramente sobre as reivindicações do sábado do sétimo dia, muitos deles dedicadamente se puseram do seu lado.

“Muitos de nosso povo”, escreveu Ellen White em 1904, “não

reconhecem quão firmemente foram lançados os alicerces de nossa fé. Meu esposo, o Pastor José Bates, o Pai Pierce, o Pastor Hirã Edson, e outros que eram inteligentes, nobres e verdadeiros achavam-se entre os que... buscavam a verdade como tesouros escondidos. Reunia-me com eles, e estudávamos e orávamos fervorosamente. Muitas vezes ficávamos reunidos até alta noite, e às vezes a noite toda, pedindo luz e estudando a Palavra. Repetidas vezes esses irmãos se reuniram para estudar a Bíblia, a fim de que conhecessem seu sentido e estivessem preparados para ensiná-la com poder.”⁴

O próprio papel de Ellen White era limitado, mas valioso. “Quando chegavam ao ponto em seu em que diziam: ‘Nada mais podemos fazer’, o Espírito do Senhor vinha sobre mim”, ela recorda, “eu era tomada em visão, e uma clara explanação das passagens que tínhamos estado estudando me era dada, com instrução de como devíamos trabalhar e ensinar eficazmente.”

Os irmãos imediatamente procuravam suas sugestões em suas Bíblias e concordâncias e ficavam impressionados em descobrir que realmente se tornavam claros os pontos em análise.⁵ Essas contribuições de Ellen White pareciam particularmente impressionantes porque “os irmãos sabiam que quando não em visão”, ela nos diz, “eu não podia entender esses assuntos”. O esboço geral era suficientemente claro, por certo. Mas muitas vezes ela não podia entender os textos bíblicos ou os ardorosos raciocínios que os irmãos utilizavam para apoiar seus vários pontos de vista.

“Ficava nessa condição mental”, diz ela, “até que todos os principais pontos de nossa fé eram tornados claros a nossa mente, em harmonia com a Palavra de Deus.” Evidentemente, era propósito de Deus que os irmãos compreendessem que a verdade que Ele os estava convocando a sustentar e proclamar tinha suas raízes na própria Bíblia e não – como alguns poderiam ser tentados a dizer – meramente nos sonhos de uma jovem.

Na reunião realizada no lar de Davi Arnold, próximo de Volney, Nova Iorque, no verão de 1848, Ellen White relata⁶ que “cerca de trinta e cinco estavam presentes, – ‘todos os amigos que podiam ser reunidos naquela parte do Estado. Mas desse número dificilmente havia dois que concordassem. Alguns estavam sustentando sérios erros e cada qual se batia

firmemente por seus próprios pontos de vista, declarando que estavam de acordo com as Escrituras.”

Ao começarem a celebrar a Ceia do Senhor, um dos irmãos ergueu-se para dizer que cria dever ser ela observada somente uma vez ao ano – na ocasião em que o próprio Jesus a celebrou. Outro ensinava que o milênio já estava no passado.

“Essas estranhas diferenças de opinião representavam um enorme peso sobre mim”, lembrava-se Ellen White anos mais tarde. “Vi”, escreveu ela, “que muitos erros estavam sendo apresentados como verdade. Parecia-me que Deus estava sendo desonrado. Grande pesar oprimia-me o espírito e eu desfaleci sob a carga. Alguns temeram que eu estivesse morrendo. Os irmãos Bates, Chamberlain, Gurney, Edson e meu esposo oraram por mim. O Senhor ouviu as orações de Seus servos e eu revivi.

“A luz do Céu”, prosseguiu ela, “então repousou sobre mim e eu logo perdi de vista as coisas terrenas.”

Em sua visão ela viu o que estava errado com respeito às idéias que esses homens estavam apresentando, e qual deveria ser sua verdadeira posição. Foi-lhe ordenado que “lhes dissesse que deveriam renunciar a seus erros, e unir-se em torno das verdades da mensagem do terceiro anjo”. O resultado foi que a reunião “concluiu triunfantemente. A verdade obteve a vitória”, e o movimento ganhou vários novos membros.

Custa algo conduzir tais assembléias. Ellen foi quem pagou mais. Convencida de que Deus a estava chamando para ir, deixou lamentosamente seu filhinho Henrique com amigos queridos, os Stockbridge Howland, visitando, como Ana, de vez em quando por vários anos, com um presente.

Para obter dinheiro para assistir às assembléias na fazenda de Davi Arnold, Tiago White ganhou quarenta dólares cortando feno com uma ceifeira – a oitenta e sete centavos e meio por acre.

Enquanto desciam o Canal Erie de volta ao lar com os White, após a reunião no celeiro de Edson em Port Gibson, o irmão Bates tentou subir a bordo duma embarcação com seu precioso dólar para pagar a passagem já

na mão. Como a embarcação não parou, Bates perdeu o equilíbrio. Incansável, nosso ex-capitão naval começou a nadar “com sua carteira numa mão e a nota de um dólar na outra. Seu chapéu caiu, e ao tentar recuperá-lo, perdeu a nota, mas continuou agarrado firmemente a sua carteira”. Pouco depois ele e os White fizeram uma visita de surpresa a um casal de novos observadores do sábado, o irmão e irmã Guilherme Harris, esperando que Bates pudesse secar suas roupas.

A reunião final em 1848 foi realizada na casa de Otis Nichols em Dorchester, em 18 e 19 de novembro. Em certos aspectos foi a mais significativa para aquele tempo. Ao terem os irmãos chegado a unidade ainda mais firme sobre os grandes temas que estavam estudando, surgiu a necessidade de que alguém se encarregasse de publicá-los. Poderia o Pastor Bates, talvez, produzir outro livro?

Em Dorchester eles oraram muito pedindo orientação sobre como publicar a mensagem. No domingo, a Sra. White teve uma visão durante a qual falou em voz alta sobre o sábado como selo de Deus (Apocalipse 7), erguendo-se no oriente como o sol e tornando-se mais quente e brilhante até que os santos foram feitos imortais. Após a visão ela instou o irmão Bates a publicar o que havia dito.⁷ Voltando-se ao esposo, disse mais: “Tenho uma mensagem para você. Deve começar a imprimir um pequeno periódico e enviá-lo ao povo.”⁸

Um pequeno periódico. Livros são bons, logicamente, mas com frequência são negligenciados. Os periódicos são mais persistentes.

A Sra. White discutiu o proposto periódico: “Que seja pequeno a princípio; mas ao lê-lo o povo”, prometeu ela, “enviará meios para publicá-lo, e será um sucesso desde o princípio.”

Após uma pausa, acrescentou: “Desse pequeno começo, foi-me mostrado assemelhar-se a torrentes de luz que rodearam e iluminaram o mundo.” Esta era uma profecia impressionante para ser apresentada a um punhado de pioneiros dominados pela pobreza!

Seguiu-se um tempo de prova. Muitas das pessoas que desejavam o periódico impresso queriam que alguém pagasse o custo. O Pastor White não dispunha de dinheiro para publicá-lo. Totalmente dedicado a seu

ministério, ele dependia de ganhos derivados de trabalhos ocasionais entre campanhas evangelísticas e pequenas doações. Quando procurou apoio para o proposto periódico, a reação foi surpreendentemente decepcionante.

Em janeiro de 1849 José Bates preencheu a lacuna com um novo livro: *A Seal of the Living God; A Hundred Forty-Four Thousand of the Servants of God Being Sealed, in 1849* [Um Selo do Deus Vivo; Cento e Quarenta e Quatro Mil dos Servos de Deus Sendo Selados, em 1849]. Inspirando-se nos pensamentos de Ellen White, quanto às “torrentes de luz que rodearam o mundo”, ele confiantemente predisse a proclamação do sábado na França, Grã-Bretanha, Rússia e terras a leste do Eufrates.

Um ano depois, no princípio de 1850, Tiago White também surgiu com um livro, um hinário de 48 páginas intitulado *Hymns for God's Peculiar People, That Keep the Commandments of God, and the Faith of Jesus* [Hinos Para o Povo Peculiar de Deus, que Guarda os Mandamentos de Deus e a Fé em Jesus]. Este também continha a mensagem sobre o selo de Deus, “a mensagem clara, ascendendo do oriente”, e rezava:

Ó Deus, o Deus vivente,

Tu aplicas o selo,

E da vara da destruição

Oh! Guarda-nos para que não pereçamos.

Um hino chamado “A História do Segundo Advento” recapitulava o desenvolvimento da primeira e segunda mensagens angélicas até que “ainda uma terceira e solene mensagem, agora proclama um juízo final”. Outro celebrava uma das primeiras visões de Ellen White. Foi escrito por W. H. Hyde, que foi curado quando Ellen orou por ele nos primeiros meses de seu ministério profético:

Ouvimos sobre a terra santa e brilhante;

Ouvimos isso e nosso coração está alegre.

Em seus últimos anos, a Sra. White foi muitas vezes vista murmurando este hino para si.⁹

Livros de diferentes tipos eram bons, mas Deus havia dito que precisava de um periódico!

Em 1848 White havia ceifado feno a oitenta e sete centavos e meio o acre para obter dinheiro para assistir à assembléia. Em julho de 1849, após meses de apelos por seu próprio projeto, sem resultado, ele decidiu tentar novamente.

“Vou procurar um campo para ceifar”, anunciou à esposa.

Ao retirar-se ele, naquela manhã de verão, um grande peso oprimiu. Ele e ela desfaleceu. Foi feita uma oração e logo ela se sentiu melhor. Veio-lhe uma visão.

– Sobre o que era? – perguntou Tiago depois.

– Sobre você.

– O que viu?

– O Senhor me mostrou que Ele o abençoou no ano passado quando saía para ceifar, mas que se tentasse fazer o mesmo agora, Ele iria permitir que adoecesse. Sua obra deve ser *escrever, escrever, escrever* e caminhar pela fé.

Isso foi suficiente. Tiago arranhou lápis e papel e, com sua Bíblia e concordância à mão, começou a preparar artigos e editoriais sem demora. Ao procurar textos, às vezes achava-os difíceis de compreender. Então ele e Ellen se ajoelhavam e pediam a Deus que lhes explicasse. A seguir, continuava escrevendo.

Por esse tempo, o Pastor e a Sra. White estavam vivendo temporariamente na casa de fazenda de Alberto Belden, perto de Rocky Hill, Connecticut. A primeira assembléia de 1848 foi reunida em sua “grande sala inacabada (de aproximadamente 6 X 10m) no segundo pavimento. Tiago e Ellen, após quase três anos de matrimônio, ainda não possuíam móveis. Tudo quanto tinham caberia facilmente num baú de um metro.

Cada tostão poupado ia para a Causa. A Srta. Clarissa Bonfoey, da cidade de Middletown, nas proximidades, sendo uma mulher de disposição

radiosa, cuja mãe havia falecido, ofereceu-se para mudar-se com suas coisas a fim de viver com ele. O casal ficou feliz. Seus móveis foram trazidos numa carroça, foram feitas divisões no segundo pavimento, e começaram as tarefas caseiras.

Tratava-se de um arranjo singular – a Srta. Bonfoey vivendo com os White, e todos, por sua vez, vivendo com os Belden. Crenças semelhantes podem selar amizades mais intimamente do que o sangue. A situação perdurou e Sara, irmã de Ellen, posteriormente casou-se com o filho dos Belden, Estevão, e tornou-se mãe de Frank E. Belden, compositor musical.¹⁰

No mesmo mês em que surgiu o periódico (julho de 1849), o segundo filho do White também veio ao mundo. O novo bebê foi chamado Tiago Edson. O novo periódico intitulou-se *Present Truth* [Verdade Presente].

O título derivava de II S. Pedro 1:12. Em seu primeiro editorial, White escreveu: “No tempo de Pedro havia verdade presente, ou verdade aplicável àquele tempo presente. A igreja sempre tem tido uma verdade presente. A verdade presente agora é aquela que revela o dever presente, e a correta posição para nós que estamos para testemunhar o tempo de angústia tal como nunca houve.” A “verdade presente” era, sem dúvida, o sábado.

Quando o material foi completado, Tiago White caminhou para Middletown no mormaço de julho, galgou as escadas de um impressor local e solicitou-lhe mil exemplares.

Tiago estava sofrendo uma forte dor na perna. Ele mancou os doze quilômetros de ida e os doze de volta para casa.

Quando o impressor, Sr. Carlos Hamlin Pelton, viu de início o título proposto e depois os títulos dos artigos no manuscrito de Tiago White, ficou intrigado. “O Sábado Semanal Instituído na Criação, e não no Sinai”, leu ele. “É isto ‘verdade presente’?”

Mas serviço é serviço. Encolhendo os ombros, indicou-lhe a linha pontilhada. White assinou o contrato e voltou a descer o longo lance de escada, coxeando. Mas, ao Pelton começar a compor manualmente as

pequenas letras, o mistério foi solucionado. “A tempestade se aproxima”, leu ele. “Guerra, fome e pestilência já estão no campo de matança. Agora é o tempo, o único tempo, para buscar abrigo na verdade do Deus vivente.”

A maior parte do material nos primeiros três números, conquanto parecesse inédito para o impressor, era sólido ensino batista do sétimo dia. No terceiro e quarto números, conceitos adventistas característicos vieram à tona: Jesus no santuário, a terceira mensagem angélica, o sábado como selo de Deus e uma discussão de Isaías 58:12-14 onde o observador do sábado é chamado de “reparador de brechas” na lei de Deus. “É chegado o tempo”, declarou Tiago White, “para o sábado ser *proclamado mais plenamente*.”

O coxear do Pastor White prosseguiu enquanto repetidamente fazia o trajeto de ida e volta, lendo as provas e assegurando-se de que o material era composto e impresso de modo satisfatório. Quando o trabalho de impressão foi concluído ele obteve por empréstimo a charrete do irmão Belden para levar os impressos para casa.

Foram colocados numa pilha sobre o assoalho. Crentes foram chamados de fazendas vizinhas. Com lágrimas de ardor eles se ajoelharam em torno dos impressos e rogaram a Deus que os abençoasse. A seguir os dobraram, apararam os lados e endereçaram-nos a quantos julgaram que os leriam. Tiago enfiou alguns num saco de tecido forte e levou-os a Middletown para remetê-los pelo correio. Quase imediatamente cartas e contribuições chegaram encorajando-o a prosseguir.

Após publicar quatro números em Middletown, os White deixaram a casa de Alberto Belden, passaram uns dias felizes com seu filho Henrique, de três anos, no lar dos Stockbridge Howland, em Tompsham, Maine; a seguir, tomando móveis emprestados dos irmãos da localidade, estabeleceram-se por um período de tempo em Oswego, Nova Iorque. A Srta. Bonfoey uniu-se a eles para cuidar do pequeno Edson enquanto Ellen White prosseguia viajando com o esposo.

Com todas essas mudanças o *Present Truth* ficou parado por alguns meses. Quando White conseguiu um novo impressor e lançou a edição de dezembro, percebeu que o entusiasmo pelo periódico estava quase morto. Mesmo Bates, na verdade, opunha-se¹¹ (temporariamente, como se

constatou), provavelmente raciocinando que as datas exigidas para uma publicação ser produzida prendiam excessivamente o redator à escrivaninha.

Tão poucos foram os donativos durante algum tempo, que White foi compelido a anunciar: “Presentemente estou destituído de recursos e com algum débito.”¹² Ellen White acrescentou o que lhe foi revelado em uma visão: “Ao ver as pobres almas perecendo por falta da verdade presente, e alguns que professam crer na verdade deixando-as morrer, por reter os meios necessários para levar avante a palavra de Deus, a visão foi muito penosa e eu roguei ao anjo que me retirasse dela.”¹³

Então veio o dinheiro. A apatia foi substituída pelo ardor e Tiago White logo se achou editando dois periódicos!

Ao *Present Truth* ele acrescentou a *Advent Review*. Então, em novembro de 1850, após os White se terem mudado para Centerport, Nova Iorque, e a seguir a Paris, Maine, o primeiro número do primeiro volume da *Second Advent Review and Sabbath Herald* ¹⁴ apareceu, uma continuação de ambos os periódicos unidos em um. Além de artigos sobre o sábado e o santuário, publicava outros itens, logicamente, sobre uma variedade de temas bíblicos; também cartas de observadores do sábado e notícias sobre o paradeiro e atividades de seus poucos ministros, sempre viajando.

Assinaturas, grátis a princípio, após algum tempo foram estabelecidas ao preço de um dólar ao ano àqueles que podiam pagar, conquanto ainda permanecessem grátis aos que não podiam. Quase todo lar adventista recebia o periódico e a maior parte pagava por ele. Tornou-se um elo de amor ligando o movimento e levando-o avante.

Hoje a “velha e boa Review”, muito melhorada e aumentada, ainda ajuda a manter a Igreja Adventista do Sétimo Dia unida e seguindo avante enquanto o passado. Em anos recentes, na verdade, o grande crescimento do número de membros fora da América do Norte levou ao lançamento de edições especiais adaptadas aos leitores de outros lugares, como Europa e América do Sul.

Após iniciar a nova publicação os White continuaram a viajar bastante, a trabalhar arduamente, e a obter pouco pagamento por isso.

Havia uma grande mensagem a ser transmitida e poucos mensageiros para divulgá-la. Em 1851 Tiago White ficou tão desanimado com o excesso de trabalho que um dia se dispôs a escrever uma nota e pedir ao impressor para inseri-la na *Review* avisando que aquele seria o último número. Mas Ellen desfaleceu novamente ao sair ele de casa, e voltou para ajudá-la. Eles oraram, sua fé reviveu e o periódico sobreviveu.¹⁵

Enquanto residiam em Saratoga Springs, o Pastor White decidiu que precisavam parar de contratar tipografias comerciais para realizar seus impressos e que, em vez disso, precisavam formar sua própria oficina de impressão. Era muito mau, pensava, que um periódico dedicado a proclamar o sábado devesse ser impresso no sábado, como ocasionalmente era o caso. Cria também que os crentes realizariam a obra com maior fidelidade do que os descrentes, e esperava, além disso, economizar algum dinheiro para a Causa.

A fim de adquirir o necessário equipamento ele precisava primeiro conseguir o dinheiro. Foi lançado um apelo, os fundos vieram e White adquiriu uma impressora manual bem semelhante à impressora que Gutenberg utilizava no século quinze.

Enquanto isso, outra mudança levou os White e a *Review* para Rochester. Foi alugada uma velha casa (por cento e setenta e cinco dólares ao ano). Era suficientemente grande para acomodar a tipografia, os tipos, o estoque de papel, os White, seus filhos pequenos e cerca de doze dedicados voluntários. Eles recebiam pouco mais do que casa e comida, sendo que as refeições consistiam muitas vezes de nada mais que mingau de milho ou feijão.

Entre os que se uniram ao quadro de obreiros naqueles tempos pioneiros merecem destaque Ana Smith e pouco mais tarde seu irmão Urias.

Ana ajudava onde quer que fosse necessária, especialmente como redatora e revisora e às vezes mesmo como editora, quando o Pastor White estava fora. Tinha talento para poesia, e dez de seus hinos podem ser encontrados no *The Church Hymnal* [Hinário da Igreja]. Muitos de seus poemas adornaram a página frontal da *Review*. A maioria deles interpretavam o movimento em versos líricos como este:

Estamos indo, estamos indo, agora como um solitário Grupo Peregrino.

Para um mundo de glória mais brilhante – para uma terra bela e feliz.

Sua morte inesperada, por tuberculose, com apenas vinte e sete anos de idade, foi profundamente lamentada.

Urias Smith foi também um poeta, com gosto por um estilo mais clássico, mas igualmente útil à *Advent Review*:

Chegou a hora

E com ela veio, como surgida de um redemoinho,

“Eis que vem o Noivo, saí

Para encontra-Lo!”

Urias tinha vinte anos quando desistiu de seus planos de obter educação em Harvard e mudou-se para uma espaçosa casa em Rochester. Com a idade de trinta e três anos, em 1855, tornou-se redator. Com apenas algumas poucas interrupções, serviu à *Review* por cinquenta anos, a maior parte do tempo como redator-chefe, mas também por muitos anos como guarda-livros, chefe de escritório ou revisor.

Smith era tão hábil com ferramentas como com a pena. Por longo tempo foi o único gravador na tipografia, responsável pelas ilustrações, gravadas em madeira como matriz. Ele construía suas próprias mesas de trabalho, duas das quais estão preservadas.¹⁷ Obteve patente para uma perna artificial – havia perdido uma perna na adolescência – que lhe permitia ajoelhar-se quando orava. Posteriormente obteve patente para uma carteira escolar aperfeiçoada.

Por muitos anos Urias Smith ocupou o cargo de secretário da Associação Geral. Entre nove e doze horas da noite ele também achava tempo para escrever livros. Sua obra mais famosa é *Thoughts on Daniel and the Revelation* [Pensamentos sobre Daniel e o Apocalipse], que permaneceu como a interpretação adventista padrão dos dois grandes livros proféticos até décadas depois de sua morte. Simpático, cortês e dedicado, ele foi um dos líderes adventistas mais bem conhecidos durante sua vida.

Morreu vitimado por um ataque cardíaco que sofreu enquanto caminhava para o trabalho numa sexta-feira, em março de 1903, com a idade de setenta e um anos.

Mas remontemos aos dias dos pioneiros! Em 1855 os crentes de Michigan convidaram os White a mudar-se de Rochester para Battle Creek e ofereceram-se para construir uma pequena oficina para eles. A oferta foi alegremente aceita, e uma pequena estrutura de madeira de dois andares foi rapidamente erigida.

Durante as décadas que se seguiram, equipamento a vapor substituiu a pequena impressora manual. Edifícios crescentemente espaçosos tomaram o lugar da pequena instalação inicial, até que a Imprensa a vapor dos Adventistas do Sétimo Dia em Battle Creek tornou-se o maior e mais bem equipado estabelecimento de impressão de todo o Estado de Michigan.

Mas os adventistas nunca se esqueceram que sua primeira sede foi a casa que abrigou a tipografia em Rochester e que sua primeira instituição foi uma companhia como uma associação regular de publicações que os líderes se reuniram em 1860 e escolheram o nome da denominação. E enquanto os escritórios da Associação Geral se localizaram em Battle Creek (de 1863 a 1903), ocuparam instalações no edifício da Review and Herald.

Tudo isso é simbólico. A Igreja Adventista do Sétimo Dia foi chamada à existência em razão de uma mensagem especial para os últimos dias. Sua missão é viver essa mensagem e fazer com que outros dela tomem conhecimento (mediante livros e periódicos e por outras formas) a fim de que também possam viver.

15. O que os Adventistas Devem a outros Cristãos

Os Pioneiros adventistas do sétimo dia chamavam a mensagem que descobriram de “a verdade”. Denominaram seu primeiro período *Present Truth* [Verdade Presente]. Seus sucessores apóstatas como “deixando a verdade”.

Em 1881 Ellen White escreveu: “É tão certo possuímos a verdade, como o é que Deus vive; e Satanás com todas as suas artimanhas e poder infernal, não pode mudar a verdade de Deus em mentira.”¹

Quase chega a parecer que os adventistas do sétimo dia julgam ser os *únicos* que possuem a verdade! Ao contrário, entretanto, eles reconhecem seu profundo débito a inúmeros outros cristãos, que através dos séculos têm preservado e transmitido a verdade de uma geração a outra, muitas vezes com perigo da própria vida.

Já indicamos o débito especial que os adventistas têm para com os batistas do sétimo dia. Vejamos brevemente seu débito para com outros.

Mas, primeiro de tudo, o que é a verdade? Jesus responde: “Eu sou a ... verdade” (S. João 14:16) e “a Tua palavra é a verdade”. S. João 17:17. Assim, a verdade representa “Cristo” e “a doutrina bíblica.”

“Doutrina” significa “ensino”. A Bíblia ensina a verdade sobre Deus. Jesus, também, ensinou a verdade sobre Deus. Numa época em que muitos consideravam o Ser Supremo irrazoavelmente irado com as falhas do homem ou impiedosamente alheio a seus sofrimentos, Jesus apresentou-O como um amável Pai celestial.

Jesus disse que Deus é tão gracioso que oferece salvação a qualquer que simplesmente confie nEle de todo o coração. “Todo o que nEle crê”

tem a vida eterna” S. João 3:16. Ele prometeu serenamente: “Não se turbe o vosso coração. ... Quando Eu for ..., voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que onde Eu estou, estejais vós também. “ S.João 14:1-3. Jesus também prometeu que até aquele dia feliz chegar, estaria com a humanidade num sentido muito pessoal mediante Seu representante, o Espírito Snto, que é como Ele. Ver S. João 14:15-18, 25-29; 15:26, 27; 16:7-14. Para assegurar o povo quanto a isso, Ele convidou Seus seguidores a tomar uma refeição simples, a Ceia do Senhor, recordando-lhes que deseja estar neles e tornar-Se parte deles, tal como o alimento.

Jesus ensinou que quando uma pessoa morre, Deus não a atormenta em algum lugar oculto, mas deixa-a descansar, pacificamente “adormecida” até a ressurreição. Ver S. João 11:11-14; 5:28 e 29.

Jesus também ensinou a verdade sobre um Deus que deseja que todos sejam livres. Ninguém deveria ser compelido mesmo a ser cristão. O povo deveria ser instruído primeiramente e ser batizado somente quando decidir crer. Ver S. Mateus 28:18-20; S. Marcos 16:16. Ensinou também que, se queremos continuar como Seus amigos, devemos observar os mandamentos de Deus. Ele nos prometeu a necessária ajuda para fazê-lo, acrescentando que viver em harmonia com Deus promove a felicidade. Ver S. João 15:1-11.

Jesus falou tantas verdades maravilhosas sobre Deus, que as pessoas que O ouviram “ se maravilhavam das palavras de graça que Lhe saíam dos lábios”. S. Lucas 4:22. Correndo o risco de prejudicarem sua carreira, até mesmo os guardas do templo uma vez desobedeceram a uma ordem para prendê-Lo. “Nunca homem algum falou como este Homem”, explicaram. S. João 7:46.

Quando Jesus deixou a Terra, deu a Seus apóstolos “ o espírito da verdade” para continuarem ensinando a verdadeira doutrina – a verdade sobre a Verdade.

Infelizmente, as coisas saíram erradas. Conforme Paulo havia advertido, falsos mestres se levantaram, Ver Atos 20:28-31; II Timóteo 4:3 e 4. Num curto período de tempo a verdade de Cristo tornou-se tragicamente bastante distorcida, Falsas doutrinas trouxeram um falso conceito de Deus, e com isso, uma perda de espiritualidades.

A justificação pela fé nunca foi totalmente esquecida, e alguns cristãos em cada época mantiveram firmemente sua fé em Deus. Mas na confusão da Idade Média, as pessoas ansiosas por encontrar paz com Deus eram freqüentemente ensinadas que além de “crer”, Deus deseja que fizessem difíceis peregrinações, visita a santuários e realizassem outras penitências² de vários tipos. Acima de tudo, eram ensinadas a se manterem em boas relações com seus guias religiosos, pois os sacerdotes, dizia-se, eram designados por Deus para manterem as chaves do Céu e do inferno, e fechar o Céu àqueles que cometiam erros. Como muitos sacerdotes naqueles tempos eram desonestos e corruptos, muitas pessoas começaram a desprezar a Deus da mesma maneira em que desprezavam os sacerdotes.

Bebês eram batizados pouco após nascerem, e transformados em membros da igreja antes de saberem o que significa ser cristão.

A segunda vinda literal de Cristo não era negada, mas os teólogos medievais preferiam pensar que a segunda vinda já havia tido lugar. Aplicando erradamente Apocalipse 20:4, diziam que Cristo havia vindo e estabelecido Seus bispos sobre seus tronos (cátedra) em suas igrejas (catedrais).³

Em vez de ensinarem que na morte uma pessoa dorme, diziam que as pessoas não batizadas iam direto para o tormento eterno no inferno, ao morrerem, e que mesmo os fiéis eram freqüentemente encaminhados ao purgatório – um lugar intermediário onde eram queimados por um período indefinido antes de prosseguirem para o Céu. Lendas eram criadas para apoiar essas teorias. Uma sepultura na Inglaterra, por exemplo, era descrita como levantando-se e abaixando de tempos em tempos, prova indiscutível de que a alma ali sepultada estava sofrendo em tormento. Quando pessoas jovens perguntavam se podiam ajudar seus pais falecidos, ou avós, a passar mais rapidamente do purgatório para o Céu, recomendava-se-lhes penitência adicional. Se indagavam: “Fizemos o suficiente?” a resposta era: “Ninguém sabe.”

Diários e obras devocionais de monges e crentes revelam que para muitos cristãos a Ceia do Senhor, durante a Idade Média, continuou a ser uma ocasião para íntima comunhão com um Salvador pessoal. Ao mesmo tempo, as simples palavras de Jesus, “isto é o Meu corpo” – traduzidas para

o latim “*Hoc est corpus Meum*” – eram tidas como transformando o pão da comunhão na carne real de Cristo,⁴ e fazendo com que o vinho fosse tão sagrado que os leigos eram proibidos de bebê-lo para que não ocorresse que acidentalmente derramassem o “sangue de Deus”.

Indivíduos supersticiosos entravam nas igrejas a meia-noite para roubar fragmentos do corpo de Cristo e espalhá-los entre seus repolhos para dar boa sorte. Julgavam-se popularmente que pouca necessidade havia para sermões, ou mesmo para qualquer culto, exceto o momento em que uma pequena sineta soava e o oficiante pronunciava as palavras “*Hoc est corpus Meum*”. Os serviços eram acelerados para fazer esse momento místico chegar mais depressa. Assim, as palavras de comunhão espiritual pronunciadas por Cristo, tornaram-se para milhões, pouco mais do que mágica.

Ao ser olvidada a verdade sobre Deus, e substituída por falsas doutrinas, o povo tornou-se gradualmente mais descuidado e supersticioso quanto à religião pessoal. Em geral, consideravam a Deus como estando irado ou indiferente – bem à semelhança de pôr as coisas em ordem.

Como Deus deve ter ansiado por apresentar ao mundo uma vez mais a real evidência a respeito de Si mesmo! Quão feliz não deve ter ficado quando João Wycliffe abriu sua mente para a verdade!

Wycliffe, um fiel teólogo católico, amava o Senhor Jesus e cria que Cristo era a fonte de toda verdade. Ele apelava a seus irmãos católicos para deixarem de lado as tradições de origem humana e seguirem a Escritura como único guia do cristão.

Inimigos ameaçaram matá-lo. Uma vez, ao estar enfermo, vieram zombar dele. Mas sentando-se sobre a cama, disse: “Eu não vou morrer, mas viver e novamente denunciar as más ações dos frades.”

Wycliffe tornou-se o pai da primeira tradução da Bíblia inteira para o inglês. Centenas de cópias feitas a mão foram postas em circulação. Pregadores especiais, chamados lolardos, eram enviados por toda a Inglaterra em trajes próprios, lendo a Bíblia para o povo e ensinando-os a pôr a Escritura acima da tradição.

Um século se passou e Martinho Lutero apareceu, muitas vezes pondo-se de joelhos perante Deus em busca da verdade. Como professor numa universidade católica foi-lhe requerido ensinar a Bíblia como a Palavra de Deus. Mas tantas penitências eram dele exigidas que o Céu parecia impossível, e Deus um irado juiz. “Amar a Cristo?” indagou ele num momento de angústia. “Eu O odeio.”

Os escritos de Santo Agostinho o ajudaram. Depois, com intensa emoção ele descobriu na Bíblia que os pecadores não são salvos pelas “obras” mas pela simples fé na vida, morte e ressurreição de Jesus. Ele descobriu o “sacerdócio dos crentes”, a emocionante verdade de que todo homem pode ir diretamente a Cristo sem a mediação de sacerdotes e santos. “As portas do Paraíso abriram-se-me”, disse ele, “e eu por elas passei.”

Lutero concordava com Wycliffe em que a Bíblia e a Bíblia só é a regra de fé. Perante a Dieta de Worms em 1521 ele declarou com decidida coragem: “A menos que seja convencido pela Escritura e perfeita razão, não posso agir de outro modo. Minha consciência é cativa da Palavra de Deus.”

Lutero aceitou também o que Wycliffe havia descoberto sobre a Ceia do Senhor, ou seja, que o pão não se transforma em corpo de Cristo, nem o vinho em Seu sangue.⁵ Ele destacou que a Ceia é uma ocasião suprema em que Cristo nos assegura o livre perdão de todo pecado. Assim Lutero aceitou conclusões de cristãos anteriores na redescoberta da verdade, acrescentou outras de sua própria iniciativa, e transmitiu-as a milhões depois dele.

Por toda a Europa setentrional milhares de católicos regozijavam-se com Martinho Lutero. Grande número de pessoas deu a vida por sua fé. Ministros luteranos eram às vezes enforcados em árvores aos grupos. Não lhes parecia muito entregar tudo em troca da verdade sobre seu Salvador.

Na França e Suíça outros devotos católicos continuaram a estudar e descobriram verdades adicionais que haviam estado obscurecidas na Idade Média. O mais notável desses, João Calvino, o pai dos presbiterianos e congregacionais, tinha uma mente tão lógica quanto Lutero tinha entusiasmo.

Ele sistematizou as extraordinárias verdades bíblicas que recém haviam vindo à tona. É lamentável que o nome de Calvino hoje esteja associado tão depreciativamente com “predestinação”.

É verdade que ele a ensinou, mas para as pessoas de seu tempo não soava como para nós hoje. As pessoas naquele tempo haviam sido ensinadas que seu destino dependia do capricho de sacerdotes e bispos que “eram portadores das chaves” para o reino dos Céus. Calvino dizia que as pessoas eram realmente predestinadas – não pelos homens, contudo, mas por Deus, *antes da fundação do mundo!*

É difícil compreender hoje o imenso alívio que adivinha às congregações de Calvino quando aprendiam pela Bíblia que o destino de todos estava bem além dos caprichos volúveis de pastores e padres, e que fora estabelecido por Deus milhares de anos antes que tais homens tivessem nascido.

Calvino não estava completamente correto. Ele ensinava que uma vez uma pessoa não podia decidir se perder. Não obstante, quando pôs o destino de um homem nas mãos de Deus antes que nas mãos de outros homens, ele levou seu povo significativamente para mais perto da verdade bíblica.

Mais do que Lutero, Calvino apresentou perante seus seguidores a possibilidade de vitória sobre o pecado e desafiou-os a viverem cada dia melhor de que haviam vivido no dia anterior. Conquanto Lutero tenha recuperado sobretudo a doutrina de nosso *status* transformado perante Deus (justificado pela fé), Calvino realçou a transformação do *caráter* (santificação pela fé), que a graça de Deus torna possível.

Milhares de católicos aceitaram com gratidão a verdade restaurada que Calvino lhes ensinou, e muitos desses também entregaram sua vida como resultado.

Na Inglaterra, os seguidores de Calvino vieram, com o tempo, a ser conhecidos como puritanos por causa de sua preocupação em purificar o que lhes parecia ser cristianismo imaturo da nova Igreja Anglicana.

Devemos aos puritanos a versão King James da Bíblia. Em 1603 eles

pediram ao Rei James (Tiago) I uma nova tradução para ser usada nos serviços religiosos. O rei concordou e designou setenta e sete eruditos do reino para levarem a cabo a tarefa. Oito anos depois, em 1611, a famosa Versão King James saiu do prelo. Quem pode avaliar o que essa tradução tem realizado para a glória de Deus?

No continente europeu devotos anabatistas instavam pelo “batismo dos crentes”. E deram a vida por isso quando necessário. O primeiro anabatista a morrer parece ter sido uma bela garota suíça, cuja cabeça foi mantida debaixo d’água num bebedouro de cavalo, numa zombeteira imitação do batismo do crente. Outros morreram dessa maneira ou por afogamento em rios. Ou queimados em estacas. Ou assados junto a fogueira. Outros foram depositados em caixões muito apertados para eles. Soldados os comprimiam dentro deles com suas botas cheias de pontas.

Os batistas da Inglaterra e da América eram semelhantes aos anabatistas do continente europeu.⁶ Estes também insistiam em que somente os crentes, e não os recém-nascidos, deveriam ser batizados. Mas diferentemente de muitos anabatistas, eles progrediram para o “batismo por imersão”.

No décimo oitavo século o ensino sobre predestinação começou a deteriorar-se. Milhões que jamais haviam sentido temor de sacerdotes começaram a temer que o próprio Deus pudesse tê-los escolhido para se perderem! João Wesley restaurou a verdade do Novo Testamento, de que a salvação é livre para todos – “todo o que nEle crê”. S. João 3:16.

Wesley fundou a Igreja Metodista, que aceitava os princípios de “a Bíblia e a Bíblia só”, o “sacerdócio dos crentes”, o *status* da Ceia do Senhor como memorial que traz pela fé um salutar senso da presença de Cristo, e a doutrina de que a vida do cristão deveria ser uma transformação. Wesley sempre manteve o batismo infantil, mas ele e sua igreja permitiam o batismo por imersão àqueles que desejassem. (Ellem Harmom foi batizada por imersão na Igreja Metodista).

O que os metodistas fizeram era típico de outros cristãos. Eles aceitaram a verdade daqueles que os antecederam e acrescentaram nova luz, e desse modo a verdade de Deus passou a ser sempre vista mais claramente.

Havia cristãos individuais, também ao longo dos séculos que aprenderam que Deus não tortura pecadores após a morte, mas deixa-os descansar. Wycliffe cria no “sono inconsciente entre a morte e a ressurreição”. Martinho Lutero ensinou que a morte em Cristo “é um bom, doce e breve sono”. Na Inglaterra o anglicano Francisco Blackburne, o batista Mateus Caffyn, e o poeta puritano João Milton compartilhavam dessa crença. Na América o ex ministro metodista Jorge Storrs e o ex-ministro congregacional Carlos Fitch também ensinavam o sono da morte. Estes são alguns exemplos de um grande número que cria a mesma coisa.⁷

A referência a Storrs e Fitch nos traz à lembrança que no início do século dezenove ocorreu o grande despertamento *interdenominacional* do segundo advento, no qual a verdade sobre a segunda vinda de Jesus raiou com maior brilho do que tivera desde o segundo século. Desse despertamento surgiu a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Ana Smith era batista.

Rachel Oakes era batista do sétimo dia.

Hirã Edson, Frederico Wheeler e Ellen Harmon eram metodistas.

José Bates e Tiago White eram membros da Conexão Cristã.

Stockbridge Howland era congregacional.

Quando estes e milhares de outros se tornaram adventistas do sétimo dia, ao iniciar-se o novo movimento, não renunciaram às belas verdades sobre Deus que haviam aprendido em suas denominações anteriores. Em vez disso, encontraram nova glória nelas ao aprenderem conceitos ainda mais ricos.

A justificação mediante Jesus Cristo, a vitória mediante o Espírito Santo, a salvação pela fé somente, a Bíblia como única regra de fé, o sacerdócio dos crentes, o batismo por imersão, o próximo regresso de Cristo – tudo isso e mais, os adventistas do sétimo dia extraíram de suas antigas igrejas. A isso acrescentaram o sábado (derivado dos batistas do sétimo dia) e avivaram sua chama tornando-o uma tocha brilhante. Mais do que qualquer outro antes deles, ensinaram que um gracioso Deus deixa os mortos dormirem até a ressurreição. Acima de tudo, ofereceram ao mundo

as extraordinárias novas sobre o novo grande empreendimento no qual Jesus está agora empenhado no Céu.

Assim, quando os adventistas dizem que têm “a verdade” querem dizer que possuem a verdade que os outros cristãos mantinham antes deles, e também a verdade presente, a especial verdade adicional que se aplica particularmente ao tempo presente.

O Conhecimento de que Jesus está no lugar santíssimo, eliminando os pecados, não teria sido verdade nos dias de Martinho Lutero. Jesus naquele tempo não estava no lugar santíssimo. Mas agora está. E as implicações são imensas.

Quando os adventistas convidam um amigo a deixar sua denominação e tornar-se um adventista do sétimo dia, não esperam que este desista de tudo quanto sabe como metodista, ou batista, ou presbiteriano, ou católico. Longe disso! Ele deve abrigar ainda mais calidamente na Igreja Adventista do Sétimo Dia cada bela faceta da verdade que aprendeu sobre Jesus em sua igreja anterior, acrescentando às gloriosas coisas que já conhece a grande e vital verdade descoberta pelos adventistas do sétimo dia.

Quando um adventista declara que possui “a verdade”, não está se gabando. Não se trata de sua verdade. É a verdade de Deus; verdade que Deus revelou, não para satisfazer a curiosidade, mas para ser divulgada em toda parte, a quantos queiram ouvir, a todos por quem Cristo deu a Sua vida e por cuja salvação Ele intercede.

Deus depositou essa lumiosa verdade em *nossas* mãos. Agora nos pede urgentemente, ansiosamente, para apressar-nos com ela e proclamá-la ao mundo.

16. Jesus e o “Juízo Investigativo”

Se João e Marilena, casal adventista, pudessem levantar-se bem cedinho em alguma manhã de sábado, num verão da década de 80, e ingressar numa máquina do tempo que conseguisse fazê-los recuar ao passado, e os levasse à igreja com os adventistas de 1851, teriam necessidade de preparar-se para algumas surpresas reais.

Conquanto pudessem preceber que os Howland ou Belden ou Chamberlain ou Arnold (ou quem quer que se sentasse perto deles durante a reunião na igreja) mantivessem muitas doutrinas com as quais estariam familiarizados, João e Marilena logo descobririam que vários aspectos do moderno adventismo estariam estranhamente faltando.

Num sentido, a “igreja” não estaria se reunindo numa igreja. Os adventistas observadores do sábado primeiro erigiam um edifício de igreja em Battle Creek, Michigan, e Bucks Bridge, Nova Iorque, em 1855. Quando Tiago White incluiu certo hino metodista favorito em seu *Hymns for God's Peculiar People* de 1850, deixou fora as palavras: “Neste Teu dia, nesta Tua casa.”¹ Os adventistas primitivos reuniam-se em suas próprias casas, com várias famílias adorando juntas sob um mesmo teto.

Muito provavelmente não haveria pregação no sábado pela manhã quando João e Marilena realizassem sua visita. Em 1851 as fileiras ministeriais foram ampliadas com a inclusão de Guilherme Ingraham, Jorge Holt e uma quantidade de outros, além de José Bates e Tiago White; mas de modo algum havia suficientes pregadores para encarregar-se de todas as reuniões semanais do “rebanho espalhado”. Os sermões de sábado de manhã eram consequentemente raros. Num sábado típico os hinos eram cantados com o acompanhamento de um órgão de foles (se a família dirigente fosse suficientemente afortunada para possuir um), a Escritura e a *Review* eram lidas e debatidas em voz alta por leigos locais, faziam-se orações e, bem semelhante a uma “reunião social”, era realizado um programa no qual os crentes confessavam suas faltas uns aos outros e

davam testemunho de sua fé.

Se João e Marilena tivessem se lembrado de levar consigo suas Bíblias, fariam bom uso delas. Mas suas bolsas e carteiras provavelmente permaneceriam fechadas. Indispensáveis como possam será as ofertas para as modernas reuniões adventistas, quase não se ouvia sobre isso em 1851. As missões estrangeiras eram raramente objeto de consideração até a década iniciada em 1870, e os ministros adventistas da década de 1850 muitas vezes realizavam seus deveres com salários irrisórios.

João e Marilena ficariam grandemente chocados ao meio-dia, quando, ao serem convidados para o almoço, vissem carne de porco colocada sobre a mesa – e observassem algumas das outras pessoas que haviam também sido convidadas para o almoço acendendo seus cachimbos enquanto aguardavam sua porção! O hábito de fumar, conquanto não muito aprovado, era relutantemente permitido entre os irmãos em 1851, e a primeira visão abrangente de Ellen White sobre a reforma de saúde, estava doze anos no futuro.

Outro choque viria às seis horas da tarde. Com o pôr-do-sol de verão muitas horas ainda pela frente, João e Marilena observariam incredulamente os crentes de 1851 lançando-se às suas atividades ordinárias às seis horas da tarde! Não seria senão em novembro de 1855 que os pioneiros adventistas descobririam que “de uma tarde a outra tarde” (Levítico 23:32) significa de um pôr-do-sol a outro, e não, como supunham, das seis às seis.

E se, durante o jantar, antes de voarem de volta à década de 1980, João e Marilena conversassem ansiosamente sobre a condição “laodiceana” em que se achavam, receberiam olhares surpresos. Os adventistas observadores do sábado aplicavam a mensagem laodiceana aos adventistas observadores do domingo até que luz mais clara (e mais embaraçosa) surgiu em 1856.

Tudo isso assinala o fato de que a descoberta de nova luz não teve conclusão com o estabelecimento das doutrinas “cardeais”² do final da década de 1840. Grandes novas verdades continuaram vindo à tona nos anos de 1850 – e também nos anos de 1860 (especialmente sobre o viver saudável), nos anos de 1870 (missões estrangeiras e educação), nos anos de

1880 (mais profunda compreensão da justificação pela fé), e nos anos de 1890 (mais plena compreensão da pessoa de Cristo). De fato, a compreensão adventista da Bíblia avançou consideravelmente após 1900 também, e especialmente nas décadas de 1950, 1960 e 1970.

Mas retornemos à década de 1850. É digno de nota examinar uma crença particular que se desenvolveu durante essa década e que deveria tornar-se característica do movimento adventista. Trata-se da doutrina do “juízo investigativo”.

Quando indagado hoje – “que nova obra Jesus iniciou em 1844?”, um adventista automaticamente responde: “O juízo investigativo.” Surpreendentemente, quando o amigo de Hirã Edson registrou por escrito sua grande nova compreensão quanto ao Dia da Expição no *Day-Star Extra* – a publicação que Ellen Harmon sentiu-se “plenamente autorizada pelo Senhor a recomendar a todo santo” – ele não expressou qualquer palavra sobre o juízo investigativo! Sua ênfase, em vez disso, era sobre a obra de Cristo em purificar os pecados no santuário e sobre a purificação do povo.

Isso provavelmente foi providencial. O propósito básico do antigo Dia da Expição era realmente a eliminação dos pecados no santuário e a purificação do povo. O Senhor (mediante Moisés) disse ao povo que o sumo sacerdote entrou no lugar santíssimo para fazer “expição pelo santuário” e “expição por vós, para purificar-vos: e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor”. Levítico 16: 33 e 30.

Mas o dia da expiação era *também* um dia de juízo. Esperava-se que os israelitas “afligissem suas almas” nesse dia. Isto é, requeria-se que eles examinassem seu coração profundamente para ver se estavam realmente arrependidos pelos pecados que haviam confessado dia a dia durante o ano anterior. Qualquer israelita que recuasse fazê-lo devia ser investigado pelos anciãos e expulso da congregação. Levítico 23:29. Mas o Dia da Expição não era fundamentalmente *um dia de juízo*.

Era, antes de tudo, *um dia íntima comunhão com Deus e de purificação final do pecado*. Apóstatas eram “desassociados” nesse dia, não tanto por ser um dia de juízo, mas por ser um dia de *suprema oportunidade espiritual e eles não se importaram*.

Os mileritas associaram o juízo com a purificação do santuário não porque encontrassem juízo no Dia da Expição de Levítico 16, mas porque os 2300 dias de Daniel 8:14 têm paralelo com a cena do juízo de Daniel 7:9-14, um evento que eles interpretavam erroneamente como a segunda vinda. Este é o motivo de pregarem a mensagem do primeiro anjo: “É chegada a hora do Seu juízo.” Quando Jesus deixou de vir em 22 de outubro de 1844, alguns mileritas entenderam que Ele havia iniciado um breve período de julgamento no Céu, ao final do qual desceria à Terra. Mas como não apareceu, desistiram da idéia.

Durante a década iniciada em 1850, contudo J.N Loughbourng e Urias Smith que foram ganhos para o sábado em 1852 tiveram a atenção dirigida para o aspecto de juízo do dia da Expição.³. Em 1857, dois anos após a mudança da Review and Herald de Rochester, Nova York, para Battle Creek, Michigan, Tiago White empregou o termo “juízo investigativo”.

É bastante óbvio que a mensagem do primeiro anjo (“é chegada a hora do Seu juízo”) precede a mensagens do segundo e terceiro anjos, então a hora do Juízo de Deus deve ocorrer antes do fim do mundo a fim de dar tempo para que segunda e terceiras mensagens sejam pregadas após o juízo ter início.

O juízo do dia da Expição no antigo Israel dizia somente ao povo de Deus. Eram os filhos de Israel que haviam confessados seus pecados durante o ano. Eram eles os filhos de Israel que haviam confessados seus pecados durante o ano. Eram deles os pecados que então deveriam ser purificados. E eram eles, não os gentios que estavam sendo sujeito a ser “eliminados”.

Jesus referiu-Se a esse julgamento especial dos crentes em Suas parábolas. Ele falou sobre pescadores que apanham todos os tipos de peixes (convertidos) em suas redes (a igreja) e então se assentam (no juízo) para conservar os bons e lançar fora os maus. Ver Mateus 13:47-50. Ele falou de um rei que convidou todos para uma festa nupcial e então, poucos antes da refeição, inspecionou os convidados para aqueles que haviam aceitado os convites haviam também vestido a veste nupcial fornecida. Quando encontrou um homem sem a veste provida por julgar que suas próprias

vestimentas eram suficientes boas, expulsou-o da festa. Ver Mateus 22:1-14.

Jesus também falou de um homem que devia seu empregador dez mil talentos. Quando o empregador rogou por misericórdia foi perdoado plenamente. Mas quando saiu e maltratou um companheiro que lhe devia cem denários, o empregador mandou que lançassem na prisão.”Assim também”, concluiu Jesus “Meu Pai celeste vos fará, se no íntimo não perdoardes cada um seu irmão” S. Mateus 18:23-35.

Quando em 1844 Jesus saiu das nuvens do Céu (Daniel 7) para iniciar este juízo que antecede o segundo advento, Ele iniciou uma investigação no registro dos santos para ver se aqueles que haviam aceito o Seu convite para a salvação haviam também vestidos as vestes de Sua justiça; para ver se aqueles cujo pecados de dez mil talentos foram perdoados quando de sua conversão, daí em diante perdoaram outras pessoas que lhe deviam cem denários.

Uma doutrina tão importante como esta tem continuamente despertando a atenção dos adventistas do sétimo ao longo dos anos desde sua descoberta. Ellen G. White escreveu a respeito freqüente e claramente. Ela disse, por exemplo, que o ministério final de Cristo no santuário celestial é na verdade, um tempo de julgamento em que cada nome escrito no livro da vida do Cordeiro é considerado, um de cada vez, e então alguns nomes são retidos e outros nomes eliminados. Ver Apocalipse 3:5; 21-27; 22:19.

Agora Daniel 7 declara que esse juízo se assenta para dar o “reino e o domínio da majestade dos reinos debaixo de todo céu”ao” povo dos santos do Altíssimo”. Seu grande clímax, portanto diferentemente do de muitos tribunais terrestres, não é tanto a condenação dos acusados, mas a justificação dos redimidos.

Porque Deus realmente deseja honrar Seu povo nesse julgamento, Ele traz em evidência o livro memorial (Malaquias 3:16) onde “toda ação de justiça” cometida por seu povo, “toda tentação resistida, todo mal vencido, toda palavra de terna compaixão que se proferir acham-se fielmente historiados” bem como todo sacrifício e sofrimento suportados por amor de Cristo.⁴

Deus logicamente conhece o veredicto antecipadamente. Ele conduz o julgamento na presença de inumeráveis anjos (Daniel 7:10) a fim de eles possam conhece-lo também. Ele deseja que todo habitante da terra não caído do Universo inteiro se orgulhe de Seus santos terrestres mais zelosos, que bem logo compartilharão o gozo da eternidade na companhia deles. O julgamento, disse Ellen White em 1898, é “realizado na presença de outros mundos a fim de que o amor, a integridade, o serviço do homem para com Deus possam ser honrados no mais elevado grau”⁵

Maravilhai-vos, ó Céus! Exultai, ó Terra!

“Eles serão para mim particular tesouro naquele dia em que preparei, diz o Senhor do Exércitos “Malaquias 3:17

Em sua avaliação do caráter de Deus não comete erros. Observe as palavras de Ellen White”Quão solene é esta consideração! Dia após dia, nossos atos e palavras e mesmos nossos intuitos mais secretos, tudo tem seu peso ao decidir-se nosso destino para a felicidade ou para a desdita.”⁶ Aqueles “crentes” que não cresceram em graça não terão permissão para ingressar na cidade santa.

Mas quando Cristo vê que um dia Seus filhos se apegou fielmente a Ele até o fim, triunfalmente reclama justificação plena e completa em favor desta pessoa. Desde tempo glorioso quando os pecados dos justos forem finalmente eliminados, de maneira completa e definitiva, Ellen G. White escreveu com grande emoção “Cristo revistirá seus fiéis com Sua própria justiça... assim se realizará o cumprimento total da promessa do novo concerto: ‘Perdoarei as suas iniquidades e seus pecados jamais Me lembrarei.’ ‘Naqueles dias, e naquele tempo, diz o Senhor, buscar-se-á a iniquidade de Israel, e *já não haverá.*’ Jeremias 31:34; 50:20.”⁷

Parece incompreensível: “Dos seus pecados jamais Me lembrarei.” Pode o Deus infinito esquecer-Se de alguma coisa? Acaso o passado, presente e futuro não são a mesma coisa para Sua onisciência?⁸

Mas a Bíblia não diz que Deus não pode lembrar-Se mais de seus pecados. Diz que Deus não Se lembrará mais deles.

Quanta revelação isso traz sobre o Pai celestial! Com que ansiedade

não deve Ele ter antecipado esse momento de eliminação dos pecados! Desde que a rebelião começou, quão profundamente não deve ter anelado livrar o Universo e Seu povo do pecado, ter feito isso de uma vez por todas! Ao encerrar os casos de Seu povo em seu favor, não mais Se lembrará de seus pecados – porque *não possa* fazê-lo, mas porque enfática e amoravelmente *não quer*.

Quando seus pecados forem eliminados, os santos não *alegarão* estar isentos de pecado. Eles não precisam. Reivindicavam a isenção de pecado de Cristo e a isso se apegam.

A lembrança de que estão destituídos de glória de Deus, e sua consciência de que são totalmente dependentes de Jesus para segurança e apoio, é suficiente para impedir qualquer alegação de justiça própria. Contudo, quando o tempo de graça termina e o tempo de angústia de Jacó ocorre, conquanto os santos tenham “uma profunda intuição de sua indignidade, não possuem falta oculta para revelar”.⁹

Seus pecados confessados são eliminados e não deixaram nenhum sem confessar. Seus pecados foram “examinados... no juízo”¹⁰. Foram levados “fora para a terra do esquecimento”.¹¹ Seus pecados foram... extinguidos.”¹² E os arautos do Céu anunciam com alegria: “Estais purificados de todos os pecados perante o Senhor.”

Mas podem os pecados ser eliminados meramente dos livros de registro do Céu? Suponha-se que após seus pecados terem sido eliminados, os santos cometessem novas faltas – o que teria a “eliminação” representado?

Deus pode eliminar ops pecados daqueles que morrem na fé simplesmente com base em seus registros. Eles estão mortos e não podem pecar novamente. Mas não seá vitalmente diferente para aqueles que estão *vivos* quando seus nomes forem chamados a juízo? Podem seus pecados ser apagados no Céu a menos que estejam completamente vencidos na Terra? A “eliminação dos pecados” deve ser realizada no coração dos santos vivos antes de poder realizar-se nos livros de registro.

Ellen White escreveu com muita seriedade sobre isso em *O Grande Conflito*: “Agora, enquanto nosso grande Sumo Sacerdote está a fazer

expição por nós, devemos procurar tornar-nos perfeitos em Cristo. Nem mesmo por um pensamento poderia nosso Salvador ser levado a ceder ao poder da tentação. ... Não havia nEle pecado que Satanás pudesse usar para a sua vantagem. Esta é a condição em que devem encontrar-se os que substituirão no tempo de angústia.”¹³

No mesmo ano em que essas linhas apareceram, Ellen White pregou um sermão¹⁴ num sábado de tarde na grande Assembléia Geral de 1888, realizada em Mirandópolis, na qual ela lembrou à sua grande audiência que “agora Cristo está no santuário celestial”. A seguir perguntou: “O que está Ele fazendo?”

– Fazendo expiação por nós – seguiu-se a resposta. – Purificando o santuário dos pecados do povo.

Que fazer então? “Então, devemos entrar pela fé no santuário com Ele e começar a obra no santuário de nossa alma. Devemos purificar-nos de toda contaminação. Devemos ‘purificar-nos de toda impureza da carne e do espírito, aperfeiçoando-nos em santidade no temos de Deus’.”

Precisamos fazê-lo? Temos que purificar-nos de toda contaminação? Isso consta na Bíblia?

Sem dúvida! Ela citou II Coríntios 7:1. E S. Tiago 4:8 acrescenta: “Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração.”

Referindo-se à multidão vestida de branco no Céu, apocalipse 7:14 descreve-os não como aqueles cujas vestes Cristo lavou, mas como os que “lavaram suas vestiduras, e as alvejaram”. Onde as lavaram? No sangue do Cordeiro, logicamente. Não há outra fonte de justiça. Mas eles trouxeram suas vestiduras ao sangue; Jesus não realizou a lavagem para eles enquanto dormiam. Ellen White, escrevendo em 1882, claramente estabelece que muitos “desejam ter a justiça revestida sobre eles como uma peça de roupa. Mas a multidão de remidos vestidos de branco compõe-se daqueles que lavaram suas vestes, e as tornaram brancas no sangue do Cordeio. Cristo apresentou o assunto tal como ele é: ‘Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois Eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão’.”¹⁵

Tudo gira em torno da nossa relação com Cristo, nossa inteira submissão a vontade e obra do Salvador. Enquanto nosso Sumo Sacerdote está empenhado em sua expiação final, nós, como os israelitas do passado devemos zelosamente afligir nossa alma, nossa orgulhosa alma auto-suficiente; pois se não o fizermos, nós, à semelhança deles, seremos eliminados – não porque pecamos (o propósito mesmo da expiação é perdoar pecados), mas porque Jesus empenhou-Se numa obra muito especial de graça, e nós não nos interessamos.

Graças a Deus, a graça de Cristo é um maravilhoso detergente. Se nos submetemos a ela, podemos ser feitos eternamente perfumados e limpos. “Ele é como o fogo do ourives e como a potassa dos lavandeiros”, declara Malaquias 3:2 e a seguir, falando sobre a obra que Jesus está realizando agora no santuário celestial, Malaquias acrescenta no verso seguinte: “Purificará os filhos de Levi.”

Ele purificará os filhos de Levi! No antigo Israel os sacerdotes eram filhos de Levi. Sendo que todos os crentes em Cristo são agora chamados sacerdotes (I S. Pedro 2:9; Apocalipse 1:6), esta promessa de purificar “os filhos de Levi” é também uma promessa de purificar todo cristão que se prevalece da oportunidade. A purificação do santuário, portanto, envolve a purificação do povo que olha para o santuário. A eliminação dos pecados não diz respeito somente à prestação de contas, mas também a atitudes; não meramente à quantidade de pecados confessados, mas a qualidade de vidas mudadas, igualmente.

É aqui que entra a verdade do sábado. O sábado requer a mesma santidade exigida para a “eliminação dos pecados” na experiência diária de uma pessoa. “A fim de santificar o sábado, os homens precisam ser eles próprios santos. ...Quando foi dado a Israel o mandamento: ‘Lembra-te do dia do sábado para santificar’, o Senhor lhes disse também: ‘Ser-Me-ei homens consagrados’.”¹⁶ Ver Êxodo 20:8; 22:31.

Mas “santidade não é arrebatamento: é inteira entrega da vontade a Deus; é viver por toda a palavra que sai da boca de Deus; ... é confiar em Deus na provação...; é andar pela fé... descansando em Seu amor”.¹⁷

Para santificar o sábado num sentido final, a pessoa viverá por um dia inteiro em completa submissão ao poder e santidade de Cristo –

vivendo pela Palavra, andando pela fé, descansando em Amor. Quem pode fazer isso todo dia de sábado a menos que pratique cada dia durante toda a semana? Assim, a verdadeira observância do sábado e a “eliminação dos pecados” são a mesma coisa.

Mas o sábado não requer somente santidade, também aponta À única possível fonte de santidade. “Também lhes dei os Meus sábados para servirem de sinal entre Mim e eles, para que soubessem que Eu sou o Senhor que os santifica.” Ezequiel 20:12.

Ao estar Cristo ao lado dos Dez Mandamentos no lugar santíssimo eliminando os pecados no Céu, Ele por Sua graça dirige preciosa luz sobre o mundo para ajudar homens e mulheres, meninos e meninas, a alcançarem o padrão de dedicada e bem-informada vitória que os capacitará a permanecer em pé no tempo de angústia após Jesus deixar o santuário celestial. “Do santo dos santos”, escreveu Ellen White em 1887, “desenvolve-se a grande obra de instrução”.¹⁸ Aceitar, crer, cooperar, com essa instrução, seja qual for o preço, é parte do que envolvido em trazer a vida a Cristo para ser lavada, ter seus pecados “eliminados” num sentido experimental. “Deve haver uma purificação das almas aqui na Terra em harmonia com a purificação do santuário no Céu.”¹⁹

A instrução sobre o *santuário* nos informa o que Jesus, o Cordeiro de Calvário, está fazendo agora, e que estamos vivendo num momento peculiarmente crucial da história humana.

O *Sábado* e o *santuário* juntos nos lembram que ao Jesus no lugar santíssimo remover os pecados dos registros, Ele também busca num sentido único remover os pecados da vida das pessoas.

A mensagem do *selamento* assinala o momento culminante quando, mediante uma dissolúvel relação com Jesus e uma inteligente compreensão do sábado e do santuário, o povo de Deus será alicerçado na verdade, tanto intelectual como espiritualmente, de modo a não ser abalado.

A doutrina do sono dos mortos resguarda contra a suposição de que as pessoas vão para o Céu ou para o inferno quando morrem – uma crença que torna sem sentido o dia do juízo. Por que haveria Deus de julgar uma pessoa após já tê-la remetido ao Céu ou ao inferno?

Dentro desse contexto global, o *espírito de profecia* manifestado mediante Ellen G. White é visto como uma série de mensagens enviadas pelo grande Sumo Sacerdote, amoravelmente guiando Seus seguidores à genuína santidade de caráter semelhante ao de Cristo que Ele tanto deseja ver manifestado.

Juntos, esses conceitos todos constituem uma grande obra de reconciliação em que Jesus busca ligar Seu povo numa final e eterna cadeia de unidade com Ele próprio.

Escreveu Tiago White em 1868: “Os adventistas do sétimo dia demoram-se neste assunto [de Cristo no santuário] com grande deleite... Abordam-no... em seus sermões e livros, e acham para ele um lugar em seus gráficos e símbolos de profecia... É o grande centro em torno do qual se centraliza toda a verdade revelada relativa à salvação, e contribui mais para definir sua posição presente do que qualquer outro.”²⁰

Embora a grande verdade de Jesus e o juízo investigativo primeiramente aparecessem com clareza na década iniciada em 1850, o movimento estava crescendo em rápida escala, e a necessidade de uma organização central, temida por muitos, era fortemente sugerida por outros. Agora passaremos de questões doutrinárias para o crescimento e organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia através dos anos.

17. Necessidade de “Ordem Evangélica”

“Devo dizer, queridos irmãos, que espero que decidamos quanto ao nome que devemos ter; como desejamos ser chamados. Encontro-me freqüentemente com amigos que me perguntam qual é o nome do nosso povo; e é uma situação bem embaraçosa não ser capaz de indicar nenhum. Damos nomes aos nossos filhos quando eles atingem poucas semanas ou meses de idade. Quando começamos a trabalhar nessa obra, quando a causa era nova e os indivíduos que a haviam abraçado eram poucos, não víamos nenhuma necessidade de dar tal passo. Parece-me agora que a criança cresceu tanto que é muito esquisito não ter nenhum nome para ela.”¹

Assim falou o Pastor Tiago White no domingo de manhã, dia 30 de setembro de 1860, a uma das mais significativas assembléias na história adventista do sétimo dia. Dezesseis anos após o surgimento do movimento do sábado e santuário, finalmente estava-se tratando da questão de votar um nome para ele.

A Assembléia em questão havia começado a reunir-se na noite anterior, imediatamente após o encerramento do sábado, e prosseguiu até que seus trabalhos fossem concluídos na segunda-feira à tarde. Os delegados reuniram-se na segunda igreja adventista de Battle Creek. A primeira, edificada somente cinco anos antes, havia-se revelado muito pequena. Esta tinha capacidade para 300 pessoas e era naquelas circunstâncias grande demais para a congregação local. Mas os ativos adventistas de Battle Creek haviam idealizado que ela seria um centro para grandes assembléias adventistas. Mesmo assim, eles mal sonhavam que uma terceira igreja logo se faria necessária, ou que uma quarta abrigaria congregações de quase quatro mil.

Muitos dos primeiros adventistas do sétimo dia opunham-se à organização denominacional. Isto não era incomum naqueles dias. Os protestantes americanos ainda debatiam vigorosamente se o Espírito Santo operava melhor mediante organizações independentes ou mediante denominações unidas por presbitérios, associações ou assembléias gerais. Os metodistas e presbiterianos criam em vasta cooperação denominacional, mas os batistas e congregacionais argumentavam com igual vigor pela autonomia das congregações locais.

Na década de 1850 Tiago e Ellen White e outros instavam por uma forma presbiteriana de organização denominacional, mas nem todos os seus irmãos a princípio concordavam com eles. Em particular, o estabelecimento de uma nova denominação era temido por muitos que outrora haviam sido mileritas. Haviam pertencido a denominações protestantes oficiais da época e, de fato, contavam-se entre seus mais dedicados membros. Mas as igrejas que amavam haviam-se voltado contra eles, ridicularizaram sua esperança no advento e os expulsaram de suas fileiras.

Em sua perplexidade, os mileritas haviam procurado uma explicação na Escritura, e a haviam descoberto em Apocalipse 14:6-8. Subseqüentemente à mensagem do primeiro anjo sobre a hora do juízo, que eles estavam proclamando, notaram a mensagem do segundo anjo: “Caiu, caiu a grande Babilônia.” Eles ligaram isso ao apelo de Cristo em Apocalipse 18:1-4: “Retirai-vos dela [de Babilônia], povo Meu”, e com outras passagens em outras partes de Daniel e Apocalipse. A conclusão parecia inevitável.

As igrejas que os haviam tratado tão cruelmente tinham rejeitado uma verdade decisiva, e assim se haviam tornado igrejas “caídas” tão certamente como “Babilônia” (ou “prostituta”), a igreja mãe, caída, da qual haviam se separado durante e após a reforma. Eles estavam sinceramente temerosos de que, se estabelecessem outra organização religiosa, igualmente haveriam de rejeitar novas verdades bíblicas, com o tempo, e perseguir os verdadeiros filhos de Deus. Considerando que haviam saído de Babilônia tão recentemente, é compreensível que não tivessem qualquer desejo de achar-se de repente numa nova “Babilônia”.

Mas o que torna um grupo de cristãos uma “Babilônia”?

O erro, logicamente. Alguma coisa mais teria caracterizado as igrejas que os expulsaram?

No principal periódico milerita, *The Midnight Cry* [O Clamor da Meia-Noite] de 15 de fevereiro de 1844, Jorge Storrs advertira os crentes que estavam então sendo expulsos de suas igrejas: “Tomem cuidado para não procurarem criar outra igreja. Nenhuma igreja pode ser organizada por invenção de homem sem tornar-se Babilônia no momento em que for organizada.” Desse modo, organização era objeto de temor para muitos e tida como uma marca distintiva de Babilônia.

Os mileritas haviam sido excomungados porque suas crenças adventistas eram consideradas contrárias aos credos de suas denominações. Portanto, muitos adventistas julgavam dever evitar os credos ou tornar-se outra Babilônia.

E um dia, Roswell F. Cottrell, firme converso de fundamento huguenote, que havia anteriormente sido um batista do sétimo dia (e como tal um “congregacionalista” bem estrito), ao reexaminar Gênesis 11 sobre o relato de como a cidade original de Babilônia fora fundada, deu com as palavras dos edificadores: “Vinde, edifiquemos para nós uma cidade, e uma torre cujo topo chegue até aos céus, e tornemos célebre o nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda Terra.”

Tornemos célebre o nosso nome! Em 22 de março de 1860, o Pastor Cottrell escreveu na *Riview* que em sua opinião seria errado acatar um nome denominacional uma vez que tal prática jazia “nos fundamentos de Babilônia”.

Estranhos como tais argumentos sobre organização, credo e nome possam soar hoje, eles na verdade trazem um sinal de advertência. A prostituta que é chamada Babilônia em Apocalipse realmente representa uma igreja um grupo de igrejas. E uma igreja é um corpo organizado de cristãos que mantêm um conjunto de crenças características, ou um credo. Além disso, é precisamente porque a igreja se apegue a certas crenças que ela tende a chamar outras crenças de heresia. E é por uma igreja estar unificada mediante estrutura organizacional que desenvolve uma tendência para perseguir. Quando refletimos sobre o sofrimento e tensão que os mileritas sofreram quando afastados das igrejas que amavam, podemos

melhor compreender sua hesitação. Organização, credos e nomes podem ser prejudiciais.

É verdade, logicamente, que a ausência de tais coisas pode ser prejudicial.

Nem todos os adventistas observadores do sábado opunham-se à organização. Tiago White não o fazia. Já em 1850 ele expressou esperança² de que a igreja logo estaria unida e avançaria em ordem evangélica. Ele pregou sobre ordem evangélica na Assembléia de Oswego em 1851, e em 1853 publicou uma série sobre o tema na *Riview*. Ele utilizou o termo “ordem evangélica” para transmitir sua convicção de que a moderna organização eclesiástica deveria seguir a orientação e modelos encontrados no Novo Testamento.

O jovem J. N. Loughborougth e o idoso José Bates vigorosamente secundaram seus esforços. Mas as pessoas mais conservadoras recuaram. E assim, sem nome, sem organização ou credo, os observadores do sábado referiam-se a si com bastante precisão como “o pequeno rebanho”, “os santos”, ou “os amigos” e seguiam em frente.

A despeito do temor de se unirem através de uma organização e um credo, esses pioneiros adventistas consideravam-se com convicção membros da verdadeira igreja. E mantinham-se juntos em real unidade por uma variedade de fatores.

Um fator óbvio que os mantinham unidos, principalmente nos primeiros de 1845 a 1850, era sua experiência comum. Quase todos eles eram ex-mileritas que haviam atravessado o desapontamento de 1844. Outros fatores de unidade incluíam suas numerosas assembléias, a dinâmica liderança de José Bates e dos jovens White, as visões de Ellen, e, mais especialmente, suas doutrinas características.

Por causa da “verdade presente”, que tanto significava para eles, escreviam artigos e tratados para divulgá-la e eram, por seu turno, atraídos por essas publicações. Durante um tempo tiveram permissão para usar o *Day-Star*, editado por Enoque Jacobs em Cincinnati. Quando Jacobs tornou-se ligado a um grupo extremista, empregaram o *Day-Dawn* de Crosier por um curto período. Mas em 1849 iniciaram um periódico

próprio, o *Present Truth*, logo substituído pela *Review and Herald*. Os crentes remetiam cartas e artigos a Tiago White e ficavam animados ao lerem sobre a fé e experiência de outros crentes, publicadas agora em seu próprio periódico.

Isto constituía um fator de unidade entre eles enquanto somavam somente umas poucas centenas e não possuíam qualquer instituição, mas na década de 1850 adquiriram uma publicadora e o número deles expandiu de cerca de 200 para talvez 3000 numa média anual de quase trinta por cento ao ano, aproximadamente seis vezes a porcentagem média do que se ganhou na década de 1970. Na verdade, parecem ter explodido para talvez 2000 dentro dos primeiros dois anos da década,³ numa média de mais de 200 por cento ao ano que, compreensivelmente, diminui e reduziu-se de forma lamentável devido à apostasia e divisões.

Com esse crescimento numérico ocorreu a expansão geográfica para Michigan e Illinois, Wisconsin e Canadá, tanto a leste como a oeste, e daí, num grande salto, para a Califórnia. Inevitavelmente, desenvolveram-se condições que requeriam elementos adicionais e mais sofisticados de organização. Além disso, muitas pessoas uniram-se ao movimento sem ter sido mileritas e sem ter sido expulsas de suas igrejas e que, portanto, não tinham tanto temor de organização.

Em novembro de 1851 foi enviado um relatório à *Review*, do berço do adventismo observador do sábado, Washington, New Hampshire, declarando que “foi escolhida uma comissão de sete (ver Atos 6) para atender às necessidades dos pobres”.⁴ Os crentes de Washington não permitiram que seu temor de organização interisse no seu dever cristão para com os menos privilegiados. Ao mesmo tempo, evitaram chamar os sete homens de “diáconos”. Afinal de contas, Atos 6 não emprega o termo “diácono”! Seja como for, logo depois começaram a surgir relatórios sobre a ordenação de homens expressamente como diáconos, tais como em Fairhaven, terra natal de José Bates.

Mais significativo do que a ordenação de diáconos é a ordenação de ministros. Com o explosivo aumento de membros ocorreu um correspondente aumento de irmãos pregadores – ou irmãos conferencistas, ou irmãos itinerantes, ou mensageiros, ou missionários ou tivessem a

designação que fosse. Mais de quarenta e cinco são mencionados na *Review* em 1852 e 1853, mais de dois para cada cem membros. Desde que não havia um organismo para “chama-los”, eram todos voluntários, muitos dos quais, à semelhança de Hirá Edson, pregando durante o inverno para que pudessem trabalhar pela subsistência no tempo mais quente. Muito do esforço espiritual deles era gasto não com os fiéis, mas com observadores do domingo aos quais os observadores do sábado interessaram na mensagem do terceiro anjo. Eles viajavam do Maine e Wisconsin, respondendo a apelos publicados na *Review*, por leigos ativos ou isolados em lugares remotos. Passavam um fim de semana num lugar, de outras vezes, uma semana ou duas, realizavam um batismo de três ou quatro pessoas num rio ou lago, e seguiam adiante para outro compromisso.

Alguns desses homens haviam sido ordenados ao ministério pelas igrejas às quais haviam antes pertencido – Frederico Wheeler, por exemplo, José Baker, M. E. Cornell, João Byington e Tiago White. Outros, talvez a maioria, eram dedicados leigos – J. P. Kellog, Otis Nichols, H. S. Gurney, Stockbridge Howland e muitos mais. Poucos, mesmo dos ordenados, eram formalmente instruídos e nem todos permaneciam por muito tempo em seus esforços. O jovial E. L. H. Chamberlain revelou-se mais relações públicas do que mensageiro, e após experimentar seu talento por um período, retirou-se, por sugestão de Ellen G. White, para sua ocupação anterior.

Entendia-se geralmente que ninguém podia “celebrar as ordenanças da casa do Senhor”, isto é, dirigir a Ceia do Senhor e realizar batismo por imersão,⁵ sem primeiro ser ordenado. Isso, logicamente era uma séria desvantagem para expandir rapidamente o interesse entre vizinhos e amigos.

A primeira ordenação conhecida de um ministro pelos adventistas observadores do sábado, ocasião um tanto informal, segundo padrões posteriores, ocorreu em East Bethel, Vermont, no verão de 1851. A irmã F. M. Shimper posteriormente relatou à *Review* ⁶ que o irmão Washington Morse havia sido “separado” pela imposição das mãos para a administração das ordenanças da casa de Deus. Aparentemente, essa ordenação foi realizada por Jorge Holt que havia sido ministro ordenado em sua denominação anterior.

Uma ordenação muito mais informal⁷ teve lugar na segunda-feira, 5 de setembro, dois anos depois, no que foi conhecido como a “Assembléia de Potsdam” por ter-se realizado em Bucks Bridge, que fica no Distrito de Potsdam do condado de Saint Lawrence, Nova Iorque. João Byington preparou um abrigo sombreado em frente de sua casa para acomodar 300 pessoas para a reunião do “Primeiro-dia” (Domingo) à qual o público foi convidado. Ele e a Sra. Byington sentiram-se recompensados por seus esforços quando oitenta crentes compareceram no sábado, incluindo duas irmãs que vieram de mais de cem quilômetros de distância em carruagem privada, e mais tarde confessaram-se bem alimentadas pela festa espiritual. Tiago e Ellen White vieram de Rochester; mas como o Pastor White estava um tanto enfermo, ele permitiu ao brilhante jovem João Andrews realizar a maior parte da pregação. Domingo à noite realizaram um culto a três quilômetros de distância, em Grass River, na Igreja Wesleyana de Morley, onde os bons seguidores de Wesley se reuniram em grande número para ouvir boa pregação sem conservar qualquer mágoa contra João Byington por tê-los deixado um ano antes para unir-se aos adventistas.

Mas o auge ocorreu na segunda-feira de manhã, provavelmente no lar de Byington. “Foram feitas observações com respeito à importância da ordem eclesiástica”, provavelmente por Tiago White, que devia certamente estar então sentido-se melhor. Um “claro testemunho” surgiu, presumivelmente de Ellen White. Lágrimas de arrependimento e comunhão foram vertidas. E foi considerada a questão da ordenação de um dedicado leigo obreiro em seus vinte e poucos anos, Horácio W. Lawrence, de West Bangor, Nova Iorque. O irmão Lawrence havia sido batizado em 1842 na “Igreja Cristã”, uniram-se aos mileritas em 1843, passara pelo desapontamento de 1844, fora licenciado pelos adventistas observadores do domingo como exortador, sendo rebatizado por José Bates no grupo observador do sábado, provando-se uma testemunha leiga muito eficiente que chegou a ajudar a ganhar João Byington e sua esposa para o sábado, o que era uma grande conquista. Além disso, poucas semanas antes, levado pelo zelo e um senso de necessidade, ele havia celebrado um batismo e a Ceia do Senhor para alguns crentes isolados *sem* ser ordenado.

Aqueles que o conheciam melhor julgaram ser tempo para “impor as mãos” sobre ele. Os outros concordaram. E assim, o Pastor White escreveu

depois que “pareceu bem ao Espírito Santo e a nós’ separar pela imposição das mãos nosso querido irmão Lawrence para o trabalho do ministério evangélico, para administrar as ordenanças da igreja de Cristo. A igreja, acrescentou White, ‘foi de um só parecer nessa questão’.”

Incidentalmente, ao se ajoelharem os irmãos dirigentes para a oração de ordenação – João Byington e H. G. Buck, ministros recentemente convertidos do Wesleyanismo, Tiago White, ordenado na Conexão Cristã, e João Andrews – ninguém na audiência previa que três deles se tornariam os primeiros três presidentes da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

Naquele tempo não havia Associação Geral. Nem mesmo havia uma Igreja Adventista do Sétimo Dia, falando-se estritamente.

Em adição ao clamor por aumento de obreiros para o movimento em expansão, outra situação crítica que também requeria pelo menos uma semelhança de organização era a constante necessidade de tratar com apóstatas e causadores de confusão.

Rotineiramente Tiago White ou algum outro reconhecido líder tratava desses problemas ao realizar suas visitas periódicas às congregações onde viviam as pessoas perturbadoras. As dificuldades eram candidamente debatidas, com oração, e um voto aberto era tomado. Logo após a *Review* podia trazer o relato de que “os irmãos” em tal e tal lugar “sentiram-se chamados para retirar a comunhão de alguém que havia caído e ensinava erros perigosos”, ou que em outro lugar “pairava um sombrio estado de coisas em vista da ingluênci negativa de alguém (um professor educador) de quem tivemos que retirar nossa comunhão”.⁸

Logo após terem aparecido tais relatórios, uma confissão como esta poderia ser impressa da parte da pessoa cuja pecaminosa conduta havia sido enfrentada: “Posso agora livremente dizer, que ...[o que eu fiz] estava *errado*. Também vejo agora que foi meu privilégio, bem como dever, ter-me submetido à voz da igreja”; ou da seguinte forma: “Gostaria de dizer que me sinto muito grato pelo bondoso espírito que demonstrastes à minha indigna pessoa, após ter ofendido o Espírito de Deus e trazido reproche e uma ferida a Sua causa sofredora. ... Confesso que sou culpado desses erros. ... Lamento as provas que trouxe sobre Seus povo.”

E com tais confissões, observações como a seguinte poderiam aparecer, por seu turno, da parte dos dirigentes: “Nós, portanto, esperamos que o irmão ... e a irmã ... sejam restaurados à confiança de seus irmãos como se o julgamento mencionado não tivesse existido.”⁹

Para ajudar a manter o movimento puro, em outras ocasiões o Senhor intervinha diretamente. Volvamos ao princípio do outono de 1852. Em setembro a *Review* mudou-se para a grande casa na Avenida Mount Hope em Rochester. João Loughborough, que havia sido um rapazinho pregador entre os adventistas observadores do domingo e que agora havia atingido os vinte anos, veio ao salão de culto naquela residência para ouvir João Andres (de vinte e três anos de idade) pregar sobre a questão do sábado, e ficou convencido. Os White retornaram de uma viagem ao Maine na primeira sexta-feira de outubro. No dia seguinte, durante o culto, Loughborough alegrou todos os presentes com sua pública declaração de que observaria o sábado.

Osvaldo Stowell, que havia aceito o sábado em Paris, Maine, após ler o mesmo exemplar do folheto de T. M. Preble que havia convencido João Andrews, estava enfermo com pleurisia e ouvia a pregação de uma sala anexa.

Os médicos haviam concluído que Osvaldo morreria, mas ele pediu aos crentes que orassem. Ao se ajoelharem ao lado de sua cama, o Pastor White o ungiu. Quando ergueu-se da oração, Osvaldo estava sentado sobre a cama, golpeando seu lado que estivera tão dolorido, e exclamando: “Estou completamente curado! Posso trabalhar na impressora manual amanhã!”

Ellen White permaneceu sobre seus joelhos. Seu esposo observou-a por um momento e declarou: “Ellen está em visão. Ela não respira enquanto está nessa condição. Se qualquer de vós desejar convencer-se disso, sintase em liberdade de examiná-la.”

Ela estava ajoelhada com os olhos abertos, inteligentemente observando objetos que somente ela podia ver. Por uma hora e vinte minutos, pelo tempo em que durou a visão, ninguém pôde detectar qualquer evidência de respiração, mesmo que de vez em quando ela pronunciasse palavras ou sentenças em reação ao que contemplava. Sua face tinha uma

cor natural e os gestos que fazia com as mãos e braços eram graciosos.

Quando a visão terminou, ela olhou para Loughborough, a quem havia encontrado brevemente pela primeira vez na noite anterior, e disse-lhe coisas a seus respeito que ele imaginava ninguém saber.

A seguir ela falou sobre alguém que nunca havia encontrado. Disse que esta pessoa estava viajando longe de casa e testemunhando muito sobre o quarto mandamento, mas quebrando o sétimo. Aconteceu que um dos recentes conversos de Andrews estava em Michigan nesse tempo. Ele sempre havia sido um marido fiel e ninguém supunha que a visão se referisse a ele.

Seis semanas depois, porém, quando esse irmão retornou para casa, Ellen White reconheceu-o num relance, reuniu várias pessoas ao redor como testemunhas, disse-lhe zelosamente o que Deus lhe havia revelado, e concluiu com as palavras de Natã a Davi: “Tu és o homem.”

Prontamente, o novo converso pecador ajoelhou-se perante a esposa, confessou com lágrimas que tudo aquilo era verdade, disse que fora a primeira vez que aquilo tinha ocorrido, e prometeu sinceramente que seria a derradeira.¹⁰

Mas se alguns dos problemas enfrentados pelo “rebanho espalhado” podiam ser resolvidos por publicações semanais, ordenações ocasionais, excomunhões com orações e revelações oportunas, muitos outros não podiam. E assim, conforme Tiago White observara no início desse capítulo, mais cedo ou mais tarde os adventistas seriam levados a dar à criança um nome e organizar-se como igreja.

18. Dando Nome à Criança

Depois de esfregar por horas numa vasilha com água quente e sabão, uma senhora adventista no povoado de Jackson, Michigan, estava estendendo suas roupas, certo dia, quando uma vizinha próxima, que freqüentemente dava vazão a seus sentimentos contra os observadores do sábado, atirou um balde de água por sua janela e salpicou lama sobre as roupas recém-lavadas.

-Sua ... sua feiticeira! – gritou a senhora adventista numa explosão de lágrimas ao iradamente retirar as roupas do varal para uma nova lavagem.

Inevitavelmente espalhou-se a notícia; ou, antes, uma versão do incidente. Naqueles dias de simplicidade, quando o bom nome da igreja era preocupação primária de cada membro, uma reunião para considerar seu caso foi convocada no lar do ferreiro Dan Palmer, o líder adventista local. H. S. Case e C. P. Russell, dois dos numerosos ministros mais ou menos automeados da época, repreenderam a mulher severamente e acusaram-na de empregar determinado palavrão. Mas ela insistiu firmemente em dizer que não havia utilizado tal palavra.

Mentes mais serenas logo sugeriram oração. E enquanto o grupo estava sobre seus joelhos, Ellen White, que estava de passagem com seu marido em viagem para o oeste, recebeu uma visão. A convite do Pastor White, Russell e Case a examinaram cuidadosamente até se convencerem de que sua experiência era autêntica. Quando a visão terminou, a Sra. White anunciou que Deus havia revelado a verdade sobre a mulher em questão e que ela realmente havia feito algo errado. Tendo revelado até esse ponto, contudo, Ellen parecia incapaz de recordar algo mais.

Case e Russell ficaram jubilantes. Declararam enfaticamente terem firme confiança nos dons divinos da irmã White como uma profetisa e exigiram que a pobre mulher confessasse!

Na sexta-feira à noite, durante o culto familiar em outro lar

adventista, a mesma visão foi repetida. No sábado de manhã, durante o sermão na casa de Dan Palmer, a sra. White retornou uma vez mais à situação. A mulher realmente cometeu um erro, ela repetiu – mas o Senhor também revelara, continuou Ellen, que ela não havia empregado a palavra específica que Case e Russell a acusavam de ter proferido. Deus havia mostrado, além disso, que estava profundamente desgostoso com a falta de caridade manifestada pelos dois ministros, e desejava compaixão.

A reação foi impressionante. A mulher desfez-se em lágrimas, confessou o que havia feito e suplicou perdão. Russell e Case, por outro lado, queixaram-se indignadamente sobre a crítica infundada de Ellen White a respeito deles e condenaram suas visões como totalmente indignas de confiança!

Foi desse modo que em junho de 1853 surgiu o primeiro movimento separatista dentre os adventistas observadores do sábado.¹ Os dois homens logo lançaram uma nova publicação com a qual atacaram os White e outros líderes, e por seu título, *Messenger of Truth*, eles e seus seguidores vieram a ser conhecidos como o "Paritdo do *Messenger*".

Naquela ocasião Tiago White estava seriamente enfermo por excesso de trabalho. Parecia tão provável que ele iria morrer que quando em Battle Creek sua primeira casinha foi edificada, ele fez com que a escritura fosse passada em nome da esposa.² O *Messenger* divertiu-se com sua enfermidade, citando-a como evidência final de que Deus iria em breve tirá-lo do caminho.

Quando Tiago leu os comentários descaridosos do *Messenger*, sua fé reviveu, e a exemplo de Wyckiffe no passado, ele sentou-se na cama, e exclamou: "Não morrerei, mas vou viver e declarar as obras do Senhor, e ainda poderei pregar no funeral deles."³

Por dois longos anos ministros fiéis julgaram ser seu dever defender os White e a verdade dos ataques do *Messenger*. Mas após uma visão num sábado à noite em Oswego, Nova Iorque, em junho de 1855, Ellen White os instruiu a não responder mais às acusações, mas a dedicar seu tempo e energia proclamando a "verdade, verdade presente".⁴ Em nome do Senhor, ela prometeu que se o fizessem, os líderes separatistas logo entrariam em conflito uns com os outros, seu periódico se extinguiria e o movimento

desapareceria. ela também prometeu que quando chegasse esse tempo, os adventistas (se seguissem o conselho de Deus) descobririam que suas próprias fileiras haviam dobrado de número.⁵

Por algum tempo pareceu que suas palavras nunca poderiam cumprir-se, pois mais tarde naquele mesmo ano um segundo grupo separou-se, som a liderança de J. M. Stephenson e D. P. Hall.

Sua ênfase era a de que a oportunidade do homem para a salvação continua durante a "era vindoura" (ou seja, durante o milênio), uma crença que lhes inspirou o nome de "Partido da Era Vindoura". Stephenson e Hall haviam sendo ganhos para o sábio quando J. H. Waggoner caminhou oitenta quilômetros especificamente para ensiná-los a respeito. A princípio eles haviam condenado Russell e Case pela "maliciosa... exposição" da doutrina em seu *Messenger of Error* [Mensajeiro do Erro].⁶ Mas depois de algum tempo, Stephenson e Hall descobriram que concordavam com Russell e Case na rejeição da liderança de Tiago White e visões de Ellen White, e assim, uniram-se a eles. O Partido do *Mensajeiro* parecia crescer, em vez de desmoralizar-se. Mas os irmãos obedeceram aos conselhos de Ellen White, e o Partido do *Mensajeiro* (incluindo seus auxiliares da Era Vindoura) dissolveu-se no devido tempo, e em 14 de janeiro de 1858 White noticiou na *Review* que as assinaturas haviam subido em três anos de mil, para duas mil.

O fim do editor do *Messenger* foi sombrio. Encontrando-se sem trabalho, devido a ter ficado sem leitores, ele passou a lecionar a fim de ganhar a vida. "Mas não aprendendo primeiramente a governar-se a si mesmo, fracassou totalmente em dirigir seus alunos." Irado com um estudante mal comportado, apontou-lhe uma arma. Para escapar a um linchamento, teve que fugir para localidade desconhecida.⁷

Outro grupo separado desenvolveu-se ainda, em 1858, o qual, devido a suas práticas, poderia ser designado como "O Partido do Fumar e Mascar". O uso do fumo, embora não ainda uma prova de discipulado, era menosprezado pela maioria dos observadores do sábio. Uns poucos crentes, contudo, na vizinhança de Otsego, Michigan, encontraram um pastor de seu gosto, um tal Gilberto Cranmer, que os animava a manterem tanto o sábio quanto o uso do fumo. Em comum com o povo do

Messenger e da era Vindoura eles publicavam um periódico (The Hope of Israel [Esperança de Israel]) e negavam veementemente a inspiração de Ellen White. À semelhança deles, também, logo desapareceram de cena.⁸

Para evitar retornar aos grupos separatistas por um instante, pode-se acrescentar aqui que em 1865 os remanescentes desses três grupos receberam alguns reforços quando os Pastores B. F. Snook e W. H. Brinkerhoff foram desligados por voto da liderança da Associação de Iowa. Snook e Brinkerhoff desejavam um tipo independente, congregacional, de estrutura denominacional e opunham-se ao Pastor e Sra. White com vigor. Em vista de terem sua sede em Marion, Iowa, eles e seu grupo chegaram a ser conhecidos como "O Grupo de Marion". Brinkerhoff logo voltou à prática da advocacia e Snook tornou-se universalista. O movimento ainda existe como a Igreja de Deus do Sétimo Dia (Denver, Colorado).⁹

Loughborough soube em alguma parte a curiosa, mas não impossível, lenda de que os quatro grupos separatistas imprimiam seus periódicos na mesma pequena imprensa manual. Segundo reza a história, cada grupo sucessivo adquiriu-a de seu predecessor.¹⁰

O corpo principal não impunha qualquer sanção econômica ou legal aos que desejavam sair. Dificilmente poderiam fazê-lo, mesmo que o desejassem. Mas havia algumas implicações administrativas envolvidas, as quais não se podia passar por alto. Os líderes dissidentes desses vários grupos separatistas haviam se tornado bem conhecidos mediante a *Review* durante seus dias de fidelidade, e descreviam-se a si próprios em comunidades distantes como sendo firmes apoiadores do movimento. *Quem estaria lá para provar que não o eram?*

Além disso, em 1854 quando uma grande audiência evangelística superlotava um edifício escola para ouvir João Loughborough pregando, surgiu a pergunta: "Por que não usar uma tenda?" Leigos locais prontamente levantaram o dinheiro, e Merritt Cornell embarcou num trem e retornou com uma em questão de dias. Em breve os crentes de vários Estados reuniram seus recursos para adquirir "tendas estaduais" a fim de serem usadas por pregadores itinerantes em suas áreas respectivas, e tanto a assistência quanto os batismos aumentaram encorajadoramente. Em Wisconsin os ministros dissidentes da Era Vindoura e do *Messenger*

tomaram a tenda estadual para seu próprio uso. *E quem iria dizer que não podiam?*

Havia também outros problemas que requeriam organização central. O único meio de comunicação regular digno de confiança entre os irmãos era a *Review*. Se um ministro sentia-se impressionado a viajar para certa área, ele anunciava sua intenção no periódico da igreja. Quando números subseqüentes saíam, ele tomava emprestados exemplares do crente com quem por acaso estivesse hospedado na ocasião e procurava respostas publicadas de pessoas que viviam na área à qual se dirigia. Essas cartas, se surgiam, diziam-lhe onde seus préstimos eram mais necessários e onde havia a maior probabilidade de êxito.

Por outro lado, se os crentes numa área desejassem a assistência de certo ministro, faziam-no saber mediante a *Review*. A seguinte nota, por exemplo, apareceu na edição de 21 de janeiro de 1858:

"Não poderiam o irmão e a irmã White, ou os irmãos Loughborough e Waggoner, ou algum outro firmar um compromisso para uma reunião em Gilboa [Ohio], e noticiá-lo na *Review*? temos esperado tal oportunidade em cada correspondência pelas últimas seis semanas. Não existirá mais compaixão? T. J. B."

Não sem razão os ministros eram referidos como irmãos "itinerantes". Em barcos e vagões de estrada de ferro, por caminhos poeirentos ou estradas geladas, muitos deles viajavam, freqüentemente à pé, de ida e volta, para cima e para baixo, do Maine a Minnesota, crendo serem conduzidos pelo Espírito Santo. Muitas vezes, o eram sem dúvida alguma. Mas "Deus não é de confusão". I Coríntios 14:33

Ansiosos por concluir a obra, homens aceitavam um chamado urgente após outro, correndo de Estado para Estado sem esperar assegurar-se primeiramente de que seus novos conversos estivessem adequadamente fundamentados, ou se outro ministro, já trabalhando nas proximidades, poderia assistir à necessidade mais eficientemente. Depois, também, junto com os homens que eram verdadeiramente chamados por Deus, havia, como vimos, outros ministros autodesignados, cujos labores eram infrutíferos ou pior. E havia homens inexperientes que requeriam especial conselho para ajudá-los a amadurecerem.

Uma central decisória era requerida onde pudessem ser tomadas decisões para utilização mais eficiente dos obreiros; ou, para utilizar uma boa expressão adventista, para assistir à mais favorável "distribuição de tarefas".

Outro sério problema era o de prover os ministros com um salário. Numa economia essencialmente agrícola a maior parte dos membros tinha pouco dinheiro disponível. Algumas almas altruístas faziam sacrifícios desproporcionais. Sara Harmon certa vez ofereceu os ganhos de cinco semanas, a um dólar por semana, para ajudar a financiar José Bates. Kellogg vendeu uma fazenda, enquanto Edson em várias ocasiões vendeu duas fazendas e um rebanho de ovelhas para ajudar a difundir a mensagem. Mas a maior parte dos membros contentava-se em deixar que os ministros fizessem sacrifícios, e se lhes pagavam algo, tendiam a fazê-lo com produtos agrícolas ou, talvez, com um casaco meio gasto. Muitas vezes nada lhes concediam.

Uma sutil e egoística noção adquiria naqueles dias uma máscara escriturística. Em vista de que Jesus havia contrastado o verdadeiro pastor que dá a vida pelas ovelhas, com o pastor mercenário, ou "pago", que foge quando o lobo aparece, muitos cristãos nas várias denominações justificavam sua falta de generosidade declarando que a igreja não podia ser servida devidamente por um "ministério pago".

A consequência era de que muitos ministros tinham que trabalhar para seu sustento além de pregar e visitar. Alguns dependiam de trabalhos ocasionais conforme conseguissem obtê-los aqui ou ali. Outros cultivavam a terra, viajando curtas distâncias para pregar quando livres e então, presos a suas tarefas, corriam de volta para casa novamente – uma situação que Loughborough comparava desdenhosamente como um cavalo preso ao cabresto.¹¹

Em 1855 João Andrews, ainda nos seus vinte e poucos anos, achou-se tão próximo do esgotamento por trabalhar pela sua subsistência enquanto pregava e escrevia que ficou quase cego, sua voz quase desapareceu e seus queridos prediziam-lhe uma morte prematura. Ele retirou-se para Waukon, Iowa, onde uma comunidade de Adventistas estava preparando ativamente o rico solo da pradaria.

João Loughborough, seu converso e íntimo colaborador, também ficou tão desanimado cerca de um ano depois, que se mudou para a mesma localidade, e para sua própria surpresa tornou-se ele próprio um cavalo preso ao cabresto.

João Loughborough e Maria, sua esposa, merecem nossa simpatia.¹² Eles calcularam o custo antes de entrarem no ministério. Pouco depois de aceitarem o sábado, João sentiu um insistente chamado para pregar. Mas sabia claramente que tempos difíceis os aguardavam, e na época estava se saindo muito bem vendendo trancas para janelas, "Fechaduras Patenteadas Sash". Suas economias importavam em U\$ 35,00, o equivalente – à média salarial para operários (a base de um dólar por dia) – a seis ou sete semanas de salário. Mas, resistindo ao chamado, ele viu suas vendas declinarem vertiginosamente, até que em poucas semanas ficou reduzido a uma única moeda. Caindo sobre os joelhos, dedicou seu futuro à vontade de Deus e ergueu-se em paz.

Pouco depois, quando Maria pediu-lhe dinheiro para comprar um pouco de linha e fósforos, João recomendou-lhe que adquirisse somente um centavo de cada coisa e lhe trouxesse de volta o troco para que não ficasse totalmente sem dinheiro – e apresentou-lhe uma moeda de prata no valor de três centavos. (Tais moedas foram emitidas de 1851 a 1873).

-O que vai fazer, João? – murmurou a pobre jovem.

-Entrar no ministério e confiar no Senhor, – respondeu o marido; ao ouvir isso, a Sra. Loughborough, a exemplo da Sra. Bates, em situação semelhante poucos anos antes, saiu dali para chorar.

Logo João ouviu sua esposa saindo furtivamente da casa. e enquanto ela estava fora, um estranho apareceu, apresentou-se à porta e perguntou se o Sr. Loughborough podia fornecer-lhe um suprimento no montante de oitenta dólares de fechaduras patenteadas Sash.

É claro que podia!

Quando Maria retornou, encontrou o marido cantando. Seu ganho líquido, com base numa comissão de 33 por cento, atingira vinte e seis dólares, e ela estava pronta para ir com ele a qualquer parte, confiando no

Senhor.

Ou quase pronta. A esposa do ministro que fica em casa enquanto o marido viaja durante semanas, e não vê, como o marido, almas em perigo salvas do pecado, muitas vezes descobre que não é fácil equiparar sua consagração à dele. Maria era fiel, certamente, mas a sorte da mulher de um pregador parecia-lhe cada vez mais difícil de suportar. E quando, após períodos particularmente difíceis, ouviam falar de famílias adventistas que se haviam mudado para Waukon a fim de testemunharem pelo exemplo enquanto ganhavam um bom dinheiro para oferecer à causa, ela prontamente animou João a unir-se a eles.

Mas o inverno veio cedo naquele ano (1856), tornando a agricultura impossível quando eles chegaram. E quando João descobriu que quase não havia pecadores na vizinhança aos quais testemunhar na remota pradaria e que mesmo os santos, deixando de lado o sacrifício, começaram a brigar entre si, ele se dedicou à carpintaria para ter uma fonte de renda e começou a orar, com consciência a feri-lo, para uma saída descente daquela situação.

O Pastor e a Sra. White estavam em Round Grove, Illinois, cerca de trezentos quilômetros ao sul, quando em visão lhe foi mostrada a condição do povo em Waukon. A reação deles foi partir imediatamente e ir até lá para ajudá-los. Mas o frio inesperado que limitara os cultivos em Iowa também havia causado danos ao norte de Illinois, seguido por um degelo. Chuvas fortes haviam transformado as estradas de terra em pantanais. Em fé eles suplicaram por orientação. Logo a chuva transformou-se em neve, congelando as lamacentas estradas e pondo-as em condições de trânsito mediante trenó. "Eis nosso sinal", exclamou Ellen. "Deus deseja que vamos."

Em meio à neve que caía e o vento cortante eles partiram, acompanhados por Josias Hart e Elon Everts, dois outros ministros que, por acaso, White havia ordenado juntamente com Andrews três anos antes no lar de Everts. A neve transformou-se em chuva. Um novo degelo ocorreu. O gelo nos rios enfraqueceu. Repetidamente ouviam a advertência: " Não tentem atravessar o Mississippi!"

Às margens do Pai das Águas, o irmão Hart conduziu os cavalos até próximo do rio, levantou-se sobre o trenó, ergueu para o céu a mão na qual

tinha o chicote, e gritou: "Seguimos em frente para Iowa, ou voltamos para Illinois? Chegamos ao Mar Vermelho. Atravessaremos?"

A Sra. White respondeu: "Vá em frente confiando no Deus de Israel."

Tiago White concordou com ela: "Sim, sim, siga adiante!"

Durante toda a travessia eles oraram. Águas geladas agitavam-se ao redor deles uns trinta centímetros acima do gelo incerto embaixo. A qualquer momento poderiam afundar para uma morte certa por congelamento. Uma multidão se reuniu na margem oposta. Mas como Israel no Mar Vermelho, os viajantes atravessaram com toda segurança.

A temperatura caiu novamente. Ellen procurou abrigar-se bem em seus agasalhos, pois por mais quatro dias no trenó aberto eles enfrentariam ventos enregelantes. À noite, num hotel de fronteira, eles dependuraram seus gráficos no saguão e pregaram a mensagem para ouvintes atentos. Na quarta-feira chegaram em Waukon.

A recepção foi quase tão fria quanto o clima. As pessoas ali sabiam por que eles tinham vindo. *Para reavivá-los*. Para restaurar sua dedicação cristã. Para reacender sua primitiva santidade.

Mesmo João Loughborough sentiu-se traído na resposta a sua oração. Ele não esperava que a irmã White aparecesse de surpresa, num trenó, enquanto ele trabalhava sobre uma escada, para chamá-lo ansiosamente: "O que fazes aqui, Elias?"

Mas Tiago e Ellen convocaram uma reunião, e depois mais uma série de reuniões durante mais de uma semana. Os boatos haviam realizado sua funesta obra, e os White pacientemente apresentaram "o outro lado" até que todos ficaram satisfeitos. Noite após noite, velhos hinos adventistas despertavam gratas lembranças. O estudo girou em torno da promessa que Cristo tinha dado aos mornos laodiceanos: "Se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei." Seguindo-se a uma visão oportuna, Ellen pronunciou palavras quase incríveis de um gracioso Deus: "Voltai para Mim e Eu voltarei para vós, diz o Senhor, e curarei todos os vossos desvios."

Tal bondade parecia demais para Maria Loughborough. "Irmão e

irmã White", soluçou ela, "pensei que nos havíamos ocultado onde não poderiam encontrar-nos; mas estou feliz por terem vindo, ... Deus me perdoe! ... Eu abro a porta do meu coração. Senhor Jesus, entre!" Confissões foram feitas, bem como pedidos de perdão, e a reunião prosseguiu até após a meia-noite.

O bom trabalho contínuo no dia seguinte. Maria apelou a outros, e esses a outros mais. Finalmente João Loughborough, também levantou-se solenemente. "Deixei meu martelo descansar!" anunciou ele. "Preguei o último prego! De agora em diante minha mão sustentará a espada do Espírito e nunca a abandonará. Que Deus me ajude!"

Quando finalmente os White deixaram Waukon, lágrimas de afeto eram vertidas abundantemente por toda parte.

Deixando Maria com amigos por um tempo, Loughborough retornou a Illinois com Hart, Everts e os White, voltou imediatamente às reuniões evangelísticas, local após local. Ele jamais deixou o ministério até morrer em 1924; Maria também não, enquanto viveu. João Andrews rededicou-se ao ministério, mas podia pregar somente alguns meses de cada vez, por vários anos, até que sua saúde melhorou. Enquanto isso, a garota adventista com a qual se casou em Waukon, Angeline Stevens, amiga de infância, sem dúvida fazia tudo quanto podia para que ele se fortalecesse.

Mas o problema de pagar os ministros persistia, ou antes, ficava pior. Uma colheita excepcionalmente boa em 1857 ligada a uma depressão nacional fez os preços caírem até que se tornou quase impossível obter dinheiro. Em abril de 1858, quando tanto Andrews como Loughborough em busca de luz para o sustento do ministério. A irmã White havia recebido visão de que a Bíblia trazia um tal plano e eles se determinaram a encontrá-lo.

O plano que se descobriram por aquele tempo baseava-se numa combinação de passagens do Velho Testamento, sobre o dizimar, e I Coríntios 16:2: "No primeiro dia da semana[isto é, regularmente], cada um de vós [individualmente] ..."contribua" conforme a prosperidade [proporcionalmente]." Eles denominaram o plano de "contribuição sistemática". Ao encerramento do sábado, 29 de janeiro de 1859, os membros da pequena igreja sede reuniram-se e votaram a recomendação de

que "cada irmão dos dezoito aos sessenta anos de idade pusesse de parte no primeiro dia de cada semana de cinco a vinte e cinco centavos", cada irmã na mesma faixa etária, dois a dez centavos, e cada irmão e irmã "de um a cinco centavos para cada cem dólares que possuía." O dinheiro assim acumulado deveria ser usado pelas congregações locais, principalmente para assistir os ministros quando chegassem para pregar, e quando realizassem reuniões evangelísticas nas proximidades.

Por anos as contribuições sistemáticas ficaram conhecidas por suas iniciais "S.B." [em inglês – *systematic benevolence*] ou mais afetuosamente "Sister Betsy" ["Irmã Betsy"]. Eram também conhecidas com menor exatidão como "dízimo". Estavam, logicamente, muito distantes do real sistema de dízimos. Os adventistas só desenvolveram esse conceito de manutenção do ministério com base num dízimo integral vinte anos depois. Mas a contribuição sistemática foi uma etapa valiosa no rumo certo. As contribuições sistemáticas têm capacitado a Igreja Adventista a realizar muito ao redor do mundo.

Do que foi dito, parecia que a organização beneficia somente os ministros? Se assim é, considere este outro aspecto. Os ministros são chamados para servir aos leigos e ganhar os perdidos. Mas como podem eles servir se, sem receberem pagamento, simplesmente não podem ocupar-se nisso? Como podem os membros confiar neles se não podem estar certos de que representam a fé comum? E como podem as pessoas sentir-se livres para fazerem donativos quando dirigentes independentes podem, a seu critério, sair com o dinheiro que a todos pertence?

Foi, na verdade, o problema da propriedade que finalmente persuadiu os membros e trouxe à tona a questão da organização central. Os adventistas no final da década de 1850 possuíam três tipos de propriedade eclesiástica: tendas, alguns poucos edifícios de igrejas locais e a casa publicadora de Battle Creek, juntamente com o papel, livros e a maquinaria dedicada a sua operação.

Mais precisamente, contudo, nenhuma dessas coisas era de propriedade da igreja.

Já vimos quão facilmente uma tenda poderia ser tomada por um falso ministro. Quanto às igrejas, não pertenciam às congregações que as haviam

edificado às suas custas, mas ao membro em cujo nome se desse o caso de estarem registradas. Durante o movimento milerita, dois membros apostataram, e uma de suas salas de reuniões tornou-se um depósito de vinagre! A Igreja de Battle Creek, por exemplo, estava localizada na propriedade privada de E. T. Belden. Àqueles que ainda se opunham à organização, Tiago White observou que mesmo ela um dia poderia tornar-se um depósito de vinagre.

Mas era a editora que mais preocupava White. Tratava-se da única instituição operada pelos adventistas. Seu trabalho de evangelismo dependia dos livros e periódicos produzidos ali, e todo movimento era em grande parte mantido unido por seu principal periódico, a *Review and Herald*. Contudo, todas as instalações edifício, livros, papel e maquinaria estavam legalmente em nome pessoal do próprio Pastor White. Ele sabia disso e não apreciava a situação. Por insistência dele, já em 1855 a tipográfica havia sido nominalmente colocada nas mãos da "igreja", sob os cuidados de uma comissão de publicações. Decisões mais importantes no que respeitava a sua operação, tal como a aquisição de uma impressora a vapor Adams em 1857, haviam sido votadas durante "assembléias gerais" às quais membros de toda parte eram convidados.

Na reunião de setembro de 1860, White lembrou aos membros novamente que "a propriedade que foi doada ... sempre considere como propriedade da igreja. Mas sou o único possuidor legal dela e me sinto muito ansioso para passá-la às mãos de oficiais por vós nomeados, para que a possuam e dirijam legalmente."

Que seria se White morresse subitamente? O Estado de Michigan manteria tudo sob custódia, pelo menos até que Henrique White, que tinha treze anos de idade em 1860, atingisse vinte e um, ocasião em que, concebivelmente poderia ter renunciado à fé, levando a editora com ele; ou poderia ter morrido, complicando a questão de outra forma. E como se viu mais tarde, Henrique realmente morreu quando tinha dezesseis anos.

A solução lógica era estabelecer uma corporação legal.

Uma corporação legal? Em tempos passados, quando a *Review* era um tipo de carta familiar, o Pastor R. F. Cottrell, o mesmo dedicado irmão que fizera objeções a tornar "célebre o nosso nome", submeteu para

publicação um sereno mas devastados comentário declarando que uma corporação legal implicaria tal dependência do governo que seria equivalente a uma união de igreja e Estado e, continuou, faria o adventismo tão verdadeiramente uma Babilônia que proveria um trono sobre o qual algum dia o homem do pecado poderia tomar seu assento.

Cottrell logo renunciou a ambos os pontos de vista, nobremente admitindo serem extremados; mas requereu meses de tremendo esforço da parte de Tiago White, José Bates, João Loughborough, Merrit Cornell e outros para desfazer o dano que ele havia causado à mente das pessoas.

White estava determinado a proteger a propriedade adventista para todos os adventistas. E assim é que perto do final de setembro de 1860 um grupo de líderes e leigos reuniu-se por sugestão sua no edifício da igreja de Battle Creek – o segundo, de propriedade de E. T. Belden – e discutiram o problema face a face por três dias. "Não estamos numa pressa tão grande que não possamos ouvir quaisquer objeções de alguém contrário", explicou ele. Ademais, para estabelecer unanimidade por todo o campo, o debate foi relatado na *Review* de 9, 16 e 23 de outubro de 1860.

Quase no princípio, João Andrews fez uma sugestão que outros haviam insinuado nos meses anteriores mas ninguém a havia articulado tão bem.

Ele propôs que com o fim de possuir propriedade, a igreja não precisava organizar-se legalmente como uma igreja, mas deveria apontar representantes numa "associação" que pudesse ser incorporada legalmente. Ele acrescentou que isso se harmonizava com a organização evangélica, pois os cristãos primitivos designaram uma comissão de sete para supervisionar assuntos administrativos. Ele poderia ter assinalado também que associações beneficentes e evangelísticas, estruturalmente separadas das denominações, eram um tanto comuns no cristianismo americano da época.

A formulação de Andrews, incidentalmente, provou-se duradouramente eficaz. As propriedades no território de uma associação adventista, mesmo hoje, não são tecnicamente possuídas pela associação em si, mas por seus associados mantenedores.

Após dois dias de debates em 1860 um estatuto simples para uma associação de publicações (ainda sem um nome) foi votado. Mas sob as leis de Michigan nenhuma associação poderia ser aprovada sem um nome; assim, teve-se que defrontar finalmente a questão que levou Tiago White a fazer seu memorável comentário a respeito da embaraçadora entidade anônima: "Parece-me agora que a criança cresceu tanto que é muito esquisito não ter nenhum nome para ela."

O inevitável teve lugar. A comissão votou que eles deveriam adotar um nome. Mas que nome?

Alguns recomendaram, "Igreja de Deus", enquanto outros julgavam que isso soava jactancioso. "Adventista do Sétimo Dia" foi proposto.

Incidentalmente, os leigos presentes entre os dezenove membros conhecidos dessa comissão história, eram ilustres. Foi um leigo, Esdras Bracket, que apresentou a primeira proposta no início: "Proponho que a igreja seja organizada." Foi outro leigo, Davi Hewitt, que perto do final apresentou a proposta: "Resolvido, que adotemos o nome de Adventistas do Sétimo Dia." "Adotemos o nome", contudo, soava muito parecido com "tornemos célebre nosso nome", e a fim de enfrentar os inescrutáveis escrúpulos dos que ainda não estavam convencidos, a proposta foi retirada e substituída pela resolução, "que nos chamemos Adventistas do Sétimo Dia."

O progresso da monumental realização de organizar-se e dar nome à Associação de Publicações Adventistas do Sétimo Dia até a plena organização da Associação Geral foi um processo relativamente simples, conquanto não inteiramente livre de objeções. Na primavera de 1861 os dirigentes de Battle Creek recomendaram que as várias congregações reunidas se organizassem sob o nome "Adventista do Sétimo Dia." Em outubro de 1861 foram dados os passos iniciais para a formação da associação de Michigan, com a eleição de uma comissão administrativa sob a liderança de José Bates.

Em 1862 as congregações em vários outros Estados formaram associações estaduais. Michigan completou sua própria formação em outubro de 1862 na igreja de Monterey, elegendo um leigo, Guilherme S. Higley, como seu primeiro presidente.¹³

Finalmente, em maio de 1863 delegados das novas associações reuniram-se em Battle Creek e formularam um estatuto simples para uma associação geral.

Tiago White foi entusiasticamente nomeado o primeiro presidente da Associação Geral. Ele, porém, declinou da posição. Desde 1850 ele havia pregado, escrito, argumentado e preiteado por "ordem evangélica". Havia se destacado tanto nessa campanha que julgou que o aceitar a presidência iria levar alguns a questionarem seus motivos. (Dois anos depois, em 1865, ele aceitou a responsabilidade. Ao todo, ele serviu como presidente da Associação Geral por dez anos, 1865-1867, 1869-1871, 1874-1880).

Quando Tiago White declinou, João Byington foi eleito, tornando-se assim o primeiro presidente da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Foi em sua casa, em Bucks Bridge, Nova Iorque, que Horácio Lawrence fora ordenado. Byington havia servido os metodistas em várias funções e depois os wesleyanos (metodistas abolicionistas) como ministro e construtor de igrejas. Em 1852 tornou-se adventista através da leitura da *Review*, subsequente edificando um dos primeiros templos erigidos pelos adventistas do sétimo dia. Ele apoiou sua filha Marta em sua tentativa de dirigir um externato para crianças adventistas. Em 1858 mudou-se para Battle Creek e viajou amplamente como ministro de sustento próprio. Após sua eleição para a presidência, continuou a viajar vastamente, pregando e batizando, durante suas gestões de um ano. "Ninguém conhece melhor o Michigan", dizia o povo, "do que o Pai Byington"

Além de votar um estatuto e eleger um presidente e outros oficiais, a primeira sessão da Associação Geral também estabeleceu um sistema para o pagamento de um salário regular aos ministros – cerca de cinco dólares por semana – extraído das contribuições sistemáticas. Tornou-se requisito que os ministros portassem credenciais oficiais que os identificavam como porta-vozes do movimento. E declarava que nenhum ministro poderia viajar de uma associação a outra por sua iniciativa ou por desejo de uma igreja local. Os chamados deveriam ser processados mediante ambas as associações envolvidas.

Daí em diante as igrejas não mais estavam em perigo de se tornarem

depósitos de vinagre! Os ministros podiam dedicar seu tempo integral à causa. As congregações podiam facilmente determinar se um ministro visitante era um adventista do sétimo dia legítimo ou um porta-voz de opiniões meramente individuais. Os ministros podiam economizar muito tempo e energia trabalhando em áreas específicas, em lugar de percorrerem o campo todo sem um plano. Os membros locais podiam apelar a uma autoridade superior se julgavam estar sendo tratados injustamente por suas igrejas locais. E todos sabiam finalmente quem eram. Cada membro podia dizer com confiança: "Eu sou um adventista do sétimo dia"

19. Laodicéia!

Estranho como possa parecer, após tudo quanto estivermos discutindo, os adventistas do sétimo dia atribuíram-se um nome quatro anos *antes* da manhã de outubro em 1860, em que Davi Hewitt propôs “Adventistas do Sétimo Dia”. Fizeram-no em outubro de 1856; e o extraíram diretamente da Bíblia. A história é de especial interesse aos adventistas do sétimos dia, hoje.

Desde o princípio, como observamos, os adventistas observadores do sábado viam-se como um povo com um propósito, um movimento predestinado. Crendo, por experiência e profecia, que tinham a verdade presente para os últimos dias, concluíram razoavelmente que eram a igreja verdadeira para os últimos dias. Eram um Israel espiritual num moderno deserto, marchando do Egito de “Babilônia” para o novo mundo quando do segundo advento, restaurando o verdadeiro sábado pelo caminho como ocorreu como antigo Israel no Monte Sinai. Eram o profeta Elias, prometido por Malaquias “antes do grande e terrível dia do Senhor”, restaurando a lealdade á lei de Deus sobre o Carmelo do cristianismo apostatado. Eram a sexta igreja do Apocalipse, “Filadélfia”, a igreja do amor fraternal.

Tratava-se de uma concepção ousada. Cartas de leigos á *Review* vindas de diferentes partes reiteravam uma litania de louvor pela clara luz da verdade. Naqueles dias passados um grande número de americanos julgava que precisavam observar um dia santificado, mesmo quando a maioria não o fazia. Uma vez desaparecido o preconceito contra o adventismo desapontado, as conversões se multiplicaram. Tiago White calculou entusiasticamente que o número de membros subiu de um punhado para quase dois mil nos primeiros dois anos da década iniciada em 1850.¹

Aprendemos sobre esse crescimento no capítulo 17. Agora precisamos examinar a perda espiritual associada com esse ganho. “É

evidente”, escreveu Tiago White num editorial poucos anos depois, “que com o aumento em número ... não houve um aumento correspondente em consagração e nas graças do Espírito”.²

Mesmo alguns ministros ordenados abandonaram o trabalho para dedicar-se á produção agrícola, entre os quais, Washington Morse e Horácio Lawrence. Encorajados pelo materialismo de alguns de seus líderes, muitos membros se preocupavam com suas atividades comerciais e ignoravam, ou suspeitavam um do outro. Grupos fundados por evangelistas tendiam a extinguir-se. Folhetos e livretos nas oficinas da *Review* acumulavam-se aos milhares por falta de quem os distribuísse. A editora estava com elevados débitos e poucos membros pareciam preocupar-se. Ninguém cometia assassinio ou roubava bancos! Mas como um povo que se preparava para a transladação e professava observar um dia completa na semana, como dia santificado, estavam em condição lamentável.

Sem querer, o próprio Tiago White foi parcialmente responsável pelo fato! Ferido pela crítica de que as doutrinas que ensinava eram produto da imaginação de sua esposa, ele virtualmente fechou as colunas da *Review* aos escritos de Ellen. Seu propósito foi muito nobre. Ele desejava que crentes em potencial reconhecessem que o sábado, o santuário e o sono dos mortos eram doutrinas bíblicas. Mas inadequadamente apreciadas, as visões de Ellen White tornaram-se menos freqüentes e a igreja foi grandemente privada de seus profundos apelos espirituais.

Após a mudança de Rochester para Battle Creek, os membros locais convocaram uma assembléia para sua pequena “Casa de Oração” e zelosamente confessaram seu pecado nesta questão. Eles escreveram seus nomes numa confissão a ser publicada na *Review* e votaram financiar o custo da publicação dos conselhos atuais de Ellen G. White. Dessa forma veio á existência o primeiro dos testemunhos publicados, *Testimony for the Church*, nº 1. Apareceu no final de 1855 como um panfleto de dezesseis páginas – reunido no meio século seguinte com outros trinta e seis testemunhos, hoje encardенados em nove volumes familiares.

No livro do Apocalipse, João teve instrução de escrever uma carta a cada uma das sete igrejas representando sete fases ou sete períodos da experiência cristã desde o seu tempo até a segunda vinda. Os mileritas

consideraram corretamente a sexta igreja, ou “Filadélfia”, como símbolo de seu próprio movimento. Após o desapontamento, os mileritas que aceitaram o sábado e a doutrina do santuário desfrutavam tão cálida comunhão cristã que continuaram a considerar-se como Filadélfia (que significa “amor fraternal”) – e referiam-se aos demais adventistas como “Laodicéia”, a sétima igreja.³ As palavras “morno” e “rico sou, de nada tenho falta”, pareciam aplicar-se a pessoas que julgavam poder passar sem o sábado e o espírito de profecia.

Mas, com o acentuado declínio espiritual em suas fileiras, os crentes mais zelosos sentiram que o título de “Filadélfia” era menos e menos merecido pelos observadores do sábado. Aqui e ali famílias preocupadas analisavam a desconfortável possibilidade de que fossem eles próprios laodiceanos.

Perto do fim do *Testemunho* n°1 a Sra. White dirigiu seu apelo com frases realmente extraídas da mensagem a Laodicéia.⁴ Infelizmente, suas palavras, conquanto apreciadas, pouco efeito exerceram na época. Em maio de 1856 ela registrou uma visão sobre os pecados das famílias adventistas conformando-se com o mundo. Após ouvi-la, os crentes de Battle Creek votaram unanimemente em publicá-la e em agosto estava no correio como *Testemunho Para a Igreja*, n° 2. Isto confirmou a preocupação dos zelosos, mas á semelhança do primeiro testemunho, teve limitados resultados imediatos.

A reviravolta ocorreu em outubro (lembre-se desse mês), quando Tiago White lançou uma série de artigos relacionados na *Review*, demonstrando convincentemente pela Bíblia que os adventistas observadores do sábado, a última igreja para os últimos dias, constituíam sem dúvida a sétima igreja de Apocalipse, a morna igreja de Laodicéia.⁵

Ali estava um nome para a criança em crescimento!

Ali, também, havia evidência bíblica que confirmava seus próprios temores e as visões de Ellen White. E a reação foi verdadeiramente animadora. Com uma lista de assinantes abaixo de 2000, a *Review* recebeu mais de 300 cartas nos poucos meses seguintes agradecendo ao Pastor White por manifestar-se a respeito e expressando humildade e rededicação. Um genuíno reavivamento começou e muitas vitórias foram conquistadas.

O papel de Ellen White nessa renovação foi significativo. Seus testemunhos preparam o caminho para isso. E ao viajar com o esposo, visões surgiam, adaptando a mensagem laodiceana às necessidades locais. Em Waukon, onde, como se recordam, os White estiveram em dezembro desse ano – a ilustração de Jesus batendo à porta levou Maria Loughsborough às lágrimas, confessando: “Eu abro a porta do meu coração. Entra, Senhor Jesus.”

Dois testemunhos em 1857 confirmaram adicionalmente a apresentação do Pastor White. Após uma visão, Ellen White relatou que lhe haviam sido mostrados as pilhas de “lixo” que as pessoas precisavam remover da porta de seu coração – diferenças

com seus irmãos, apego às coisas materiais, extravagância em seu estilo de vida, mau temperamento, e assim por diante. Sua atenção foi também chamada às promessas para Laodicéia. “Quão preciosa era esta promessa”, exclamou ela, “ao ser-me mostrada em visão! ‘Entrarei em sua casa, e cearei com ele, e ele comigo’.”⁶

Na verdade, a carta para Laodicéia é rica em promessas e também com a presença de Jesus Cristo. É Jesus que Se apresenta como “a Testemunha Verdadeira” e diz aos iludidos laodiceanos qual é sua verdadeira condição. Jesus declara que são mornos. Recomenda-lhes que adquiram ouro, vestes brancas e colírio. Jesus, o “mercador celestial”, bate à porta com essas coisas para vender. Jesus oferece-Se para vir e cear conosco. E Jesus, finalmente, promete que cada vencedor sentar-se-á “comigo no Meu trono”.

Mas há algo que precisamos fazer. Temos que abrir a porta. Jesus jamais invadiria nossa privacidade sem nossa permissão. E precisamos “comprar” o que Ele tem para vender. Podemos adquirir a justiça de Cristo “sem dinheiro e sem preço” (Isaías 55:1); mas ninguém pode ser discípulo de Cristo a menos que se esqueça de tudo que tem.

S. Lucas 14:33.

Na segunda visão, Ellen White viu dois grupos de observadores do sábado respondendo à mensagem em duas diferentes formas. Um grupo era indiferente e descuidado. “Os anjos de Deus deixaram estes.” O outro

grupo a estava aceitando. Zelosamente limpavam o lixo – mas não por sua própria força; agonizavam em oração pela força de Deus. E obtinham a vitória! Superando a crítica, o egoísmo e a suspeita, marchavam em perfeita ordem, organizados como um exército. Estavam cheios de chuva serôdia. Testemunhavam ao mundo com fenomenal sucesso; e logo receberam Cristo em Sua segunda vinda.⁷

Que gloriosa oportunidade!

E foi parcialmente realizada. Ao se reunirem em suas cozinhas, celeiros e pequenas igrejas, os observadores do sábado confessaram maus sentimentos e buscaram o perdão. Pais e filhos debatiam em seus entendimentos uma nova franqueza e punham fim as suas desafeições. Com fé, as pessoas se dispunham a novos sacrifícios, até que o elevado débito no departamento de publicações foi transformado num saldo positivo tranquilizador. A média de batismos aumentou. O movimento todo parecia caracterizado por rostos banhados em lágrimas, mas radiantes, aos arrependidos laodiceanos submeteram-se ao Senhor, regozijando-se num novo estilo de vida, e diariamente antecipando a chuva serôdia.

Permitir a entrada de Jesus no coração é o mesmo que receber o Espírito Santo, pois o Espírito Santo é o representante pessoal de Cristo. Quando as pessoas apresentam “Cristo” sempre, em cada faceta de suas vidas, o Espírito Santo as enche, preparando-as para a chuva serôdia.

Essa imagem de arrependimento de todo o movimento não é plenamente correta. Muitos membros permaneceram indiferentes. Outros perguntavam: “Por que o irmão e a irmã de tal e tal não mudam sua maneira de viver?”

Outros insistiam em sua independência e recusavam confiar na liderança. A chuva serôdia demorava. E mesmo os mais zelosos, tendo feito algumas coisas erradas, achavam que haviam feito o suficiente.

Uma visão em 15 de Julho de 1859 (observa-se bem a data novamente, por favor), revelou o que errado. “Ao deixarem de ver a poderosa obra realizada num curto tempo, muitos perderam o efeito da mensagem.” A Sra. White comentou: “Vi que esta mensagem não cumpriria sua obra em alguns poucos meses”.⁸

Parece que Deus *propositalmente* esperava que o excitamento desaparecesse a fim de permitir que Seu povo agisse por princípio, e não por sentimento. Esta é a maneira em que Deus sempre opera. Ellen White explicou: “Para que Seu povo não se enganasse quanto a si mesmos, Ele lhes dá tempo para que asse a excitação, e então os prova para ver se obedecerão ao conselho da Testemunha Verdadeira.”⁹

Evidentemente a obra necessária para preparar os adventistas para a chuva serôdia na década de 1850 não deveria ser cumprida numa simples reunião de oração durante uma vigília, ou em várias semanas de devoção espiritual, ou mesmo em “alguns poucos meses.” A procura do Senhor com todo o coração se fazia necessária num período mais extenso de tempo até que o caráter amadurecesse em luminosas e novas atitudes.

Mas se a reforma adequada requeria mais do que alguns poucos meses, seriam necessários muitos anos antes que a chuva serôdia pudesse cair?

No testemunho a pouco citado, aparecem também essas eletrizantes palavras: “Deus concedeu tempo à mensagem para realizar sua obra.”

Foi em 1859 que Ellen White escreveu tais palavras, menos de três anos após a mensagem de Laodicéia primeiro vir aos adventistas observadores do sábado. É possível? Significa realmente que antes de Julho de 1859 os errantes seguidores de Deus poderiam ter, por Sua graça, removido toda a sujeira de suas vidas, obtido a vitória, sido cheios do Espírito Santo como no dia do Pentecoste, e a caminho de testemunhar com fenomenal sucesso a toda nação, tribo, língua e povo? Antes de Julho de 1859?

20. Senso de Missão

Cento e noventa e três bandeiras! Foi impressionante observá-las, brilhantes em suas cores, agitadas sob a luz do auditório municipal em Viena, Áustria. Cada uma representava um país diferente em que os adventistas do sétimo dia estavam conduzindo trabalho organizado ao tempo da quinquagésima segunda sessão da Associação Geral em julho de 1975.

Julho de 1975 ocorria 116 anos após julho de 1859. Se os observadores do sábado tivessem se preparado para a chuva serôdia na década de 1850, não teria levado tanto tempo para penetrar em todos os países. Contudo, a atividade em 193 países constitui real progresso. As igrejas protestantes mais ativas operam em apenas metade desse número de nações.

Os adventistas do sétimo dia sempre tiveram um "senso de missão". O Artigo V do breve Estatuto da Associação Geral de 1863 requeria que a comissão executiva de três homens agisse como uma "junta missionária". Antes disso, o primeiro empreendimento comercial dos adventistas observadores do sábado fora a aquisição de uma impressora manual para publicar a verdade. Anteriormente ainda, por ocasião das assembléias de 1848 em Rocky Hill e Volney, o povo ouvia as descrições das visões de Ellen White sobre "como deveríamos trabalhar e ensinar eficientemente".¹ E ainda antes, no exato instante em que Hirã Edson tornou-se a primeira pessoa a perceber o novo ministério celestial de Cristo, as palavras do Apocalipse iluminaram-lhe a mente: – “É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações e línguas e reis.”

De seu mais remoto início, o adventismo do sétimo dia tem sido mais do que uma mera sociedade religiosa. Tem-se constituído num movimento com uma mensagem e um senso de missão. “Que a mensagem voe”,

escrevia Tiago White em 1849, “pois o tempo é curto.”

“Pois o tempo é curto.” Teoricamente, a crença de que Cristo em breve viria poderia ter prejudicado a propagação da terceira mensagem angélica. Isso limitou um pouco a visão dos crentes primitivos; mas com um xelim e três centavos de prata eles fizeram seu melhor pelas proximidades e ao se oferecerem oportunidades, marcharam avante e, em consequência, ampliaram sua visão.

Já em fevereiro de 1845 Ellen White recebeu uma visão da tremenda obra que Deus desejava que fosse realizada antes do retorno de Cristo. Ela foi levada ao Céu e instruída a olhar para trás. Os astronautas ficam emocionados ao contemplarem o planeta Terra brilhando como uma safira; Ellen viu o mundo em trevas morais.

Observando atentamente ela viu “focos de luz como estrelas” brilhando aqui e acolá, depois outros focos, e outros mais em outros lugares, “tornando-se mais e mais brilhantes e iluminando do oriente ao ocidente e do norte ao sul, circundando o mundo inteiro”. A luz desses focos procedia de Jesus e representava pessoas que tinham fé e obedeciam à Palavra e que aderiam à mensagem do terceiro anjo.² Então, em novembro de 1848 veio a visão do sábado brilhando “como raios de luz que rodeavam o mundo”.

Quando os crentes ouviram Ellen falar sobre essas coisas, alguns deles acusaram-na de retardar a segunda vinda.³ Mas outros ficaram inspirados. Bates lançou pela imprensa a predição de que o sábado haveria de espalhar-se imediatamente à França, Inglaterra, Rússia e Oriente Médio.⁴ Tiago White, antes do final do ano (1849) convenceu-se do que o sábado haveria de “soar pelas nações como o advento nunca conseguira”.⁵ isto era antecipação!

Críticos do adventismo têm falado muito de uma interessante fase do movimento conhecido como “o período da porta fechada”. Líderes mileritas muitas vezes falavam sobre a porta fechada. Miller cria que poucos dias antes de 22 de outubro de 1844 a porta da misericórdia se fecharia para todos os rejeitadores da mensagem do primeiro anjo.⁶ Alguns adventistas observadores do sábado continuaram a manter essa opinião por muito tempo após o desapontamento. Ellen White creu nisso até que teve

suas primeiras visões.⁷ Tiago White continuou crendo por mais tempo, e José Bates por mais tempo ainda.

Logicamente ou não, contudo, Bates, os White e outros que a eles se uniram compartilhavam infatigavelmente sua fé com quantos os ouvissem, pois viviam sob um grande senso de urgência em deixar a mensagem voar, uma vez que o tempo era curto. Compreensivelmente, com tanto preconceito contra eles, aconteceu que praticamente ninguém os ouvia a princípio, exceto antigos mileritas.

Mas se alguns dos “mundanos” apareciam em suas reuniões, não eram seguramente expulsos. João Wilcox declarou a Loughborough que se converteu “saindo do mundo” durante a assembléia de 1848 em Rocky Hill, Connecticut, e que Tiago White o batizara ali então.⁸ Em 1850 Ellen White escreveu a um amigo que pessoas estavam “vindo de toda parte” de Oswego, Nova Iorque.⁹ Por volta de 1852, metodistas e batistas estavam retirando-se de “Babilônia” para “seguir no caminho dos mandamentos de Deus”.¹⁰

Tão logo esses não-adventistas desejaram unir-se a suas fileiras, os observadores do sábado fizeram algo digno de nota. Em vez de se apegarem a noções exclusivistas derivadas de alguma compreensão errada do ministério de Cristo no lugar santíssimo, examinaram sua teologia para ver se haviam passado por alto alguma coisa. Descobriram que conquanto a obra primordial de Cristo desde 1844 tem sido a de eliminar os pecados dos crentes, Ele não obstante permanece ainda como Sumo Sacerdote de cada pecador.¹¹ Era, portanto, teologicamente correto acolher os conversos.

Não apenas correto, mas, em retrospecto, animador também.

Com a lembrança do desapontamento ficando para trás, os não-mileritas tornaram-se crescentemente dispostos a ouvir. Na primavera de 1852 tais pessoas formavam a maior parcela dos conversos;¹² e pelos meados da década de 1850, como já sabemos, tendas evangelísticas eram erguidas num Estado após outro. Congregações de centenas, mesmo de um milhar ou mais, se aglomeravam para ouvir Loughborough, White, Andrews, Cornell, Wagoner, Sanborn, Taylor, Hull e outros pregarem a palavra.

Mas mesmo pregar a multidões desde o Maine até Minnesota dificilmente cumpriria a comissão de Cristo de levar o evangelho ao mundo inteiro. Ver S. Mateus 24:14; 28:18-20. Os observadores do sábado não negavam a comissão evangelística. Em vez disso, notavam a impressionante semelhança entre a comissão de S. Mateus 24:14 (“este evangelho... para testemunho a todas as nações”) e a mensagem do primeiro anjo do Apocalipse 14:6 e 7 (“o evangelho eterno... a cada nação, e tribo, e língua, e povo”). Por um tempo eles entenderam que haviam cumprido a comissão sob a mensagem do primeiro anjo ao enviarem a mensagem da esperança adventista a cada estação missionária antes de 22 de outubro de 1844. Inspirados, porém, pelos muitos não adventistas que lotavam suas tendas, uma vez mais examinaram sua teologia.

Conquanto tenham suposto que a mensagem do primeiro anjo era dirigida ao mundo todo, e a terceira somente aos santos, Ellen White levou-os a entender que a mensagem do terceiro anjo também era dirigida a “um mundo culpado”.¹³ E ponderando novamente sobre os três anjos, notaram que todos os três seguiam juntos até a segunda vinda,¹⁴ o que levava à conclusão de que o evangelho deveria continuar a ser pregado às nações, tribos, línguas e povos.

Sendo esse o caso, pregar a palavra mesmo a todos os norte-americanos de língua inglesa não parecia ser suficiente.

Em 1855 José Bates instou seus irmãos na fé a remeter literatura a “algumas das estações missionárias estrangeiras, especialmente às ilhas Sandwich”.¹⁵ Em 1856 Tiago White advertia: “Um espírito missionário se faz necessário para alçar o clamor mais extensamente em novos campos, e soar o alarma por toda a cristandade.”¹⁶ Em 1857 R. F. Cottrell pregava mediante um intérprete a um grupo de índios sêneca (que eram batistas) perto do rio Tonawanda.¹⁷ Nesse mesmo ano os irmãos Bordeau, nascidos no Canadá, que eram bilingües, começaram a evangelizar as pessoas de língua francesa em Vermont, assistidos no ano seguinte por um ex-sacerdote católico, M. B. Czechowski, sobre o qual falaremos mais, depois. João Fischer, ex-ministro batista, verteu um folheto para o holandês, para os imigrantes perto de Holland, Michigan. Encorajado por tais ocorrências, Urias Smith escreveu um editorial na *Review* em 1859 segundo o qual “talvez” a ordem para profetizar a povos e línguas pudesse ser cumprida na

América do Norte!¹⁸

Smith fora cauteloso. José Clark, um ativo professor de Ohio, não foi tão cauteloso. “A obra não deveria ser seccionada”, advertiu ele. “A Irlanda está tão próxima quanto Ohio, e a Rússia é tão querida quanto Iowa.”¹⁹ Outros, com visão ainda mais ampla do que o redator da *Review*, já tinham estado despachando livros e periódicos a parentes de ultramar. No início da década de 1860 vieram informações de pessoas na Irlanda, que haviam começado a observar o sábado em 1859, e que estavam profundamente gratas pela *Review* e pelos *Testemunhos* da irmã White. “Eu, dois filhos e a governanta”, escrevia uma delas, “guardamos o sétimo dia. Ordeno à minha empregada que se abstenha de trabalhar.”²⁰

É fácil de compreender por que, na década de 1850, os adventistas enviavam publicações em lugar de pregadores para além-mar. Os ministros disponíveis, com excesso de trabalho, mal pagos e inadequadamente dirigidos, eram incapazes de dar conta das necessidades locais. Tiago White julgava que tinha convites para vinte vezes mais do que os que podia atender. E dificilmente poderiam servir no exterior antes que a sede da obra mantenedora se organizasse devidamente para dar o necessário apoio.

Assim, voltamos à organização da Associação Geral em 1863 e à gênese de sua comissão executiva como junta missionária, encarregada de selecionar pessoal e locais para esforço missionário, por que foram necessários onze anos para enviar seu primeiro missionário ao estrangeiro, J. N. Andrews? Por um lado, ela estava ocupada enviando missionários a diferentes partes da própria nação americana. Entre seus primeiros votos em 1863 havia um de enviar Isaque Sanborn como “missionário a Minnesota”. Ele era somente um dos vários ministros referidos como missionários, e enviados com tendas evangelísticas para as atividades missionárias a serem iniciadas em breve.²¹

Os evangelistas eram apropriadamente chamados de missionários nas décadas de 1850 e 1860. Já em 1853 Loughborough e Cornell haviam sido enviados graças ao sacrifício da congregação de Jackson, Michigan, numa “missão” de vários meses de duração às pradarias esparsamente povoada de Wisconsin e Illinois.²² Sanborn em sua missão a Minnesota durante 1863-64 percorreu sozinho 3.800 escabrosos quilômetros em oito meses. E

quando J. N. Loughborough e Daniel Bordeau se apresentaram voluntariamente à Associação Geral para trabalhar com uma tenda evangelística na Califórnia, foram sem dúvida como “missionários”. Navegando rumo ao sul pelo Atlântico, cruzando o Panamá por terra, e então navegando rumo ao norte até São Francisco, eles percorreram 11. 000 quilômetros, distância erra maior do que a percorrida por Andrews em 1874 para alcançar a Suíça.

Os fatos, contudo, são que a despeito de sua pesada responsabilidade por missões domésticas, a Associação Geral não esperou onze ano antes de *pensar em* enviar um missionário ao estrangeiro. Animado como um menino de escola, Tiago White relatou que estava pensando em enviar B. F. Snook como “missionário à Europa” antes do fim de 1863.²³ Providencialmente, a comissão mudou de ideia, pois Snook logo tornou-se universalista, como já referimos.

Em 1864 M. B. Czechowski buscou autorização para retornar à Europa como missionário. Relutantemente – na esperança de que o pudesse enviar depois – a comissão negou-lhe o pedido.²³ Czechowski, como veremos no próximo capítulo, obteve apoio dos adventistas observadores do domingo e seguiu para a Europa assim mesmo. Poucos anos depois, um de seus conversos suíços, Tiago Erzberger, veio para a América. Durante sua estada ele foi ordenado para que pudesse retornar à Suíça “a fim de participar na grande obra de pregação da advertência final dos homens”. Ele foi considerado um missionário, e a Europa foi vista como campo missionário já em 1870.²⁴

Enquanto isso, e em grande parte sem relação com esses acontecimentos, um grupo de senhoras no sonolento vilarejo de South Lancaster, Massachusets, animadas pelo ativo Estêvão Haskell e dirigidas pela talentosa Roxie Rice, formaram em 1869 uma Sociedade de Vigilância Missionária.²⁵ De algum modo encontraram tempo para orar, visitar os vizinhos, ajudar os doentes e necessitados e também remeter pelo correio milhares de folhetos e livros a pessoas na América do Norte e muitos países distantes. Elas mantinham excelentes registros e escreviam centenas e centenas de cartas. No ano seguinte Haskell, recém-eleito presidente da Associação da Nova Inglaterra, promovendo a organização de sociedades semelhantes por todo o seu campo. Em 1873 ele foi convidado a manter

sociedades de folhetos por todos os Estados Unidos. Em mais casos do que se sabe, os primeiros conversos à mensagem do terceiro anjo em territórios distantes foram ganhos por missionários leigos das sociedades missionárias de folhetos anos antes da chegada de um missionário em pessoa.

Iniciamos este capítulo observando bandeiras na Assembléia da Associação Geral de 1975. O ano anterior, 1974, foi escolhido pela igreja para assinalar “cem anos de missão mundial” em homenagem à partida de J. N. Andrews em 1874. Mas considerando que os adventistas do sétimo dia sempre foram um movimento com um senso de missão, outras datas poderiam ter servido tão bem quanto essa.

Por exemplo, 1918 teria rememorado o ano de 1818, quando aquele primeiro adventista, Guilherme Miller, ouviu o chamado para proclamar a mensagem ao mundo.

O ano de 1959 foi um século depois de o primeiro europeu ter aceito a mensagem do terceiro anjo.

E 1964 foi 100 anos após M. B. Czechowski ter-se lançado ao mar como o primeiro missionário adventista ao exterior em caráter “voluntário”.

21. Ex-Sacerdote Católico

– Desculpe-me filho, mas me permitiria atravessar a fronteira debaixo de sua carga de feno na carroça?

O fazendeiro levantou a vista, examinou o estranho sacerdote que havia feito o inédito pedido e murmurou: “Sim, padre”, e pôs-se a ocultá-lo fielmente no fundo de sua estreita carroça.

O sacerdote M.B.Czechowski estava fugindo para salvar a vida. O mosteiro franciscano do qual ele era um monge na Europa Central havia se envolvido perigosamente com a política nacional. Ele havia quase atingido a fronteira internacional. Estaria a salvo se pudesse cruzá-la sem ser observado.

Se.

Oculto sob o feno na décima nona carroça de uma longa caravana, Czechowski suportou os solavancos do caminho até o posto fronteiriço e percebeu quando o veículo parou para aguardar a inspeção. Espiando por uma fresta para ver os oficiais alfandegários realizando suas funções, ele ficou grandemente alarmado quando percebeu que o velho inspetor conferia o conteúdo de cada carroça com uma espada! A energia requerida dele para isso não parecia esgotar-se a despeito do calor daquele escaldante verão. Ele examinou o décimo oitavo carregamento tão ativamente quanto o primeiro.

Czechowski orava. Então, ao colocar-se o décimo nono vagão em posição, o inspetor mudou de atitude. Aprumando-se, perguntou ao condutor: “Tem algo a declarar?”

– Juro que não tenho nem mesmo um filão de pão, senhor! – respondeu o fazendeiro.

–Então se apresse e trate de circular, – ordenou o oficial. – Não deixe

sua carroça estacionada aqui o dia inteiro!

Ao avançar o veículo, Czechowski, coberto de suor, conseguiu ainda espiar por outra fresta o que ficava para trás. Ele viu o inspetor examinando a carroça seguinte tão vigorosamente como antes.¹

M. B. Czechowski é certamente um dos mais impressionantes, e possivelmente, um dos personagens mais controvertidos na história do adventismo. As pessoas nem sempre têm concordado sequer com seu próprio nome. Suas iniciais “M.B.” representam Miguel Belina ou Miguel Boaventura? E como se pronuncia “Czechowski”? (Ele preferia o som “Chahofsky”.²) Ele podia narrar uma dúzia de histórias como esta. Mesmo que nem todas tivessem se passado exatamente como ele as contava, não é difícil entender, após ler algumas poucas delas, por que, uma vez tendo decidido retornar à Europa, ele encontrou sua própria maneira de chegar lá.

Nascido na Polônia em 1818, ingressou na ordem monástica de São Francisco ainda jovem, imaginando idealisticamente que os monges modernos eram tão castos e altruístas como o fora Francisco de Assis. Desiludido, tentou reformar o mosteiro, mas em consequência disso, passou por um episódio emocionante após outro. Em seu devido tempo ele fez um apelo pessoal ao papa em Roma, foi aprisionado por um ano, exilado por três anos na França, e de lá levado à Suíça. Ali, em 1850, renunciou tanto ao sacerdócio como ao catolicismo e se casou.

No ano seguinte, partiu para a América do Norte, onde, após trabalhar por um tempo para os batistas no Canadá, converteu-se em 1857 à mensagem do terceiro anjo durante reuniões de tenda em Flindlay, Ohio.

Na primavera seguinte, em Battle Creek numa assembleia, que discutia assunto de trabalho para grupos étnicos de imigrantes, Czechowski teve designação de uma obra ministerial com os irmãos Bourdeau entre os americanos que falavam francês.

Era excitante ter um ex-sacerdote católico genuíno nas fileiras. Seu sacrifício anterior e zelo presente recebiam frequente menção na *Review*, e sua perene pobreza atraía generosa reação, notadamente dos White. Tiago White, contudo, que tinha três filhos para sustentar, tornou-se crescentemente perplexo por que Czechowski, que tinha quatro, estava tão

frequentemente em necessidade de auxílios desproporcionalmente grandes para sua manutenção. Logo, White estava escrevendo na *Review* sobre o bom “conselho” que Czechowski carecia de seus irmãos.³ Quando um pouco mais tarde Czechowski saiu do norte de Nova Iorque, abruptamente e sem recomendação, e iniciou uma dispendiosa e relativamente infrutífera missão em Brooklin e cidade de Nova Iorque as coisas chegaram ao auge.

Em 1861 Tiago White estava num giro pelos Estados ocidentais tentando organizar assembleias mas encontrando um desanimador nível de oposição. Certamente Czechowski, com quem ele e sua esposa haviam se relacionado tão amistosamente, haveria de acatar o seu conselho. O ex-sacerdote insistiu, contudo, em marchar pela batida de seu próprio tambor, e numa atitude de exasperação White escreveu na *Review* sobre a missão de Nova Iorque: “Nós nos retiramos de qualquer empreendimento ligado com a causa enquanto o planejamento sistemático não jazer à base de todas as nossas operações. ... Que outros que assim prefiram, conduzam a batalha em confusão.”⁴

Foi um fato decisivo. Czechowski, opondo-se não só a Tiago White como também a C. O. Taylor, A. C. e D. T. Bordeau, e outros, permaneceu em Nova Iorque pregando em várias línguas e formando um pequeno grupo de crentes.

O verdadeiro objetivo de Czechowski era trabalhar na Europa. Quando a Associação Geral organizou-se em 1863 e a *Review* noticiou seu interesse em enviar Snook para lá como missionário, Czechowski esperou que seu sonho logo se tornasse real. Quando J. N. Loughborough veio ao Brooklyn no inverno seguinte para realiza reuniões evangelísticas e organizar uma igreja (de dezesseis membros), Czechowski implorou-lhe que indicasse seu nome à comissão executiva. Em lugar disso, Loughborough instou-o a aguardar um tempo. Muitos anos depois, Loughborough recorrou que não se sentira livre para ser cândido com o pretendente a missionário. Ele lhe havia dito que a igreja não podia ainda enviá-lo por falta de recursos. Desejava dizer que o próprio indivíduo era “muito impetuoso” para ser enviado.⁵

Já em 1858 Czechowski havia confessado em uma carta a Ellen G. White que seu profundo desejo era “visitar meu próprio país natal, além do

oceano, e falar sobre a vinda de Jesus e a gloriosa restauração, e de como se devia observar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus”.⁶

Por seu turno, Ellen White escreveu a Czechowski uma quantidade de cartas ao longo dos anos. Em 1861 ela lhe disse que lhe tinha sido mostrado em visão que ao rejeitar o conselho de seus irmãos do ministério ele cometia erro. Ela o elogiou como sendo “consciencioso e perfeitamente honesto perante Deus” – um elogio raro da parte da mensageira do Senhor – mas lembrou-lhe que ele havia dado a seus irmãos motivos para ter perante eles um conceito negativo. Ela o instou a não “estabelecer um curso de ação” para si mesmo, mas a aguardar as decisões da igreja; e admoestou-o especificamente a não deixar que descrentes o desviassem com falso louvor.⁷

A liderança analisou sua petição de ser enviado ao exterior e relutantemente a rejeitou para aquela época, na expectativa de que ele se desenvolveria como um dirigente mais prudente para então enviá-lo mais tarde.⁸

Com isso Czechowski fez exatamente aquilo que a irmã White lhe havia escrito para não fazer. Ele se dirigiu a uma reunião campal em Wilbraham, Massachussets, conduzida pelos Cristãos do Advento, falou-lhes sobre seus sonhos e obteve os mais elevados elogios e entusiástico apoio deles.

Os Cristãos do Advento constituíam uma organização de ex-mileritas que rejeitavam o sábado e a doutrina do santuário, mas que aceitavam o sô dos mortos. Eles haviam se organizado formalmente como sede em Boston, em 1860, o mesmo ano em que os adventistas do sétimo dia estabeleceram seu nome. Miles Grant, que editava o periódico deles, *World's Crisis*, concordou em permitir que Czechowski solicitasse fundos através das colunas de tal publicação.

O principal ramo do milerismo, que defendia a imortalidade da alma, havia se organizado como a Associação Milenial Americana, mais tarde conhecida como Adventistas Evangélicos, em 1858. O editor do *Adventist Herald* que publicavam, também tornou seu periódico acessível ao ex-sacerdote. (No total, os adventistas do primeiro dia perfaziam um número de membros correspondente a cerca de dez vezes o de adventistas do

sétimo dia.)

Assim apoiado, e acompanhado por sua família e pela Srta. Ana Butler, uma irmã de Jorge I. Butler que um dia seria presidente da Associação Geral, Miguel Belina (ou Boaventura) partiu para a Europa em 14 de maio de 1864.

Por quatorze meses ele trabalhou diligentemente na vizinhança de Torre Pellice, na região valdense dos Alpes italianos. Ali ganhou vários indivíduos para o sábado, notavelmente J. D. Geymet, Francisco Besson, e, pouco depois, aparentemente, a Sra. Catarina Revel.¹⁰ Sucumbindo finalmente ante esmagadora oposição e levando consigo João Geymet – e, logicamente, sua família e Ana Butler – ele transferiu suas operações em setembro de 1865 para a Suíça.

Czechowski e Geymet iam de casa em casa, pregavam em auditórios públicos, imprimiam e vendiam folhetos e lançaram um periódico *L'evengile eternal* (“O Evangelho Eterno”). Três anos depois, quando Czechowski partiu da Suíça definitivamente, deixou atrás de si cerca de quarenta crentes batizados adorando em vários grupos. Sua igreja principal, em Tramelan, organizada no início de 1867, foi a primeira igreja adventista do sétimo dia fora da América do Norte.

A fim de assegurar apoio financeiro de seus patrocinadores, Czechowski remetia relatórios regulares para o *Advent Herald* e *World's Crisis* cujos editores tornaram-se cada vez mais simpáticos a sua causa e instavam os leitores a apoiá-lo, encaminhando-lhe suas contribuições de tempos em tempos.

Ajudado pelo fato de que o inglês era-lhes um idioma estrangeiro, Czechowski conseguiu por três anos manter seus conversos ignorando que havia grupos adventistas na América. Mas num certo dia no final de 1867, Alberto Vuilleumier, que conhecia inglês suficiente para ler sem o auxílio de um dicionário, notou entre os pertences de Czechowski um exemplar da *Review* de 16 de julho. Admirado, e com crescente excitação, ele leu frase por frase até descobrir que também havia adventistas observadores do sábado na América do Norte! Imediatamente despachou uma carta, em francês, para Battle Creek; e após alguma demora, devido à língua, o pessoal de Battle Creek leu com crescente excitação sobre os adventistas

observadores do sábado na distante Suíça.

Cartas iam e vinham, mas a mútua alegria foi prejudicada pela informação de que o edifício e o equipamento que Czechowski havia adquirido para a publicação de *L'evengile eternal* estavam sob pesada hipoteca, o débito estava para vencer e o ex-sacerdote estava fora, na Itália, realizando obra missionária. A fraqueza de Czechowski novamente transparecera, desastrosamente.

Embora os credores adiassem a data de vencimento para janeiro de 1869, os americanos convidaram os suíços a remeterem-lhe um representante, e então planejaram uma fórmula para levantar fundos suficientes para solver o débito. Mas havia uma condição. Julgou-se naquelas circunstâncias que se os americanos provessem o dinheiro, a escritura para a imprensa não deveria estar em nome de nenhum indivíduo, mas dos crentes suíços como um todo. Czechowski disse “Não”! e a imprensa foi perdida.¹¹ por essa época ele saiu definitivamente da Suíça. Trabalhou por um curto período na França, Alemanha e Hungria; depois se estabeleceu na Rumânia onde se manteve por conta própria e organizou outro grupo de conversos. Sob circunstâncias obscuras, morreu de “exaustão” em 23 de fevereiro de 1876 em Viena, com a idade de cinquenta e sete anos.

Não se pode negar seu zelo missionário. Sempre pobre, ele viajava incríveis distâncias a pé. Em pelo menos uma ocasião, percorreu infindáveis quilômetros após o anoitecer através de campos lamacentos sob uma severa chuva invernal. De outra feita, es correjou sobre a neve até a beira de um precipício. Ele cria que Deus o havia chamado para esse ministério pessoal. Certa vez, relata ele, uma influente família italiana foi preparada para sua chegada mediante um sonho.¹²

A qualidade de seus conversos também é digna de nota. J. D. Geymet, Francisco Besson, Jonas Jones e outros, imediatamente deixaram tudo para se tornarem missionários de tempo integral. Alberto Vuilleumier, um fabricante de relógios, empenhou-se vigorosamente como um ancião, às vezes até batizando pessoas. Tiago Erzberger, já um aspirante ao ministério, transferiu sua lealdade à igreja observadora do sábado por toda a vida. A Sra. Revel, a despeito de sofrer severa oposição em casa, permaneceu uma

observadora do sábado por mais de sessenta anos até sua morte aos noventa e nove. A Sra. Pigueron, que esteve entre os três primeiros batizados num lago em Neuchatel, permaneceu como adventista por mais de setenta anos. Vários dos jovens casais que Czechowski batizou são, através de seus descendentes, ativos ainda hoje na obra adventista do sétimo dia.

Quando correram notícias que Czechowski estava pregando o sábado na Europa, os vários adventistas do “primeiro dia”, aborrecidos e contrariados, rejeitaram-no. Os adventistas do sétimo dia, contudo, compreensivelmente se deleitaram e o saudaram como “esse homem nobre e decidido”. Tocavam apenas de leve em suas faltas e tendiam a culpar-se por não o terem ajudado a superá-las. A assembléia da Associação Geral de 1872 oficialmente reconheceu “a mão de Deus em implantar a verdade na Suíça”.¹³

Mas quando Andrews alcançou a Suíça em 1874, ele descobriu que muitos adventistas suíços lembravam-se de Czechowski sobretudo com “muita dor e tristeza”.¹⁴ Dívidas, desapontamento e o diabo haviam lançado sementes de desilusão. Os suíços lealmente se apegavam à verdade sobre o sábado – mas também, teimosamente, aos rumores de que Czechowski confessara adultério e terminara apostatando.¹⁵ Conquanto acolhessem Andrews com corações gratos, não tiveram condições de ajudá-lo a obter a nova tipografia de que precisava tanto,¹⁶ e ele morreu sem poder obtê-la.

O interesse por Czechowski tem aumentado em anos recentes, estimulado em parte pelo centenário de sua morte. Europeus leais estão se empenhando em desmentir todos os trágicos rumores, se puderem.

“Temos este tesouro”, observou Paulo a cada evangelista cristão, “em vasos de barro.”

Ellen White não disse que se Czechowski fosse à Europa Deus o iria abandonar! Deus evidentemente abençoou a pregação desse ex-sacerdote católico. Contudo, sem emitir julgamento, somos tentados a pensar em como poderia ter sido diferente. Como seria, se para superar seu orgulho, o próprio Czechowski em 1858 tivesse reconhecido que sua falta de senso de organização derivava de seus anos no mosteiro (onde cada necessidade temporal era suprida), e houvesse acatado o amistoso conselho de seus colegas e a inspirada admoestação de Ellen White? No campo do

evangelismo, que estava em progresso, ele poderia ter rapidamente formado uma sólida reputação por um criativo trabalho de equipe. Ativo como era, poderia ter ajudado significativamente a fazer a maré mover-se na direção da organização num tempo crucial da história da igreja. Quando a Associação Geral considerou o envio de B. F. Snook para a Europa, poderia muito bem tê-lo apontado dez anos antes de J. N. Andrews ter sido enviado! Sua imprensa na Europa não precisaria ter sido perdida. O fluxo de missionários poderia ter sido iniciado uma década antes do que o que ocorreu. E M. B. Czechowski, no devido tempo, poderia ter encerrado seus dias honrado e apreciado em ambos os lados do Atlântico, como o primeiro missionário *oficial* dos adventistas do sétimo dia para o ultramar.

22. “A Família Missionária de Ultramar”

Na América, em meados do século dezenove, requeria-se mais do que uma parcela de independência a fim de observar “o sábado em lugar do domingo”, e os conversos que concordavam quanto ao dia da semana e não concordavam necessariamente quanto a muitas outras coisas. Seus próprios líderes os consideravam benignamente como um fascinante “saco de botões”, de todos os tipos e tamanhos, com “mais crenças diferentes entre si do que cabeças ou chifres em qualquer das bestas na Bíblia”.¹

Dizer que cada membro acompanhava o passo com todos os demais, numa crescente disposição de espalhar a mensagem do terceiro anjo em todo o mundo, seria bem falso. Foi a cena das publicações se empilhando na editora porque tantos membros não se interessavam suficientemente em adquiri-las para distribuição, que finalmente convenceu Tiago White de que a igreja se tornara laodiceana. E mesmo após as notícias sobre o início do trabalho na Suíça, demorou muito para que a igreja se movimentasse para seu papel no ultramar.

Constantemente, Ellen White apelava ao povo para despertar e trabalhar pelos outros. Fazei especiais esforços, recomendava ela, onde os anjos de Deus abrirem o caminho!² Não vos concentreis em confortáveis colônias!³ Não espereis que a luz da verdade vos ajude a menos que “a transmitais aos outros”!⁴ Suas palavras caíam em muitos ouvidos moucos.

Assim como as notícias sobre a Suíça despertaram interesse, também a chegada de Tiago Erzberger causou sensação. Tiago era seminarista quando ouviu sobre os observadores do sábado. Para demonstrar seu desdém por aquilo que considerava ser legalismo da parte destes, apareceu em sua reunião sabática em roupas de trabalho. No final de 1868 Alberto Vuilleumier o batizou. Em junho de 1869 chegou à estação ferroviária de

Battle Creek. Incapaz de falar inglês, ele segurava um envelope marcado, “J.N. Andrews, Battle Creek, Michigan”.

Os White imediatamente o acolheram em seu lar. Guilherme prontamente começou a dar-lhe aulas de inglês o dia inteiro com participação de Adeline Howe, a cozinheira dos White, e João Kellogg, o futuro médico. Dentro de cinco semanas o jovem Erzberger apresentava uma palestra em inglês. Dentro de nove semanas, levava uma reunião campal em Ohio às lágrimas com um apelo pela Suíça. Em resposta, os adventistas do sétimo dia levantaram o que chamou sua primeira oferta para as missões estrangeiras (de setenta e seis dólares).⁵ Em pouco mais de um ano Erzberger era ordenado e seguia de volta à pátria.

Enquanto isso, como já vimos, uma “Sociedade Missionária dos Adventistas do Sétimo Dia” havia sido formada para levantar dinheiro. A *Review*, além disso, transmitia noticiário regular agora sobre a Missão da Nova Inglaterra, a Missão da Califórnia e a Missão Suíça. Entretanto, um editorial de 1870 retrata um cruel realismo: “Parece que Deus está impressionantemente preparando o caminho para difundir a luz, ... Deus está preparando o caminho ante Seu povo, *mesmo mais depressa do que este está preparado para responder*.”⁶ (Ênfase acrescentada.)

Ademar Vuilleumier, primo de Alberto, apareceu. Ele frequentou a escola em Battle Creek. Sua presença deve ter feito diferença. Mas quando a assembleia da Associação Geral em 1873 ponderou sobre as necessidades da Suíça, não tomou nenhum voto para enviar um homem. “Os campos estão todos brancos e prontos para a ceifa”, pleiteou Tiago White com energia. “Precisamos enviar homens à Europa a fim de estabelecer a obra ali. Os irmãos na Suíça tinham pedido e ainda estão pedindo ajuda. E sugerimos que o Pastor J.N. Andrews seja designado para acompanhar o irmão Vuilleumier para a Europa neste outono.”⁷

Mas isto não se confirmou; não naquele outono. O ano de 1874 seria melhor. Mas, enquanto aguardamos que os irmãos se decidam, façamos algumas considerações sobre esse homem a quem o Pastor White recomendava e a quem já temos encontrado tantas vezes.

João Nevins Andrews nasceu quinze anos antes do desapontamento de 1844 na pequena cidade de Poland, Maine (onde, coincidentemente,

duas das irmãs de Ellen Harmon foram morar quando se casaram, anos depois). Dentro de algum tempo, a família Andrews mudou-se para Paris, Mine, aceitou a mensagem de Miller, e após 22 de outubro acolheu em seu lar a família Stowell que havia vendido sua fazenda na expectativa do retorno de Cristo. Esta generosidade dos pais de João foi bem recompensada. De algum modo um exemplar do folheto de T.M. Preble foi introduzido em seu lar. Esta pequena obra, como se recordam, foi que levou José Bates ao sábado do sétimo dia.

A jovem Mariana Stowell de quinze anos, viu-o disponível por ali e o leu. Impressionada, ela o mostrou a Osvaldo, seu irmão mais velho. No sábado seguinte ambos observaram o sábado – da melhor maneira que puderam, considerando que temiam fazê-lo abertamente.

Na segunda-feira seguinte, Mariana ofereceu o folheto a João, jovem de dezessete anos. Ele o leu e perguntou: “Seu pai e sua mãe leram isto?”

No fim de semana seguinte ambas as famílias, pais e filhos juntos, guardaram o sábado, realizando um culto num cômodo de sua casa.

Logicamente eles todos compartilharam sua fé, e em breve sete outras famílias estavam se reunindo com eles. Uma das garotas no grupo, Harriet Stevens, finalmente tornou-se a Sra. Urias Smith; outra, sua irmã Angelina, tornou-se a Sra. J.N. Andrews.⁸

Em setembro de 1849 uma importante reunião foi realizada pelos crentes que viviam em Paris, Maine. Os White, José Bates, Stockbridge Howland e vários outros líderes pioneiros a assistiram. Ao fazer oração o rosto do irmão Howland brilhou com luz celestial, e o Espírito desceu “algo semelhante ao que se deu no dia de Pentecostes”, e pais e filhos, confessando seus erros, se uniram em compreensão e amor. Os membros da família Andrews estavam lá. João ficou tão impressionado com a evidência da direção divina no movimento do sábado-e-santuário, que exclamou ardorosamente: “Eu trocaria mil erros por uma verdade.”

Mais tarde Ellen White declarou que a benção de Deus fora derramada nessa ocasião especialmente por causa do jovem João. “O Senhor estava suscitando o irmão Andrews a fim de prepara-lo para utilização futura, e estava-lhe concedendo uma experiência que lhe seria de

grande valor em seus futuros labores.”⁹

Perto do fim do ano seguinte, Tiago White imprimiu o volume um, número um, as *Second Advent Review and Sabbath Herald*. Em seu cabeçalho, como membro de sua comissão de publicações formada por três homens, aparecia o nome de J.N. Andrews. Era uma clara indicação da confiança que White sentia poder depositar sobre o jovem João.

A oficina tipográfica não demorou muito tempo em Paris, Maine, e nem Andrews. Imediatamente ele lançou-se a campo como ministro, compartilhando a experiência e sacrifícios de outros “irmãos peregrinos”. Após os escritórios da *Review* terem-se fixado em Rochester, ele passava parte do seu tempo lá, onde, com outros auxiliares, subsistia por dias com pouco mais do que feijões e polenta, trabalhando além de seus limites. Outros auxiliares também subsistiam com a mesma dieta enquanto trabalhavam além de sua capacidade, circunstância esta que prejudicou a saúde de vários deles e concorreu para a morte de Ana Smith.

Em outubro de 1851, enquanto a *Review* estava ainda em Saratoga Springs, ele escreveu de Cincinnati: “Em meio à tribulação e à aflição, minha alma está grata a Deus. Nunca me impressionei mais com a importância da obra na qual estamos empenhados do que no presente. Meu coração está preso a ela, e numa obra tão sagrada eu alegremente gastaria e me deixaria gastar. Almas estão perecendo, as quais agora estão sendo alcançadas. O tempo para o trabalho é curto, e a noite, em que ninguém pode trabalhar, está próxima. Não devemos então, enquanto é dia, fazer o que pudermos para que possamos de alguma maneira salvar alguns?”¹⁰

Ele era sincero em cada palavra. Realmente, estava mais que disposto a gastar e ser gasto. Em pouco tempo chegou quase a gastar tudo quanto tinha. Esta é a razão de ter-se aposentado por algum tempo, em Waukon; e foi lá, em 1856, que se casou com Angelina.

Ellen White havia dito que Deus o estava preparando para Seu serviço; e ele certamente demonstrou ser muito útil à causa, como pregador, estudante, escritor, administrador, e missionário pioneiro.

Em 1855 ele provou conclusivamente que o sábado se inicia no pôr do Sol e não ao nascer do Sol como alguns poucos adventistas defendiam,

ou às seis horas da tarde, como José Bates e a maioria dos outros insistiam.

Sua pesquisa, três ou quatro anos depois, conduziu à prática da contribuição sistemática. Em 1861 apareceu uma obra bem pesquisada, de sua autoria, intitulada *History of the Sabbath and the First Day of the Week* [História do Sábado e do Primeiro Dia da Semana], que, revisada e reeditada, permaneceu como obra padrão dos adventistas do sétimo dia nesse campo, até boa parte do século XX. Diz-se que Andrews podia estudar em sete idiomas, e que reivindicava ter memorizado o Novo Testamento.

Andrews foi membro das comissões que (em 1860) votaram o nome “Adventista do Sétimo Dia” e (em 1863) organizaram a primeira Associação Geral. Ele serviu como terceiro presidente da Associação Geral (de 1867 a 1869), e por vários anos foi redator da *Review and Herald*. Em 1863 seguiu para Washington a fim de explicar ao governo a posição adventista quanto ao serviço militar.

Não é de admirar que Ellen White, ao escrever para a Suíça em 1878, se referisse a ele nos seguintes termos: “Enviamo-vos o homem mais capaz em nossas fileiras”!¹¹

Mas isso foi muito depois de ele ter chegado! Agora é a vez do ano de 1874 – um ano marcante na história adventista.

Em 16 de março de 1874, foi registrada a Sociedade Educacional Adventista do Sétimo Dia, como preparativo para fundar, naquele ano, o Battle Creek College, a primeira instituição adventista de ensino superior.

Em 4 de junho de 1874, foi lançada a revista *Signs of the Times*, preparando o caminho para a fundação da Pacific Press no ano seguinte.

Em agosto de 1874 foi realizada em Michigan uma combinação de campal e assembleia da Associação Geral – a maior reunião de observadores do sábado, observou Urias Smith corretamente, a celebrar-se em qualquer parte do mundo por muitos séculos.

Nessa campal-assembléia da Associação Geral, Tiago White argumentou novamente em favor do envio de alguém para levar a terceira mensagem angélica ao resto do mundo. “Nossa missão *abrange o mundo*”,

insistia ele.

Então, na quarta-feira, dia primeiro de abril desse mesmo memorável ano, enquanto os White estavam vivendo temporariamente em Oakland, Califórnia, Ellen recebeu uma visão muito impressionante. Ela registrou logo depois, recordando as palavras que lhe foram ditas por um mensageiro celestial:

“Estais alimesntando idéias muito acanhada quanto à obra para este tempo. Estais procurando planejar a obra de modo que possais abrange-la em vossos braços...[Mas] vossa casa é o mundo.” Ela citou especificamente a Austrália, Europa e as ilhas do mar como locais para intensa atividade missionária. Ela desafiou os líderes com essa sentença fundamental: “Deveis conduzir a palavra da vida para que *todos* possam ter uma oportunidade de receber a verdade se o desejarem.” Citando novamente as palavras do mensageiro celestial, ela implorou: “Nunca percais de vista o fato de que a mensagem que estais portando é uma mensagem de amplidão mundial. Deve ser dada a todas as cidades e povoados.”¹²

Diferentemente de alguns de seus irmãos, Ellen White nunca se esqueceu das razões para a existência do movimento adventista do sétimo dia. Jesus ingressou no lugar santíssimo para empenhar-Se na obra de livrar Seu povo para sempre de seus pecados. A fim de encorajar a santidade final, Ele permanece ao lado da arca derramando sobre a Terra a glória da santidade do sábado. Mas Ele não permanecerá ali por muito tempo e quando Se retirar, cada caso terá sido decidido para o bem ou para o mal.

A mensagem do sábado, de lealdade a Deus baseada num relacionamento vital com Jesus, deve ir a cada alma vivente, de modo que cada um possa ter oportunidade de modificar seus caminhos antes do fim do tempo de graça e do derramamento das sete últimas pragas e dos mais cruéis ataques de satanás no tempo de angústia. “Ninguém”, escreveu ela, “deverá sofrer a ira de Deus antes que a verdade se lhe tenha sido apresentado ao espírito e consciência, e haja sido rejeitada. ...Cada qual receberá luz bastante para fazer inteligentemente a sua decisão. O sábado será a pedra de toque da lealdade.”¹³

Em 14 de agosto de 1874 a Associação Geral finalmente respondeu a seus apelos – e aos de seu esposo e dos suíços. Sob as lonas agitadas pelo

vento de uma tenda campal foi tomado o histórico voto que levava *oficialmente* o adventismo para fora da América do Norte: “Resolvido, que a Associação Geral... instrua a Comissão Executiva para enviar o pastor J.N. Andrews à Suíça o mais cedo possível.”

Andrews estava pronto. Em 15 de setembro, um mês depois, ele partiu de Boston navegando rumo a Liverpool em seu caminho para a Suíça.

Com ele, a bordo do navio Atlas, da Cunard, estavam Ademar Vuilleumier, seu intérprete francês incial, e seus filhos sobreviventes: Maria, com doze anos de idade, e Carlos, com dezessete. Andrews aceitara o sábado em Paris, Maine com dezessete anos. Angelina havia falecido em março de 1872. Dois filhos haviam morrido na infância. “Ele deixa metade de sua família no silêncio da sepultura”, observou Tiago White com simpatia.

A ausência de uma esposa e mãe teria efeitos funestos sobre a saúde dessa família missionária, mas Andrews havia enfrentado dificuldades indescritíveis como missionário na terra natal, e não se deteria por motivo algum como missionário estrangeiro. Seus filhos também estavam submetidos à vontade de Deus.

Após a chegada, Andrews mergulhou imediatamente em seu trabalho. Convocou uma assembléia de crentes e recebeu uma acolhida principesca. Viajou com Erzberger à Prússia para ter contato com um grupo de observadores do sábado não adventistas ali. Mas o grande peso de sua alma era publicar uma revista equivalente à *Signs of the Times*, *Les Signes des Temps* [Sinais dos Tempos]. Sabendo que os franceses não sentem atração por estrangeiros que torturam sua sintaxe, ele dedicou todo o esforço em dominar a língua com perfeição. Não desejava barreiras desnecessárias entre sua mensagem e o povo. Maria e Carlos uniram-se a ele nisso. Após dois anos estavam prontos para firmar um solene concerto, escrito e devidamente assinado, decidindo que falariam em casa somente francês. O alemão poderiam usar como uma exceção, se o desejassem. O inglês deveria ser reservado somente para expressar o sofrimento.

O lar para os três foi um apartamento na cidade Suíça de Basileia (de fala alemã). Ali, Andrews reproduziu mais ou menos o primitivo “modelo

Rochester”, utilizando o apartamento como escritório de publicações e lar ao mesmo tempo. Andrews preparava laboriosamente artigos para seu periódico, ou traduzia-os com exatidão da *Review* e da *Signs* editada na Califórnia. Carlos, com igual dedicação, fazia a composição tipográfica. Maria que aprendera a falar francês como uma nativa, ajudava na leitura de provas.

Páginas de tipos eram colocadas sobre um carrinho de rodas e encaminhadas a um impressor, dentre os muitos que se sucederam. Andrews havia escolhido Basiléia em parte por sua reputação de boas tipografias; mas para seu exigente caráter, todos os bons impressos eram desonestos, e os honestos não eram bons. Certa vez ele fez parar uma impressora cinquenta vezes durante um único turno para corrigir o trabalho descuidoso de um impressor.

Ele solicitou a Battle Creek uma impressora própria e homens para aperá-la. Tiago White lançou uma campanha para conseguir dez mil dólares nesse sentido, mas pouco disso foi conseguido naquele tempo.

Parece que Andrews não tinha um salário regular, mas esperava-se que obtivesse cobertura para suas despesas pessoais de contribuições que ocasionalmente lhe vinham dos Estados Unidos. Para o home que fora pioneiro das contribuições sistemáticas, isso parecia irônico. Sendo um cristão consciencioso, sentia-se embaraçado em retirar um centavo além do que julgava absolutamente essencial. Na prática ele retirava menos do que era essencial. Por meses, num ano, ele e seus filhos pouco comeram além de pão, batatas, mingau de milho, poucas uvas na estação, e ocasionalmente alguma fruta.

O paralelo com Rochester era bem exato em outras formas também. Por volta de 1878, quando Maude Sisley e Guilherme Ings haviam chegado para ajudá-los, a Sra. Ings começou a suspeitar que nem tudo estava bem com Maria. Notícias terríveis alcançaram a América de que as famílias missionárias temiam que a “tuberculose” a estava dominando.

Andrews foi convidado para a Assembléia Geral de 1878. Ele pediu para trazer Maria consigo – e prometeu que pagaria sua passagem. Ele ainda dispunha de algum fundo proveniente da venda de sua casa quando partira.

Foi a última viagem de Maria. Mesmo o jovem e brilhante Dr. Kellogg não pôde oferecer esperanças. Maria sentia saudades de sua mãe e pedia a seu pai que se sentasse junto a ela. O Dr. Kellogg advertiu-o da provável consequência; mas Maria havia ido com tanta disposição à Europa sem uma mãe e permanecera sempre tão fiel ao seu lado que ele não a abandonaria.

Antes do fim do ano, ela faleceu, com dezessete anos de idade.

Andrews, que tivera um ligeiro declínio em sua saúde quando sua esposa faleceu em 1872, nunca se recuperou da morte da filha. “parece que estou me apegando a Deus com uma mão paralisada”, suspirou ele pouco depois.

Deus o amava em sua solidão. E enviou-lhe uma mensagem, por meio de Ellen White, de que Angelina, Maria e seus dois bebês adormecidos estavam salvos em Jesus e despertariam para a vida novamente.¹⁴

No verão seguinte Andrews de bom grado refez seu caminho. Carlos ficou contente em vê-lo! Eles conceberam outras maneiras para atrair a atenção do público e a circulação de *Les Signes* subiu de quinhentos para cinco mil exemplares. Mesmo sem Maria ele tinha uma equipe de meia dúzia de pessoas agora, e dispunham de uma ensolarada e bem equipada oficina tipográfica. Estavam produzindo folhetos em alemão (por Erzberger) em italiano, bem como em francês. *Les Signes* estava seguindo para endereços em cinquenta dos sessenta e dois distritos (*départements*) da França, e para quase todos os países da Europa – Suécia, Áustria, Hungria, Prússia, Saxônia, Alsácia, Bélgica, Sicília e Espanha, – para não mencionar a Suíça, logicamente, e também a Rússia, Índia, Egito e tanto a América do Sul como a do Norte.¹⁵

Andrews viajou para a Itália, Alemanha, Inglaterra e França, mas a publicação por si só já esgotava suas energias. Ele começou a perceber os sintomas de Maria surgindo em si próprio, um após o outro. Ao piorar sua saúde, a Associação Geral proclamou um dia de oração e pediu a J.N.Loughborough, seu converso dos dias de Rochester, para deixar a Inglaterra (onde estava realizando evangelismo) a fim de ungi-lo. Andrews ainda resistiu por algum tempo, mas o fim viria. No verão de 1883 sua

idosa mãe chegou de Waukon em companhia do Pastor B.L. Whitney, que havia sido designado pelos irmãos para “assisti-lo em sua fraqueza”.

A mente de Andrews permaneceu clara e seu ânimo vivo no Senhor. Ele jazia sobre o leito, como um esqueleto vivo, dando instruções a seus auxiliares quase até o fim. Faleceu ao pôr do Sol do domingo, 21 de outubro de 1883, com idade de 54 anos.

Em pé ao lado de sua sepultura no Cemitério Wolf, fora de Basiléia, pode-se quase ouvir sua voz repetindo suas próprias palavras: “Almas estão perecendo, e que podem ser alcançadas agora. O tempo para o trabalho é curto; a noite, em que nenhum home pode trabalhar, está próxima. Não devemos então, enquanto é dia, fazer o que pudermos para que de algum modo possamos salvar alguns?”

23. Movimento Missionário Mundial

Após a morte do pastor Andrews, nenhum panegírico em sua honra apareceu na *Review*.

Era o que ele desejava; e os redatores do periódico relutantemente concordaram. Mas um grande elogio tem sido, não obstante, registrado. Missionários e famílias missionárias que têm deixado seus lares em fluxo sempre crescente para servirem ao Senhor em climas estranhos têm-lhe concedido uma homenagem póstuma ao seguirem seus passos.

Aqui pode estar a grande diferença qualitativa entre seu serviço missionário e o de M. B. Czechowski. Em vista de Andrews ter deixado o país em harmonia com as instruções de seus irmãos, a organização inteira, em certo sentido, seguiu com ele, e num abrir e fechar de olhos a igreja como um todo se viu como um movimento missionário internacional.

Não que entendesse o conceito inteiramente. Não que ainda o faça. Mas quase imediatamente ela começou a encarar com seriedade sua tarefa mundial. No ano seguinte[1875] foi votado que Tiago White, de Battle Creek, João Loughborough, da Califórnia, e João Andrews, da Suíça constituiriam sua comissão executiva de três homens, que seria também sua junta missionária. O arranjo parecia “muito apropriado” ao redator Urias Smith, pois, disse ele, “a mensagem que os adventistas do sétimo dia estão dando é uma mensagem mundial.”¹

Tendo mencionado Czechowski novamente, seria justo a propósito, observar que Andrews, também, tinha o tesouro do evangelho contido num vaso de barro. Parece que ele não precisaria morrer tão cedo. Ellen White, como conselheira do Senhor, freqüentemente o aconselhara a não trabalhar tanto e a cuidar melhor de sua saúde. Andrews prometeu tentar, mas declarava que seu excesso de trabalho se justificava porque o êxito da causa o requeria. É muito mais fácil simpatizar com ele em virtude de sua compreensão tardia, mas não é tão fácil aceitar seu critério. Perto do fim ele

confessou, arrependido, que havia agido mal.²

Contudo, Deus o abençoou maravilhosamente. E usou seu espírito incansável de resolução para impressionar milhares de outros vasos terrestres a servirem dedicadamente em terras remotas.

O sacrifício de Maria também teve sua influência. Seu funeral atraiu a maior congregação até aquela data na história de Battle Creek e, juntamente com o solene apelo de seu pai aos jovens nessa ocasião, impressionou muitos jovens e muitas jovens que freqüentavam o colégio de Battle Creek a imitarem a consagração dela um dia.³

Vivendo na era do jato, hoje, é difícil conceber que pouco antes da partida dos Andrews para a Europa, o presidente da Associação Geral, Jorge I. Butler, havia justificado a relutância ao trabalho missionário da parte de alguns comentando que “nossos jovens considerariam tal iniciativa com temor e quase com horror.”⁴

Dez anos depois, quando Butler estava novamente na função de presidente da Associação Geral, ele venceu sua própria hesitação a ponto de empreender uma viagem à Europa, durante a qual ajudou a estabelecer casas publicadoras na Suíça, Noruega e Inglaterra, e melhorou a organização emergente da obra lá como um todo. Isso foi no ano que se seguiu à morte de Andrews. Por essa ocasião havia mil europeus adventistas do sétimo dia, e havia missionários em ação não somente na Itália, França e Suíça (terras em que Andrews e Czechowski entraram como prisioneiros), mas também na Dinamarca, Noruega e Suécia onde João Matteson e outros estavam trabalhando, e na Inglaterra, sob a liderança de Guilherme Ings, João Loughborough e outros. Em 1882, Estêvão Haskell, famoso pela sociedade missionária de folhetos, ajudou a organizar o primeiro Concílio Europeu de Missões Adventistas do Sétimos Dia (inicialmente, a Assembléia Européia) em Basiléia, com representantes da Grã-Bretanha, Escandinávia e campos da Europa Central.

Contar a história do adventismo em cada novo país requereria literalmente muitos volumes. Quase todos os países tiveram seu próprio “José Bates”, reduzido talvez ao equivalente de um xelim de prata, mas avançando contra mais ou menos aberta ou disfarçada oposição mediante portas abertas pela divina providência de Deus.⁵

A exemplo de Andrews, João G. Matteson seguiu o modelo de Rochester em seu ministério à Escandinávia. Ele havia aprendido algo sobre impressão na América. Quando seus conversos lá solicitaram folhetos em dinamarquês e o escritório da *Review* o desencorajou, ele levantou mil dólares entre seu punhado de dinamarqueses e noruegueses, tomou o trem para Battle Creek, aprendeu como fazer composição tipográfica e preparou ele próprio as publicações. Na Noruega estabeleceu uma tipografia no edifício onde sua família vivia. Não familiarizado com os produtos locais, ele utilizou tinta e papel inadequados para sua primeira edição e os exemplares demoraram muito para secar. Com a ajuda de sua família ele dependurou as páginas em varais por uma semana. Mas inconveniências menores não impediram que Matteson e seus associados estabelecessem um firme fundamento para o adventismo na Escandinávia.

Entre os primeiros adventistas do sétimo dia na Rússia estavam Romualdo Bartola,⁶ um caixeiro-viajante italiano, e Gerhard Perk, um ex-menonita. Andrews ou Czechowski haviam ajudado a ganhar Bartola; parentes de língua alemã na América haviam remetido periódicos a amigos de Perk que falavam alemão. Estes haviam examinado superficialmente o material e advertido: “Essa literatura é tão perigosa que pode até enganar um menonita.” A curiosidade venceu. Oculto num depósito de feno, Perk leu um exemplar de *A Terceira Mensagem Angélica*, aceitou seus argumentos e escreveu a Battle Creek solicitando mais.

Ao tempo da conversão de Perk estava trabalhando na Alemanha L.R. Conradi, um jovem alemão que havia emigrado para a América, aceitara o sábado enquanto cortava lenha em Iowa, graduara-se em tempo recorde pelo Colégio de Battle Creek e rapidamente demonstrou um impressionante talento para ganhar muitos outros imigrantes. A Associação Geral solicitou-lhe que regressasse à Europa para ajudar o pastor Erzberger. Atraído pela correspondência de Perk, Conradi tomou o trem para a Rússia e realizou ali um poderoso trabalho juntamente com Perk, encontrando observadores do sábado esperando-os em muitos lugares, batizando-os e, entre muitas aventuras sendo lançado (com Perk) na cadeia. Subseqüentemente Conradi tornou-se por décadas o líder do adventismo na Europa Central -e na verdade um missionário mundial, conduzindo missões evangelísticas na África e América do Sul bem como Alemanha, e

redigindo vários livros importantes.

O primeiro adventista do sétimo dia na Turquia parece ter sido Teodoro Anthony, um turco que, como Conradi, havia deixado sua terra natal e aceito o sábado na América. Ele estava reparando sapatos em São José, Califórnia, quando o Espírito inspirou-o a retornar para a pátria.

Hong Kong tornou-se um campo missionário adventista sob circunstâncias que se tornaram amplamente conhecidas. Abrão LaRue, por um tempo missionário e pastor, e depois madeireiro no condado de Sonoma, Califórnia, ouviu João Loughborough pregar a terceira mensagem Angélica nos dias iniciais do adventismo no oeste. Pesaroso com as necessidades da China, ele rogou aos irmãos que o autorizassem a ir trabalhar entre os milhões daquele vasto território. Não pedia salário; somente aprovação. Mas a liderança declinou em razão de sua idade. Ele tinha sessenta anos.

Derrotado, mas não conformado, ele obteve uma designação alternativa para “uma das ilhas do Pacífico”. Como havia anteriormente vivido no Havaí imaginou-se que ele iria para lá: e, realmente, colportou em Honolulu por algum tempo despertando tal interesse que o evangelista Guilherme Healey foi enviado para colher sua ceifa. A seguir ele caladamente mudou-se para o lugar ao qual seu coração o chamava, para Hong Kong, realmente uma ilha do Pacífico, na costa chinesa.

África, o continente sobre o qual muitos pensam quando alguém profere a palavra “missionário”, acolheu seu primeiro adventista do sétimo dia em 1863! A Srta. Ane More, enquanto visitava Connecticut, recebeu de Estêvão Haskell entre outras coisas um exemplar da nova obra de João Andrews, *História do Sábado*. Quando ela retornou à Libéria como missionária de outra denominação, estudou o assunto cuidadosamente, e também todas as outras publicações que Haskell se assegurou de que recebesse pelo correio.

Dedicada ao domingo, ela achou difícil a princípio realizar a mudança, mas quando escreveu sua primeira carta publicada na *Review*, em 2 de janeiro de 1864, já tinha ganho outro missionário à terceira mensagem, o australiano Alexandre Dickson. Oh, assegurou ela aos leitores da *Review*, seu povo tem “adventistas do sétimo dia de todo o coração” aqui na África!

É verão aqui, continuava ela (em janeiro): “Os pássaros estão cantando, rãs coaxando, insetos zumbindo e flores desabrochando, e toda a Natureza sorri. O homem sozinho é mau. Que pena que o homem mau seja indiferente enquanto a Natureza canta.”⁷

Que pena, também, contar o triste fim dessa atraente senhora. Sua própria sociedade missionária, ao descobrir suas novas convicções, dispensou-a. Ela, porém, não se deixando desanimar, visitou as outras estações missionárias na costa ocidental da África e deixou literatura em cada uma. Retornando à América, foi batizada em South Lancaster, Massachusetts, e continuou distribuindo literatura, algumas das quais produziram fruto, em sua jornada para Battle Creek.⁸

Em Battle Creek, contudo, ela encontrou a mente dos crentes concentrada em coisas terrenas. Os White estavam fora. A Srta. More, financeiramente destituída, procurou emprego entre aqueles que não se interessaram por ela. Mais tarde, encontrou abrigo no lar de outra ex-missionária de sua antiga confissão religiosa, na península superior do Michigan, e faleceu prematuramente, chocada com a falta de hospitalidade entre os adventistas, mas ainda uma adventista de todo o coração.

Ouvindo sobre sua dura experiência, a irmã White repreendeu a igreja de Battle Creek como uma verdadeira profetisa, não por não ser pior do que as outras, mas por não ser muito melhor....Deixaram de hospedar um anjo sem sabê-lo.⁹

Talvez Ana More, uma missionária na África, compartilhando sua fé no Cristo do sábado e do santuário em 1863, pudesse ser homenageada como a primeira missionária adventista do sétimo dia em terras estrangeiras. Por que não?

A tocha da “verdade presente” foi reacendida no continente africano por Romualdo Bartola, que momentos atrás encontramos na Rússia, e que formou um grupo – e batizou seus integrantes – durante uma viagem de negócios a Alexandria. A seguir a tocha foi carregada pelo Dr. H. P. Ribton, um médico inglês que aceitou o sábado do missionário americano Andrews, enquanto vivia na cidade italiana de Nápoles, e seguiu para o Egito em 1878 devido à saúde de sua filha. Após realizar um bom trabalho, Ribton foi morto em 1882 com dois outros de seus observadores do sábado,

durante uma rebelião contra estrangeiros.

A África do Sul pode falar sobre Guilherme Hunt, um mineiro que levou consigo o sábado das minas de ouro de Nevada às escavações de diamante de Kymberly. À semelhança de LaRue, ele aceitou o sábado enquanto Loughborough iniciava a obra no norte da Califórnia; e, como LaRue também, serviu ao Senhor por sua própria conta. Enquanto isso, na África do Sul, Pedro Wessels e G. J. Van Druten, fazendeiros holandeses sul-africanos estavam aprendendo sobre o sábado por si próprios. Wessels, dedicado membro da Igreja Reformada Holandesa, tornou-se tão preocupado com a ordenha de suas vacas no domingo que chamou seu vizinho, Van Druten, para estudar a questão do sábado com ele na Bíblia. Em breve ambos os homens estavam observando o sétimo dia, alheios a quaisquer outros observadores do sábado no mundo. Providencialmente tiveram contato com Guilherme Hunt (seja mediante literatura ou por um encontro “casual” numa mina de diamante -os relatos divergem), e mediante Hunt os dois holandeses, para seu deleite, descobriram a denominação adventista do sétimo dia. Outros membros da família Wessels, além de Pedro, tornaram-se também adventistas do sétimo dia. A generosidade deles, baseada na venda de uma rica fazenda com diamantes, escreveu um capítulo na história do adventismo não somente África como também na Austrália e mesmo em Chicago, onde auxiliaram o Dr. Kellogg a financiar seu trabalho em prol dos pobres da região urbana ali.

Até então, a obra africana no Egito, Libéria e África do Sul havia sido dirigida principalmente para imigrantes evangelizados e seus descendentes e outros não-negros. O primeiro obreiro especificamente dedicado aos negros não cristãos da África foi Jorge James, um violinista inglês que se tornou adventista do sétimo dia na América. No princípio da década iniciada em 1890, quando se dispôs voluntariamente ao serviço missionário, a Junta de Missões Estrangeiras da Associação Geral (que havia substituído a comissão executiva nessa função), declinou de enviá-lo com base no fato de não ter suficientes fundos.

Com isso, James vendeu tudo quanto possuía, exceto o violino e as roupas, e pagou sua passagem. Por dois anos no coração do continente negro ele atraiu pessoas nativas tocando sua “caixa que podia cantar”. Seu coração se alegrou ao saber que a denominação havia aberto uma estação

missionária regular em Solusi, e ele partiu com alegria para saudar os irmãos ali. Mas no caminho, a bordo de um pequeno vapor fluvial, morreu de malária, sendo enterrado numa solitária sepultura, sem indicação.

Prossigamos rumo a Solusi. Em 1894, em terra autorizada por Cecil Rhodes, os adventistas do sétimo dia abriram sua primeira estação missionária regular entre um povo não-cristão (os matebeles).¹⁰ Vinte anos após 1874. Meio século após 1844.

No ano seguinte foi aberta uma segunda estação missionária para não cristãos (os hindus) em Calcutá, Índia.

As limitações deste livro nos impedem de falar muito sobre as origens do adventismo na maioria dos lugares, mesmo na Austrália, a maior dentre as ilhas e o menor dentre os continentes, aonde Alexandre Dickson levou a mensagem, quente, partida do coração de Ana More, pregando-a nos anos da década de 1860, somente para desanimar-se com seus resultados, e abandoná-la. Em 1886, E. N. Haskell com sua família, uma bela equipe de associados e, previsivelmente, uma impressora, levou a mensagem avante ali. De 1891 a 1900 a própria Ellen White lá atuou.

Mas, voltemos à África por um momento. Mais ou menos na mesma ocasião em que Jorge James para lá seguiu por sua conta, a Associação Geral pediu ao Pastor Lourenço Chadwick para estudar o potencial missionário na costa ocidental. Quando a sua embarcação adentrou o pequeno porto de Apam, na Costa do Ouro (atual Gana), ele foi entusiasticamente acolhido por três ou quatro dúzias de adventistas do sétimos dia! Na verdade o líder deles, Francisco Dolphijn, um nativo da tribo Fanti, remou até o vapor para o encontrá-lo, galgou a escadinha de corda, vários degraus de uma vez, e gritou lá do alto: “O Pastor Chadwick está aí?”

Chadwick havia encontrado outros grupos de conversos a sua espera: um em Serra Leoa, dirigido pelo Pastor Coker, e outro na Libéria, por um Sr. Gaston. Dolphijn e, aparentemente, Coker haviam conhecido a verdade mediante publicações enviadas pela Sociedade Missionária de Folhetos dos Estados Unidos. Gaston havia ouvido a Palavra numa viagem à África do Sul e voltara para contá-la ao seu povo.¹¹

Referimo-nos novamente à África para chamar a atenção outra vez à obra dos leigos no esforço missionário dos adventistas do sétimo dia. Dolfhijn e Gaston não eram ministros, mas compartilharam eficazmente sua fé antes de jamais terem encontrado um ministro ordenado. Ribton, LaRue, Anthony, Bartola, Hunt, todos deixaram o lar e tornaram-se missionários *estrangeiros* sem serem ordenados— ou mesmo receberem salário! É axiomático, um simples lugar comum, que a maioria das pessoas ganhas para o Cristo do sábado e do santuário na América e por todo o mundo tenham sido ganhas totalmente ou em parte mediante o esforço missionário, doméstico ou estrangeiro, de pessoas não ordenadas, zelosos leigos cristãos.

Isso nos inspira a tributar louvou a uma classe especial de ministros leigos: o colporteur-evangelista, honrosamente chamado por séculos de “colporteur” cristão. Em muitos países ele foi o pioneiro.

No Chile, por exemplo. Os primeiros crentes no Chile eram imigrantes de língua francesa que haviam adotado o sábado após a leitura de *Les Signes des Temps* na Argélia! Mas os primeiros “obreiros” (1894) foram Claire Nowlen, um colporteur vindo da Argentina, e Francisco Bishop e Davis cruzaram a Golden Gate com pouco mais do que as roupas que tinham no corpo e alguns livros numa caixa. Não falavam nem um pouco de espanhol e praticamente não levavam dinheiro algum; mas entre seus conversos estavam os destacados irmãos Thomann, Eduardo e Vítor, os quais Deus lhes apresentou mediante um sonho. Eduardo e Vítor tonaram-se também colportores, enfrentando situações tão difíceis, algumas vezes, que ficaram reduzidos a um simples par de sapatos para servir a ambos. Eles se revezavam no uso dos sapatos, um saindo para colportar enquanto o outro permanecia em casa, orando. Posteriormente Eduardo tornou-se um líder em seu próprio país, e ambos serviram como missionários.

Se Claire Nowlen saiu da Argentina rumo ao Chile em 1894, então a Argentina era “uma base missionária para missionários adventistas no exterior” em 1894! De fato. A Itália se tornara uma base missionária não-oficial em 1865 quando Czechowski persuadiu Geymet a acompanhá-lo como missionário à Suíça. Sob a direção de Czechowski a Suíça tornou-se base missionária não-oficial de Erzberger e Alberto Vuilleumier para seus labores na Alemanha e França. Tornou-se uma base não-oficial quando B.

L. Whitney e J. I. Butler organizaram a Associação Suíça em 1884.

Na década de 1890 Ellen White profetizou que a Austrália, também, tornar-se-ia base missionária para missões ao exterior.¹² Foi parcialmente para implementar essa inspiradora predição que os escassos e empobrecidos membros australianos se sacrificaram tanto para tornar seu colégio uma realidade.

Sob L.R. Conradi, a Alemanha tornou-se uma base missionária que comissionou um grande número de missionários, especialmente às colônias alemãs na África. Quando essas colônias passaram ao Império Britânico na I Guerra Mundial, a Grã-Bretanha tornou-se uma grande base missionária. Em 1920 cerca de vinte casais foram enviados para o exterior e muitos mais em 1922, dentre os quais W.T. Barlett e S.G. Maxwell tornaram-se particularmente destacados.

Tão vigorosamente cresceu a obra no “ultramar” que já pelo final dos anos 20 mais adventistas do sétimo dia viviam fora do que dentro da América do Norte. Do ponto de vista dos anos 80, isso significa que o adventismo do sétimo dia tem sido predominantemente uma religião não-americana por meio século. Hoje, mais de 80 por cento dos membros vivem fora da terra onde a igreja teve início.

Enquanto em 1863 havia 3500 membros residindo quase exclusivamente na região norte e central dos Estados Unidos, hoje mais de 3.500.000 membros vivem em mais de 190 países, grande número dos quais tornaram-se bases missionárias para missionários estrangeiros.

O adventismo do sétimo dia hoje é um movimento missionário mundial.

Sendo que Jesus declarou: “E será pregado este evangelho do reino para todo o mundo para testemunho em todas as nações; então virá fim” (S. Mateus 24:14), não seria natural esperar o retorno de Cristo para muito breve? Talvez dentro de uma ou duas semanas, no máximo? Talvez, quem sabe, mesmo esta noite?

Em 1892 Ellen White advertiu os adventistas do sétimo dia a não declararem que Cristo voltaria dentro de um, ou dois, ou mesmo cinco

anos. Em 1892, quando estavam atuando em somente alguns poucos países, esperavam-No para qualquer momento! Parece que eles não compreendiam.

Será que compreendem hoje? Jesus declarou que o evangelho deve ir a toda “nação”. A palavra grega empregada aqui nos manuscritos mais antigos é *ethnos*. Uma curiosa má interpretação no mundo de fala inglesa, baseada talvez na versão King James dessa palavra, confundiu muitos cristãos zelosos, levando-os a anteciparem a segunda vinda muito antes de as condições terem sido preenchidas. Conquanto a palavra *ethnos* usada nos tempos de Jesus, realmente signifique “nação”, também significava “povo”, “grupo de povos”, “classe”, “casta” e “tribo”. Significava até “nação” no sentido limitado de “nação de funileiros”, ou seja, uma corporação ou uma união trabalhista local. A forma plural *ethne* (tal como a lemos em S. Mateus 24:14) significava “estrangeiros” – para os gregos, “não gregos”, e para os judeus, “gentios”.

Muito obviamente, Jesus não estava falando meramente sobre as 200 ou mais nações, comunidades, colônias, dependências, territórios e possessões enumerados nos modernos almanaques. E certamente não queria dizer que tão cedo uma família de missionários chegue num país, comunidade, colônia, dependência, etc., e distribua alguns folhetos, esse país inteiro, com toda sua população, grupos lingüísticos, tribos, subnações e subculturas, possa ser assinalado como tendo tido o evangelho a ele anunciado. A Índia possui meio bilhão de pessoas falando 880 línguas diferentes e dialetos e vivendo em 550.000 aldeias. A Nigéria, com 80 milhões de pessoas, conta com 250 grupos étnicos separados, cada qual falando sua própria língua e somente bem poucos desses são cristãos.

“Não percais nunca de vista o fato de que a mensagem de que sois portadores é mundial. Deve ela ser dada a todas as cidades, a todas as vilas”, declara o Mensageiro celestial.

No sentido mais amplo e gracioso Jesus quis dizer que o evangelho deve ser pregado a cada judeu, cada gentio, cada pessoa, e somente depois disso o fim virá.

Logicamente! E como poderia ser de outra maneira? Deus tanto amou o mundo todo que deu o Seu filho unigênito. Jesus morreu para que

todos pudessem salvar-se. Ele não morreu pelos americanos como um povo, ou pela China como uma nação, mas por cada pecador individual em cujos pulmões há o ar vital que se respira. Ele ama cada alma tão distintamente como se não houvesse outra pela qual dar a vida. E Ele não deseja voltar enquanto cada pessoa que esteja viva neste tempo não tiver tido oportunidade de ouvir e (se desejar) crer e viver. “Pregai o evangelho a cada criatura”, ordenou Ele em S. Marcos 16:15. “Ide e pregai ao mundo”.

Mas quando Ellen White, em 1892, advertiu os adventistas a não situarem o retorno de Cristo para tão breve como um, dois ou cinco anos no futuro, ela também advertiu-os contra o referir-se ao fato como estando dez ou vinte anos distante.

1892. Pense nisto. Parecia razoável à profetiza, a qual mais do que qualquer outra pessoa, estava ciente da tarefa mundial a qual a igreja se defrontava, que o fim deveria vir dentro de dez ou vinte anos após 1892.

“Não por força, nem por poder, mas pelo Meu Espírito”, diz o Senhor dos Exércitos. Zacarias 4:6. Deus desfez as barreiras lingüísticas no Pentecostes num único instante e quando ele tiver um povo pronto, facilmente o fará outra vez. Não concluirá a obra totalmente sozinho; se isso estivesse em Seus planos, poderia tê-Lo feito há muito tempo e encerrado tudo. A comissão é: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho”. S. Marcos 16:15. Quando os verdadeiros crentes de Deus dedicarem-se ao serviço missionário em suas vizinhanças, bem como no mundo inteiro, quando os cristãos sentirem a paixão pelas almas perdidas que Jesus sente por elas, quando “removerem o lixo” de seus mornos corações sem Cristo, e deixarem Cristo, o Salvador, entrar, Seu espírito os encherá como nunca dantes e a obra de Deus se espalhará sobre a Terra, como fogo na palha seca.

Jesus está empenhado a eliminar os pecados. Ele está atuando na purificação do pecado e egoísmo no coração e vida de seu povo. E quando deixarem que Ele purifique os seus pecados e egoísmo completamente, Ele virá inteiramente a eles. Enchê-los-á com Seu Espírito – mas não como a água enche o copo. Ele os encherá como a água sob pressão enche uma mangueira! Ele irá prodigamente derramar sua bondade mediante eles ao mundo. E quando Ele tiver um movimento de homens e mulheres, meninos

e meninas, no mundo inteiro, cheios como instrumentos dedicados, instrumentos consagrados, em Sua mão, então os homens dirão: “Vede, a chuva serôdia está caindo; a terra está sendo cheia com a glória do Senhor”.

“Deus fará o trabalho”, prometeu Ellen White ao final de sua vida, “se Lhe fornecermos os instrumentos”.

24. Mulheres Líderes

– Onde está essa “toda criatura” a quem o apelo de evangelho deve ir? – perguntou uma imponente voz feminina na assembleia da Associação Geral em South Lancaster, Massachusetts. – Onde essa “toda criatura” deve ser encontrada?

– Em todo o mundo – responderam outras vozes do auditório.

– Sim, sim, em todo o mundo – concordou a oradora – mas também em outro local. O mundo é muito grande!

– Quão perto? – insistiu a oradora então, respondendo a sua própria indagação: – Bem no seio de seus próprios lares!

A oradora nessa ocasião não era Ellen White. A irmã White estava bem distante, na Austrália. Era Sarepta Myrenda Irish Henry, uma das mais extraordinárias mulheres a unir-se ao movimento adventista.

A Sra. S. M. I. Henry havia sido uma proeminente promotora da temperança e outras reformas por uns trinta anos antes que uma severa enfermidade a levasse a Battle Creek. Tratamentos e oração resultaram em sua cura em 1896, e também em sua conversão ao sábado. Ela uniu-se aos adventistas entendendo que um povo com uma mensagem tão maravilhosa deveria estar beirando a perfeição. Desapontada, mas não inteiramente desanimada durante os poucos anos remanescentes de sua vida, ela deu um testemunho eficaz.

Na ocasião em questão ela dedicava-se a um de seus tópicos favoritos: “O lar é o coração da igreja”, assinalou, “e a mãe é o seu centro vital. O que a mãe é, é o lar.” Antes que o evangelho possa ser levado a toda criatura fora do lar, continuou ela, os lares dos crentes devem estar equipados com poder; e o poder necessário está prontamente disponível a pais e filhos igualmente. A bíblia declara, no livro de Atos, que a promessa do Espírito “é para vós, e para vossos filhos, e para todos que estão

distantes, a todos quantos o Senhor nosso Deus chamar.”¹

A Sra. Henry, Conquanto mais destacada do que muitas, era somente uma das milhares de mulheres cujo talento e devoção contribuíram para o sucesso do movimento adventista.

Já encontramos várias. A Sra. Couch. Como se lembra, teve a coragem cristã de cortês, mas decididamente, interromper o Pastor José Bates e apresentar Samuel Snow à congregação, o qual, por seu turno apresentou à congregação o clamor da meia-noite.

A Sra. Raquel Oakes apresentara o sábado aos adventistas em Washington, New Hampshire. Ana Smith alegrava os crentes primitivos com seus alegres cânticos. Ana More foi a primeira a acolher a terceira mensagem angélica no continente africano. Ana Butler e a jovem Maria Andrews foram as “primeiras” missionárias do sexo feminino à Europa. A Sra. Armstrong e a Sra. Catarina Revel estavam entre os primeiros conversos observadores do sábado lá. E, logicamente, Ellen G. White, a inspirada e inspiradora guia do movimento como um todo, era ela própria estritamente feminina!

Todas estas e muitas mais já tivemos oportunidade de encontrar. Mas havia muitas outras.² As mulheres haviam exercido uma vasta influência no trajeto do adventismo mediante sua dedicação ao serviço, a variedade de suas contribuições, sua lealdade e humildade. Têm servido como secretárias, professoras, enfermeiras, missionárias e obreiras bíblicas, e também como escritoras, redatoras, compositoras, fundadoras, administradoras, financistas e pregadoras.

Contudo, na maior parte têm servido com pouco reconhecimento. Seus salários têm sido normalmente muito menores do que os dos homens. Raramente têm solicitado maiores responsabilidades ou títulos. Têm feito virtualmente tudo, solicitado virtualmente nada, e recebido sua recompensa em saber que realizaram o que podiam. Conheçamos alguns notáveis exemplos.

Conquanto seu nome esteja quase esquecido hoje, Minerva Jane Chapman, irmã do Pastor J. N. Loughborough, era muito bem conhecida na fileiras adventistas durante sua existência. Em 1877 ela foi eleita tesoureira

da Associação Geral. Ao mesmo tempo foi redatora do Youth's Instructor, secretária da Sociedade de Publicações e tesoureira da Sociedade Missionária de folhetos! Ela atuou nove anos como redatora do Youth's Instructor recusando aceitar qualquer salário por seus serviços nessa função.

O Pastor e a Sra. Chapman mudaram-se para Battle Creek em 1866, não muito depois de se ter organizado a Associação Geral e do término da Guerra Civil. Ela trabalhou por um tempo na composição (Pág. 195) tipográfica a mão, mas rapidamente avançou passo a passo para tornar-se tesoureira da Review and Herald, e depois para as responsabilidades já mencionadas. Após aposentar-se em 1893 ela continuou vivendo em Battle Creek, saudável e ativa até o dia em faleceu enquanto cochilava, com a idade de noventa e quatro anos.³

Maria L. Huntley nasceu numa das primeiras famílias adventistas a guardarem o sábado em Washington, New Hampshire. Com o tempo ela tornou-se secretária da Sociedade Vigilante Misionária, aquele grupo de ativistas dedicadas senhoras de South Lancaster, Massachusetts, sobre o qual foi feita referência no capítulo vinte. Quando sua sociedade local expandiu-se para tornar-se a Sociedade Missionária de Folhetos para toda a denominação em 1874, ela tornou-se sua secretária e continuou mantendo essa posição enquanto viveu – adicionando primeiro uma, depois outra, depois uma terceira, e finalmente onze secretárias correspondentes assistentes para ajudá-la. Durante a assembléia da Associação Geral de Minneapolis em 1888 foi-lhe solicitado que se dirigisse à assembleia para falar sobre atividades leigas. Ela insistia em dizer que “muitos trabalhariam alegremente se soubessem como”, e instou os ministros a desenvolverem planos eficazes para treinar leigos.⁴ Em contraste com a Sra. Chapman, a Srta. Huntley faleceu com a idade de apenas quarenta e três anos, enquanto organizava atividades de conquista de almas em Chicago.⁵

Em 1866 uma garota de quinze anos, Maud Sisley, veio a Battle Creek e obteve trabalho na Review and Herald. Seu pai havia morrido alguns anos antes enquanto a família ainda residia na Inglaterra. Um irmão mais velho foi o primeiro a partir para a América. Quando os demais o seguiram encontraram-no “observando o sétimo dia como dia de repouso” e uniram-se a ele na mesma prática.

Incluindo Maud e seu irmão, havia sete filhos na família Sisley. Das quatro garotas, Josefina, tornou-se professoras missionária na Austrália, Marta trabalhou como impressora na *Review and Herald*, Neli estudou no Sanatório de Battle Creek, tornou-se enfermeira e casou com o Pastor Jorge B. Starr, e com ele acompanhou Ellen White à Austrália.

E que dizer sobre Maud? Ela foi uma das primeiras adventistas a pagar o dízimo total. Tornou-se uma espécie de estudante missionária, tirando férias de seis meses sem pagamento para realizar trabalho por conta própria em Ohio. Em 1877 ela foi à Suíça para servir como missionária solteira no ultramar. Lá ela compôs tipos em italiano, mesmo desconhecendo a língua. Mais Tarde retornou à América, casou com C. L. Boyd, presidente da Associação de Nebraska e acompanhou-o à África do Sul como parte do primeiro grupo de missionários para não-cristãos naquele continente.

Merece ser mencionado que os três rapazes dessa família também se tornaram obreiros na causa. João tornou-se pastor. Roberto tornou-se missionários por conta própria e morreu no campo missionário. Guilherme (seu nome completo era Guilherme Conqueror Sisley) tornou-se arquiteto e construtor, projetando e construindo alguns dos principais edifícios do colégio de Battle Creek, colégio de Walla Walla, Colégio União e outras instituições na Austrália, África do Sul e Inglaterra.⁶ O que a família Sisley realizou é indicação da consagração e habilidade de sua mãe. Como mães, milhares de outras mulheres adventistas que também criaram os filhos para Deus contribuíram consideravelmente para o êxito do movimento.

Dever-se-ia notar que quando a Associação Geral estabeleceu a Junta de Missões Estrangeiras em 1879, atribuindo-lhe a função de supervisão missionária, anteriormente a cargo da Comissão Executiva, três de seus nove membros designados eram mulheres, as quais acabamos de mencionar: Minerva Jane Chapman, Maria L. Huntley (com trinta e dois anos de idade) e Maud Sisley (vinte e oito).⁷

Outra família famosa do adventismo primitivo compunha-se das “garotas Rankin”, ruivas, quase uma dúzia delas ao todo. A maioria era composta de professoras, algumas extraordinariamente habilidosas.

Ide Rankin foi a primeira preceptora de mulheres no Battle Creek College. Maria Rankin tornou-se mãe do Dr. E. A. Sutherland, o homem que, com Perci Magan, ajudou a transformar o colégio de Battle Creek no Colégio Missionário Emanuel (atualmente a escola de nível colegial da Universidade Andrews) e mais tarde fundou o Colégio Madison.⁸

A mais famosa dentre todas as garotas Rankin foi Helena, que após o casamento com Almo Druillard tornou-se conhecida como “Mãe D”, e “Tia Nel”.

Tendo habilidade com números, a Sra. Druillard foi eleita tesoureira da Associação Nebraska. Após seu casamento ela foi uma esposa missionária por muitos anos. Em 1901 tornou-se tesoureira do Colégio Missionário Emanuel. Quando seu esposo morreu em 1904, tinha uma considerável fortuna familiar a sua disposição, estava com sessenta anos de idade – e estava para lançar-se numa nova carreira.

Nesse mesmo ano, 1904, E. A. Sutherland (filho de sua irmã Maria) e Perci T. Magan, seu associado, renunciaram aos cargos de presidente e deão do Colégio Missionário Emanuel e transferiram-se para o sul a fim de iniciar a obra educacional adventista ali. A Sra. White também estava no sul por esse tempo, visitando seu filho evangelista, Edson. Edson propôs que todos fizessem um passeio em seu vapor missionário, o *Morning Star*.

No primeiro dia da viagem, enquanto necessitavam fazer alguns reparos, a Sra. White aproveitou a demora para conhecer um terreno que os irmãos estiveram considerando como local para uma nova escola para jovens desprivilegiados. Boa parte do terreno parecia de terras pobres, mas Ellen White estava convencida de que era o lugar que Deus desejava que comprassem não só para uma escola como também para um sanatório. De volta à embarcação ela rogou, por três manhãs, a Sutherland e Magan, que conseguissem o dinheiro e adquirissem a propriedade.

Sutherland e Magan retornaram novamente para examinar o local. Parecia tão desolado que na verdade choraram! Mas resolveram seguir a orientação do Senhor e determinaram que Sutherland abordasse sua tia, a Sra. Druillard no Colégio Missionário Emanuel e lhe pedisse que doasse o dinheiro.

Ele foi para Berrien Springs e fez seu pedido. Ela o fez saber que julgava o projeto totalmente absurdo. Sutherland volveu as costas para sair.

– Aonde está indo? – perguntou ela.

– Procurar alguém que possa nos ajudar. Vou obedecer ao Senhor, aconteça o que acontecer.

Logo ela estava ao lado da Sra. White, olhando a propriedade. Com base na garantia da Sra. White, a rica senhora decidiu cooperar.

Ninguém se decepcionou. O Colégio Madison e o Sanatório Madison cresceram e prosperaram preparando milhares de estudantes, produzindo centenas de graduados e estimulando o estabelecimento de instituições semelhantes, de sustento próprio, por todo o Sul e em países ao redor do mundo.

No dia em que a Sra. Druillard chegou para dar assistência ao projeto, a irmã White lhe disse: “Nel, você pensa que já está muito velha, necessitando aposentar-se. Se você vier e se lançar nesta obra, se tomar conta desses rapazes [Sutherland e Magan estavam nos seus trinta anos] e dirigi-los, e apoiá-los naquilo que o Senhor deseja que façam, então o Senhor renovará sua juventude e você realizará mais no futuro do que já o fez no passado.”

Palavras verdadeiras. A mãe D se lançou em favor dos pobres do Sul. Deus a susteve durante uma ativa velhice. Ela faleceu aos noventa e quatro anos fundando ainda outra instituição, esta inteiramente para pessoas de cor, o Sanatório de Riverside.⁹

Kate Lindsay cresceu numa grande família na mesma região rural como as garotas Rankin. Neta de um primo de Davi Livingstone e fascinada com o que Florence Nightingale estava realizando na Inglaterra e Criméia, ela deixou o lar e seguiu para Batle Creek em 1867 a fim de oferecer seus préstimos ao pequeno Western Health Reform Institute (Instituto Ocidental de Reforma da Saúde) que os adventistas haviam iniciado no ano anterior. Logo ela estava em Nova Jersey, pronta para iniciar um curso de enfermagem de dois anos, e depois na Universidade de Michigan, em Ann Arbor, como membro do segundo grupo de garotas que

excepcionalmente tiveram permissão de seguir o curso médico ali, naquele tempo. Sendo uma das dez moças entre 1300 homens, ela teve sua parcela de zombaria e comentários céticos, mas quando debateu em favor dos direitos das mulheres, obteve o respeito dos rapazes. No final, ela concluiu o curso em primeiro lugar, em sua classe.

Retornando ao Western Health Institute, agora tendo por nome Medical and Surgical Sanitarium (Sanatório Médico e Cirúrgico), ela especializou-se em doenças de senhoras e crianças, mais ou menos na mesma época em que João Kellogg tornava-se diretor médico da instituição. Sendo uma pessoa destemida e persistente, ela por fim persuadiu Kellogg e a Mesa a iniciarem uma escola de enfermagem em 1883, a qual continuou a defender e dirigir até que partiu para a África em 1897. Mais tarde serviu no Sanatório Boulder, no Colorado.

Pontual, cuidadosa, e de bom coração, a Dra. Lindsay causou uma impressão inesquecível sobre milhares de enfermeiras, doutores e pacientes. Durante seus anos em Battle Creek seu único lar foi a pequena sala anexa a seu gabinete! Ela desejava estar continuamente disponível para o serviço. E é devido a sua devoção que Kate Lindsay Hall é o nome do dormitório para estudantes enfermeiras na Universidade Loma Linda, assim chamado em sua honra.¹⁰

Geórgia Ana Burrus apresentou-se como voluntária para o serviço como missionária independente e tornou-se uma das primeiras obreiras adventistas do sétimo dia na Índia. Foi muita coragem sua ir tão longe sem marido ou família. Pouco antes de desembarcar, uma terrível sensação de solidão a atacou. Na profundidade de sua saudade ela deixou seu relógio cair sobre o soalho do navio e este parou de andar. Ela havia perdido seu último amigo!

Ela pensou melancolicamente que se tão-somente pudesse ouvir seu tiquetaque outra vez, conseguiria ir em frente e torna-se missionária! Ajoelhando-se em seu camarote, rogou a Deus que tivesse piedade dela e fizesse o relógio funcionar novamente. Deus a amava por fazer um pedido tão simples. (Ela não pediu para voltar para casa. Isso nunca penetrou-lhe a mente). Apreensiva, mas confiantemente, ela apanhou seu relógio e colocou-o próximo ao ouvido.

E o relógio tiquetaqueou!

E nunca mais parou. Ela não mais teve problemas com o instrumento. Assim, seguiu animada para a Índia com sua saúde totalmente removida. Mais tarde ela casou com Lutero J. Burgess, outro missionário, e juntos passaram trinta e dois anos como pioneiros entre vários povos daquele subcontinente. Num período de férias na América, provido para que o Pastor Burgess tivesse tratamento médico, descobriram que a Associação Geral não dispunha de verbas para mandá-los de volta. A Sra. Burgess saiu às ruas e vendeu 20 mil exemplares da “Escola de Preparo Bíblico” a dez centavos cada a fim de adquirir ela própria suas passagens.¹¹

Falando sobre mulheres missionárias na Índia, não devemos nos esquecer de Ana Knight, a primeira missionária negra àquele continente. Quando criança, no Mississippi, ela aprendera a ler primeiro do que qualquer de seus companheiros de folguedos, e converteu-se ao adventismo pela leitura de *Signs of the Times* [Sinais dos Tempos] e *Caminho Para Cristo*. Após um período de estudos no ginásio adventista em Graysville (fase inicial do Southern Missionary College), ela voltou para casa, distante mais de 500 quilômetros, para as férias de verão. A comunidade a ridicularizava. Aos sábados ela tomava sua Bíblia, *Lição da Escola Sabatina*, *Auxiliar da Lição da Escola Sabatina*, *Review and Herald*, *Youth's Instructor*; um cachorro e um revólver e ia para a mata. O cachorro era para espantar os porcos selvagens. O revólver era para defendê-la de pessoas mal-intencionadas! (Quando criança ela fazia seus próprios arcos e flechas e tinha fama de ser capaz de acertar um alvo a 100 metros de distância).

Mais tarde, no Sanatório de Battle Creek, ela tornou-se enfermeira. O Dr. Kellogg observou-a de modo especial e designou-a como delegada à assembléia da Associação Geral de 1901. Nesse mesmo ano ela partiu como enfermeira para a Índia.

Na Índia ela colportou, ensinou na escola, trabalhou como enfermeira e misturou-se com ricos e pobres igualmente por toda a região norte e oriental do país. Incansável, sustida por constante oração, ela foi dirigida, curada e mesmo alimentada por uma sucessão de milagres.

Uma vez, fraca pela fome após trinta e seis horas sem alimento ou água enquanto viajava de trem, ela olhou para trás de si no seu compartimento e ficou surpresa ao ver sobre o assento uma bandeja com pão e uma xícara com bebida quente. Ao comer gratamente, ficou a esperar que a qualquer instante o estranho vestido de modo diferente que caminhava para um lado e outro na plataforma enfiasse a cabeça pela janela e solicitasse seu pagamento.

Mas quando ela terminou e tentou devolver a louça, ele havia desaparecido.

No devido tempo a Srta. Knight retornou ao trabalho educacional no Mississippi; depois, dedicou-se a fundar a primeira Associação Cristã de Moças para jovens de cor, em Atlanta. Ela atuou como secretária de Missões Domésticas, Missionários Voluntários e Escola Sabatina, ao mesmo tempo, para as uniões sudeste e sul (dos Estados Unidos). Finalmente fixou-se no sul, sendo uma das mães do colégio Oakwood. Ela havia viajado, sem contar seu tempo na Índia, oitocentos mil quilômetros, havia dirigido quase 10 mil reuniões, e escrito a mão ou a máquina 49 mil cartas.¹²

Muitas outras mulheres contribuíram para a história de Igreja Adventista do Sétimo Dia, ajudando a cumprir sua comissão de “proclamar ao mundo”. Não podemos passar por alto Lora Clement, filha de Melissa Rankin (e, assim, uma garota Rankin ela própria), que editou o *Younth's Instructor*, predecessor de *Insight*, por um período impressionante de vinte e nove anos, durante os quais sua coluna, “Let's Talk It Over” [Debatamos o Assunto], foi uma das produções literárias mais apreciadas na denominação.

Quantos milhares de mulheres fizeram contribuições como líderes e professores da Escola Sabatina? Flora Plummer, secretária (ou seja, diretora) do Departamento de Escola Sabatina da Associação Geral de 1913 a 1936, escreveu muitos livros, e, logicamente, foi auxiliada por inúmeras mulheres e moças em Escolas Sabinas por todo o mundo.

Que dizer de professoras nas escolas elementares, ginásio e colégios? Marta Amadon foi sucedida na educação adventista por quem sabe quantos milhares de mulheres! E faltaria tempo para falar da multidão de mulheres

que servem e têm servido como escritoras, preceptoras, secretárias, estenografas, contabilistas, bibliotecárias e em incontáveis outras posições na igreja, não excetuando o púlpito.

Ida Riggels Burden, por exemplo, secretária do Depto. De Escola

Escola Sabatina para a Associação de Oregon, no início do século XX, foi uma freqüente oradora na hora do culto divino e foi somente uma das muitas mulheres pregadoras. A esposa do Pastor E.B.Lane foi vastamente conhecida como pregadora, e dispunha de uma credencial ministerial em seu próprio nome, conquanto não as “credenciais” ministeriais de ministro ordenado.

A ordenação das mulheres foi debatida na assembléia da Associação Geral de 1881, estipulada talvez pelo fato de que os batistas do sétimo dia haviam recentemente ordenado algumas mulheres. Na América, durante a grande depressão, e na Europa durante a Segunda Guerra Mundial mulheres serviram sem ordenação como pastoras locais. A ordenação delas para o ministério evangélico foi muito debatida na década de 70 e várias nos Estados Unidos foram ordenadas como anciãs locais. Ao mesmo tempo, houve considerável interesse por uma declaração da pena de Ellen White, em 1895, que aparentemente endossa a ordenação de mulheres para um tipo de cargo como diaconisa ou assistente social: “As mulheres que estiverem dispostas a dedicar algum tempo ao serviço do Senhor deveriam ser designadas para visitar os enfermos, cuidar dos jovens, e ministrar às necessidades dos pobres. Deveriam ser separadas para essa obra pela oração e imposição das mãos”.¹³

Houve um forte movimento feminista nos Estados Unidos no século dezenove, bem como no vinte; como se deu mais tarde com seu equivalente, o movimento do século passado reivindicava de modo positivo legítimos direitos, mas negativamente o sexo livre e a antimaternidade. A reação adventista do sétimo dia, um século atrás, foi uma ênfase sobre o papel das mulheres como executivas capazes e como professoras e orientadoras dos jovens na igreja, na escola e especialmente no lar. Afinal de contas, as mães “não liberadas” estão presas, não a fraldas, mas a pequenas criaturas formadas à imagem de Deus e capazes, quando

maduras, de espalharem a mensagem ao mundo. Na verdade, mesmo quando jovens, as crianças fazem parte da “toda criatura” a quem o evangelho deve ser levado, como a Sra S.M.I.Henry tão corretamente observou.

Ellen White foi enfática e constante em exaltar esses aspectos da nobre feminilidade, mas não o fez de modo unilateral. Ela também instou para se considerassem as queixas das mulheres e reclamou, em nome do Senhor, remuneração equivalente para o trabalho feminino. Escreveu ela: “O Senhor tem uma obra para as mulheres da mesma maneira que para os homens. Elas podem ocupar seus lugares em Sua obra nesta crise, e Ele operará por meio delas.”¹⁴ “Deus é um Deus de justiça, e se os ministros recebem um salário por seu trabalho, suas esposas, que tão desinteressadamente dedicam-se ao trabalho de co-obreiras de Deus, deveriam receber pagamento em adição aos salários de seus esposos, conquanto não o solicitem.”¹⁵ “Esta questão não é para ser assentada pelos homens. O Senhor a assentou. Tendes de cumprir vosso[ela se dirigia à liderança] dever para as mulheres que trabalham no evangelho.”¹⁶

Quando Thiago White ordenou um ministro junto a um lago, no verão de 1867, ele pediu à esposa do ministro que pelo menos se ajoelhasse ao seu lado baseado no fato de que ela estava sendo separada como sua ajudadora. Ele pensava que tal prática deveria ser seguida em todas as ordenações ministeriais.¹⁷ Quando Roberto H. Pierson aceitou sua reeleição na assembléia da Associação Geral de 1975, em Viena, ele pediu à esposa que ficasse junto dele, ao seu lado, como símbolo de todas as esposas de obreiros que compartilham as cargas de seus maridos.

Feliz é a esposa que pode compartilhar diretamente as cargas do marido. Muitas, especialmente quando os filhos são pequenos ou seus esposos estão viajando, precisam compartilhar suas cargas à distância. Lemos com reverência as ternas linhas que Angelina Andrews (então com quase quarenta anos) escreveu em seu diário, dia após dia, durante todo o ano de 1860:¹⁸

“Sinto muita falta de meu marido. Parece que eu não poderia suportar a idéia de ele permanecer ausente alguns meses mais.”

“Difícilmente posso reconciliar-me com sua longa ausência”.

Como meu coração dispararia ao encontrá-lo novamente. Ele é um dos mais bondosos e melhores maridos.”

“Desejo de João faça o que é correto”

“É meu ansioso desejo que a mão de Deus possa guiá-lo.”

“Há um anseio em meu coração que permanece sem ser atendido. Não tenho muita satisfação em escrever ou receber cartas.”

“ Meu querido marido chegou! Que precioso o momento do encontro.”

“Meu querido marido partiu esta manhã, para reunir-se á equipe da tenda de Minnesota. Tristes momentos, essas cenas de despedida!”

25. Inspirados a Salvar Almas

A Sra. White era uma mãe real, bem como uma “mãe em Israel”. Ter de deixar seus meninos aos cuidados de uma cozinheira e uma governanta enquanto viajava com seu marido, atendendo ao chamado do Senhor, era uma constante fonte de preocupação para ela (tendo em vista como os meninos são em geral), e uma constante oportunidade para o mau comportamento de Tiago Edson e o pequeno Guilherme. Especialmente Tiago Edson.

Pouco antes do décimo sexto aniversário de Edson, sua mãe, com muitos suspiros, escreveu-lhe uma carta bem ansiosa: “Quanto tudo em torno de mim é mantido às escuras, mantenho-me acordada com ansiedade” sobre sua condição espiritual e “posso obter alívio somente na oração silenciosa.” “Em nossa presença você pode corresponder a nossos desejos, mas... desobedece-nos em nossa ausência. Você tem seguido sua própria vontade e projetos tantas vezes, ocultando tudo de nós indo de encontro ao nosso conselho, admoestação e proibição, que não podemos confiar em você... Em vez de ser um conforto, você é fonte de penosa ansiedade.” “Espinhos e cardos têm brotado em meu jardim e abafado a semente que eu tentei cultivar.” E ainda pior, “uma angústia que não posso expressar envolve nossa mente quanto a sua influência sobre Guilherme. Você o conduz a hábitos de desobediência e disfarce a prevaricação...

“Oh! Edson é o conhecimento dessas coisas que está me consumindo e trazendo-me desânimo”, e que pode levar-me inclusive a deixar meus labores públicos.

Quando Ellen White admoestou os pais a orarem por seus filhos com os dedos plantados firmemente sobre as promessas bíblicas e vozes apelandes como somente os pais podem fazer, com profunda humilhação, ansiosa insistência e inabalável fé, ela sabia sobre o que estava falando.

Ela também sabia por experiência o que era escrever para jovens, aos

“estudantes em nossas escolas” e aos “meus queridos jovens amigos” a Paulo, Delbert, Ana, Maria e qualquer outro jovem (inclusive os próprios filhos) que o Senhor pudesse pôr-lhe na mente. Ao ela apelar a esses jovens a que entregassem o coração a Cristo e se preparassem para servir a outros, além deles próprios, deve ter-lhe ocorrido centenas de vezes a pergunta: Por que tão poucos jovens demonstravam o mesmo interesse em ganhar almas que ela revelava quando jovem?

Voltemos à infância de Ellen. Vamos à ponta dos pés, tarde da noite, com a Sra. Harmon à porta do quarto que Ellen compartilhava com sua irmã gêmea Elisabete e ouçamos.

“Oh, Deus, Marta não está pronta ainda!” sussurra uma voz no quarto. “Por favor, por favor, ajude-me a descobrir o que posso fazer para ajudá-la.”

“Já me ajudaste a trazer várias de minhas amigas a Jesus”, prossegue a voz após uma pausa. “Rebeca, Raque, Susana, Viola e seu marido, e Ana e seu marido, e Lois, e Frannie e Patience. Estou tão feliz por todos eles. Eu Te agradeço muito... E estou tão feliz porque Jesus está para voltar em breve. Mas Marta precisa preparar-se! Por favor, ajuda-me, a saber, como posso ajudá-la.”

A Sra. Harmon sabe que Ellen esperara Elisabete adormecer para então sair de sob as cobertas e se ajoelhar ao lado da cama. Também sabe que ela é capaz de continuar pleiteando dessa forma por toda a noite, e que no dia seguinte à noite obterá permissão para ir à casa de Marta com sua irmã mais velha, Sara, e que não voltará até que Marta tenha entregue seu coração ao Senhor mesmo que isto requeira a noite toda. O esforço está seriamente minando a saúde de Ellen, mas a garota parece não se preocupar. Em pouco tempo, acredita ela, haverá novos corpos para todos; para todos, isto é, que estejam preparados quando Cristo vier. E assim, sua intercessão por Marta e outros prossegue.

A Sra. Harmon escuta até que o cansaço a domina, e então cambaleia até o seu próprio quarto, sua cama, e se ajoelha, e dorme.

Nosso último capítulo focalizou mulheres do movimento do advento. Pouco dissemos sobre a mais preeminente de todas as mulheres adventistas.

Ellen G. White foi muitas coisas para a Igreja Adventista do Sétimo Dia: autora, profetisa, conselheira, levantadora de fundos e co-fundadora de instituições. Mas para compreendê-la é necessário saber que tipo de pessoa ela foi basicamente. Primeiro e último, Ellen White foi uma ganhadora de almas. Ela desejava ver pessoas salvas – não somente quando jovem, mas durante toda a sua vida.

Anos após seu casamento ela e Tiago uma vez se perderam na mata. Uma família de colonos ofereceu-lhes alimento e orientação e ela deixou literatura com eles e compartilhou sua fé. Tempos depois, ela encontrou as mesmas pessoas numa reunião campal, todos Adventistas do Sétimo Dia. Em outra ocasião, retida por cinco horas numa estação ferroviária, ela teve uma longa palestra espiritual com uma senhora e deu um estudo bíblico para outra. Indo apanhar seu relógio que gora para o conserto na Suíça, ela convidou o jovem atendente da relojoaria a visitar sua casa. Quando ele o fez, ela obteve sua decisão de renunciar ao emprego que envolvia transgressão do sábado, e entregar o coração ao Senhor.

De modo algum considerava ela seu ministério restrito à igreja. Pelo contrário, muitas vezes achava as exigências da igreja restritivas, limitadoras de sua prática de ganhar almas, impedindo-a de cumprir sua verdadeira missão. “Eu não vim a esta parte da Austrália”, disse ela a um grupo de novos crentes ali, “para dedicar meu tempo e energia mantendo-os em bom espírito... É minha missão ir a regiões mais além, àqueles que se acham em trevas e não têm luz.” Na assembléia da Associação Geral de 1901 ela disse aos líderes reunidos: “Meu coração está doendo e ansiando pela salvação de almas,” Mas retornemos por um minuto a sua juventude.

Um mês após completar dezessete anos, Ellen Harmon recebeu sua primeira visão. Referia-se aos santos desde o desapontamento até a árvore da vida. Ela cantou “Aleluia” com os anjos e tornou-se mais ansiosa em ver pessoas salvas. Ela havia visto o Céu! Sabia por observação que nenhuma vestimenta terrena, nenhum conforto, popularidade ou recompensa financeira podia comparar-se com a vida na Cidade de Deus.

Mas ser uma profetisa ganhadora de almas era muito mais difícil do que ser uma adolescente ganhadora de almas. Como profetisa, ela seria chamada a realizar um trabalho mais amadurecido. Como o profeta João,

ela teria a alegria de visitar o Céu e conversar com Jesus; mas como Isaías, também lhe seria requerido revelar a seu povo “os seus pecados”. À semelhança de Jeremias ela às vezes choraria por sua falta de popularidade. Como Paulo, teria que viajar bastante, muitas vezes em perigo e desconforto. E assim se deu.

Amada e apreciada por muitos, era tachada por outras pessoas de fanática, intrometida e impostora. A princípio, quando Deus a comissionava a revelar os pecados de uma pessoa a ela, às vezes procurava suavizar a repreensão para que parecesse mais agradável. Então Jesus aparecia perante ela com solene zelo. Ela percebia a amorável preocupação em Sua face. Via que se as pessoas continuassem a pecar em razão de deixar de corrigi-las, perderiam sua alma.

A mensagem atingiu o alvo. Ela havia orado toda a noite pelas pessoas e depois pleiteado toda a noite com elas. Se o revelarem-lhes os pecados era essencial para sua salvação, ela o faria. Logicamente.

Sua relutância, porém, reaparecia de vez em quando, especialmente quando tinha dúvidas de como persuadir pessoas particularmente difíceis. Para um estimado, mas facilmente irritável pastor ela revisou repetidamente um testemunho e só lho transmitiu quando este se achava em seu leito de morte.

Mas geralmente ela superava sua relutância e transmitia a palavra de Deus como Sua fiel mensageira. Nenhum sacrifício era demasiado grande – caso significasse almas que poderiam ser salvas.

Hoje em dia Ellen White é mais bem conhecida pelos livros. Ela escreveu prolificamente. Produziu mais de 40 mil páginas de material impresso e mais de 50 mil páginas de cartas e manuscritos. Escreveu sobre moralidade, vida familiar, e teologia; sobre princípios de educação, administração de negócios, e saúde; sobre interpretação da História e a explicação da Escritura; e sobre muito mais, além disso. Para encontrar tempo para fazer isso ela muitas vezes ia para a cama cedo e se levantava enquanto a casa estava em silêncio, as cinco, ou três, ou mesmo uma hora antes da madrugada.

Bem conhecida por seus livros, a Sra. White merece ser melhor

conhecida como uma oradora pública.

Em sua juventude ela era muitas vezes incomodada por uma rouquidão crônica que a abandonava dramaticamente poucos momentos após ela iniciar, com fé, uma palestra diante de uma congregação. Esse fenômeno reaparecia freqüentemente ao longo de sua vida. Deus poderia tê-la curado de imediato, mas evidentemente preferiu conceder-lhe essa prova de Sua proximidade quando ela se erguia para falar. Ellen White vivia o mais saudavelmente quando podia e então dependia de Deus para realizar o resto. Ela orava “Fiz tudo quanto pude, ó Deus, utilizando Teus próprios meios, e agora peço pela benção especial que somente Tu podes dar para sustentar-me.” Muitas vezes ela disse a Tiago White quando ele ainda vivia: “Se eu tão somente pudesse ter certeza com antecipação, quanto bem isso me faria!” Ele respondia: “Deus nunca deixou de abençoá-la no momento em que se levanta para falar; então, sejam quais forem seus sentimentos, deve depositar sua confiança nEle, apoiando sua alma desamparada em Suas promessas.” “Isso eu tenho tentado fazer”, dizia ela. “Aprendi que precisamos desempenhar nossa parte, cooperando com Deus. Ele concede força para cada dever.”

Durante a maior parte de seus anos como mulher madura, Ellen White pregava com uma voz admiravelmente clara e poderosa. Muito antes da introdução de microfones ela podia ser ouvida facilmente por multidões de cinco mil pessoas e mais do que uma vez por quinze ou vinte mil. Um paciente do Sanatório de Washington certa vez assentou-se na sacada do segundo andar e ouviu-a claramente ao ela discursar numa reunião campal, numa tenda armada no bosque próximo.

Ela não gritava. Os ouvintes da frente pensavam que ela estivesse falando somente para eles. Ela também não explicava sua habilidade como sendo um milagre, conquanto desse a Deus a glória. Em lugar disso, ela fazia uso científico do diafragma e dava cuidadosa atenção à articulação e entonação. Isso era uma questão espiritual para ela. A apropriada emissão da voz aumentaria sua eficácia em comunicar a terceira mensagem angélica. Respiração profunda fortaleceria seus pulmões e prolongaria sua vida de serviço. O correto falar ajudá-la-ia a salvar mais almas. Ela ensinava que qualquer um podia aprender a falar eficazmente em público se estudasse e observasse as mesmas regras que ela.

As pessoas que a ouviam comentavam depois sobre a “respeitosa atenção revelada pelo auditório, a “atenção cativa”, ou a “atenção suspensa”, ou o “profundo silêncio”, ou a assembléia “fascinada”, e o “solene murmúrio da congregação ao ela chegar-se ao púlpito”.

Seus gestos enquanto falava eram graves e severos, mas com um suave sorriso na face. Após um sermão pregado na Europa através de um tradutor, o povo, incapaz de falar inglês, apertava sua mão com lágrimas de gratidão e afeto. Um repórter do *Detroit Post* descreveu um de seus sermões perante a assembléia da Associação Geral no Michigan como uma “experiência notável e inspiradora”. “Conquanto sua eloquência e faculdade de persuasão fossem bem conhecidas pela assistência”, escreveu ela, “os ouvintes ainda estavam despreparados para o poderoso e compulsivo apelo que ela dirigiu. Ela realmente parecia inspirada ao implorar aos pecadores que fugissem de seus pecados. O efeito de sua magnética alocução e maneira foi bastante impressionante.

Suas orações públicas eram às vezes mesmo mais eficazes do que seus sermões. No Colorado, com mais de oitenta anos, ela pôde ser claramente ouvida numa reunião evangelística enquanto a chuva bombardeava ruidosamente o telhado de zinco. Ao final ela convidou todos a se ajoelharem. Presbiterianos, metodistas, batistas, membros de muitas denominações, eram levados às lágrimas quase imediatamente pela doce sinceridade de suas petições em favor deles. Um marinheiro certa vez comentou a respeito de sua oração: “Ela trouxe a Deus bem ali e apresentou-nos a Ele para Sua benção, e eu devo ser um homem melhor.”

Algumas poucas vezes ela até usava o humor. Enquanto falava na pequena capela do Sanatório Santa Helena, em seus dias derradeiros, seu filho, G. C. White, adormeceu em sua cadeira atrás dela, na plataforma. Notando o falto, a Sra. White interrompeu-se um instante e comentou: “Quando Guilherme era um bebê eu costumava trazê-lo para a plataforma e deixá-lo dormindo num cesto ao lado do púlpito, e ele nunca abandonou o hábito.”

A brincadeira de Sra. White sobre seu filho era humorismo “familiar” e isso nos lembra que devido suas atividade públicas sua carreira como dona de casa (com o que se iniciar este capítulo) é muitas vezes passado

por alto. Seus livros *Orientação da Criança*, *O Lar Adventista e Mensagens aos Jovens* baseiam-se em sua experiência e também em suas visões. Ela ensinou os pais a não gritarem com seus filhos ou surrá-los com ira, mas acalmarem-se por algum tempo e *depois* chamá-los à parte para oração (e uma surra, se necessário). Antes de ter dado esse conselho ela primeiramente o praticava.

Ela cria que uma mão que prepara alimentos saudáveis na cozinha serve a Deus tão certamente quanto um ministro pregando sermões no púlpito, e freqüentemente desejava que ela própria pudesse ficar em casa para servir ao Senhor em vez de ter que viajar e pregar tanto.

Quando lhe veio o primeiro bebê, ela julgou que certamente agora poderia ficar em casa por um tempo. Ela e Tiago haviam-se conhecido durante um giro evangelístico, e viajaram quase constantemente desde então. Mas Deus disse que precisava que ela testemunhasse aos espalhados e atribulados adventistas. Com tristeza ela entregava o pequeno Henrique aos Stockbridge Howland, retornando com um presente para vê-lo uma vez ao ano, como Ana. Ela tornou uma regra nunca se queixar acerca de qualquer coisa descaridosa que as pessoas lhe fizessem; mas quando era uma jovem mãe e ouviu que as pessoas estavam dizendo que ela tinha sorte por não ter que ficar em casa e trocar fraldas, ela não conseguiu evitar de se queixar.

Devido sua preeminência muitas vezes esquecemos que ela era casada com uma pessoa de destaque.

Se Ellen White concedeu a seu esposo inspiração para iniciar um periódico e fundar a primeira casa editora adventista do sétimo dia, foi o Pastor White que realizou a maior parte do trabalho, reunindo e organizando o material e a equipe de trabalho. Sua primeira impressora desenvolveu-se a ponto de transformar-se na Review and Herald Publishing Association, que atualmente movimenta uns vinte milhões de dólares por ano. Tiago White também fundou a Pacific Press, uma corporação que hoje é igualmente tão vasta. Ele apoiou ativamente e orientou o Instituto Ocidental da Saúde, que se desenvolveu no Sanatório de Battle Creek. Ajudou a iniciar o Battle Creek College e foi seu primeiro presidente.

Tiago White era um escritor talentoso, orador eficaz e amigo sincero.

Era também um excelente administrador. Durante um ano (1869) quando estava demasiado doente para dirigir a Review, a Casa Publicadora perdeu três mil dólares. No primeiro ano que reassumiu ali seu posto (1870) esta obteve um ganho de sete mil dólares. Às vezes o excesso de trabalho e ansiedade em ver a obra terminada tornava-no irritadiço. A enfermidade operava o arrependimento. Foi-lhe transmitido um testemunho aceitando sua contrição. Começava com as palavras: “Foi-me mostrado em visão, dia 25 de dezembro de 1865, o caso do servo do Senhor, meu marido, o Pastor Tiago White!”

O servo do Senhor, o Pastor Tiago White tornara-se marido de Ellen em 30 de Agosto de 1846. Ele a havia observado alguns anos antes disso, quando os ministros em Portland, Maine pediram-lhe que testemunhasse a suas congregações durante bons dias do miletismo. Ela não o notou até que se encontraram em Orrington, Maine, pouco depois que o Senhor lhe disse para viajar e narrar suas visões. Eles compartilharam muitas experiências visitando os desapontados adventistas, mas não haviam pensado em casar-se porque supunham que o Senhor voltaria muito longo. No devido tempo o evangelista White apelou-lhe por uma decisão a respeito, exercendo um bocado de pressão. E “assim nos casamos”, comentou a Sra. White muitos anos depois, acrescentando afetuosamente: “Acho que ele é o melhor que já caminhou em sapatos de couro”.

Muitas pessoas pensavam bem dele. “Ele é o amigo dos pobres como muitos podem testificar com corações agradecidos”, escreveu B. F. Snook em 1863. Ele fazia questão de pagar às pessoas que trabalhavam para ele mais do que os seus salários. Ele sempre devolvia com juros o dinheiro que Haia sido emprestado sem Juros à Review. Uma vez ele pessoalmente emprestou dinheiro sem juros a um pastor pobre embora ele estivesse pagando 10 por cento. Ele freqüentemente recusava doações se visse que o doador vivia realmente em apertos financeiros.

A fim de ser assim tão generoso, e também, primeiramente, a fim de pagar a cozinheira e a governanta cujos serviços tornavam possível a Ellen escrever, aconselhar e viajar, ele trabalhava horas extras cansativas, comprando e vendendo material de escritório, livros e outros artigos; mas nunca parecia haver o suficiente para sua filantropia. Em uma de suas últimas viagens juntos o Pastor e a Sra. White discutiam o caso de uma

lavadeira negra em frente de cuja casa passavam. “Mulher”, disse o Pastor White, “precisamos ajudar essa pobre senhora. Não vamos nós, em nossa agitação, esquecer essas pobres almas que têm uma luta tão grande para viver... Se eu tivesse recursos a minha disposição edificaria casas adequadas... para alugar a essas pessoas pobres. Vamos ver o que pode ser feito para tornar sua vida mais satisfatória.”

Tiago e Ellen tiveram quatro filhos, todos meninos. Henrique retornou ao seio da família quando tinha cinco anos, e era “um menino bem educado que gostava de orar”. Os Howland haviam correspondido à confiança neles depositada. Os meninos sofreram as enfermidades comuns a crianças daqueles dias de ignorância médica. A mãe deles aprendeu muito sobre remédios caseiros e o valor da água pura e ar livre. Ela também aprendeu o que significa orar por uma criança à beira da morte, e conheceu o conforto que advém de ter um companheiro com a mesma fé. Muitas vezes seus filhos foram curados em resposta à oração; não obstante, dois deles morreram jovens – nada incomum naqueles dias. João Herbert, o quarto filho, morreu com três meses. Henrique viveu até os dezesseis. Era um menino alegre, com uma bela voz para cantar, e eles sentiram terrivelmente sua falta.

Guilherme parecia um jovem de mente equilibrada desde o início. Após o Pastor White ter falecido de Malária e excesso de trabalho em 1881 com a idade de sessenta anos, Ellen White convidou Guilherme para ser seu constante companheiro. Deus mostrou em visão à Sra. White que o havia preparado para essa obra com “o espírito de sabedoria de uma mente saudável”. A exemplo de seu pai, ele se tornou um administrados apto.

Edson, o menino que nasceu quando a *Present Truth* teve início, foi por anos a dor de cabeça dos pais. Mesmo a carta que sua mãe lhe escreveu pouco antes de seu décimo sexto aniversário não pareceu transformá-lo muito. Talvez tenha até se tornado pior. Quando os crentes de Battle Creek foram compelidos pela consciência em 1870 a desculpar-se publicamente por deixarem de apoiar o Pastor e a Sra. White como deviam, Edson apresentou um pedido de perdão por sua própria iniciativa. É triste que tenha tido que fazê-lo, mas isto mostrou que seu coração estava no rumo certo.

Edson teve dificuldade para se estabelecer. Ele tentou se dedicar à imprensa e fundou sua própria firma de publicações, muito à semelhança do que seu pai havia feito, mas utilizou-a para seu benefício pessoal.

Publicou vários hinários em associação com Frank Belden, seu primo. Tentou dedicar-se à fotografia comercial em seus dias experimentais. E por um tempo trabalhou num vapor fluvial. Embora tenha sido sempre adventista, ele achava difícil dedicar-se inteiramente ao Senhor.

Então, de repente, logo após a partida de sua mãe para a Austrália, Edson encontrou a si próprio e ao Senhor numa nova maneira.

Ele encontrou esquecidos testemunhos que a Sra. White havia escrito apelando a que alguém evangelizasse as pessoas de cor do Sul dos Estados Unidos. Esses testemunhos diziam que os negros deviam ser ensinados a ler para que pudessem entender a Bíblia por si mesmos, e que acima de tudo, todos eles deveriam ser tratados como verdadeiros filhos de Deus.

A experiência que Edson havia adquirido em suas várias linhas de trabalho concentrava-se agora numa grande causa. Ele projetou um barco fluvial a vapor, adaptando-o (posteriormente) para abrigar uma impressora, uma oficina fotográfica, uma capela, e aposentos para ele e seus auxiliares. Daí, dirigiu-se Mississippi abaixo. A fim de financiar sua aventura, promoveu a venda de seu *Gospel Primer* (Cartilha do Evangelho), um livro de leitura elementar baseado na Bíblia que era impresso para ele em Battle Creek. Preparou *slides* para ajudar a prender a atenção das pessoas analfabetas, e em sua pequena impressora a bordo, ele imprimia os folheros.

Logo estava ensinando os negros a ler e a entender a Bíblia. Em cinco anos ele fundou cinquenta igrejas!

Seu êxito, infelizmente, não era admirado por todos. Um irado homem branco foi impedido de surrar mortalmente um dos assistentes de Edson somente quando outro indivíduo mais amistoso puxou uma arma para defendê-lo. Por volta de 1900 o racismo era tão violento que em muitos lugares os brancos não podiam trabalhar com segurança pelos negos. Providencialmente – em grande parte mediante Edson White – Deus

havia suscitado negros adventistas para levarem a terceira mensagem angélica aos membros de sua própria raça.

A imprensa a bordo do vapor foi transferida para um galinheiro e posteriormente desenvolveu-se como a Southern Publishing Association, a terceira editora estabelecida pela família White na América. Mais de um milhão de exemplares de sua *Cartilha do Evangelho* foram vendidos. É considerado o primeiro livro de sua espécie nos Estados Unidos, uma singular contribuição adventista para o progresso dos americanos de cor.

Como vimos, os primeiros anos da Sra. White foram gastos viajando com o marido pelos Estados do norte. Em 1853 eles viajaram no rumo do oeste até Michigan, e em 1855 mudaram-se para Battle Creek. Suas viagens avançaram ainda mais para o oeste até que em 1872 fizeram sua primeira visita à Califórnia, onde em 1874 e 1875 fundaram a *Signs of the Times* e a Pacific Press.

Tiago White faleceu em 1881. Quatro anos depois Ellen White embarcou para Europa como missionária, por dois anos (de agosto de 1885 a agosto de 1887), acompanhada por seu filho, G. C. White. Em 1891 ela partiu para a Austrália servindo como missionária pioneira ali por nove anos. Quando retornou, em 1900, estabeleceu-se perto do Sanatório Santa Helena, onde adquiriu uma casa campestre, “Elmshaven”. Era suficientemente espaçosa para acomodar suas secretárias e acolher o constante fluxo de pessoas que ali iam em busca de conselhos.

Antes e depois dos oitenta anos de idade ela ajudou a fundar o Sanatório Vale do Paraíso (Atualmente Escolas de Enfermagem e Medicina da Universidade de Loma Linda) e o Colégio União do Pacífico, poucos quilômetros montanha acima em relação a sua casa.

Em “Elmshaven” ela completou a série “O Conflito dos Séculos” e escreveu numerosos artigos e cartas além de preparar sete outros livros.

Em 1909 ela viajou de trem para Washington D. C. a fim de assistir à Assembléia da Associação Geral pela última vez, dirigindo a palavra aos delegados com sua costumeira voz clara. Na mesma viagem ela também retornou a Portland, Maine, Seu lar da juventude onde havia esperado pela vinda de Jesus em 22 de outubro de 1844 e recebera sua primeira visão

poucas semanas depois.

Embora sendo uma idosa anciã ela continuou a trabalhar ativamente em seus livros e correspondência. Mas em suas horas de lazer ela gostava de contar histórias para crianças enquanto estas lhe penteavam os cabelos, cantar hinos alegres para si sobre a segunda vinda e fazer contatos missionários junto a seus vizinhos. Famílias do Vale de Napa por muito tempo recordaram “a velhinha de cabelos brancos que sempre falava tão bondosamente sobre Jesus”. Ela ainda estava em busca de almas.

Ela faleceu, com fé triunfante, numa ensolarada sexta-feira à tarde, dia 16 de Julho de 1915. Suas últimas palavras a seus filho foram: “Eu sei em quem tenho crido.” Ela havia visto os adventistas observadores do sábado crescerem de um punhado para 137 mil. O *New York Independent* homenageou-a assim: “Ela viveu a vida e realizou a obra de uma digna profetisa”.

Sua última aparição pública fora num programa religioso na capela do Colégio União do Pacífico. Fraca e débil, ela foi fisicamente assistida por dois pastores para chegar até o púlpito. Sua mensagem naquele dia foi um desafio à juventude adventista para levantar-se e concluir a obra de ganhar almas, para que Jesus possa retornar em breve.

26. Feliz, Santa e Saudável

OBITUÁRIO. Morreu de difteria. Jessie Alvira, idade, 10 meses e 15 dias. Este é o segundo filho que o irmão Ross perderam dentro de uma semana, vitimado por difteria. ...

OBITUÁRIO! Morreu de tuberculose. Dorcas Z., esposa de Alfredo Hurlburt, com a idade de 31 anos. Deixa o marido e cinco filhinhos a lamentar sua perda. ...¹

Anúncios de morte de crianças, jovens e jovens pais corajosamente sorriem através de lágrimas em quase todo número da *Review* de meados do século dezenove. Frequentemente redigidos dando detalhes de enfermidades, a dedicação dos falecidos e as palavras “adormecido em Jesus”, sua frequência – segundo os padrões modernos, totalmente fora de proporção em relação ao tamanho do movimento adventista – prontamente nos convence de que algo estava errado. Certamente Deus preferiria que Seus confiantes filhos vivessem, e não dormissem em Jesus.

A luz sobre a obra de Cristo no lugar santíssimo, junto aos Dez Mandamentos eliminando os pecados, prontamente convenceu os pioneiros adventistas do sétimo dia de que Jesus desejava que Seus seguidores fossem santos e que por Sua graça pudessem contribuir para a santificação mediante a obediência dedicada as suas leis morais. A concepção de que o Céu também estava preparado para ajudá-los a ser saudáveis mediante a dedicada cooperação com as leis físicas levou muitos anos para ocorrer.

Já vimos quão doentes João Andrews e Tiago White às vezes ficavam. Mas eles não eram os únicos. Diz-se que o único pioneiro que se mantinha realmente bem era José Bates. Ele ficou doente somente uns dias durante toda a sua vida, sem considerar sua breve enfermidade final. E ele sabia por que estava bem. Não bebia chá nem café, sua alimentação se baseava num frugal regime vegetariano, e passava muito tempo ao ar livre, viajando, para converter pecadores e confirmar santos.

Mas, pode-se perguntar, eles deviam saber o que havia de errado com eles. Então, por que não faziam alguma coisa a respeito?

A resposta é que eles não sabiam o que estava errado com eles.² Até mesmo os médicos daqueles dias não sabiam o que provocava as doenças. Um item no diário de Angelina Andrews é esclarecedor:

“Carlos Beeman morreu esta manhã por volta das 5 horas. Ele tivera uma inflamação na garganta durante dias. Ontem sua garganta foi lancetada, e julgou que teria uma boa noite de repouso. Jantou fartamente. Por volta das 11 horas a esposa lhe deu uma dose de morfina conforme o médico havia indicado. Ele imediatamente dormiu, e desse sono jamais despertou. Alguns atribuem sua morte súbita a uma coisa, outros, a outra coisa. O médico fala da pútrida garganta inflamada.”³

A teoria do germe estava ainda no futuro. Mesmo na década de 1840 alguns médicos ainda sangravam seus pacientes, crendo que excessiva vitalidade causava enfermidade. Ópio, calomelano, mercúrio, arsênico e estricnina eram comumente empregados para “quebrar a doença” durante a década de 1850. Por tais meios, os médicos podem ter matado mais sofrendores do que morreriam se deixados sem tratamento.

A cirurgia estava em sua infância, e a anestesia apenas começando a ser utilizado. Não havia raios X, antibióticos ou anti-histamínicos. Praticamente ninguém ia “para o hospital” e esses não eram prontamente disponíveis. Até mesmo a aspirina era ainda desconhecida.

A maioria das pessoas comia e bebia o que estivesse disponível e lhes apelasse ao apetite, frequentemente em altas quantidades, fortemente temperados, e a qualquer hora do dia ou da noite. Não viam qualquer relação entre seu regime alimentar e as enfermidades. Mantinham as janelas fechadas por temor de contraírem resfriado. Mantinham pesadas cortinas fechadas com temor de descolorirem os móveis. Raramente se banhavam. Trabalhavam em demasia ou faziam pouco exercício segundo a disposição ou necessidade os dominasse. Quase ninguém percebia que seu modo de vida era um caminho para a morte.

Como um deles reconheceu mais tarde: “Imaginávamos que a dor de cabeça, dispepsia [indigestão], náusea, febre, etc. eram em sua maior parte,

coisas totalmente fora de nosso controle e ... ordenadas pela mão de Deus.”⁴

Os adventistas nunca permitiram bebidas alcoólicas, logicamente, e na década de 1850 tornaram-se bem consciente dos malefícios do fumo. Mais de crente lançou seu cachimbo na lareira ou enterrou-o num buraco. Mas de tentativa por um casal tanto briguento, em 1858, para obrigar a jovem igreja a renunciar à carne de porco, resultou num testemunho da irmã White indicado que os anjos estavam guiando a igreja de modo prudente, e que os indivíduos que correm mais do que eles têm que refazer seus passos.

“Deus esta guiando um povo, não alguns poucos indivíduos separados aqui e acolá, um credo isso, e outro credo aquilo”, disse ela.⁵ A grande questão que confrontava o movimento em 1858 era a organização. Aparentemente, Deus desejava que os irmãos se unissem como um grupo, confiando uns nos outros nas posições de liderança, unidos como um em Cristo, antes de introduzir essa luz adicional.

Mas uma vez que a organização da Associação Geral estava no passado, os anjos evidentemente foram instruídos de que era tempo de pelo menos falarem sobre o comer carne de porco, bem como sobre muitas questões relacionadas.

A organização foi efetuada na quinta-feira, 21 de maio de 1863. A luz sobre as leis de saúde veio numa visão quinze dias depois, na noite de sexta-feira do dia 5 de junho, na pequena casa de fazenda do irmão A. Hilliard, ao lado de uma estrada que ainda passa em meio a verdejantes prados no terreno suavemente ondulado a oeste de Otsego, Michigan, cerca de cinquenta quilômetros a noroeste de Battle Creek. Merritt Cornell e R.J. (não Horácio) Lawrence estavam realizando reuniões numa tenda no vilarejo de Otsego. A assistência estava fraca, talvez por causa da ansiedade geral com respeito à Guerra civil que atingiria o auge em Gettysburg no início de julho. Os White e alguns outros “decidiram chegar até lá no fim de semana para ajudar na pregação e animar os irmãos. Fizeram o culto de por do Sol na casa de Hilliard. Perto do final de suas orações, Ellen colocou as mãos sobre o marido e rogou por sua saúde. Imediatamente sua emocionada exclamação “Glória, Glória, Glória!” anunciava outra visão. O

grupo assentou-se e esperou pelo resultado.

Quarenta e cinco minutos depois, após a visão ter acabado e a irmã White ter puxado o fôlego profundamente, como de costume, pediram-lhe que contasse o que havia visto em visão; mas tudo quanto ela pode dizer foi que fora tão estranho que eles não seriam capazes de compreender imediatamente.

A visão cobria uma abrangente lista de itens. O relatório escrito por Ellen White algum tempo depois,⁶ e provavelmente aumentado pelo conteúdo de visões subseqüentes, começava com uma descrição de Adão e Eva em sua beleza edênica. Muito solenemente condenava o “alimento animal” (carne) como a principal causa do declínio da raça humana. A “carne de porco” foi denunciada de modo particular, mas todos os tipos de carne também foram condenados.

A visão tratava do uso de bebidas alcoólicas, condimentos e sobremesas substanciosas. O fumo foi denunciado como “um veneno de mais maligna e enganosa natureza”, e o chá e o café como tendo efeitos “semelhantes aos do fumo”, mas em menor grau. O alimentar-se em excesso, mesmo com alimentos bons, e comer entre refeições ou pouco antes de deitar-se foram indicados como particularmente prejudiciais. O excesso de trabalho foi apresentado como um grande mal. E para o tratamento de enfermidades Ellen White foi instruída a dar o alarme contra o uso de “drogas” – arsênico, estricnina, calomelano, etc – como se receitava naqueles dias.

A eliminação desses alimentos, hábitos e prescrições inconvenientes teria certamente auxiliado qualquer um a viver melhor; mas havia conselhos do lado positivo também: beber água, exercitar-se regularmente ao ar livre, trazer a luz do sol e o ar puro para dentro de casa e tomar um banho diário.

Era tudo tão sensato! É difícil hoje compreender por que ela não soube como explicar isso no início. Mas naquele tempo isto certamente deve ter parecido algo novo e estranho.

Não que tudo que ela viu em suas visões sobre o viver saudável fosse primeiro introduzido ao conhecimento humano mediante suas revelações!

Os adventistas não fazem tais alegações. O *Water Cure Journal* do Dr. Russel T. Trall estava sendo lido por alguns deles há anos, e pelo menos Joao Loughborouhg, Ana Smith, os J. P. Kellogg e os J. N. Andrews estavam parcialmente familiarizados com “métodos racionais” e hidroterapia (ou “hidropatia”). Mesmo os White haviam tentado alguns poucos tratamentos hidroterápicos e por algum tempo mantiveram a janela aberta à noite. Tiago White havia mesmo começado a reeditar uma serie de artigos sobre saúde na *Review*.

Os efeitos salutareos da água quente e fria, afinal de contas, eram amplamente conhecidos e muito apreciados no Império Romano! Arnolde de Villanova, a quem encontramos quando debatemos os 2300 dias, ensinava tratamentos com água e vegetarianismo no palácio papal de Avignon no século XV, e Luigi Cornaro ensinava idéias semelhantes na Itália no século XVI. Os conselhos de João Wesley sobre saúde eram respeitados por seus seguidores no século XVIII e principio do século XIX. Mesmo no movimento milerita o Dr. L. B Coles abordou muitas idéias semelhantes às que Ellen G. White mais tarde expressou; e nem mencionamos o famoso vegetariano Sylvester Graham.

Em resumo, mediante a influência da muitas vozes anteriores e contemporâneas, tratamentos com água, vegetarianismo, o uso de pão de farinha integral e uma quantidade de outras reformas voltadas à saúde haviam ganho muitos seguidores na América antes de 1863. Ao Ellen White começar a ler mais amplamente sobre o assunto após sua visão em 1863, ela impressionou-se com os paralelos entre o que estava lendo e o que lhe havia sido mostrado, e em seu livro *How to live* [Como Viver] ela publicou vários artigos de outros reformadores juntamente com capítulos de sua própria autoria. Ela evidentemente esperava que as semelhanças atuariam como um tipo de endosso ajudando as pessoas a aceitarem suas visões.

Mas sem as visões o padrão não era claro. O conhecimento que os adventistas haviam obtido era fragmentário, na melhor das hipóteses. E junto as muitas boas idéias promovidas pelos reformadores profissionais havia muitas noções, advogadas com igual zelo e convicção, que a ciência moderna tem desde então demonstrando serem totalmente falsas. Até mesmo o Dr. Trall, geralmente tão sábio nas aplicações de água e bom

alimento, baniu totalmente o sal e o açúcar com a alegação de que o primeiro era um “veneno mineral” e o último “não um alimento, de modo absoluto”.⁷ Ellen White, apoiando-se em suas revelações, evitou tais equívocos.

A reivindicação que os adventistas do sétimo dia fazem às visões sobre a saúde de Ellen White é que elas (a) recomendavam *somente bons alimentos* e procedimentos, ignorando ou advertindo contra os maus, e (b) proviam *motivação religiosa inteligente* e eficaz para dirigir milhões de pessoas a uma vida equilibrada, útil e saudável, e através de melhor saúde, a maior vitória espiritual.

Falando aos adventistas do sétimo dia como um de seus preeminentes evangelistas e teólogos, J. H. Waggoner já em 1866 destacava que “não pretendemos ser pioneiros nos princípios gerais de reforma de saúde. ...Mas afirmamos”, prosseguiu ele, “que pelo método da escolha divina” (as visões de Ellen White) “esta tem sido mais clara e poderosamente desdobrada e está por isso produzindo seu efeito” – a adoção geral por parte dos adventistas do sétimo dia desses princípios – “os quais não poderiam ter buscado por qualquer outro meio.” As visões, Waggoner continuou, têm situado o viver saudável “no nível das grandes verdades da terceira mensagem angélica” como “o meio pelo qual um povo fraco pode se tornar forte para vencer, e ...adaptado para a trasladação”.⁸

Na terminologia daquele tempo, o novo estilo de vida foi denominado “reforma de saúde”. A palavra “reforma” era popular. Muitas outras reformas estavam sendo ou tinham sido recentemente advogadas na América: reforma das prisões, reforma dos asilos de doentes mentais, reforma educacional, reforma matrimonial, e outras.

Aquela foi a “Era das Reformas”, uma ocasião sobre a qual Horácio Greeley assim escreveu: “Não ter sido um reformador é não ter verdadeiramente vivido.” Houvesse a reforma de saúde vindo à luz um século depois, na década de 1960, o termo “reforma” poderia ter se assemelhado a “revolução”, e o conceito total como “revolução do preparo físico”.

Evidentemente, foi plano do Senhor revolucionar a vida das pessoas para melhor, ajudá-las a serem mais saudáveis e mais santas e, portanto,

mais felizes também.

27. Presente de Natal, 1865

A nova ênfase na saúde era uma verdadeira “revolução no preparo físico”, mas tinha por propósito realizar mais do que a melhora pessoal. Seu valor estava em ajudar as pessoas a sentirem-se bem, não somente para que ficassem boas, mas que fizessem o bem.¹ Tinha relação direta com a missão da igreja de levar o evangelho “a todas as cidades e todas vilas”, e anuncia-lo ao mundo.

A reforma de saúde jaz à raiz da “obra médico-missionária”.

A obra médico-missionária no movimento adventista do sétimo dia tem-se tornado muitas coisas. De um lado representa uma escola médica produzindo médicos com várias especialidades. De outro, representa um leigo cristão praticando um ato de bondade para seu vizinho na esperança de aliviar-lhe o sofrimento e conduzi-lo a Cristo.

A Sra. White praticou esse último tipo de obra médico-missionária a maior parte de sua vida, constantemente acolhendo pessoas enfermas em sua casa e tratando delas até que melhorassem, e frequentemente visitando vizinhos para ministrar tratamentos caseiros a seus filhos ou levar alimentos atraentes para adultos que não estavam se alimentando bem.²

Em 1902 ela escreveu: “Vivemos num tempo em que cada membro de igreja deveria lançar mão da obra médico missionária”³ Poderão fazê-lo, explicou ela em vários artigos e testemunhos, ensinando as pessoas como cozinhar e vestir-se inteligentemente, e como ministrar tratamentos caseiros: e também orando com elas quando estivessem doentes. Na Assembléia da Associação Geral de 1901 ela insistiu em que a obra médico-missionária e a obra evangélico missionária “nunca, nunca” se separassem.⁴

Em resumo, a obra médico-missionária é o evangelho posto em prática. É o fazer o bem aos outros em demonstração de amor a Deus. É a bondade inteligente, dirigida a ajudar pessoas não meramente a enfrentar

emergências de doença ou pobreza, mas também a viver acima disso para sempre, posteriormente. E seu fim é fazer pelos outros, o bem maior, ou seja, trazê-las a Cristo.

Embora os sanatórios, hospitais e colégios sejam importantes para levar avante a obra médico-missionária, não constituem os aspectos mais importantes para o programa. “Deus não requer tantas numerosas instituições, amplos edifícios ou grandes exposições, mas a ação minuciosa de um povo peculiar, um povo precioso e escolhido por Deus. Cada indivíduo deve permanecer em seu posto e lugar, pensando, falando e agindo em harmonia com o Espírito de Deus.”⁵

A nova luz provocou-se de especial benefício à Ellen White e sua própria família. Por exemplo, alguns anos antes de sua morte, com a avançada idade de oitenta e sete anos – o que não parece mau para quem, aos dezessete, haviam dado mais três meses de vida – Arthur W. Spalding, o narrador de história e historiador, enquanto visitava “Elmshaven”, seu lar na Califórnia, ofereceu-se para ajudá-la a subir as escadas ao fim da entrevista.

“Oh, não, obrigada”, respondeu ela vivamente. “Sou bem capaz de subir as escadas por mim mesma. Eu sou tão ágil como quando era jovem.”

Mas imediatamente ela se corrigiu: “Quando eu era uma jovem?” Exclamou. “Eu deveria antes dizer que quando era jovem vivia doente, fraca e com a saúde arruinada. Mas o Senhor me fez forte e disposta, e agora me sinto melhor, muito melhor do que quando era jovem.”⁶

Durante os primeiros anos de seu matrimônio ela e Tiago sofriam mais do que sua parcela de enfermidades, pois trabalhavam demasiado, dormiam muito pouco e comiam escassamente. Faziam-no porque sentiam o peso pelo trabalho e recebiam tão pouca ajuda do rebanho espalhado. (Com o tempo viram que Deus não esperava deles tão extremos sacrifícios.)⁷ Além disso, Ellen sofria muito mais enfermidades do que lhe cabia, em vista de que, como mensageira especial de Deus, era também alvo seletivo de Satanás. Ela percebeu isso particularmente em ligação com a visão de 1858 sobre “O grande conflito”.⁸

Em seus primeiros anos ela era frequentemente curada de modo

instantâneo. Em seus anos posteriores manteve sua fé mesmo quando às vezes Deus preferia não operar um milagre. Algumas das mais belas passagens em *O Desejado de Todas as Nações* foram escritas quando ela estava “confiando enquanto sofria” com artrite reumatoide na Austrália.

A visão da reforma de saúde de Julho de 1863 não lhe proveu melhora na saúde antes de ela fazer mudanças radicais em sua própria forma de vida. Ela comia carne em abundancia e não suportava o cheiro de pão integral.

Mas desejava ansiosamente ter um corpo saudável para que pudesse servir ao Senhor mais eficientemente, e decidiu obedecer.

Ela preparou uma refeição vegetariana e assou uma fornada de pão de farinha integral. Mas lhe parecia excessivamente repulsivo para ser comido.

E assim, como ela própria contou o fato, ela dobrou os braços sobre o colo e declarou: “Estomago, você pode esperar até que possa comer pão. Eu vou comer alimentos simples ou não vou comer absolutamente nada.”⁹ Após deixar de comer por duas ou três refeições, ela conseguiu comer. E daí em diante permaneceu vegetariana por toda a vida, embora até 1894 comesse carne ocasionalmente, de modo especial quando viajando. Após 1894 ela não mais comeu carne durante os vinte e um anos restantes de sua vida, mesmo em suas viagens extensas, convencida pela luz que havia recebido de que seria desaconselhável fazê-lo.¹⁰

O pastor Tiago White foi eleito presidente da associação geral em 1965. A guerra civil estava chegando ao fim, e ele também, na época, chegava ao fim de sua maravilhosa provisão de energia. Um derrame deixou-o parcialmente paralisado.

Os pastores Loughborough e Urias Smith também estavam doentes na mesma época, e juntamente com os White fizeram seu patético trajeto ao “Nosso Lar Sobre a Colina”, uma instituição de saúde operada pelo Dr. Tiago C. Jackson e edificada literalmente junto a uma colina em Dansville, Nova York. Os White sabiam agora o suficiente para não de médicos comuns, e o Dr. Jackson oferecia alguns dos melhores tratamentos de água e luz solar disponíveis no país.

Urias Smith recuperou-se em pouco tempo e Loughborough também estava em breve suficientemente bom para voltar ao trabalho. Mas Tiago White, cuja condição era muito mais séria, somente conseguiu desanimadora melhora. Ademais, Ellen White tornava-se crescentemente preocupada com as técnicas do Dr. Jackson.

O Dr. Jackson requeria que seus pacientes relaxassem dançando e jogando baralho, e dizia-lhes que afastassem por completo a mente da religião e não fizessem trabalho algum. Para um homem de elevados princípios, ativo e religioso como o pastor White, isso era verdadeiramente uma coisa drástica. Em dezembro, no meio de uma tempestade, os White saíram dela, esperando que ele háveria de melhorar mais depressa na casa de alguns amigos em Rochester.

Após duas semanas de orações especiais em favor do pastor White, os crentes em Rochester passaram o dia 25 de dezembro, o Natal de 1865, em jejum e oração pelo retorno de sua saúde. Deus respondeu concedendo-lhes (e ao mundo) um impressionante presente de Natal.

Numa visão naquele dia, Ellen White viu que o tratamento de completo repouso sem religião era inteiramente errado e que os adventistas deveriam estabelecer sua própria instituição de hidroterapia e vegetarianismo em que um sistema apropriadamente equilibrado de tratamentos sob o temor de Deus pudesse fazer-se disponível não somente aos adventistas como ao público em geral, em que pudessem ser tratados não só com remédios sensatos, mas onde também fossem ensinados a “como cuidar de si mesmos e assim evitar a doença”.¹¹

Dois resultados imediatos desta grande visão da “instituição de saúde” foram: (1) uma inspiradora demonstração na própria família dos White sobre o que pode uma mulher fazer para tratar de seu marido enfermo;¹² e (2) a fundação em 1866 western health Reform Institute (Instituto Ocidental de Reforma da Saúde) numa casa remodelada em Battle Creek.

O homem que fez o máximo para edificar essa instituição de saúde e, de fato, promover a reforma de saúde em boa parte do mundo nos muitos anos sucessivos foi um médico de pequena estatura, determinado e dinâmico, chamado João Harvey Kellogg.

Ele bem merece alguns momentos de nosso tempo.¹³

João Harvey Kellogg nasceu numa família de dezesseis filhos, em 1852, o ano em que seu pai, J. P. Kellogg, aceitou a fé adventista. Em 1855º Sr. Kellogg forneceu a quarta parte do dinheiro necessário para construir o pequeno prédio da imprensa manual da Review and Herald, e em 1856 transferiu sua família para Battle Creek, onde abriu uma fábrica de vassouras.

Com a idade de dez anos, João Harvey estava trabalhando no negócio de seu pai, e em 1866, com a idade de quatorze, era revisor na casa editora dos adventistas do sétimo dia. Foi este o ano em que o Instituto Ocidental de Reforma da Saúde foi inaugurado, com J. P. Kellogg fazendo a primeira e maior doação de quinhentos dólares. Pouco anteviam, tanto o pai como o filho, a parte que João haveria de desempenhar no desenvolvimento daquela instituição. Sua ambição naquelas alturas era ser um professor.

Na realidade, João lecionou numa escola durante um ano; mas o seu futuro estava ainda pela frente. Em 1872 ele começou a estudar medicina no Hygeio-Therapeutic college do Dr. Trall em Nova Jersey, logo se transferindo para a escola médica de Ann Arbor, Michigan, e finalmente para o Bellevue Medical College em Nova York, o melhor do país. De algum modo o pastor Tiago White conseguiu arranjar mil dólares para ajudá-lo em suas despesas, e o jovem Kellogg empregou boa parte dele para contratar membros do corpo docente da faculdade para assisti-lo privadamente fora das aulas. Seu apetite pelo estudo era insaciável.

Equipado com uma graduação em Medicina do mais elevado nível, o Dr. Kellogg retornou a Battle Creek em 1875 e um ano depois foi feito superintendente médico no Instituto Ocidental de Reforma da Saúde. Havia vinte pacientes registrados na época. Quando correu a notícia de que um jovem médico de vinte e quatro anos estava assumindo a direção, conta-se que seis deles trataram de deixar a instituição.

Seus leitos vazios foram logo ocupados. Tantos pacientes dirigiam-se para Battle Creek para se utilizarem das habilidades do fabuloso novo diretor médico e de seus cuidadosamente escolhidos associados que foi necessário manter um programa quase contínuo de edificações nos vinte

anos seguintes. O nome foi rapidamente mudado para Battle Creek Medical and Surgical Sanitarium (Sanatório Médico e Cirúrgico de Battle Creek), definido como um lugar onde as pessoas “aprendem a ficar sãs”. Ao tempo e que seus dois principais prédios se incendiaram em 1902, o conjunto tinha quartos para várias centenas (Talvez para mil, ou mais) pacientes.

O Dr. Kellogg era brilhante. Ele se matinha em dia com os desenvolvimentos da medicina lendo os últimos periódicos em vários idiomas e viajando repetidamente à Europa para estudar sob a direção dos mais destacados médicos ali. Escreveu cinquenta livros, vários dos quais grandes compêndios médicos. Fundou uma escola médica. Realizou inúmeras operações, fechando a incisão tão perfeitamente que “a cicatriz Kellogg” tornou-se famosa. Estava sendo constantemente convidado a realizar conferências públicas. Inventou vários tipos de aparelhos para tratamentos, vários dos quais ainda estão em uso por todo o mundo. E desenvolveu vários tipos de alimentos, o mais famoso dos quais, os flocos de milho (corn flakes) modificou os hábitos de jejum da nação e deu ao seu irmão Will (W. K. Kellogg) grande fortuna, após assumir o controle de sua manufatura em 1906. A afirmação de que o Dr. Kellogg inventou a manteiga de amendoim traz alguns problemas, especialmente porque índios da América do Sul há muito consumiam uma pasta não muito diferente. Mas não há dúvida de que Kellogg fez sua parte para promover sua popularidade exatamente quando o amendoim estava entrando em voga nos Estados Unidos.¹⁴ E também parece verdade que ele criou o termo “granola”, tão vastamente utilizado na década de 70.

Após o desastroso incêndio de 1902, o Dr. Kellogg reconstruiu o sanatório. Especialmente nas décadas de 1910 e 1920 a instituição mereceu elevadíssimo conceito público. O presidente Coolidge, Henry Ford, Percy Grainger (o pianista) e Romer Rodeheaver (o compositor de música sacra) foram alguns poucos dentre os muitos ilustres visitantes. O almirante Byrd consultava Kellogg repetidamente sobre o regime alimentar para seus exploradores do pólo. Muitas outras figuras famosas vinham frequentemente, algumas uma vez por ano.

Embora no sanatório de Battle Creek se realizassem cirurgias especializadas, com um amplo setor para pacientes agudos, era mais famoso como um lugar onde as pessoas iam para perder peso, acalmar os

nervos e obter uma melhora geral. A atmosfera do hospital era mais comparável à de um hotel do que à de um hospital.

Vestido (em seus anos posteriores) num atrativo conjunto branco, de camisa branca, gravata branca, meias brancas e sapatos brancos, o médico reunia uma multidão no auditório do sanatório cada semana para apresentar uma interessante palestra sobre as novidades no campo da medicina.; Um propósito primário da obra médico – missionária é ensinar às pessoas como permanecerem saudáveis.

Em 1907 o Dr. Kellogg separou-se da igreja, um passo que ele pode ter estado a considerar em 1890.¹⁵ Houve vários fatores. Divergências naturais com a liderança da denominação sobre praxes administrativas foram infelizmente agravadas pela relutância de alguns pastores em praticarem certos aspectos da reforma de saúde. Kellogg, não muito coerente com os princípios de saúde, ele próprio, trabalhava ao ponto de exaustão (o que, para ele, requeria um bocado de trabalho), e isso contribuiu para torná-lo irritadiço.

A teologia também contribuiu para isso. O conceito bíblico de que o corpo do cristão é o “templo do Espírito Santo” (I Coríntios 6:19), foi por ele levado a extremos numa forma de panteísmo, que tornava Deus residente de modo pessoal em toda criatura vivente, nos animais, insetos e plantas, chegando mesmo a identificar a Deus como alei da gravidade e a luz solar. Tal posição solapava a doutrina adventista fundamental de Cristo num santuário celestial e estabelecia uma base potencial para o fanatismo e a imoveria de melhorar mais depressa na casa de alguns amigos em Rochester.

Após duas semanas de orações especiais em favor do pastor White, os crentes em Rochester passaram o dia 25 de dezembro, o Natal de 1865, em jejum e oração pelo retorno de sua saúde. Deus respondeu concedendo-lhes (e ao mundo) um impressionante presente de Natal.

Numa visão naquele dia, Ellen White viu que o tratamento de completo repouso sem religião era inteiramente errado e que os adventistas deveriam estabelecer sua própria instituição de hidroterapia e vegetarianismo em que um sistema apropriadamente equilibrado de tratamentos sob o temor de Deus pudesse fazer-se disponível não somente

aos adventistas como ao público em geral, em que pudessem ser tratados não só com remédios sensatos, mas onde também fossem ensinados a “como cuidar de si mesmos e assim evitar a doença”.¹⁶

Dois resultados imediatos desta grande visão da “instituição de saúde” foram: (1) uma inspiradora demonstração na própria família dos White sobre o que pode uma mulher fazer para tratar de seu marido enfermo;¹⁷ e (2) a fundação em 1866 western health Reform Institute (Instituto Ocidental de Reforma da Saúde) numa casa remodelada em Battle Creek.

O homem que fez o máximo para edificar essa instituição de saúde e, de fato, promover a reforma de saúde em boa parte do mundo nos muitos anos sucessivos foi um médico de pequena estatura, determinado e dinâmico, chamado João Harvey Kellogg.

Ele bem merece alguns momentos de nosso tempo.¹⁸

João Harvey Kellogg nasceu numa família de dezesseis filhos, em 1852, o ano em que seu pai, J. P. Kellogg, aceitou a fé adventista. Em 1855° Sr. Kellogg forneceu a quarta parte do dinheiro necessário para construir o pequeno prédio da imprensa manual da Review and Herald, e em 1856 transferiu sua família para Battle Creek, onde abriu uma fábrica de vassouras.

Com a idade de dez anos, João Harvey estava trabalhando no negócio de seu pai, e em 1866, com a idade de quatorze, era revisor na casa editora dos adventistas do sétimo dia. Foi este o ano em que o instituto Ocidental de Reforma da Saúde foi inaugurado, com J. P. Kellogg fazendo a primeira e maior doação de quinhentos dólares. Pouco anteviam, tanto o pai como o filho, a parte que João haveria de desempenhar no desenvolvimento daquela instituição. Sua ambição naquelas alturas era ser um professor.

Na realidade, João lecionou numa escola durante um ano; mas o seu futuro estava ainda pela frente. Em 1872 ele começou a estudar medicina no Hygeio-Therapeutic college do Dr. Trall em Nova Jersey, logo se transferindo para a escola médica de Ann Arbor, Michigan, e finalmente para o Bellevue Medical College em Nova York, o melhor do país. De

algum modo o pastor Tiago White conseguiu arranjar mil dólares para ajudá-lo em suas despesas, e o jovem Kellogg empregou boa parte dele para contratar membros do corpo docente da faculdade para assisti-lo privadamente fora das aulas. Seu apetite pelo estudo era insaciável.

Equipado com uma graduação em Medicina do mais elevado nível, o Dr. Kellogg retornou a Battle Creek em 1875 e um ano depois foi feito superintendente médico no Instituto Ocidental de Reforma da Saúde. Havia vinte pacientes registrados na época. Quando correu a notícia de que um jovem médico de vinte e quatro anos estava assumindo a direção, conta-se que seis deles trataram de deixar a instituição.

Seus leitos vazios foram logo ocupados. Tantos pacientes dirigiam-se para Battle Creek para se utilizarem das habilidades do fabuloso novo diretor médico e de seus cuidadosamente escolhidos associados que foi necessário manter um programa quase contínuo de edificações nos vinte anos seguintes. O nome foi rapidamente mudado para Battle Creek Medical and Surgical Sanitarium (Sanatório Médico e Cirúrgico de Battle Creek), definido como um lugar onde as pessoas “aprendem a ficar sãs”. Ao tempo e que seus dois principais prédios se incendiaram em 1902, o conjunto tinha quartos para várias centenas (Talvez para mil, ou mais) pacientes.

O Dr. Kellogg era brilhante. Ele se matinha em dia com os desenvolvimentos da medicina lendo os últimos periódicos em vários idiomas e viajando repetidamente à Europa para estudar sob a direção dos mais destacados médicos ali. Escreveu cinquenta livros, vários dos quais grandes compêndios médicos. Fundou uma escola médica. Realizou inúmeras operações, fechando a incisão tão perfeitamente que “a cicatriz Kellogg” tornou-se famosa. Estava sendo constantemente convidado a realizar conferências públicas. Inventou vários tipos de aparelhos para tratamentos, vários dos quais ainda estão em uso por todo o mundo. E desenvolveu vários tipos de alimentos, o mais famoso dos quais, os flocos de milho (corn flakes) modificou os hábitos de desjejum da nação e deu ao seu irmão Will (W. K. Kellogg) grande fortuna, após assumir o controle de sua manufatura em 1906. A afirmação de que o Dr. Kellogg inventou a manteiga de amendoim traz alguns problemas, especialmente porque índios da América do Sul há muito consumiam uma pasta não muito diferente. Mas não há dúvida de que Kellogg fez sua parte para promover sua

popularidade exatamente quando o amendoim estava entrando em voga nos Estados Unidos.¹⁹ E também parece verdade que ele criou o termo “granola”, tão vastamente utilizado na década de 70.

Após o desastroso incêndio de 1902, o Dr. Kellogg reconstruiu o sanatório. Especialmente nas décadas de 1910 e 1920 a instituição mereceu elevadíssimo conceito público. O presidente Coolidge, Henry Ford, Percy Grainger (o pianista) e Romer Rodeheaver (o compositor de música sacra) foram alguns poucos dentre os muitos ilustres visitantes. O almirante Byrd consultava Kellogg repetidamente sobre o regime alimentar para seus exploradores do pólo. Muitas outras figuras famosas vinham frequentemente, algumas uma vez por ano.

Embora no sanatório de Battle Creek se realizassem cirurgias especializadas, com um amplo setor para pacientes agudos, era mais famoso como um lugar onde as pessoas iam para perder peso, acalmar os nervos e obter uma melhora geral. A atmosfera do hospital era mais comparável à de um hotel do que à de um hospital.

Vestido (em seus anos posteriores) num atrativo conjunto branco, de camisa branca, gravata branca, meias brancas e sapatos brancos, o médico reunia uma multidão no auditório do sanatório cada semana para apresentar uma interessante palestra sobre as novidades no campo da medicina.; Um propósito primário da obra médico – missionária é ensinar às pessoas como permanecerem saudáveis.

Em 1907 o Dr. Kellogg separou-se da igreja, um passo que ele pode ter estado a considerar em 1890.²⁰ Houve vários fatores. Divergências naturais com a liderança da denominação sobre praxes administrativas foram infelizmente agravadas pela relutância de alguns pastores em praticarem certos aspectos da reforma de saúde. Kellogg, não muito coerente com os princípios de saúde, ele próprio, trabalhava ao ponto de exaustão (o que, para ele, requeria um bocado de trabalho), e isso contribuiu para torná-lo irritadiço.

A teologia também contribuiu para isso. O conceito bíblico de que o corpo do cristão é o “templo do Espírito Santo” (I Coríntios 6:19), foi por ele levado a extremos numa forma de panteísmo, que tornava Deus residente de modo pessoal em toda criatura vivente, nos animais, insetos e

plantas, chegando mesmo a identificar a Deus como alei da gravidade e a luz solar. Tal posição solapava a doutrina adventista fundamental de Cristo num santuário celestial e estabelecia uma base potencial para o fanatismo e a imoralidade (com base no fato de que Deus está em mim, qualquer coisa que eu deseje fazer deve estar certa, uma conclusão a que o próprio Kellogg nunca chegou).

Kellogg brincou com suas ideias panteístas por uma década ou mais, recebendo cárias cartas maternais da irmã White. Quando ele publico suas teorias em *The Living Temple* (O Templo Vivo), em 1903, uma separação total da igreja tornou-se apenas questão de tempo.

Mais fundamentalmente, seu desligamento da denominação partiu de seu repúdio de Ellen White como a especial mensageira do Senhor. Ele acatava seus conselhos quando jovem e até viveu por um tempo em seu lar. Mas ao ela adverti-lo a prestar maior atenção à alma, bem como ao organismo de seus pacientes, ele se distanciou mais e mais de sua influência. Qualquer que leia a correspondência dela para ele e seus apelas publico a ministros em favor dele sabe quão profundamente sua saída feriu o coração dela.

Se Kellogg houvesse ficado com o movimento, o quanto mais poderia ele ter realizado para levar sua mensagem ao mundo! Suponhamos que com seu talento e influência, ele houvesse persuadido Henry Ford ou o Presidente Coolidge a observar o sábado e a adotar a esperança adventista!

Estando iminente a separação de Kellogg da igreja, por volta de 1903, e não sendo mais desejada a utilização de sua escola de Medicina, Ellen White, agora com seus setenta e poucos anos, lançou-se ao estabelecimento de uma nova escola de Medicina no sul da Califórnia. Ela também se interessava grandemente por sanatórios adicionais nessa área.

Kellogg havia estabelecido uma rede de vinte e sete ou mais sanatórios pelo mundo, uma notável realização. Tipicamente, cada um deles se especializara em Medicina física (hidroterapia, exercício, massagem, etc.), além de oferecer, onde possível, algum tipo de assistência médica hospitalar. A California até então contava com somente um sanatório adventista, localizado perto de Santa Helena, no Condado de Napa, em local hoje conhecido como Parque Deer. Ellen White foi enfática

em que os novos deveriam localizar-se fora das cidades maiores. “Não edifiquem sanatórios dentro das cidades”, advertiu ela à assembléia da Associação Geral em 1903¹³

Com o auxílio de João A. Burden e outros leais ajudadores ela localizou um edifício com potencial para ser um sanatório em Glendale, um povoado a poucos quilômetros de Los Angeles. Outros edifícios adequados foram descobertos em National City, poucos quilômetros ao sul de San Diego, e em Loma Linda, a pequena distância de cada uma das três cidades de Riverside, Redlands e San Bernadino. Ao orarem, os preços dessas propriedades caíram radicalmente. A idosa mensageira do Senhor persuadiu irmãos relutantes a aprovarem a aquisição dessas propriedades. Aso contribuições necessárias surgiram – certa vez do outro lado do país, no dia exato em que a hipoteca seria executada. A experiência nesse aspecto é em si uma aventura.

Quando à escola de Medicina, Ellen White escreveu aos irmãos que o Senhor desejava uma instituição cujos graduados pudessem passar em qualquer exame oficial. E assim, em meio às colinas e pomares de laranja em Loma Linda, nasceu o Colégio de Medicos Evangelistas, sendo de fé o seu primeiro choro, e seu primeiro fôlego, uma prece. Hoje a organização original é representada pelas Faculdades de Enfermagem e Medicina da Univerdade de Loma Linda, a qual foram adicionadas as Faculdades de Odontologia, Saúde Pública e outras.

Em 1975 os adventistas do sétimo dia abriram uma segunda faculdade de Medicina, em Montemorelos, México.

Na década de 1970, para ajudar a tornar as pessoas felizes, saudáveis e santas, os adventistas do sétimo dia operavam duas escolas médicas de muitos milhões de dolares, uma rede de fábricas de alimentos saudáveis, uma pequena frota de lanchas médicas, uma frota de aviões de socorro médico e uma rede mundial de mais de trezentos hospitais e clínicas. Uma comunidade de milhares de médicos, dentistas, enfermeiros, e outros obreiros dedicados à saúde, tornaram possível isso tudo – sem falar dos gerentes, tesoureiros, engenheiros, secretárias, e zeladores. A denominação como um todo, agora fortalecida com mais de três milhões de membros, mantém o conceito do preparo físico como um privilégio espiritual e a

prática da “obra médico-missionária” como uma responsabilidade religiosa.

Quem pensaria que tantas realizações brotariam de uma ideia que primeiro surgiu numa noite de sexta-feira, em junho de 1863, numa despretenciosa casa de fazenda a poucos quilômetros de Otsego, Michigan?

Ou de um “presente de natal” aberto com lágrimas por um grupo que orava e jejuava em Rochester, em 1865?

28. Pela Alegria do Serviço

“Não havia uma grave transgressão para perturbar o professorado. Além de lançar-se, em público ou privado, um sorriso ao sexo oposto. E sempre me admirei muito – e ficarei sempre intrigado para o resto de minha vida. De como, neste mundo, enquanto no colégio, consegui arranjar uma esposa.

Mas algo lá era incerto, o que agora posso ver bem claramente.

Que todos esses duros regulamentos foram verdadeiramente uma benção para mim.”¹

Quase todos que já freqüentaram um colégio Adventista do Sétimo Dia podem identificar-se gratamente com essa peça de sabedoria e podem louvar a Deus pelos “duros regulamentos” – quase tudo o mais além disso – que tornaram esse colégio cristão, *diferente*.

Pode ser de auxílio rever como essa diferença se tornou realidade, pois às vezes, quase chegou ao ponto de não ocorrer.

Todos os olhares volveram-se para Sidney Brownsberger.

Ellen White, recentemente de retorno da Califórnia, após ter iniciado o *Signs of The Times*, havia acabado de ler um longo testemunho revelando os ideais de Deus para a educação adventista. A primeira instituição de ensino superior, o Colégio de Battle Creek, estava em processo de formação, suas salas de aula sendo formadas, e a mesa administrativa reunida para estudar planos e ouvir a palavra do Senhor. O primeiro diretor, o Prof. Sidney Brownsberger, M. A. (Universidade de Michigan, 1869), havia sido convidado a assisti-la em razão de sua óbvia importância para o êxito do empreendimento.

“Bem, irmão Brownsberger”, perguntou um dos membros da mesa, “o que podemos fazer com respeito a essa instrução que a irmã White acaba de nos transmitir?”

Todos esperavam ansiosamente por sua resposta. O que ouviram foi candidamente honesto: “Eu nada sei sobre a direção de uma escola dessas”.²

Não era uma maneira auspiciosa para começar.

Este não foi, contudo, o início da educação adventista, propriamente. Em 1852, quando os pais estavam negligenciando a educação de seus filhos com base em que “Cristo breve voltará” e não se poderia realizar muita coisa, Tiago White repreendeu-os. Sua própria contribuição representou o primeiro periódico para os jovens, o *Youth's Instructor*.

Em 1853 e 1854 um bom número de famílias adventistas passou a formar pequenos externatos em seus lares. A mais conhecida era dirigida pela jovem de dezenove anos Marta Byington em Buck's Bridge, Nova Iorque. Num ou dois anos, essas escolas domésticas desapareceram. Isso é lamentável, pois como resultado da observância do sábado os jovens nas escolas públicas sofriam considerável zombaria devido a suas idéias “peculiares”. E conquanto muitos a tudo suportassem esperando que Cristo viesse qualquer instante para levá-los ao Céu, muitos desanimavam e eram perdidos para a causa.³

Poucos anos depois que os White se mudaram de Rochester para a Michigan, em 1855, e o escritório da *Review and Herald* transferiu-se com eles, os adventistas iniciaram uma escola paroquial em Battle Creek, a qual operaram sob a direção de diferentes professores por cerca de seis anos. Esta foi abandonada quando uma nova e excelente escola pública foi estabelecida nas proximidades.

As famílias adventistas aparentemente só mandavam suas crianças de nível primário a essa escola pública em Battle Creek. Seus adolescentes arranjavam trabalho, e o maior número possível dentre estes ia trabalhar na casa publicadora e no Instituto Ocidental de Reforma da Saúde, ambos em rápida expansão.

Foi enquanto trabalhava na *Review*, um dia, que Edson White observou um estranho cortando toras para a pilha de lenha que supria a fogueira sempre faminta que aquecia as caldeiras fornecedoras de vapor para movimentar o maquinário da imprensa. Após as horas de trabalho,

Edson e seu amigo Jorge States, e alguns outros indivíduos conversaram com esse estranho e souberam que seu nome era Goodloe Bell.

Alguns anos antes, disse o Sr. Bell aos rapazes, ele havia freqüentado o Colégio Oberlin, em Ohio, então uma das escolas mais revolucionárias no país. Era o primeiro a oferecer educação para ambos os sexos. Ressaltava a necessidade de que o trabalho industrial e agrícola acompanhasse os estudos formais. Era também uma instituição muito religiosa. Bell continuou dizendo que havia lecionado em várias escolas em diferentes lugares por vários anos, e que quando o excesso de trabalho o deixou enfermo, ele ficou feliz em ouvir falar sobre o novo Instituto Ocidental de Reforma da Saúde em Battle Creek. Pareceu de mentalidade tão reformadora como o Oberlin.

De fato, em lugar de aplicar-lhe calomelano e estricnina, os médicos ali prescreveram-lhe tratamentos de água quente e fria, e determinaram que convalescesse mediante trabalho manual ao ar livre. Bell declarou que apreciava o Instituto de Reforma da Saúde e que gostara do que aprendera sobre o adventismo do sétimo dia.

“Gostaria também de dar aulas noturnas para alguns de nós, Sr. Bell?” perguntaram os rapazes ansiosamente.

Bem cedo, a indagação era respondida de modo prático. Nas longas e cálidas noites do verão de 1868, Goodloe Bell dirigiu uma “classe seleta” para doze jovens adventistas incluindo, além de ambos os jovens White, dois dos filhos de J. P. Kellogg – João Harvey, o futuro médico de fama mundial, e Will K., o futuro rei dos flocos de milho. Tratava-se de um extraordinário grupo de alunos.

E o Sr. Bell era um ótimo professor, bem avançado no tempo em seus métodos. Ele fazia seus estudantes aprenderem sua matéria solidamente, e não por repetição mecânica. Ele requeria que compreendessem tão plenamente que a pudessem explicar em poucos instantes.

A escola ia tão bem que no outono muitos outros rapazes pediram para matricular-se. Foi decidido que o Sr. Bell poderia utilizar o pequeno edifício original que J. P. Kellogg e outros haviam edificado para abrigar as oficinas de Review em 1855. Para preparar um lar para sua esposa e quatro

filhos, Bell remendou as rachaduras nas paredes arruinadas da parte inferior. Seus estudantes subiam a insegura escada externa para assistirem às aulas na longa e baixa sala do sótão.

Em 1872 a Comissão da Associação Geral estava tão convencida quanto à habilidade de Bell que foi votado manter sua escola seleta como a primeira escola oficial dos adventistas do sétimo dia.

O ano de 1872 é notável não só pela adoção da escola do Professor Bell, mas também pelo surgimento dos testemunhos de Ellen White sobre a natureza da verdadeira educação. A primeira de suas muitas centenas de páginas sobre o assunto apareceu nesse ano no *Testemunho* n°22.¹

O *Testemunho* n° 22 se inicia com a sentença “A mais bela obra jamais assumida por homens e mulheres é o lidar com mentes jovens.”

A mais “bela” obra. Não bela no sentido de suavidade e alegria embora lecionar às vezes seja mesmo assim; porém “mais bela” no sentido em que se empregava a expressão no século XIX. “Que requer meticulosa escolha, tato, cuidadosa consideração, ou precisa e escrupulosa conduta.”²

O que Ellen White quis dizer é que educação é mais do que um passatempo para os professores despreparados e pais desqualificados; é antes uma carreira elevada requerendo cuidadoso preparo e intensa dedicação.

A segunda sentença no testemunho torna isto claro: “O maior cuidado deveria ser tomado na educação da juventude de modo a variar a forma de instrução visando desenvolver elevadas e nobres faculdades da mente.”

Por favor, leia isso novamente. O que é essa variedade de instrução que ela sentiu dever ser observada caso as “mais elevadas e nobres faculdades da mente” devam ser desenvolvidas?

Segue-se sua resposta. O sincero professor cristão deve estar igualmente interessado “na educação física, moral, mental e espiritual de seus estudantes”. Ensinar é a obra “mais bela” porque deve tratar com o “todo” de cada estudante enquanto ao mesmo tempo leva em conta o diferente temperamento que caracteriza cada indivíduo. Deve prestar

discriminada atenção (1) à salvação dos negócios e do lar, ou seja qual for a carreira que seguirem, e eles devem adquirir a fim de serem úteis nos deveres do campo, dos negócios e do lar, ou seja qual for a carreira que seguirem, e (4) o desenvolvimento de suas habilidades para racionarem saudavelmente. E deve (5) levar os estudantes ao serviço dedicado em favor de outros.

Sendo essencial este tipo de educação, é óbvio que não pode restringir-se à sala de aulas. Conseqüentemente, os pais bem como os professores, são freqüentemente mencionados nesse testemunho. Os pais deveriam tornar a salvação dos filhos sua “primeira e mais alta preocupação.” Também deveria ser seu “primeiro e constante cuidado” ver os filhos tendo corpos saudáveis. Esses dois “primeiros” recebem igual peso porque a saúde espiritual é grandemente influenciada pela saúde física. Em vista de suas responsabilidades, as mães deveriam considerar seus deveres caseiros “sagrados” ou como sendo muito mais importantes do que o trabalho de uma estenografa ou música. Na verdade, não há “ocupação mais importante” do que a de dona de casa.

Uma bem organizada escola (retornando agora ao papel dos professores) é decididamente necessária para prover “estabelecimentos agrícolas e industriais” em que os estudantes possam dedicar “uma parcela de tempo cada dia” ao trabalho ativo. E não é suficiente que os estudantes apenas dediquem tempo aos seus trabalhos. Eles devem receber uma “completa educação” nas diferentes formas de trabalho para que possam produzir artigos de qualidade. Devem aprender sobre “o trabalho bem como sobre as ciências”.

O estudo bíblico, logicamente, deve ocupar uma posição bastante destacada, contudo, não com exclusão das ciências.

E qual é o propósito dessa educação equilibrada e abarcante? “O grande objeto da educação é capacitar-nos a utilizar as faculdades que Deus nos deu numa maneira que melhor represente a religião da Bíblia, e promova a glória de Deus.” “As verdades da Palavra Divina podem ser melhor apreciadas por um cristão intelectual. Cristo pode ser melhor glorificado por aqueles que O Server inteligentemente.”

Posteriormente, Ellen White sumariou e ampliou sua filosofia nestas

famosas palavras “A verdadeira educação significa mais do que a prossecução de um certo curso de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.”³

A verdadeira educação não é educação ordinária; nem é algo separado da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A igreja deve ser constituída de homens e mulheres que compreendem, crêem e vivem a especial mensagem de Deus para os últimos dias, e se unem para cumprir sua missão de proclamá-la ao mundo. Na melhor das hipóteses, a educação adventista do sétimo dia se tornou o meio básico da igreja em alcançar esse fim. Ela não somente busca formar ministros, médicos, enfermeiros e professores, mas preparar todo estudante para ser um inteligente ganhador de almas, seja qual for seu chamado.

“Um grande objetivo de nossas escolas é o preparo da juventude para empenhar-se no serviço em nossas instituições e em diferentes linhas da obra evangélica; mas todos os filhos de adventistas deveriam usufruir os benefícios de uma educação cristã, quer estejam se preparando para se tornarem obreiros denominacionais ou não, de modo a que possam preencher “lugares de responsabilidade tanto na vida pública quanto privada”. “A verdadeira educação é um preparo missionário. Todo filho e filha de Deus é chamado a ser missionário”⁴

Não muito depois que a Associação Geral adotou a escola seleta de Bell, formou uma sociedade educacional e estabeleceu planos para uma combinação de faculdades e escola secundária.

Era preciso adquirir terras. “Que haja terra suficiente para indústria e agricultura”, aconselhou Ellen White como porta-voz de Deus. Ela foi a favor de se mudarem para as margens de um lago poucos quilômetros fora da cidade.

A área de feiras e exposições que ficava mais perto da cidade estava também à venda – 20 hectares. Ela preferia esse terreno. Os Whites apanharam o trem para a Califórnia e deixaram os irmãos para fechar

negócio.

“Se a área de feiras ficasse mais perto do Instituto de Reforma da Saúde”, lamentou um dia um tímido membro da Mesa Administrativa, “então seria mais fácil para os estudantes conseguirem trabalho lá.” (Na verdade a distância era somente de um quarteirão comprido!) “Se localizarmos a escola tão distante, provavelmente teremos que transferir o Instituto. Pensem na despesa!”

E a própria Battle Creek parecia bastante interiorana. As ruas não eram pavimentadas e as calçadas eram de madeira. No outono podia-se ouvir perus grugrulejando nas matas adjacentes. A exemplo de Ló, quando foi instruído a fugir da vida da cidade, os irmãos olhavam para Battle Creek como uma Zoar e argumentavam com sua consciência: “Não é esta uma pequena cidade?”

Subitamente Erastus Hussey colocou à venda seus quase cinco hectares do outro lado da rua em frente do Instituto! A Mesa imediatamente adquiriu a propriedade, depois vendeu dois hectares, deixando quase três, congratulando-se intimamente com a quantidade de dinheiro do Senhor que haviam economizado.

Ellen White refletiu sobre quanto da vontade do Senhor haviam rejeitado. Mas, ocultando seu sofrimento, ela apareceu na reunião da Mesa no outono e expôs novamente os planos de Deus para Sua escola. Foi nessa ocasião que todos ouviram o Professor Brownsberger dizer que nada sabia como dirigir uma instituição tal.

O Sr. Bell estava em harmonia com os novos princípios, mas o seu talento parecia fazer mais em lecionar do que em administrar,⁵ assim, talvez não tivesse outra escola. Parecia-lhes soberano que contassem com alguém que tivesse uma graduação soberano que contassem com alguém que tivesse uma graduação universitária. Brownsberger foi designado diretor, como Tiago White atuando nominalmente como presidente.

Brownsberger, conquanto dedicado, logo confirmou suas próprias palavras de que verdadeiramente não sabia como realizar o trabalho que Deus desejava fosse feito. Sua educação era nos clássicos latinos e gregos. Ele não só ignorava as atividades industriais e agrícolas como raramente

dava uma aula bíblica. Havia um curso bíblico bom, mas um tanto monótono, que o editor Urias Smith dirigia e que era freqüentado por um quinto dos estudantes, e os cultos na capela, que eram muitas vezes empregados para ensinar a Bíblia. A maioria dos estudantes fazia o curso “normal” que habilitava ao ensino primário público. Outros, preparando-se para ser ministros ou ocupar cargos nos escritórios das associações, aceitavam um chamado tão logo aparecia algum, mesmo no meio do curso.

Deus abençoava. Ele fez o melhor que pôde com o colégio que Seu povo havia iniciado. De tempos em tempos inspiradores reavivamentos dominavam o corpo discente. E várias centenas de jovens adventistas postos juntos, mesmo por alguns poucos meses cada vez, produziu-se um novo senso de unidade denominacional.

Em 1881, complexos problemas embaraçavam o jovem presidente Brownsberger. (Ele havia sido nomeado presidente geral em 1880). Considerando-se um fracasso ele renunciou discretamente e mudou-se para o norte do Michigan a fim de reassumir o magistério e o corte de madeira. Mas em 1882 a Associação da Califórnia chamou-o para dirigir sua nova instituição educacional, o colégio Healdsburg. Ele aceitou, imediatamente estabeleceu planos para indústrias e cursos bíblicos e rapidamente provou que havia aprendido um bocado sobre como dirigir o tipo de escolas de Deus.⁶

Ao escolher seu próximo presidente, o pessoal de Battle Creek mais uma vez passou por alto Bell em favor de um indivíduo de McLearn. Não importava que ele não fosse adventista do sétimo dia! Ele guardava o sábado e freqüentava o Tabernáculo, e tinha uma graduação universitária em Teologia.

Ele durou um ano e, após dividir o corpo discente em dois, desligou-se para se unir ao partido de Marion.⁷ (Conta-se que um rapaz irado empurrou o professor Bell escada abaixo). O Colégio de Battle Creek fechou suas portas em junho e levou um ano para acertar as coisas (1882-1883). A convite de E. N. Haskell, Bell partiu para ajudar a iniciar a South Lancaster Academy (atualmente parte do Atlantic Union College).

A crise que culminou no fechamento da escola resultou para o bem. A mesa, os professores e o corpo estudantil repensaram sua consideração

para com os princípios educacionais. As atitudes mudaram. Quando as aulas recomeçaram no outono de 1883, havia um espírito inteiramente diverso em seus corredores – e a igreja possuía três escolas em lugar de uma: uma escola secundária em Massachusetts, e dois colégios, um no Michigan e um no Oeste.

O novo diretor do colégio em Battle Creek foi o W. H. Littlejohn, um pastor cego a quem J. I. Butler, o presidente da Associação Geral pedira para servir até que encontrasse o homem certo. Esse homem foi Guilherme Warren Prescott.

Prescott era diplomado. Também tinha experiência repórter e redator de periódicos. Ele tinha meios pessoais de inspirar os jovens a procurarem dignidade pessoal e domínio próprio. Era um bom adventista. E desejava profundamente seguir os inspirados ideais de Ellen G. White.

Ele tornou a Bíblia gradualmente mais destacada, participou de uma porção de maravilhosos reavivamentos, e inaugurou várias pequenas indústrias.

Em 1889, porém, o corpo docente votou não terem mais indústrias. Logo Ellen White estava advertindo contra os perigos nos entretenimentos e esportes competitivos que estavam ocupando o lugar que o trabalho manual deveria ter ocupado.⁸

Em 1891 foi aberto o Colégio União em Nebraska e, em 1892, o Colégio Walla Walla, em Washington. Prescott serviu como diretor de todos os três – ao mesmo tempo.

Em 1891 também, Prescott ajudou Ellen White e outros conduzirem em Petoskey, Michigan, o primeiro congresso de professores adventistas do sétimo dia em escala nacional. Cerca de uma centena de professores crentes que lecionavam em escolas públicas e adventistas espalhadas por todo país reuniram-se acampados em tendas para debaterem, pela primeira vez, a “educação cristã”. Foi um marco histórico.

Em 1894 Prescott foi chamado para viajar ao redor do mundo. O Prof. G. W. Caviness substituiu-o no Battle Creek College. Provavelmente Caviness, também desejasse ser um reformador, mas se tal foi o caso, à

semelhança de seus predecessores ele também não sabia como – e, de qualquer maneira, o que poderia ele ter feito num colégio tão restrito? Ele requereu que todos tomassem pelo menos uma aula bíblica. Mas Ellen White escreveu da Austrália que quanto menos tempo os estudantes passassem em Battle Creek sob circunstâncias atuais, melhor seria. Um mês depois ela escreveu novamente, Se Deus e a Bíblia recebessem o lugar central na educação que supostamente deveriam ocupar, então os estudantes poderiam prosseguir em seus estudos tanto tempo quanto desejassem.⁹

Havia, contudo, alguns poucos homens na igreja que não somente desejavam reformar a educação adventista do sétimo dia, mas também tinham idéias sobre como fazê-lo e energia para tanto. O Dr. João Harvey Kellog era um destes. Percy Magan, com quase trinta anos e membro do *staff* do colégio, era outro. Ed Sutherland, também jovem, era um terceiro. Enquanto lecionava História no Colégio Battle Creek em 1892, Sutherland despertou os alunos a eliminarem a carne do cardápio do Colégio. Isso era uma inovação! Agora ele era diretor do Colégio Walla Walla, fundando indústrias, encorajando o fervor religioso e inspirando em seus estudantes uma sincera dedicação ao serviço de Deus. Na Austrália Ellen White estava demonstrando o que seus testemunhos significavam em Avondale, moldando um colégio modelo a partir da pobreza e dos eucaliptos.

Na assembléia da Associação Geral de 1897. Ed. Shuterland foi escolhido por voto como novo diretor do Colégio de Battle Creek, tendo a Percy T. Magan como preceptor. Kellogg ficou radiante.

Modificações foram feitas. Os clássicos foram eliminados. Os diplomas escolares também. Foram estabelecidos cursos orientados para as missões. A Bíblia tornou-se compêndio escolar acima de todos os outros; era utilizada até em certas aulas de Matemática. Num gesto simbólico, enquanto Sutherland mantinha os controles, Magan dirigia a equipe e o Professor Lamson, de quase cem quilos de peso, sentava-se sobre a viga do arado enquanto os novos administradores sulcavam o campo de esporte preparado-o para agricultura. Trinta e dois hectares foram cultivados adicionalmente em outra parte. Os estudantes matriculavam-se em cursos ministeriais, de colportagem e faziam matérias que conduziam à enfermagem missionária e à medicina missionária, bem como à agricultura

missionária, às atividades comerciais missionárias, e assim por diante. “Missionário” significava dedicação altruísta, disposição e habilidade de manter-se por si próprio e perpétua atividade de ganhar almas. Muitos estudantes também se matriculavam no curso “normal” de um ano – não mais, porém, tendo em vista lecionar na escola pública.

Orientados pela instrução de Ellen White de que cada igreja com seis ou mais crianças deveria ter sua própria escola,¹⁰ Sutherland e Magan persuadiram seus estudantes regulares a oferecerem-se como professores para escolas paroquiais adventistas. De algum modo eles encontraram tempo e energia para procurar um grande número de ex-alunos de Battle Creek e outros adventistas que estavam espalhados por toda a área lecionando em escolas públicas, e apelou-lhes para também iniciarem escolas paroquiais. Muitos responderam positivamente.

E muitos fizeram reais sacrifícios. Uma jovem, quando soube que a igreja local que a desejava não poderia oferecer-lhe um salário, nem um aposento apropriado e somente uma privada externa em lugar de um banheiro, não fez o sacrifício. Mas outra garota imediatamente se apresentou em seu lugar. Ela se dispôs a dormir no sótão sem aquecimento da mesma casa onde funcionava a classe, e por não ter dinheiro para uma biblioteca, dispôs-se a usar *O Desejado de Todas as Nações* e exemplares de segunda mão do *Youth's Instructor* como compêndio básico para leitura, geografia e literatura inglesa. Ela amava as crianças, e estas e seus pais a amavam também.

Quando ela retornou no outono seguinte, havia sido instalada uma lareira, e as paredes do sótão haviam sido empapeladas com os preciosos “*Instructors*” das crianças.¹¹

Um jovem casal da Pennsylvania iniciou sua vida matrimonial e carreira numa antiga moradia que provia abrigo não somente para eles próprios e sua sala de aulas, mas também para nove de seus quinze alunos, dois auxiliares, e (com sua permissão) para os três membros da junta escolar¹² entre 1897 e 1900 cerca de 150 escolas fundamentais foram fundadas, a maior parte por ex-alunos do Colégio de Battle Creek, tendo 4.000 crianças matriculadas.

Em 1901 os mesários do colégio e a Associação Geral decidiram

fechar o Colégio de Battle Creek e mudá-lo para o campo.

Sutherland e Megan despacharam suas bicicletas num trem, adquiriram passagens para a estação mais próxima do local mais distante de que tinham notícia, e percorreram as estradas e caminhos do sul do Michigan à procura de uma propriedade verdadeiramente rural onde localizar sua nova escola. Um dia, após pedlarem quarenta quilômetros na direção norte sobre caminhos arenosos a partir de South Bend, Indiana, eles prenderam o fôlego sob os enormes bordos que circundavam o pomar de maçãs do Sr. E. F. Garland na cidade turística de Berrien Springs, Michigan. Logo o Colégio Missionário Emanuel (que agora faz parte da Universidade Andrews) estava sendo ali erguido num terreno de 108 hectares.

As aulas noturnas eram conduzidas, naquele primeiro ano, na cadeia e tribunal abandonados do condado de Berrien, enquanto lado a lado, estudantes e professores passavam os dias trabalhando na lavoura ou construindo juntos os prédios de madeira. Ellen White insistia em que tal cooperação entre professores e estudantes era uma parte tão essencial da educação cristã que “em caso algum” devia ser negligenciada ¹³

O currículo era simplificado de modo a que os estudantes tomassem apenas um curso sólido durante um período escolar. Quatro edifícios principais foram erigidos, três dos quais eram pobremente aquecidos mesmo no inverno – assim os estudantes podiam acostumar-se com qualquer dureza da vida missionária. Somente eram servidas duas refeições ao dia, e, logicamente não havia graduação de bacharelado.

Era um pouco demais – ou, talvez, muito pouco.

O Colégio União em Nebraska havia também tentado duas refeições e ausência de aquecimento, mas estava oferecendo graduação aos jovens adventistas que o desejassem; e em 1903, Kellogg, voltando as costas da igreja, reabriu o Colégio de Battle Creek. A matrícula em Berrien Springs continuou pequena. Houve muita crítica. Sutherland e Magan perguntaram a Ellen White se podiam iniciar uma nova escola no Sul, obtiveram sua aprovação e partiram, levando alguns dos professores com eles.

Sutherland e Magan haviam ido longe demais. Por exemplo, Ellen

White nunca falara contra graduações escolares como tais; e quando o Colégio de Médicos Evangelistas começou em Loma Linda por volta de 1910, ela aconselhou especificamente que seus graduados fossem capazes de preencher toda qualificação acadêmica razoável.¹⁴ Ela recomendou duas refeições ao dia, mas permitia alegremente que os estudantes de Avondale comessem três, e sempre tornava disponível uma terceira refeição aos membros de sua própria equipe.¹⁵

Mas Sutherland e Magan haviam manifestado incrível coragem, fé e energia, e haviam realizado um bom trabalho. Havia transferido o colégio para o campo. Havia iniciado agricultura e indústrias em conexão com ele. Havia situado a Escritura e o serviço abnegado em elevada preeminência. Havia unido professores e alunos para o trabalho manual. Havia organizado assembléias semanais entre professores e alunos para estabelecer e interpretar regulamentos.¹⁶ Havia erigido os edifícios necessários com economia. Em tudo, haviam realizado uma renovação de primeira linha.

Os presidentes e professores que os seguiram no Colégio Missionário Emanuel completaram o processo. Sob a direção do Prof. Frederico Griggs (1918-1925) conseguiu-se um notável padrão de equilíbrio. A agricultura e as indústrias proviam rendas, exercício, edificação de caráter e comunhão entre professores, e alunos. O departamento de religião florescia. O currículo conduzia de forma criteriosa a graduações, e ao mesmo tempo toda atividade era abertamente dirigida à salvação de almas.

Os estudantes estavam entusiasmados; e partiam bem educados, com o desejo de servirem ao Senhor onde quer que Ele chamasse, para ir e “proclamar ao mundo”.

Em 1896 o Presidente da Associação Geral, O. A. Olsen ajudou pessoalmente no trabalho físico de fundação do Colégio Oakwood, num bosque de sessenta e cinco carvalhos, numa fazenda de 144 hectares perto de Huntsville, Alabama. Conhecido inicialmente como Escola Industrial Oakwood, provia oportunidades para experiência prática acadêmica desde seu começo.

Por volta da mesma época (1892), outro colégio foi iniciado no Sul, o Graysville Academy, que vários anos depois (1916) transferiu-se de

Graysville, Tennessee, para Collegedale. A escola logo cresceu, tornando-se outra instituição educacional de porte, com o nome de Colégio Missionário do Sul.

Nesse entretempo muitos outros colégios adventistas haviam sido fundados – no Canadá, em vários países europeus, na África, na América do Sul, Índia e outros lugares. Nos Estados Unidos o Colégio Healdsburg havia-se mudado da pequena cidade que crescera ao seu redor e se reestabelecera com o nome de Colégio União do Pacífico na depressão semelhante a uma cratera da montanha Howell. Próximo dos novos escritórios da Associação Geral em Takoma Park, o Colégio Missionário Washington foi designado como a escola oficial para a preparação de obreiros para o ultramar. Nos pomares de laranja do sul da Califórnia o Colégio de Médicos Evangelistas (agora fazendo parte da Universidade Loma Linda) ergueu-se para tomar o lugar do Colégio Americano de Médicos Missionários de Battle Creek e Chicago, sob comando do Dr. Kellogg.

Em 1874, o ano em que o Colégio de Battle Creek abriu as suas portas, Tiago White, com visão característica, apelou a que se edificassem quatro outros colégios o mais cedo possível, espalhados por toda extensão do Atlântico ao Pacífico.¹⁷ Se ele tivesse vivido até 1920 teria visto seu sonho cumprido por muitas vezes mais em terras que rodeavam o globo. Ele teria ficado muito feliz.

Na década de 1920 alguns colégios adventistas na América do Norte, a fim de respaldarem a posição da escola de Loma Linda ante a Associação Médica Americana, buscaram obter aprovação para seus programas de instrução pré-médica. Uns poucos membros do corpo docente, amadurecidos e experientes, foram enviados com tal objetivo a universidades, a fim de obterem títulos doutorais. Na década de 1930, após muitos exames de consciência, vários colégios obtiveram reconhecimento oficial para seus cursos. Também em 1930, o Colégio União do Pacífico testemunhou o nascimento de uma Instituição da Associação Geral que mais tarde se desenvolveu no Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia.

Na década de 1940 grandes mudanças ocorreram nos colégios

adventistas da América com a afluência de soldados – maduros, casados e dirigindo carros – após a Segunda Guerra Mundial. A década de 1950 foi notável pelo grande número de professores enviados para obterem doutorados. No princípio da década de 1960 o Colégio Missionário Emanuel foi ampliado para tornar-se a Universidade Andrews; e o Colégio de Médicos Evangelistas foi unido ao Colégio La Sierra e com as faculdades de enfermagem, odontologia e outras, tornou-se a Universidade Loma Linda.

Nenhuma outra denominação faz tanto por seus jovens como a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Desde 1852 ela tem provido publicações para os jovens que agora constituem dezenas por todo o mundo. Seus departamentos de Escola Sabatina, Jovens e Educação existem em grande parte ou inteiramente para os jovens. E atualmente ela provê o mais amplo sistema protestante de educação de primeiro e segundo graus no mundo. Em meados da década de 1970 os adventistas operavam 4.300 escolas e empregavam 19.500 professores a serviço de 437.000 estudantes.

Hoje a denominação Adventista do Sétimo Dia continua a empregar milhões de dólares em seus programas para a juventude, convencida de que seus jovens são a esperança do seu futuro e que os homens e mulheres devem compreender, viver e transmitir a verdade especial de Deus para este tempo.

29. Os Incomparáveis Encantos de

Cristo

Num dia de inverno de 1868, João G. Matteson bateu à porta do barracão de madeira de um imigrante holandês chamado C. Nelson, um pregador batista. O jovem Matteson perguntou se podia entrar para um diálogo, mas o Reverendo Nelson disse “Não”.

Com isso, Matteson conta: “ Fiquei triste com ele. Serenamente tirando minha Bíblia e em pé na neve, comecei a ler as escrituras comentando sobre o amor de Deus e a doce comunhão em Cristo. O pregador ficou profundamente tocado e finalmente convidou-me a entrar. Choramos e oramos, e depois estudamos a Bíblia”. Nessa mesma noite Nelson aceitou a mensagem adventista, tornando-se, no devido tempo, um ministro adventista do sétimo dia.¹

O amor de Jesus apresentado por Ellen White ao ela retratar “as glórias do reino de Deus e o incomparável amor de um Redentor crucificado” comoveram o coração do adolescente Elbert Lane em 1853, conduzindo-o a uma vida de serviço para o Senhor.² Sua apresentação do mesmo maravilhoso tema em 1858 seguindo-se à visão do “grande conflito” moveu a congregação de Battle Creek como nunca tinha sido movida antes.

Nada disso deveria ser surpresa. O movimento adventista nasceu com os olhos em Jesus. “Jesus voltará em breve” era a senha do mileritas. “O que está fazendo Jesus agora?” foi a pergunta que se seguiu ao desapontamento. “Ele tem uma obra a fazer no lugar santíssimo”, foi a resposta que Edson e outros descobriram e que os adventistas observadores do sábado se puseram a anunciar ao mundo. O adventismo do sétimos dia é basicamente uma mensagem sobre Cristo e o que Ele fez e está fazendo para salvar os pecadores.

O que surpreende, pois, é que na década de 1880 os adventistas do sétimo dia estavam em grande medida perdendo de vista o seu Senhor. O. A. Olsen, logo que se tornou presidente da Associação Geral, instou uma reunião campal em Lincoln, Nebraska, em 1885, a considerar sua atual observância do sábado como sendo muito legalista e a abraçar novamente a justiça de Cristo;³ mas Olsen foi uma exceção. Muitos outros ministros – não todos – estavam realçando a obrigação do sábado até terem quase excluído uma relação pessoal com Senhor do sábado. Ellen White falava muitas vezes das atrações de Jesus, mas suas palavras agora familiares, tão eficazes na década de 1850, caíam em ouvidos moucos. Quando os escritores da *Review* falavam de como os homens eram salvos, cuidavam para dizer as coisas certas: Somos salvos por Cristo somente; nenhum homem pode guardar a lei por suas próprias forças. Mas algo estavam faltando. Cristo era uma doutrina, mas Ele não mais era um amigo pessoal para muitos adventistas como havia sido outrora.

A igreja carecia dolorosamente de um outro retrato de Cristo, desenhado por novos dedicados retratistas. Os artistas designados para a tarefa expuseram seu novo retrato na Assembléia da Associação Geral realizada em Minneapolis em 1888.

“Minneapolis.”

“1888.”

Os termos andam juntos na história adventista como marido e mulher.⁴ Designaram uma das mais importantes assembléias da Associação Geral, que tem importância destacada junto às de 1863 e 1901. Diferentemente das outras duas assembléias, contudo, Minneapolis 1888 não é famosa seja por organização ou reorganização mas, por sua proclamação da justiça pela fé.

A vigésima sétima assembléia da Associação Geral reuniu-se de 17 de outubro a 4 de novembro de 1888 na Igreja Adventista do Sétimo Dia, no templo novinho em folha na esquina de Lake e Fourth em Minneapolis, Minnesota. Não se tratou de uma grande assembléia, pelos padrões modernos. O número de membros do campo mundial a essa altura era de somente 27 mil. O número de delegados presentes somava em torno de noventa.

O progresso de novos campos missionários, a “distribuição de tarefas”, o evangelismo nas cidades, um navio para servir às ilhas dos mares do sul e muitos outros temas semelhantes foram considerados; mas todos esses assuntos regulares dessa assembléia estão largamente esquecidos, hoje. O que ainda é lembrado é que “em Sua grande misericórdia enviou o Senhor preciosa mensagem a Seu povo por intermédio dos Pastores Waggoner e Jones. ... Apresentava a justificação pela fé no fiador; convidava o povo para receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus.” 5

Infelizmente, porém, isso não é tudo o que é recordado sobre Minneapolis 1888. Ellen White também escreveu: “Fui instruída [por Deus] de que a terrível experiência na assembléia de Minneapolis é um dos capítulos mais tristes na história dos crentes na verdade presente.”6

Minneapolis 1888 situa-se na história adventista como outra grande oportunidade, como o apelo laodiceano dos anos de 1850, quando os crentes aceitaram a oferta de Deus somente em parte, e rejeitaram-na em parte. Um pai expectante foi uma vez mais deixado a esperar pacientemente por Seus hesitantes filhos. A promessa de 1888 está, todavia, ainda disponível hoje.

Os dois homens (nossos “artistas” de momentos atrás) que fizeram uma ninguálvel contribuição para essa assembléia da Associação Geral foram Alonzo T. Jones e Ellet J. Waggoner. O Pastor A. T. Jones nascera em Ohio em 1850. Com vinte anos alistara-se no exército, onde serviu por três anos, parte do tempo num acampamento próximo a Walla Walla. Para aproveitar o tempo livre ele estudava História, a Bíblia e a literatura adventista do sétimo dia que lhe vinha às mãos. Após dar baixa, foi batizado por I.D. Van Horn, casou-se com a cunhada do ministro e, no devido tempo, foi chamado para associar-se a E. J. Waggoner como co-redatores também do *American Sentinel*, predecessor de Liberty. Jones interessava-se especialmente nas relações Estado-Igreja e no cumprimento de profecias.

O Pastor E.J. Warggoner nasceu em 1855, obteve uma graduação médica no Bellevue Medical College de Nova Iorque (a mesma escola onde o Dr. J H. Kellogg obtivera a sua), e serviu como médico no Sanatório de

Battle Creek. Após alguns anos, trocou a medicina pelo ministério evangélico, e em 1884 uniu-se ao staff do Sins of the Times.

Entrementes, num dia nublado de 1882, numa reunião campal próxima a Healdsburg, Califórnia, o Pastor Waggoner desfrutou uma experiência digna de nota. Ele estava sentado num canto da congregação. “Subtamente”, escreveu depois, “uma luz brilhou só meu redor e a tenda estava, para mim, muito mais brilhante do que se o sol do meio-dia estivesse fulgindo, e eu vi Cristo pendurado, crucificado por mim. Naquele momento tive meu primeiro conhecimento positivo, que me ocorreu como um dilúvio colossal, de que Deus me amava, e de que Cristo morreria por mim.”⁷ Essa maravilhosa certeza deveria ter um efeito, logicamente sobre toda a sua carreira futura.

Waggoner e Jones eram homens diferentes em vários aspectos. Jones era alto e magro, Waggoner, baixo e delgado. Ambos se tornaram pregadores muito eficientes. Ambos tornaram-se também tão íntimos amigos que pensavam de igual maneira. Numa ocasião, quando deveriam pregar na mesma igreja por dois sábados sucessivos, ficaram surpresos depois ao saberem que ambos haviam pregado o mesmo sermão.⁸

Em seguida, consideraremos a mensagem que eles apresentaram em Minneapolis; primeiro, contudo, perguntemos por que esta não foi aceita pelos delegados como deveria ter sido.

Por um lado, tratava-se, como indicado a princípio, de uma nova ênfase em Cristo, ou pelo menos um renovado destaque. E não estava totalmente claro para todos que a mensagem era verdadeiramente a verdade sobre Jesus. Os sermões de Waggoner (ele era o principal orador nessa área) eram formulados como uma interpretação da “lei” nos livros de Romanos e Gálatas. Seu objetivo era demonstrar que os homens são salvos pela justiça de Cristo, não pela obediência à lei. Com esse conceito básico todos concordavam.

Mas ao desenvolver seu tema, Waggoner interpretava alguns versos como referindo-se à lei moral, que muitos adventistas haviam entendido referindo-se à lei cerimonial. Gálatas 3:24 e 25, por exemplo, refere-se a um “aio” que nos conduz a Cristo mas sob cujo controle não mais nos achamos, agora que é vinda a fé. Por anos os evangelistas adventistas

havia interpretado isso como a lei cerimonial, mas agora Waggoner dizia que era a lei moral, os Dez Mandamentos.

É talvez compreensível que alguns na audiência, não sabendo a princípio o que ele tinha em mente, suspeitassem que Waggoner estivesse solapando o sábado. Mas isso pouco justifica sua hostilidade. “Muitos perderam Jesus de vista”, escreveu Ellen White posteriormente. “Por anos tem estado a igreja olhando para o homem ... mas sem olhar para Jesus”⁹ Waggoner, contudo, em conexão com o que dizia sobre a lei tinha muito a dizer sobre Jesus. Muitos na audiência acharam que ele havia falado demais sobre Ele. O mundo realmente necessitava ouvir sobre Cristo, reconheciam, mas a verdade presente era o quarto mandamento, e se não realçamos isso, raciocinavam, as pessoas pensarão que se pode ir para o Céu sem ele.

Desse modo a ênfase de Waggoner sobre Jesus (em relação com a lei) era nova, despertando suspeita. Havia outra coisa, contudo, que era por demais familiar e despertou debates acirrados. Tratava-se do espírito de contenda. Os debates teológicos são raros hoje em dia, mas há um século eram bem populares. A posição dos evangelistas adventistas sobre o sábado e o estado dos mortos era tão solidamente bíblica que podiam derrotar quase todo mundo; e os debates despertavam o interesse numa comunidade, atraindo multidões e levando a batismos.

Mas eles também nutriam o instinto combativo. Na assembléia da Associação Geral de 1888 alguns dos delegados, em lugar de debaterem os sermões do Dr. Waggoner com ele, serenamente, desafiaram-no ao debate. Tanto ele como Jones recusaram. Eles não tinham ido ali para debaterem, declararam, mas para estudar a Bíblia e falar sobre Jesus. Um ministro, contudo, foi designado para dirigir um culto e pregar contra a posição deles.

No culto seguinte Waggoner e Jones “replicaram” numa maneira que muitos delegados sempre tiveram em lembrança.

Eles não argumentaram. Em vez disso, Waggoner dirigiu-se ao púlpito, abriu a Bíblia, e leu uma extensa passagem que revelava a verdade e o fundamento de sua ênfase sobre Jesus. Os irmãos imaginaram que ele estava lendo o texto para seu sermão e esperaram impacientemente que

concluísse. Mas quando concluiu a leitura, simplesmente sentou-se sem dizer qualquer palavra de sua própria autoria. A seguir A. T. Jones ergueu-se, leu outra passagem, e sentou-se. Ambos mantiveram-se dessa forma, alternando-se, até terem lido dezesseis passagens. A reunião foi concluída com oração. Isso foi tudo. A impressão foi profunda.

Um terceiro problema nessa reunião, além do espírito de debate e a novidade da ênfase, era a diferença de idade entre os dois homens da Califórnia e os líderes de Battle Creek que se lhes opunham. Enquanto o presidente da Associação Geral tinha cinqüenta e quatro anos e Urias Smith tinha cinqüenta e seis, Jones tinha trinta e oito e Waggoner, somente trinta e três.

Mas não precisamos explorar muito esse abismo entre as gerações. A Sra. White, que nos tomou firme posição ao lado de Waggoner e Jones, era uma das pessoas mais velhas na assembléia. Ela estava com sessenta anos!

Mas outra causa de incompreensão, que não podemos passar por alto, foi um erro cometido por Waggoner e Jones.

A compreensão da justificação pela fé lhes parecia tão maravilhosa que não puderam esperar para publicar um livro sobre o tema e escrever artigos no *Sings of the Times* nos anos anteriores à assembléia de Minneapolis. Eles sabiam muito bem que discordavam do presidente da Associação Geral e do redator Urias Smith, mas tinham a *verdade* sobre Jesus e julgaram que deviam proclamá-la ao público, não importando o que “velha guarda” em Battle Creek fizesse.

Se tivessem revelado maior tato, poderiam ter poupado muitos problemas para eles e para a igreja. Mas do modo como agiram, fizeram com que os dirigentes mais velhos os considerassem com profunda preocupação – e isso explica em grande proporção por que os homens mais velhos não podiam “ouvir” as belas coisas que eles disseram em Minneapolis 1888.

A Sra. White estava na Europa quando Waggoner e Jones publicaram seus novos pontos de vista. “Não tenho hesitação em declamar que cometestes um erro aqui”, escreveu ela. “Destes o exemplo para que outros procedam como vós, sentindo-se na liberdade de introduzir suas várias

ideias e teorias e trazê-las perante o público, em vista de terdes feito isso. Tal fato trará um estado de coisas com que não sonhastes.” Ela concluiu: “Temos que apresentar perante o mundo uma frente unida. Satanás triunfará ao ver diferenças entre os adventistas do sétimo dia.”¹⁰

Mas nem todos na assembléia da Associação Geral de Minneapolis rejeitaram a mensagem. Para muitos, representou o início de uma emocionante e nova experiência. Um delegado, por exemplo, retornou a sua igreja em Eisconsin tão excitado sobre a justificação pela fé que um fazendeiro em sua congregação acatou o seu entusiasmo, vendeu imediatamente sua fazenda, deu um grande donativo à denominação e foi aceito no ministério. Um jovem pastor que chegara a Minneapolis “cheio de preconceito” (para usar suas próprias palavras) ficou totalmente surpreendido com a beleza das apresentações, dirigiu-se ao bosque perto da igreja, passou uma tarde com Deus e sua Bíblia, e ali então encontrou a Cristo como seu Salvador pessoal. O Pastor E. N. Haskell, o presidente, Pastor Luís Johnson, Pastor J. O. Corliss e outros foram também grandemente abençoados. Um ministro, e possivelmente outros, reconheceram que seu novo relacionamento com Jesus era tão diferente do antigo que pediram mesmo para ser rebatizados.

Além disso, no início da década de 1890 alguns dos delegados que haviam tomado a posição errada em 1888 fizeram francas confissões. O Pastor Urias Smith foi um desses. Pouco antes de Ellen White partir para a Austrália em 1891, ele não só desculpou-se com ela e outros em particular, mas também compareceu perante a grande congregação do Tabernáculo a fim de confessar o erro que havia cometido em Minneapolis. Isso requereu coragem!

E muitos dentre os membros leigos reagiram à nova mensagem com ansiosa fome. Os pastores Waggoner, Jones e a Sra. White passaram boa parte do ano que se seguiu à assembléia de Minneapolis dirigindo cultos de reavivamento em igrejas locais, congressos ministeriais e reuniões campais. Nesse ano, entre as assembléias da Associação Geral, Ellen White, freqüentemente em companhia de um ou ambos os homens, visitou Battle Creek (sete vezes), Potterville, Des Moines, South Lancaster, Brooklyn, Washington, Williamsport (duas vezes), Nova Iorque (duas vezes), Chegado, Ottawa, Wwsford, Kalamazzo, Saginaw, o Estado do Colorado,

Healdsburg e Oakland. Estes não foram contatos casuais mas ocasião de duro labor, pregações, apelos, aconselhamentos, exortações, orações até que a oposição se desfez, e lágrimas fliíram, pecados foram confessados, mãos foram reapertadas em amizade e rostos radiantes atestavam vitória e novo nascimento. Numa noite de sexta-feira, ao final de uma série em South Lancaster, Massachusetts, uma reunião de testemunhos se iniciou espontaneamente e prosseguiu por várias horas. Ellen White comentou: “Nunca vi uma obra de reavivamento progredir tão integralmente, e mesmo assim permanecer tão livre de toda excitação imprópria.” ¹¹ Em Julho de 1889 ela pôde dizer: “Em todas as reuniões desde a assembléia da Associação Geral almas têm ansiosamente aceito a preciosa mensagem da justiça de Cristo.” ¹² E uns poucos meses depois: “Elas [pessoas que assistiram à assembléia de 1889] dizem que o ano passado foi o melhor de sua vida.”¹³

O Pastor Jones foi logo considerado o maior teólogo da denominação. O Pastor Waggoner, enviado como missionário à Inglaterra, foi também altamente considerado.

Tão maravilhosa, realmente, foi a reação que o número de membros cresceu numa média de quase 10 por cento ao ano, quase triplicando em 1901 o total que havia em 1888, a despeito dos problemas que teremos de examinar no nosso próximo capítulo.

Muitos esperavam que a chuva serôdia caísse e que a obra terminasse pouco depois. De fato, Ellen White escreveu: “A dispensação em que vivemos deve ser... a dispensação do Espírito Santo. ... Estamos no tempo da chuva serôdia.”**14**

Isto é suficiente para descrever o cenário. Consideremos agora a mensagem de 1888 em si.

Como Dissemos, os sermões de Waggoner em Menneapolis focalizavam Jesus Cristo. Ellen White entusiástica e grandemente sumariou-os como “os incomparáveis encantos de Cristo”.**15**

Não possuímos hoje a mensagem real que Waggoner apresentou. Podemos, contudo, chegar bem perto dela se examinarmos os livros publicados antes de após a assembléia. Um desses é apropriadamente

intitulado *Christ and His Righteousness* [Cristo e Sua Justiça].

O Livro inteiro fala sobre Jesus. Cristo é o nosso Salvador no sentido mais pleno da palavra. Não existe nenhum outro nome que não o Dele pelo qual os homens possam ser salvos. Jesus está revestindo de toda a plenitude da Divindade, e Ele deseja encher-nos também com o divino poder. Colossenses 2:9; Efésios 3:19

Esse maravilhoso Jesus oferece livremente perdoar todos os nossos pecados revestirnos com Sua justiça. E a justiça que Ele deseja nos dar não é ilusória. Deus não nos perdoa enquanto nos deixa da mesma maneira como éramos antes. Deus “não fornece uma capa para o pecado, mas elimina o pecado. ... O perdão do pecado é algo mais do que uma mera forma, algo mais do que um mero registro nos livros celestiais. ... O perdão dos pecados é uma realidade; é algo tangível, algo que afeta vitalmente o indivíduo.” Quando perdoado, o pecador torna-se uma nova criatura. **16**

Mas, sugeriu Waggoner, pode dar-se o caso de que o indivíduo se sinta tão indigno que não possa crer que Deus venha a aceitá-lo como Seu filho.

Para resolver esse problema ele indagou: “Receberá um homem aquilo que adquiriu?”

Se um homem for a um armazém, Waggoner perguntava, pegar algo e a seguir pagar, erá subitamente mudar de ideia e deixar o local sem levar o artigo consigo? Logicamente não. Se pagou há de levá-lo. E quanto mais pague por ele, mais certo é que o levará. Assim, Jesus pagou por nós. Ele pagou o mais elevado preço possível. “o precioso sangue de Cristo”. I S. Pedro 1:19. Realmente, Ele “a Si mesmo Se deu por nós”. Tito 2:14. Assim concluiu Waggoner, podemos ficar certos de que Ele nos aceitará!

Mas por que Ele pagaria tanto por alguém que é tão indigno? Ele o comprou por ser indigno, respondia Waggoner – para que quando o transformar e o puder apresentar imaculado perante o Universo, Ele possa Se regozijar pela maravilhosa mudança que operou em seu ser. **17**

Mas justificação pela fé é muito mais do que perdão; é também vitória sobre o pecado. Em Sua humanidade Cristo viveu uma vida justa, e

“podeis ter o mesmo poder que Ele teve se o desejardes”, prosseguiu Waggoner. “Que maravilhosas possibilidades existem para o cristão! ... Não importa quanto Satanás possa guerrear contra ele, assaltando-o onde a carne é mais fraca, pois ele pode ocultar-se sob a sombra do Onipotente e ser cheio da plenitude da força de Deus.” Cristo, que é muito mais forte do que Satanás, pode habitar continuamente no coração do cristão; “e assim, olhando os assaltos de Satanás como de dentro de uma segura fortaleza, ele [o cristão] pode dizer: 'Posso todas as coisas naquele que me fortalece'.”18

Estranho quanto possa parecer, muitos cristãos descobrem que o orar por ajuda para vencerem os seus pecados somente os torna mais inclinados a cometer erros do que se não orassem. Por quê? O que fazem de errado?

Cometem o erro, explicou Waggoner, de contarem a Deus os seus problemas antes de lembrarem-nO de Suas promessas. Orar sobre os problemas dirige nossa atenção a nossa fraquezas, e assim nos torna mais fracos. Para obter real auxílio deveríamos dirigir nossa atenção ao poder de Deus e a Suas promessas. No mínimo, dizia Waggoner, um cristão tentado pode lembrar-se da promessa: “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores.” I Timóteo 1:15. Ele pode, portanto, começar sua oração citando esta promessa e fixando ela sua atenção; e ao fazê-lo, ele terá fé.

“Então”, continua Waggoner, “nos lembramos de que ... se Deus faz uma promessa, ela é tão boa como se já tivesse sido cumprida. E deste modo ... contamos com a vitória como já sendo nossa, e começando a agradecer a Deus por Suas 'grandes e preciosas promessas'. Ao nossa fé apegar-se a essas promessas e torná-las reais, não podemos deixar de louvar a Deus por Seu maravilhoso amor; e enquanto o fazemos, nossa mente é totalmente desviada de fazer o mal e a vitória é nossa.”19

Já falamos o suficiente sobre as apresentações de Waggoner. Ellen White também falou freqüentemente em Minneapolis 1888. O Sermão que ela pregou no sábado à tarde, 13 de outubro, foi de especial auxílio, 20 Seu texto básico foi: “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai”, e sua mensagem dizia que deveríamos fazer exatamente isso; deveríamos treinar nossa mente para “ver” ou pensar acerca do amor de Deus por nós. Era a mesma ênfase que Waggoner dava – pensar nas promessas de Deus em vez de fixar-nos em nossos problemas.

Como pode o lírio lacustre flutuar tão puramente com sua alvura destacando-se sobre a sujeira espumosa do lago? Indagou ela. É porque ele extrai de seu meio ambiente apenas aquilo que o tornará um puro lírio branco! Da mesma maneira, aconselhou ela aos delegados, “não faleis da iniquidade e impiedade que existem no mundo, mas elevai a vossa mente e falai de vosso Salvador. ... Falai sobre aquelas coisas que deixarão uma boa impressão na mente.”

Se estais abatidos, no porão do desânimo, disse ela, não vos queixéis sobre a escuridão. Lamentar não fará com que as luzes se acendam. Saí do porão! “Saí da escuridão para a câmara superior onde a luz do semblante de Deus brilha fortemente.”

Não vos queixéis também dos espinhos e cardos da vida. Apanhai as flores! “Desejamos concentrar nossa mente nas coisas encorajadoras.”

“Que se ouça o som do que Cristo tem feito por mim.”

O Pastor Waggoner demonstrou que a justificação pela fé ocorre quando os cristãos reclamam as promessas de Deus. Se-melhantemente, Ellen White declarou: “Desejo que apanheis as ricas promessas de Deus e que orneis os corredores da memória com elas. ... Oh, desejo que as promessas de Deus sejam os quadros vivos das paredes da memória para que possais contemplá-los. Então vosso coração será cheio com sua graça e podereis exaltar a Jesus.”

A congregação ouvia com arrebatado silêncio ao ela concluir seu sermão: “Oh, eu O amo. Eu O amo porque Ele é o meu amor. Vejo nEle os incomparáveis encantos, e oh, quanto anseio que adentremos nos portões para a cidade. ... Desejo que eduqueis o coração e lábios em louvá-lo, a falar de Seu poder e glória. ... Deus nos ajude a louvá-Lo mais e a sermos achados sem falta.”

Noutro destacado sermão,²¹ Ellen White falou de Cristo e Sua obra no santuário celestial, fazendo expiação por nós. Enquanto Ele está purificando o santuário celestial, disse ela, deveríamos purificar nossos próprios “santuários da alma” entrando no santuário celestial com Ele, confessando nossos pecados e apegando-nos a Seu braço pela fé.

Nesse relacionamento com Jesus há não somente perdão mas também poder para vencer. “Ouvimos muitas desculpas”, observou ela em seu sermão. As pessoas dizer: “eu não posso superar isso ou aquilo. O que quereis dizer pois isso ao aquilo?” perguntou ela. “ Estareis dando a entender que foi um sacrifício imperfeito o que foi feito pela raça caída sobre o Calcário, que não há graça suficiente e poder à nossa disposição para que possamos nos afastar de nossos defeitos e tendências naturais?”

(Era duro para muitos adventistas crerem nessa maravilhosa promessa. Dezesseis anos depois, em 1904, Ellen White lamenta-va: “Na vida de muitos daqueles cujos nomes estão nos livros da igreja não tem havido qualquer genuína mudança. ... Professam aceitar a Cristo como seu Salvador, mas não crêem que Ele lhes dará poder para vencerem seus pecados.”²²)

Pouco depois de 1888 (se deixarmos Minneapolis) Ellen White publicou o livro *Caminho a Cristo*. Nessa obra ela continuava a explicar a justificação pela fé e como é sua operação.

Por exemplo, falando de quão plena e maravilhosamente Deus perdoa o pecador, ela disse: “Se vos entregardes a Ele, e o aceitardes como vosso Salvador, sereis então, por pecaminosa que tenha sido vossa vida, considerados justos por Sua causa. O caráter de Cristo substituirá o vosso caráter, e sereis aceitos diante de Deus exatamente como se não houvésseis pecado.”²³

Isto é maravilhoso; mas não é tudo. Podemos prosseguir dia a dia, sabendo que Ele nos ama, e não nos preocupando com nossa salvação. (O caminho para a salvação é a justificação pela fé, não justificação por preocupação!) “Não devemos fazer de nós mesmos o centro, nutrindo ansiedade e temor quanto à nossa salvação”, escreveu ela. 24

Significa isso que não há nada que precisamos fazer? Não, há algo que precisamos fazer. Trata-se, novamente, da mesma coisa que o Pastor Waggoner e Ellen White realçaram em 1888. Precisamos decidir pensar em Suas promessas e sobre elas falar. “Confiai a Deus a preservação de vossa alma, e nEle esperai. Falai e pensai em Jesus. ...Ponde de parte a dúvida; despedi vossos temores. ... Repousai em Deus. ... Se vos abandonardes em Suas mãos, Ele vos tornará mais que vencedores por Aquele que vos

amou.”¹⁸

Mas acaso não diz a Bíblia que os cristãos devem vigiar e esforçar-se e orar? Sim, ela o faz, como em S. Mateus 26:41 e S. Lucas 13:24. Mas Ellen White disse aos adventistas em 1892 que eles não deviam lutar tanto contra o pecado mas lutar para pensarem em Jesus. “É aqui que temos necessidade de vigiar, lutar, orar, para que nada nos seduza a escolher outro senhor; pois que estamos na liberdade de o fazer. Mas conservemos os olhos fixos em Jesus, e Ele nos preservará. Olhando para Jesus estamos seguros. ... Contemplando-o constantemente, seremos 'transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor'. II Coríntios 3:18.”¹⁹

Esta ênfase sobre os inigualáveis encantos de Cristo foi uma brisa fresca soprando sobre a igreja.

30. Dezesseis Anos de Crise

“Dou-lhes minha palavra de honra”, repetiu o Pastor A. G. Daniells a encanadores, pedreiros e comerciantes de madeira. “Quando chegar a ordem de pagamento em maio, vindo da nossa Associação Geral nos Estados Unidos, nós lhe pagaremos tudo imediatamente.”

Pouco imaginava Daniells a prova, ou triunfo, que suas palavras trariam após elas.¹

Era a primavera de 1899. Cinco anos antes uma série de evidentes milagres havia animado os crentes na Austrália a estabelecer um colégio que no seu devido tempo enviaria missionários para além-mar, tal como os colégios da América estavam começando a fazer. A ideia parecia quase impossível, mesmo insensata, aos membros que assistiam à reunião campal perto de Melbourne em janeiro de 1894 quando a Sra. White o recomendou urgentemente. Como podia uma comunidade de 1.000 membros edificar e dirigir um colégio?

Ellen White insistiu em levar avante a questão, com os irmãos relutantemente seguindo após ela.

Logo 1.450 acres (580 hectares) foram selecionados ao fantástico preço de cerca de três dólares o acre. Mas mesmo quatro mil e quinhentos dólares pareciam inatingíveis. Além disso, um especialista governamental dissera que o solo era ácido, fofo e arenoso. “Se um canguru tentasse atravessar a área”, acrescentou ele, “teria que carregar seu almoço com ele.”

Mas em suas visões Ellen White soubera que Deus poderia tornar aquele terreno mais produtivo do que se poderia imaginar. Para ajudar a convencer os líderes, Deus mostrou em visão a Sra. White um bem traçado sulco com “cerca de dois metros de comprimento e vinte e cinco centímetros de profundidade”, misteriosamente aberto numa clareira da mata na propriedade; e quando em 24 de maio de 1894 os irmãos foram até

o local para examiná-lo, o miraculoso sulco ali estava para saudá-los. na manhã seguinte ao buscarem a guia de Deus com inusitada ansiedade, o Pastor Estevão McCullagh, que se aproximava da morte por tuberculose, sentiu um choque atravessar-lhe o corpo e ficou completamente curado.

Mas ainda persistiam dúvidas; e Ellen White rogou aos irmãos para que cressem em Deus e adquirissem a terra. de alguma maneira conseguiram realizar alguns pagamentos. A seguir, em janeiro de 1895, membros da família Wessels (que já mencionamos no capítulo 23), enriquecidos pelos diamantes de sua fazenda, chegaram da África e foram impressionados a doar cinco mil dólares. Em 6 de março um tipo de colégio preliminar foi aberto com um punhado de estudantes. Em julho, para demonstrar sua fã no empreendimento, a Sra. White adquiriu 66 dos 1.450 acres e começou a edificar “Sunnyside”, um lar para ela própria e seus auxiliares.

Mas quando o período escolar encerrou-se em outubro ou novembro, quando é primavera na Austrália, o projeto quase foi abandonado. E para piorar as coisas, o advogado deles perdeu uma causa desnecessária a um custo assustador de dois mil dólares.

No próximo mês de julho, Ellen White, num sonho, recebeu novos argumentos para apresentar aos irmãos e persuadi-los a reiniciarem as edificações. Adolescentes e membros mais velhos derrubaram árvores e as serraram preparando tábuas. Drenaram pântanos e plantaram uma horta. Trabalharam noite adentro, com alguns segurando velas enquanto outros pregavam pregos.

No princípio de 1897, após o dormitório das moças ter sido concluído, o refeitório estar bem avançado e o dinheiro disponível ter-se esgotado, Ellen White apelou por voluntários para trabalharem em troca de nada, e trinta concordaram. Em abril de 1897 a Avondale School for Christian Workers [Escola Avondale para Obreiros Cristãos] foi aberta em tempo, com quatro professores e dez estudantes. A frequência aumentou rapidamente. Surgiu a necessidade para a construção de um templo adequado para os cultos de sábado. Comerciantes não adventistas doaram material, trabalhadores contribuíram com parte de seu tempo e em breve a construção estaria levantada.

Em 1899 as matrículas havia chegado a 100, e mais edificações se fizeram necessárias para completar o conjunto. E, uma vez mais, os fundos se esgotaram.

A. G. Daniells, presidente do campo australiano, estava encarregado de levantar o dinheiro. Com o incentivo da irmã White, ele apelou à Associação geral em Battle Creek para igualar cada dólar levantado na Austrália com dólares americanos, e os líderes na América concordaram. Tranquilizados, os adventistas australianos deram novamente, sacrificando seu último centavo, e depois prometeram mais ainda. Desejavam que seus jovens obtivessem uma educação cristã a todo custo.

Foi então que, quando os membros tinham chegado a seu limite, o Pastor Daniells pediu aos encanadores, pedreiros e fornecedores de madeira para lhe fornecerem material e mão de obra a crédito, e prometeu que lhes pagaria tão logo a Associação Geral enviasse sua generosa verba em maio.

Na terça-feira, dia 2 de maio de 1899 chegou um envelope com o endereço do remetente – Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, Battle Creek,

Michigan. Com que ansiedade foi ele aberto!

Com que consternação verificou-se que não trazia dinheiro!

Daniells ficou chocado. Ele leu que os irmãos americanos estavam enfrentando uma multidão de necessidades domésticas numa época de persistente depressão nacional. Estavam certos de que os crentes australianos saberiam compreender. E como conselho prático, sabendo que a Austrália estava sofrendo severa seca, recomendaram que os planos de construções fossem suspensos até dias melhores.

Ao espalhar-se rapidamente a notícia, alguém provavelmente recordou algo que havia sido esquecido e perdoado, ou seja, que aquela não era a primeira vez que a liderança americana os havia deixado em má situação. Em 1894, quando necessitaram urgentemente de dinheiro para adquirir os 1.450 acres, Ellen White pediu em nome do Senhor a E. N. Haskell que encontrasse doadores na Califórnia. Ele respondeu conseguindo dez mil dólares em promessas, mas quando os primeiros (e

únicos) mil dólares chegaram, um administrador da costa ocidental, totalmente sem maldade mas também sem pensar na Austrália, aplicou-os para as necessidades reais da Associação da Califórnia.²

A irmã White havia reagido naquele tempo com severa correspondência, e o administrador havia tentado consertar as coisas.

Mas se a liderança nos Estados Unidos, não sentindo plenamente as necessidades de um campo missionário distante, deixasse a Austrália para trás, não parece que Deus agisse da mesma forma. Em 1895 Ele impressionou a família Wessels a ajudar. Em 1899 Ele realizou maravilhas para ajudar o Pastor Daniells.

Após o dinheiro ter falhado, Daniells passou a noite toda em oração, sob pés de eucalipto. Ele orou até que o céu clareasse pela manhã, e então lhe veio uma certeza, semelhante à que sobreviera também numa manhã a Hirã Edson, de que suas orações seriam respondidas e de que Deus resolveria seu problema.

Às oito horas daquela manhã, Daniells estava seguindo confiantemente para Sydney, Melbourne e Adelaide a fim de encontrar o dinheiro que ele mal sabia ter Deus já reservado para ele.

Mal havia saído quando um telegrama chegou da Nova Zelândia perguntando se a escola poderia aplicar dois mil e quinhentos dólares!

Nas duas semanas seguintes Daniells experimentou uma sucessão de respostas a orações. Por exemplo, na quinta-feira de manhã sua mente foi fortemente impressionada com as palavras de Daniel 6:16: “Ele te livrará.” Na margem ele escreveu: “7:30 da manhã, 4/5/99.” Ao passar por um banco na companhia de um amigo às quatro horas daquela tarde, uma hora após o tempo de fechamento, notaram a porta escancarada. Entraram e surpreenderam-se em encontrar o banqueiro e seus funcionários rodeados por pilhas de notas, promissórias e cheques, o cofre aberto e ninguém montando guarda.

O banqueiro ergueu a vista e empalideceu. “Como entraram aqui?” perguntou ele tremente.

– A porta estava aberta.

– Mas não pode ser! Eu a tranquei, girei a chave e prendi a corrente com minhas próprias mãos.

Então, sentindo que aqueles homens deveriam ter uma extraordinária assistência divina, o banqueiro perguntou humildemente: “Há alguma coisa que posso fazer por vocês?”

Sim, certamente havia! Uma hora mais tarde o banqueiro estava sorridentemente entregando 300 libras australianas a eles, com nenhuma outra garantia que não uma nota promissória respaldada pela palavra de honra deles.

Naquela noite o Pastor Daniells escreveu ao lado de Daniel 6:16: “Cumprido, 5:00 h da tarde, 4/5/99.”

Mais dinheiro foi chegando sob outras surpreendentes circunstâncias, e dentro de duas semanas todas as dívidas imediatas haviam sido liquidadas. Avondale prosseguiu para tornar-se tudo o que Deus dissera que seria: um excelente colégio, uma base de preparo para centenas de missionários, e uma fazenda tão próspera que especialistas iam até lá para saberem da razão de seu êxito.

Mas o que havia de errado na América? Por que é que, não uma, mas duas vezes, na década de 1890, a liderança ali deixara para trás um novo e promissor campo missionário?

Não há talvez resposta simples. Nosso título “Dezesseis Anos de Crise” (1888-1904), sugere o alcance do problema. “Crise” pode ser definida como um período em que são feitas decisões básicas que afetam todos os acontecimentos futuros, e como uma situação em que elementos antagônicos opõem-se duramente uns aos outros. A década de 1890, como podemos designar a grosso modo o período sob discussão, foi tanto um tempo de decisão como um confronto entre o trágico e o glorioso na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Primeiro o glorioso. Minneapolis 1888 introduziu uma ênfase mais maravilhosa em Jesus e na justificação pela fé do que qualquer que a havia precedido na história da igreja; e com o ano de 1888 preparando o caminho, as assembleias da Associação Geral de 1893, 1895 e 1897— para

não mencionar muitas campanhas, concílios ministeriais e reavivamentos locais – foram ocasiões para mensagens especialmente inspiradoras sobre o Coração do evangelho. Ali havia uma mensagem para ser anunciada ao mundo; assim foi que, ao serem lidos os relatórios da Review e dos Boletins Diários da Assembleia da Associação Geral, o coração daqueles que serviram em postos missionários a milhares de quilômetros foram estranhamente aquecidos e seus votos renovados.

Não sem relação com esse fenômeno foi o aparecimento da obra-prima de Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*; da mesma forma as obras *Caminho a Cristo*, *O Maior Discurso de Cristo* e *Parábolas de Jesus*.

Como vimos, os progressos na área educacional forma notáveis durante esse período. Em 1891 o primeiro congresso de professores a nível nacional focalizou o tema da “educação cristã”; em pouco tempo a educação nos colégios começou a transferir-se seriamente para o campo; e em 1897 começaram a brotar escolas paroquiais às centenas. O ingresso em muitas outras terras e os primeiros postos missionários para não-cristãos também marcaram a década de 1890, bem como o segundo maior nível de crescimento (9,8 por cento) de todas as décadas. Além disso várias reformas administrativas de importância foram implementadas, sobre as quais falaremos no próximo capítulo.

Então, o que estaria tão mal? Visto de certos ângulos, nada realmente! nenhum adventista de destaque durante este período colocou uma bomba numa caixa de correio, manteve algum policial sob a mira de uma arma ou raptou o herdeiro de um milionário, tanto quando se saiba. À parte, talvez, de trabalharem aos domingos aqui e acolá desafiando as leis dominicais, eram indiscutivelmente bons cidadãos; não obstante, em artigos e cartas que foram subsequentemente publicados nos *Testemunhos para Ministros*, a profetisa dizia algumas coisas bastante graves sobre eles.

Repetidamente nessas comunicações, Ellen White apresentava a sublime beleza de Jesus Cristo e então, em marcado contraste, a evidência de que a liderança, leigos, instituições, associações, campos missionários e a igreja como um todo, estava, em desesperadora necessidade de reforma. Vez após vez ela ressaltava que não poucos, mas *muitos* (ênfase dela) estavam perdendo seu zelo espiritual e afastando-se da luz. Tem havido

uma “impressionante apostasia” entre o povo de Deus. A igreja está “frígida” tendo seu primeiro amor esfriado. Os líderes em Battle Creek haviam voltado as costas ao Senhor; muitos membros da igreja também haviam rejeitado a direção divina e preferido seguir a Baal. Presidentes de associações estavam se comportando como bispos medievais, enquanto “associações inteiras” e todas as instituições estavam sendo pervertidas com os mesmos princípios. Alguns líderes na verdade “se gloriavam” de não seguirem os testemunhos. Uma “estranha cegueira” recaiu sobre o presidente da Associação Geral de modo que até ele estava agindo contrariamente à luz. Tão séria era a situação na casa publicadora de Battle Creek que “todo o Céu está indignado”. Realmente o Senhor “tem uma contenda com Seu povo, e brevemente intervirá nas instituições que se chamam por Seu nome”.³

Era um sério conjunto de acusações. Mas o que, *exatamente*, estariam eles fazendo de errado? Eis uma resposta extraída dos *Testemunhos para Ministros*, página 441: “Se abrigardes o orgulho, o amor próprio, o desejo de supremacia, vanglória, ambição egoísta, murmuração, amargura, maledicência, mentira, engano e calúnia, não tendes Cristo em vosso coração, e as evidências demonstram que tendes a mente e o caráter de Satanás ... Podeis ter boas intenções, bons impulsos, podeis falar compreensivelmente a verdade, mas não estais habilitados para o reino dos Céus.”

Mexericos. Queixas. Duvidar de Deus. Disputar o primeiro posto. Isso é tudo. Estavam agindo como cristãos medíocres, quando deveriam estar cooperando com Cristo na eliminação dos pecados, refletindo ao mundo a beleza de Jesus, irradiando a glória do caráter de Deus na santidade do sábado e preparando-se, por Sua graça, para serem vasos limpos para o derramamento de Seu Espírito ao mundo na chuva serôdia.

Eles haviam recebido tremenda luz – em 1888 e, na verdade, desde os dias do milerismo. Recordavam-se mutuamente com lágrimas de alegria em suas reuniões de testemunho que amavam essa luz. Mas muitos deles não viviam essa luz. “Reconheçam os nossos ministros e obreiros que não é de crescente luz do púlpito que eles tanto necessitam, como de viver segundo a luz que já têm”,⁴ advertiu Ellen White. A Sra. S. M. I. Henry analisou a situação de outra maneira na Assembleia da Associação Geral de

1899. “Tal como as coisas mais doces, quando azedam, se tornam as mais maléficas, também o volver-se contra a luz maior e verdade é cair no erro maior e trevas. Este povo tem tido maravilhosa luz.”⁵

Tem-se dito que, incapaz de tentar os santos com o vício, o diabo os apanha em suas virtudes.

O chamado bíblico para separar-se do mundo (I Coríntios 6) foi pervertido pelo inimigo atraindo os adventistas para colônias, especialmente em Battle Creek.. Já em 1879, quando Battle Creek contava com 700 ou 800 crentes, a liderança publicou na *Review* um apelo para que ninguém se mudasse para lá sem prévia consulta.⁶ Foi em vão. O número aumentou, na década de 1890, para 2000.

Assim concentrados, em lugar de levarem a mensagem ao mundo eles expressavam sua preocupação pelo êxito da causa rebatendo as faltas dos outros membros. Por volta de 1900 corria um provérbio entre os santos de que se Gabriel fizesse uma visita a Battle Creek, mesmo ele não escaparia das línguas sempre em atividade.

O salutar desejo de levar ao povo a pensar bem da mensagem adventista ao fazerem coisas que “dariam caráter à obra”, levou à construção de instalações ainda menores e à aquisição de equipamentos sempre mais modernos até que, perversamente, o próprio tamanho minou o caráter tanto da obra como dos obreiros. A *Review*, com as seções de estereotipia, laminação elétrica e encadernação, além de cinquenta impressoras a vapor, tornou-se a maior casa editora do Michigan; mas deixou-se de perguntar se era necessário ser assim tão grande. O que se tornou necessário, a fim de manter a custosa maquinaria funcionando e o grande corpo de funcionários empregados, foi publicar quase tudo quanto aparecia. Romances comuns, propagandas de bebidas alcoólicas e mesmo uma obra espiritualista não eram rejeitados.⁷ Ellen White dissera que Deus desejava que o Dr. Kellogg ganhasse seus pacientes para Jesus e para a verdade dos últimos dias; mas o sanatório, com todos os seus pavimentos, um sobre o outro e todos os seus edifícios, um ao lado do outro, ocupavam demasiado tempo do doutor.

Com a vastidão ocorria uma “praxe mundana” e um diminuído senso de missão. Após 1897 Kellogg insistia em dizer que o sanatório era “não-

denominacional.” Na Review os gerentes, especialmente o Capitão Clemente Eldridge no início da década e Archibald R. Henry depois, conseguiram elevar substancialmente Seus salários enquanto mantinham os pagamentos dos empregados em baixo nível. Longe estava a simplicidade dos tempos pioneiros quando todos sentiam que estavam realizando um sacrifício igual. A desigualdade dava margem ao descontentamento, queixa e suspeita. Quando Henry foi dispensado em 1897, ele voltou-se contra a casa editora e processou em cinquenta mil dólares⁸ – em grande contraste com o espírito que reinara em Rochester e na fundação de Avondale.

Uma das manchas no registro dos Dezesesseis Anos de Crise, de fato, foi uma série de processos jurídicos entre crentes. Em angústia Ellen White invocou os dias primitivos de mútua dedicação e citou Paulo: “O só existir entre vós demandas já é completa derrota para vós outros. Por que não sofreis antes a injustiça? Por que não sofreis antes o dano?” I Coríntios 6:7. Ela advertiu, também, como mensageira do Senhor, que eles estavam insultando a Jeová e que podiam também “parar de orar a Deus, pois Ele não ouviria suas orações”. Com referência a pelo menos uma demanda dessa época Ellen White reconheceu que o autor do processo claramente havia sido injustiçado, mas insistia em que a injustiça não justificava ir à corte. Deus vingará, recordava ela. “Tende fé em Deus; pois Ele prometeu que ouvirá a oração de fé.”⁹

Em escala mais ampla, as palavras de Cristo conclamando unidade (S. João 17) foram pervertidas pelo inimigo a um tipo de supercentralização, conhecido pelos contemporâneos como “o poder régio”, e que tomou sua forma particular a partir da estrutura básica da igreja naquela época.

O leitor há de se lembrar que a primeira organização votada pelos adventistas do sétimo dia foi uma associação de publicações. Dois anos mais tarde a Associação Geral veio à existência, moldada na constituição mais simples possível e legalmente separada da associação de publicações. Quando o Instituto Ocidental de Reforma da Saúde foi fundado em 1866, foi respaldado por uma associação também separada da Associação Geral. Era esta a forma como os membros desejavam as coisas. Pelo final da década de 1890 a imprensa, agora bem grande, estava ainda separada ; e o Instituto de Reforma da Saúde, que havia crescido para uma cadeia de vinte

e sete sanatórios, era administrado pela Internacional Medical Missionary and Benevolent Association [Associação Benevolente e Médico-Missionária Internacional], independente da Associação Geral.

A Sociedade Missionária Internacional de folhetos e a Associação Internacional de Escola Sabatina, ambas surgidas pelo final da década de 1860 e início de 1870, e a Associação Internacional de Liberdade Religiosa, fundada em 1889, também tinha sedes separadas da liderança central da igreja.

Em poucas palavras, na década de 1890 havia ao mesmo tempo organização demais e de menos. Havia de menos no sentido de que muitas associações e sociedades separadas operavam mais ou menos independentemente e às vezes na verdade em competição uma com a outra. Havia em demasia porque todas as principais decisões e muitas de pequena monta eram tomadas em Battle Creek, seja pela Associação Geral, ou pela apropriada liderança da “associação” ou “sociedade” que ali residisse. Somente uma liberdade limitada para tomar decisões era deixada às associações locais, sociedades ou missões.

A tendência era, de fato, no sentido de maior centralização. No princípio da década de 1890 foram dados passos para fundir a Review and Herald com a Pacific Press. Ellen White escreveu fortemente contra tal consolidação institucional e salvou a situação.

Ela declarou que o Senhor desejava mais, e não menos homens em posição decisórias, e ofereceu três fazções para tanto: (1) para impedir que as fraquezas de um homem debilitassem toda a obra; (2) para desenvolver mais líderes dando responsabilidade a mais homens; e (3) levando mais homens a dependerem de Deus, antes que um do outro. **10**

Em 1896 Ellen White escreveu de Cooranbong, Austrália: “O arranjo de que todo o dinheiro deve passar por Battle Creek e sob o controle de poucos homens daquele lugar, é uma maneira errônea de administrar. ... Qye sabem esses homens das necessidades da obra em países estrangeiros?” No mesmo documento ela recomendou que um representante da Associação Geral fosse designado para trabalhar em cada país para que as decisões pudessem ser tomadas onde o povo vivia. Esse representante, acrescentou ela, poderia ser um leigo e deveria ser assistido

por uma equipe de conselheiros.²⁰

O costume de tomar toas as decisões em Battle Creek foi especialmente prejudicial porque as comissões que tomavam as decisões eram pequenas, relativamente falando. Por exemplo, a comissão executiva da Associação Geral em 1863, constituída por três indivíduos, era adequada quando o número de membros era de 3.500. Ela foi-se expandindo progressivamente até alcançar o número de 13 em 1897, mas então a igreja estava se estendendo ao redor do mundo e o número de membros passava dos 70 mil.

Foi essa situação global, conforme a descrevemos, que explica o envelope vazio que chegou na Austrália em 2 de maio de 1899. Contudo, apesar da falta de generosidade da liderança central para com os campos missionários, as finanças não estavam em boa situação no país-sede. Em 1901 a Associação Geral foi levada a obter dinheiro emprestado para sustentar até mesmo seus missionários. O Sanatório de Battle Creek tinha um débito de duzentos mil dólares. As várias escolas deviam trezentos e trinta mil dólares. E na Europa, a casa publicadora de Oslo (então Cristiânia), Noruega, estava falida e em iminente perigo de passar, como a de Czechowski, às mãos de seus credores.

Na emergência, Ellen White pleiteou com as crianças da igreja para renunciarem a seus presentes de Natal e pedirem a seus pais que doassem o dinheiro equivalente à causa.²¹ Em abril de 1901, olhando triste e ansiosamente às faces dos líderes reunidos para a assembléia da Associação Geral, ela lamentou com lágrimas em sua voz: “Oh como minha própria alma está abatida com estas coisas. ... Que esses homens se coloquem num lugar sagrado, para serem como a voz de Deus ao povo, como outrora críamos ser a Associação Geral, esto é passado. O que desejamos agora é reorganização. Desejamos começar do fundamento, e edificar sobre um diferente princípio.”²²

31. Círculo de Amor

Os líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia nem sempre exerceram o mais sábio julgamento na década de 1890, contudo na maior parte eram homens altamente motivados, dedicados ao desempenho de seus deveres tal como os entendiam. Eles trabalhavam por muitas horas, com frequência até demais para o seu bem-estar, tentando edificar a porção da estrutura denominacional que lhes era atribuída.

O administrador da costa ocidental que deixara de enviar os mil dólares para a Austrália não embolsara o dinheiro! Ele jamais pensaria numa tal coisa. Mas tampouco pensava sobre as necessidades de um campo missionário, embora estas tivessem sido chamadas à sua atenção muitas vezes.

Numa hora que requeria amplos planos e grande fé, o registro da liderança é desapontador, não tanto por causa do que era mas do que poderia ser sido. Quem é suficientemente justo para atirar a primeira pedra?

A fim de fazermos uma avaliação equilibrada hoje, é útil recordar uma vez mais os rápidos progressos que marcaram os Dezesesseis Anos de Crise – ganhos em novos membros, instituições e países penetrados, e no “Cristocentrismo” de muitos sermões e publicações. Certamente Ellen White não se desesperava! Conhecendo melhor do que qualquer outro, tanto as deficiências como as excelências dos líderes da igreja, ela reconhecia alguns que ocupavam funções de elevada importância como “homens sóbrios e de mente bem dirigida”. E defendia firmemente a denominação ante aqueles que utilizavam suas fraquezas para justificar seus próprios descaminhos. A “Igreja de Cristo”, escreveu ela da Austrália, referindo-se devotamente à igreja que tem a fé de Jesus e guarda os mandamentos de Deus – “débil e defeituosa como possa ser, é o único objeto na Terra ao qual Ele dispensa seu supremo cuidado”.

Ela pôs a vida onde punha suas palavras. Quando em 1891 a Associação Geral solicitou que fosse para a Austrália, não desejava ir. Era viúva, com 63 anos de idade, e sobrecarregada. Mas foi.

Logo após sua chegada, sentiu-se penosamente enferma, com artrite reumatóide. A exemplo de muitos missionários novos, ela desejava que estivesse de volta ao lar e ficava a imaginar por que havia partido. Muitas vezes, à noite, quando não podia dormir, desejava chorar. Resistindo ao impulso, ela disse pra si mesma: “Ellen G. White, que queres tu dizer? Não vieste à Austrália porque achavas que era teu dever ir aonde a Associação julgasse melhor que fosses? Não tem sido esta a tua maneira de proceder?”

Ela respondeu a cada indagação na afirmativa e continuou. “Então, por que te sentes quase abandonada e desanimada? Não será esta uma obra do inimigo?”

“Creio que é.”

Esfregando levemente os olhos, concluiu: “Basta; não mais olharei para o lado escuro. Viva ou morra, entrego a guarda de minha alma Àquele que por mim morreu.”⁵

“Segui, porém, a voz da Associação (Geral)”, escreveu ela mais tarde naquele mesmo ano (1892), “como sempre procurei fazer quando eu mesma não tinha toda clareza. ... Estou na Austrália, e creio que estou exatamente onde o Senhor quer que esteja.”⁶

Ela estava certa, sem dúvida. Aproveitando-se de seu isolamento do principal centro da obra e de seus líderes, que eram tão vagarosos para empreender mudanças, formou, em meio à pobreza e aos eucaliptos, um colégio que deveria tornar-se o “modelo” de toda a educação adventista no futuro.

Quando as pessoas vinham visitar o colégio de Avondale e examinar o progresso que estava sendo ali conseguido, a irmã White falava em termos tão enfáticos sobre as doações que adventistas americanos e africanos haviam remetido de tempos em tempos, que os visitantes ficavam profundamente impressionados. Ela extraiu a lição de que em vista dessas contribuições “estamos sob grande obrigação, aqui na Austrália, de entregar-nos à obra do Mestre e educar e preparar moços e moças para que estejam prontos e preparados para servir ao Senhor nas missões domésticas e no estrangeiro.”⁷

Ela não apresentava queixas públicas quanto às promessas não cumpridas ou às falhas de administradores.

Mesmo para os íntimos ela podia falar durante aqueles anos com impressionante fé quanto a direção divina no futuro do movimento ao qual, até ali, ela havia dedicado a vida. “Não há nenhuma necessidade de duvidar, de estar temeroso de que a obra não seja bem sucedida”, declarou ela com visão profética. “Deus está à testa da obra, e porá tudo em ordem. Caso haja coisas necessitando de serem ajustadas na direção da obra, Deus atenderá a isso, e trabalhará para endireitar todo erro. Tenhamos fé que Deus vai conduzir a nobre nau que transporta o Seu povo, em segurança para o porto.”⁸

Os acontecimentos, como sempre, têm tendido a provar que ela estava certa. Alguns passos, na verdade, estavam ainda sendo dados, e outros estavam a caminho para remediar o problema do excesso de centralização e “poder régio”, passos esses que ainda hoje afetam a igreja de modo positivo.

Em 1889 as associações na América do Norte estavam agrupadas em seis “distritos”, cada qual sob a supervisão de um “superintendente” representando a Associação Geral.

Em 1891(*) A. T. Robinson foi enviado para organizar uma associação-missão na África do Sul. Imaginava-se que ele criaria as costumeiras “sociedades” e “associações”. Mas como poderia fazê-lo? Tinha pouquíssimos homens para tantas comissões. Resolveu incorporar todas as associações numa estrutura básica de associação como “departamentos” de um só homem. Ele procurou obter permissão de Battle Creek, distante um mês em termos de correspondência postal. Os dirigentes revelam-se fortemente opostos a seu plano, mas estavam costumeiramente bem atrasados em seus trabalhos. Robinson interpretou a demora deles como aprovação e seguiu adiante. Quando o “Não” deles finalmente o alcançou, o novo sistema estava operando tão bem que ele não o alterou.

Enquanto isso a Austrália havia sido designada “Distrito nº7”. Em 1894 reorganizou-se como Associação-União Australasiana, a primeira da união. O superintendente foi substituído por um corpo de oficiais administrativos e uma comissão que representava as associações locais.

Em 1897 Robinson foi chamado da África do Sul para ser presidente da

Associação Central Australiana e encontrou o costumeiro amontoado de sociedades e associações à sua espera. Ele as dissolveu em departamentos da associação. A.G. Daniells e G.C. White ficaram horrorizados – até que viram quão bem esse “Plano Vitória” funcionava; daí em diante, persuadiram as demais associações e a nova União Australasiana a também reorganizarem-se em departamentos. A experiência com departamentos e uniões num nível local limitado concedeu valiosa evidência à Assembléia da Associação Geral de 1901 de que o programa era bom.

(*) As assembléias da Associação Geral eram mantidas anualmente até 1889, a seguir em biênios até 1905, tornaram-se quadrienais até 1970, e atualmente são descritas como “qüinqüenais.”

Em 1897 a assembléia da Associação Geral, que se reuniu no Colégio União, tornou a comissão da Associação Geral mais representativa, ampliando-a para treze membros. (Havia sido ampliada de três para cinco em 1883, e depois para sete em 1886.) A assembléia também modificou algumas comissões, distribuiu os deveres do presidente entre vários homens e concedeu um grau de autonomia aos campos europeus e australianos mas (impressionante como isso possa ter parecido) deixou as melhorias mais necessárias virtualmente intocadas.

A assembléia da Associação Geral de 1899 foi rotineira.

A assembléia de 1901 conheceu marcado progresso.

Não que todos pensassem que assim seria. A própria Ellen White disse mais tarde: “Eu não desejava ir a Battle Creek. Temia que as cargas que eu teria de suportar me custassem a vida.” Quando os líderes lhe pediram que assistisse a ela, declarou que não podia. Mas, quando em visão de Deus lhe pediu que fosse, ela obedeceu.⁹

A 1^o de abril, no dia anterior ao da abertura da assembléia, a Sra. White, que chegara recentemente de volta à América, procedente da Austrália, encontrou-se com os líderes na biblioteca do colégio. Ela havia tido uma revelação da vida íntima de muitos deles, havia escrito testemunhos para eles, conhecia-os melhor do que eles próprios se conheciam. Ali estavam os líderes da causa de Deus, e como uma verdadeira mãe em Israel, ela os amava a todos.

Solenemente apresentou um sumário das mensagens que lhes estaria apresentando publicamente nas semanas próximas para que pudessem contar com

o benefício de saber o que esperar. Calmamente os delegados retiraram-se voltando na manhã seguinte, prontos para ouvi-la.

Com sua imponente torre de relógio, suas poltronas vermelhas e candelabros, o famoso “Dime Tabernacle” (*), o maior edifício de Battle Creek e certamente a maior igreja da denominação, tinha capacidade para mais de 2.500 pessoas assentadas confortavelmente. Nessa ocasião, estava superlotado, e diz-se que acolheu 4.000 pessoas, sem dúvida não muito confortavelmente. A bem conhecida fotografia da Sra. White pregando foi tirada enquanto ela falava diante dessa assembléia da Associação Geral.

(*) O nome “Dime Tabernacle” (Tabernáculo dos Dez Centavos) derivou do fato de que os adventistas de todos os Estados Unidos foram solicitados a contribuir cada um com uma moeda de dez centavos (*dime*, termo estaduniense para tal moeda) por semana, durante um ano, e assim uma boa parte do custo total de vinte seis mil dólares foi levantada. Para uma descrição detalhada, ver Arthur W. Spalding, *Origin and History of Seventh-day Adventists*, vol. 2, pág. 112. Outro projeto “dime” foi a aquisição do navio missionário Pitcaim.

Nela pode-se ver delegados com dificuldades de audição sentados nos degraus que conduzem à plataforma, ligando-a com a galeria. Há um piano na foto, incidentalmente, mas nenhum órgão. Os membros queriam um órgão de tubos, mas da Austrália Ellen White instou-os a economizarem o dinheiro para as missões.¹⁰

O presidente Irwin abriu a reunião com comentários apropriados; a seguir Ellen White dirigiu-se à frente. Era sua primeira assembléia da Associação Geral em dez anos.

Ela apresentou aos delegados um testemunho direto.¹¹ “Não tendes direito de dirigir”, declarou, “a não ser que façais segundo a direção do Senhor!”

“Deus não estabeleceu nenhum poder régio em nossas fileiras.”

“Que esses homens estejam num lugar sagrado para serem a voz de Deus,... isto é do passado.”

O que, então, deveria ser feito? “O que desejamos agora é uma reorganização... sobre um princípio diferente.”

O novo princípio era o do “amor”. Que espécie de amor? Amor como o que

Jesus nos revelou, explicou ela. Amor que opera na intimidade da família. Amor que impede uma pessoa de espalhar rumores e queixar-se ao trabalhar. Amor que assume “a responsabilidade de cumprir a ordem de Cristo: *‘Ide a todo o mundo’*. ”

“Chegou o tempo para que este povo nasça de novo”, insistiu ela. Então, olhando ansiosamente ao mar de rostos à sua frente, enchendo a nave central, a galeria e as escadas, disse: “Desejo ter um lar com os benditos, e desejo que tenhais um lar ali. Desejo trabalhar em harmonia convosco.” “Que cada um retorne a seu lar (suas casas ou apartamentos em que esteja se hospedando), não para conversar, conversar, conversar, mas para orar.”

Ao sentar-se ao final, a vasta congregação estava silenciosa, paralisada com pesares pelo passado, esperanças para o futuro e resoluções para o presente.

Após uma pausa, o Pastor A. G. Daniells ergueu-se. Ele havia trabalhado com Ellen White por anos na Austrália e através de muitas experiências havia aprendido a confiar em sua direção. Seu conselho nessa ocasião foi o de que os procedimentos comuns e planos preconcebidos fossem deixados de lado e que uma grande comissão fosse nomeada para efetuar uma reorganização, operando sob regime parlamentar para uma “comissão da totalidade”, com procedimento menos formal. Sua intenção era prover máxima liberdade de discussão para que o Espírito pudesse ter ampla liberdade de agir.

Ao esta grande comissão trazer seus relatórios dia-a-dia para consideração do inteiro grupo, foram pregados outros sermões Que deram ainda maior destaque ao senso de missão da assembléia.

O Dr. Kellog apresentou despertadoras mensagens, realçando o papel da obra médico-missionária no trabalho de ganhar almas.

Às 11:30 da manhã do dia 3 de abril, o Pastor Daniells lembrava aos delegados que os Estados Unidos constituíam somente um vigésimo da população mundial. “Fora deste país estão dezenove vinte avos da humanidade!” “Contudo, dos 75 mil crentes na mensagem do terceiro anjo, cerca de 60 mil estão aqui nos Estados Unidos!” Ele apontou o dedo em direção a um mapa-mundi na parede atrás dele. “Há no mundo hoje um bilhão de pagãos. Do 1,4 bilhão de viventes no mundo, dois terços são pagãos.”¹²

Ellen White estava de pé vez após vez para acrescentar o peso de seu

testemunho a desafios inspiradores como esses. “*O campo é o mundo*”, clamava ela. Mas acaso a Associação Geral reconhece isto? Perguntava. Abertamente recapitulava sua própria experiência. “Eu disse ao Senhor que quando viesse a Battle Creek desta vez, perguntaria por que retivestes os meios para a obra na Austrália. ... Desejamos que nesta reunião a obra seja estabelecida de tal modo que isso não aconteça de novo. Dois ou três homens, que nunca viram campos agrestes... não deveriam controlar os assuntos.”

Ela também apelo repetidamente aos médicos e pastores a não se separarem uns dos outros e a não permitirem divisões motivadas por ciúmes, desentendimentos e brigas. “Gostaria de dizer-vos”, advertiu ela, “que brevemente não haverá trabalho a ser efetuado em linhas ministeriais mas somente na obra médico-missionária.” 14

Os delegados amadureceram sob tais mensagens. Vastas mudanças foram efetuadas, e ao final tantos desejavam louvar a Deus pela surpreendente obra que Ele havia operado em seu coração durante as reuniões, que dois longos cultos de testemunhos foram necessários.

As alterações efetuadas continuam sendo de grande importância. Por exemplo, os “distritos” na América do Norte (com o campo do sul à frente) pôs-se a organizar-se em uniões, segundo o modelo australasiano. O resultado foi que grupos de associações obtiveram uma medida de autoridade para tomar decisões que antes desconheciam. Quando estendido ao mundo inteiro, como ocorreu dentro de um tempo, o plano demonstrou-se estimulante e satisfatório. Campos distantes da sede tornaram-se livres para tomar decisões anteriormente a cargo de Battler Creek, e a Associação Geral sentiu-se em liberdade para cuidar de praxes básicas e supervisão geral.

A seguir, a comissão da Associação Geral foi ampliada (naquela altura para vinte e cinco) para que nunca mais “dois ou três homens” tomassem as principais decisões pela igreja inteira. O novo número não era estático. Cada presidente de união foi declarado um membro *ex-officio*, e isto significaria que homens domiciliados ao redor do globo e eleitos em áreas regionais tornar-se-iam membros da comissão da Associação Geral tão efetivamente como os oficiais residentes nos Estados Unidos. Na década de 1970 o número de membros dessa comissão máximo superou o número de 300! As decisões principais nunca mais deveriam ser

tomadas por homens geograficamente confinados à América do Norte.

Em 1901 foram estabelecidas praxes para garantir um fluxo de dinheiro de áreas mais prósperas para regiões mais necessitadas da igreja. Além disso foi iniciado um processo para incorporar as várias sociedades e associações (Escola Sabatina, Folhetos e Missionária, etc) como “departamentos” de suas respectivas associações (local, união e geral).

Em todas estas mudanças, a preocupação com o campo mundial é evidente. Departamentos e uniões-associações haviam sido desenvolvidos inicialmente em áreas missionárias. E a reorganização inteira se propunha a facilitar a administração de dinheiro, homens e autoridade para “anunciar ao mundo”.

Infelizmente, quando se chegou à questão dos departamentos, a Associação Médico-Missionária e Benevolente hesitou. Conquanto os sentimentos entre médicos e ministros melhorassem notavelmente durante a assembléia, permanecia certo grau de desconfiança. Foi efetuado um compromisso temporário ao votar-se que seis dos membros da comissão da Associação Geral fossem escolhidos da associação médica.

A próxima assembléia da Associação Geral foi realizada em 1903 em Oakland, Califórnia (onde estava localizada a editora Pacific Press antes de transferir-se para Mountain View). O processo básico de formar uniões e departamentos foi completado, e foi dada atenção adicional à obra médica. Lamentavelmente, a desconfiança do Dr. Kellog quanto aos ministros havia se aprofundado, em lugar de diminuir neste espaço de tempo. Foi tomado um voto para que todas as instituições adventistas se tornassem propriedade de uma associação local, uma união ou da Associação Geral em lugar de constituírem associações semi-independentes. O Dr. Kellogg e um grupo de seus amigos íntimos recusaram o plano, mas oitenta por cento dos delegados votaram a favor. Somente o sanatório em Battle Creek e um no México, daí em diante, permaneceram fora da organização denominacional.

Neste íterim (fevereiro de 1902) o principal edifício do Sanatório de Battle Creek havia se incendiado completamente. Enquanto o Dr. Kellog estava ocupado em reconstruí-lo, o principal edifício da Review and Herald Publishing Association também incendiou-se totalmente (em 30 de dezembro). As mensagens de Ellen White quanto a transferir-se de Battle Creek subitamente obtiveram projeção. A

Assembléia da Associação Geral de 1903 recomendou mudar seus escritórios e as instalações da Review and Herald para outro local.

A meia-volta foi completa. A Igreja Adventista havia cortado o cordão umbilical que a mantinha presa a Battle Creek, Michigan, e aos Estados Unidos. Ao transferir-se para a capital do país, também modificou sua visão exterior para abranger o mundo – grata por sua estrutura organizacional aperfeiçoada que proveu plena liberdade para um processo de tomada de decisão com ideal coordenação de esforços.

Dois outros destacados desenvolvimentos organizacionais de anos posteriores devem também ser mencionados. Por insistência de obreiros na Europa, a assembléia da Associação Geral de 1913 estabeleceu uma nova unidade administrativa, a “divisão”, de que existe hoje uma dúzia. Uma divisão é tida como uma seção da Associação Geral em operação numa dada parte do mundo. Ao mesmo tempo, cada uma abrange um número particular de uniões. Uma vez que as uniões, por seu turno, são compostas de associações locais e associações locais de igrejas locais, a intenção é que não haja interrupção administrativa entre o membro da igreja e o oficial máximo da Associação Geral, e que a denominação seja um todo interligado e contínuo.

A segunda maior unidade administrativa criada em 1901-1903 presentemente existe só na América do Norte. No início do século havia, ao todo, apenas umas poucas centenas de adventistas de cor nos Estados Unidos. Ao crescer o número de seus membros, também aumentou o número de pastores. Ellen White instou para que a voz dos negros fosse ouvida em comissões denominacionais representativas. Com o crescimento dos membros de cor, este conselho foi seguido em nível de Associação Geral. Então, por volta de 1940, várias associações locais tornaram uma prática incluir um pastor negro em suas comissões de associação para representar os interesses dos crentes da raça negra. Em 1944 uma nova praxe preparou o caminho para que os crentes de cor formassem associações próprias (conhecidas como associações “colored”, “regionais” ou “negras” no seio de uniões existentes, e exceto na Pacífico Oeste, assim preferiram fazê-lo. Em consequência, muitos negros foram alçados a posições de liderança, e ocorreu uma notável expansão n, número de membros de cor.

Volvendo às assembléias de 1901 e 1903, a irmã White tinha razão para

sentir-se feliz com as alterações administrativas. E ela estava satisfeita. Embora tivesse declarado que havia ficado para trás o tempo em que a Associação Geral era como a voz de Deus, em 1909 ela sentiu-se livre para dizer: “Quando, numa assembléia da Associação Geral, o juízo dos irmãos reunidos de todas as partes do mundo é exercido, a independência individual e os julgamentos privados não devem ser teimosamente mantidos, mas deixados de lado.”¹⁵ Em 1913 acrescentou: “Sou animada e beneficiada ao compreender que o Deus de Israel ainda guia Seu povo, e que continuará a ser com eles, até ao fim.”¹⁶

Mas ela não esteve, nem poderia estar inteiramente satisfeita com 1901. Algum tempo depois uma visão ao meio-dia, quando tinha sua pena pronta para debater aquela sessão, transportou-a de volta ao que *não* havia acontecido. Nessa visão ela viu os delegados respondendo *plenamente* ao apelo de Deus por reconversão. As confissões demoraram até tarde da noite. O regozijo que se seguiu jamais fora visto antes no Dime Tabernacle.

A visão se desfez. A profetisa achou-se ainda com a pena na mão. Palavras divinas foram proferidas: “Todo o Céu estava esperando para ser gracioso.” “*Isto poderia ser sido.*” Uma agonia de desapontamento dominou-a **mente** tal pensamento.¹⁷

A assembléia de 1901 foi sem dúvida uma grande vitória. Mas as susceptibilidades pessoais entre ministros e doutores continuaram a existir; e quando a irmã White pensava no Dr. Kellogg, seu coração quase se partia. Ela se sentia como Davi após a vitória nas matas de Efraim: “Oh! Absalaão, meu filho, meu filho!”

Mas a polaridades em torno do ministério médico, em vez de neutralizar-se, tornou-se mais aguda e na verdade expandiu-se num triângulo após a assembléia de 1903. O panteísmo de Kellogg no livro *The Living Temple* e sua independência na assembléia de 1903 confirmaram muitos ministros na alienação a respeito dele. Enquanto isso, Ed Sutherland e Percy Magan, líderes dos educadores reformadores, tornaram-se impacientes com os ministros quando deixara, de endossar todas as suas novas idéias quanto as Colégio Missionário Emanuel. Na “Reunião de Berrien Springs” de 1904, na Associação Michigan, realizada no *campus* do colégio, os Dezesesseis Anos de Crise chegaram ao auge.

“Mãe White”, como era afetivamente conhecida na época, mantinha seus

braços de reconciliação erguidos para todos os três grupos. Mas Sutherland e Magan, numa expressão de desprezo pelos ministros, renunciaram a seus cargos no colégio enquanto Kellogg e os pastores permaneciam teimosamente em sua atitude de mútua desconfiança. Cera tarde Kellogg estava apresentando numa palestra quando notou que todos os olhos se volveram a alguém por trás dele. Volvendo-se, percebeu a irmã White dirigindo-se à plataforma e ofereceu-lhe o púlpito. Com isso a profetisa abriu seu coração num grande apelo maternal para salvar o doutor, se possível. Kellogg dirigiu-se à parede do fundo. Seu irmão Will estava no auditório. A irmã White recordou o dia em que a mãe deles, antes de falecer, fez com que Ellen promettesse levar seus filhos consigo para o reino. Will chorou. O doutor manteve-se sóbrio – então consultou seu relógio, notou que estava na hora de apanhar o trem para Battle Creek e retirou-se.

Sua partida foi simbólica.

Mas Mãe White nunca desistiu. Ela não pôde, realmente, reconquistar Kellogg, mas dedicou seu velho corpo à incansável tarefa de salvar os demais.

Ela iniciou o Colégio de Médicos Evangelistas em Loma Linda e animou a liderança ministerial a formar seu staff com médicos preparados em Battle Creek. Daniells respondeu positivamente, os médicos reagiram de igual maneira e velhas feridas começaram a cicatrizar. Ela acompanhou Sutherland e Magan ao Sul (como já vimos), deu-lhes um testemunho de repreensão que eles acataram com arrependimento, orientou o trabalho deles em estabelecer o Colégio e Sanatório Madison, tornou-se membro ativo de sua mesa administrativa – e manteve-os, também, na igreja e na ampla fraternidade de obreiros adventistas.

Os anos de 1901 e 1903 foram fundamentais e decisivos. 1904 também. Mãe White tomou sua posição dentro do triângulo e traçou um círculo de amor suficientemente grande para atrair todos os partidos – e soldou-os em permanente união.¹⁸

32. Em Glória Resplendente

No sábado pela manhã, dia 21 de outubro de 1944, o dia precedente ao centenário do grande desapontamento, um grupo de líderes adventistas do sétimo dia realizou um culto memorial em homenagem aos pioneiros adventistas. Na manhã seguinte, domingo 22 de outubro, realizaram uma breve peregrinação até a tumba de Guilherme Miller no cemitério próximo de sua casa.

Dois anos antes disso, “A Voz da Profecia” havia começado a ser irradiada de costa a costa. Ao chegarem os irmãos ao local de repouso de Miller, era quase tempo para o início do programa semanal. Eles deixaram o rádio do carro ligado, e as janelas com vidros baixados para não perderem nenhum instante do cântico de abertura do King’s Heralds (Arautos do Rei).

Na pedra tumular de mármore gasto pelo tempo conseguiram decifrar o nome de Guilherme Miller e a data de seu falecimento: 1849. Ter-se-ia dado o caso de que o atraso de um século comprovara que a esperança de Miller fora inteiramente falsa? Então notaram um de seus versos favoritos, também inscrito na gasta superfície: “No tempo determinado o fim virá.” Daniel 8:19. Ao ponderarem sobre esta garantia profética, o som dos Arautos do Rei veio ecoando no ar: “Servos de Deus a trombeta tocai, *Jesus em breve virá.*”

Louvado seja Seu nome! Ele virá outra vez.

Mas quando?

Os adventistas do sétimo dia vêm há muito citando o pensamento da página 69 do livro *Parábolas de Jesus* de Ellen G. White, publicado em 1900: “Cristo aguarda com fremente desejo a manifestação de Si mesmo em Sua igreja. Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus.”

As palavras são um comentário de uma das próprias promessas de Jesus Cristo: “Primeiro a erva, depois a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga. E

quando o fruto já está maduro, logo se lhe mete a foice, porque é chegada a ceifa.” S. Marcos 4: 28 e 29.

Quando o fruto é produzido. Imediatamente. Porque a ceifa é chegada.

Os fazendeiros não ceifam os campos quando os brotos verdes surgem ou as sementes começam a se formar. Eles observam o processo de crescimento atentamente, considerando o grau de umidade, a cor e toda outra indicação da condição das plantas até que o amadurecimento ideal tenha sido alcançado. Então eles dão imediatamente início à colheita.

Jesus espera pela *perfeita* reprodução de Seu próprio gracioso, perdoador, altruísta, paciente e generoso caráter. Sem dúvida! Como Sumo Sacerdote no santuário celestial Ele tem por mais de um século derramado sobre o campo cultivado a radiação da santificação do sábado; intensamente Ele tem-Se dedicado a “eliminar o pecado”, não somente dos registros mas também das vidas no mundo real. Quão maravilhoso é pensar que algum dia Seu sonho terá cumprimento. Quão triste é que Ele tenha tido que esperar tanto tempo.

Outra passagem do *Parábolas de Jesus* (página 419) combina-se com a pagina 69. Diz: “Todo o Céu está à espera de condutos pelos quais possa ser vertido o óleo santo para ser uma alegria e bênção para os corações humanos”.

A mesma página acrescenta: “Toda alma tem o privilégio de ser um conduto vivo, pelo qual Deus pode comunicar ao mundo os tesouros de Sua graça, as insondáveis riquezas de Cristo. Nada há que Cristo mais deseje do que agentes que representem ao mundo Seu Espírito e caráter. Não há nada de que o mundo mais necessite que da manifestação do amor do Salvador mediante a humanidade.”

Esperar por caracteres perfeitos e esperar por canais para comunicar a graça de Deus não são duas coisas diferentes. São dois aspectos da mesma coisa. Deus está aguardando evidentemente por um povo que seja *perfeito para um propósito*. Ele deseja que sejam vitoriosos sobre o pecado não somente para a sua própria felicidade mas também para serem úteis em representar perfeitamente Seu amorável caráter aos pecadores de perto e de longe.

De que melhor maneira poderiam os adventistas do sétimo dia “anunciar ao mundo” – a toda cidade, vila e *pessoa* no mundo – senão viver Seu amor todos os dias em seus próprios lares, vizinhanças, locais de trabalho e por toda parte, no

mundo inteiro?

Quanto tempo Deus ainda terá que esperar?

Já em 1884, Ellen White escrevia: “Se todos quantos trabalharam unidamente na obra em 1844 tivessem recebido a mensagem do terceiro anjo e a proclamado no poder do Espírito Santo, o Senhor teria operado maravilhosamente com seus esforços. Um caudal de luz teria sido vertido sobre o mundo. Anos atrás os habitantes da Terra teriam sido advertidos, a obra se teria completado e Cristo teria vindo para a redenção de Seu povo.”

“Anos atrás”, antes de 1884. Que sonho! Suponha que cem mil mileritas adventistas nos Estados Unidos e milhares de adventistas na Europa e outros lugares houvessem aceitado e proclamado a mensagem do sábado e do santuário. Segundo esta passagem, Cristo teria vindo antes da Guerra Civil Americana! A brigada Pickett jamais teria marchado para a destruição em Gettysburg. Um milhão de homens não teriam sofrido na lama em Verdun na primeira Guerra Mundial. Hiroshima e Nagasaki poderiam ter escapado das bombas atômicas na Segunda Guerra Mundial. Compartilhando, como o faz, do sofrimento de cada viúva e órfão, como Deus deve ter ansiado enviar Jesus antes que essas guerras fossem deflagradas! E, evidentemente, Ele poderia tê-lo feito, se...

Pai expectante, filhos hesitantes.

Aos poucos adventistas que realmente aceitaram a mensagem do terceiro anjo, a carta a Laodicéia veio com poder na década de 1850. Jesus apareceu à porta de seus corações buscando entrada definitiva. A chuva serôdia ficou de prontidão, preparada para fluir mediante eles a um mundo necessitado. Vitória e cumprimento estavam-lhes na ponta dos dedos. Deus concedeu “tempo à mensagem para realizar sua obra”. Eles avançaram um pouco, e depois descansaram satisfeitos.

Pai expectante, filhos hesitantes.

Em Minneapolis, o Espírito pairou maravilhosamente próximo em 1888. Uma vez mais foi “o tempo para a chuva serôdia”. Multiplicaram-se as conquistas por todos os lados. Mas em vez de “entrar no lugar santíssimo com Jesus”, muitos crentes preferiram em lugar disso, os Dezesesseis Anos de Crise.

Pai expectante, filhos hesitantes.

Depois de “Mãe White”, evidentemente em nome de Cristo, traçou um círculo de amor suficientemente grande para incluir todos os filhos hesitantes. O círculo de amor tem durado, tem-se fortalecido com a verdade bíblica e os Testemunhos para a igreja e, ampliando-se como uma maré ano após ano, atinge os limites sempre em expansão da Igreja Adventista. Surgem diferenças, mas a harmonia prevalece. Mil e setecentos delegados, pretos e amarelos, brancos e vermelhos, misturam-se na assembléia da Associação Geral de 1975, súditos de quase todas as ideologias políticas da Terra. Eu me assentei com a comissão de nomeações de 173 membros. Vi, ouvi e senti quão profundamente fluem as correntes de confiança e acordo por sob as pequenas ondulações superficiais de controvérsia.

Nesta presente história dos adventistas do sétimo dia nos restringimos principalmente a analisar como teve início sua “causa”. Seus princípios pertencem num modo especial à totalidade de sua igreja mundial hoje. A descoberta inicial das verdades sobre Jesus e a convicção, coragem e generosidade de seus pioneiros explicam melhor o que faz com que o movimento ainda avance. Tivéssemos

espaço para fazer justiça ao século vinte, relatos de fé e sacrifício, e estatísticas da liberalidade e crescimento poderiam ser multiplicados quase interminavelmente. Até mesmo as descobertas de luz adicional poderiam ocupar capítulos.

Aqui e acolá já temos nos referido a alguns progressos no século vinte nas missões, obra médica, organização e educação. Gostaria de dizer muito mais!

O adventismo no século vinte representa ainda obreiros de grande coração gastando sua vida, às vezes sacrificando-a, para levar a mensagem em lugares difíceis. É W. R. Smith na Coréia, caminhando, andando de bicicleta, cavalgando dia e noite, às vezes

dias e noites, na lama, chuva e neve, congelando uma mão e pé, escorregando por um precipício na escuridão, cumprindo compromissos, arruinando a saúde, levantando escolas e igrejas. É J.P. Anderson, obreiro vitalício na China, preferindo permanecer quando tropas inimigas dominavam Cantão, esperando mediante a oração, tato e fortaleza preservar o hospital da Missão,

protegendo--o contra saqueadores – e devolvendo a instituição de volta à denominação anos depois sem a perda de uma toalha ou lençol de cama.

O adventismo do século vinte tem sido C.C. Crisler cantando suavemente “O Senhor sempre me conduz”, ao estar moribundo com pneumonia em Chona, no interior da China – e morrer. É W.H. Anderson num *safári*, despertando da inconsciência durante um tremendo ataque de disenteria para ouvir seus carregadores Matebele convertidos cantando: “Não, Nunca Sozinho” – e recuperando-se. É G. McLaren, com sua embarcação cercada por ilhéus das ilhas Salomão, cantando: “A Qualquer Lugar eu Irei com Jesus” – e desembarcando em paz.

Tem sido Beni Tavondi, um nativo de Fiji, fazendo seu primeiro converso adventista após dez árduos anos em Papua enquanto

morria devido a uma picada de cobra. E a Sra. Fika Miteli, outra missionária em Papua ensinando a mulheres e crianças em vilarejos, arrebatando lanças de guerreiros em caminhos da selva e compartilhando com sucesso a verdade sobre Jesus no santuário.

E Billiat Sapa, nativo africano, trabalhando pioneiramente num vale pantanoso em Niassalândia, vivendo com a esposa e dois filhos sobre uma plataforma numa árvore porque as aldeias recusaram aceitá-los; vendo ambos os filhos morrerem, ele e a esposa recusaram-se a voltar; vendo a esposa morrer e recusando-se a voltar; convencendo finalmente os aldeões de que os amava, e de que Deus também os amava, e fundando várias escolas.

Hoje, logicamente, as crianças assistem à TV na África e Fiji, bem como na Europa e América do Norte, de modo que as missões adventistas no século vinte têm tido que ajustar-se à moderna tecnologia em terras antigas. Mas mesmo nos tempos modernos, antigos desastres ainda ocorrem, e o adventismo do século vinte tem tido homens como L. H. Christian na grande fome russa de 1920, sabendo que o tifo afetava metade da população, mas dirigindo-se mesmo assim à U. R. S. S. por três longas semanas para encorajar os crentes enquanto a família em seu lar orava e jejuava. E um indomável diretor de colégio, o qual, sofrendo terríveis dores, e sendo responsável por mil estudantes, encontrou arroz suficiente numa fome durante a década de 1970.

Têm sido milhares de jovens nas piores guerras conhecidas na História, suficientemente corajosos para seguirem sua consciência e ao mesmo tempo enfrentarem as balas, a exemplo dos quatorze homens confinados separadamente numa prisão militar, cada qual sendo informado de que todos os demais haviam renunciado ao sábado, timidamente assobiando um hino vespertino ao pôr-se o Sol e ouvindo todos os outros, sozinhos em suas treze celas, a ele se unindo. E Desmond Doss, não-combatente em Okinawa, recebendo uma Medalha de Honra Congressional por resgatar setenta e cinco homens feridos enquanto um batalhão inimigo o fustigava com tiros, granadas de mão e bombas por várias horas.

O adventismo no século vinte tem tido presidentes da Associação Geral como W. A. Spicer (1922-1930), vastamente apreciado, viajando a toda parte, conhecendo cada obreiro (aparentemente) pelo nome, oferecendo pequenos presentes para crianças missionárias, e sempre adquirindo a passagem mais barata. Uma vez, quando seus hospedeiros protestaram que um homem de sua importância viajassem em terceira classe, ele humildemente desculpou-se dizendo: “Desculpe-me; eu não sabia que havia uma quar- tá.” E J. Lamar McElhany (1936-1950), também muito apreciado, chorando após sua segunda reeleição, sobrecarregado com a magnitude de sua obra.

Numericamente muito mais do que liderança ordenada, o adventismo no século vinte tem tido leigos dedicados – como os falantes soldados mencionados há pouco, como os milhares na América Central e Filipinas que situaram seus níveis de crescimento em recordes mundiais, e como os incontáveis membros que ensinam e dirigem Escolas Sabatinas, consertam roupas para os pobres, ensinam em escolas ou atuam em instituições adventistas em geral. Muitos leigos fizeram destacadas contribuições, como Jasper Wayne, enfermeiro de Iowa que uma vez indagou à esposa o que mais podiam fazer pelo Senhor, e ela sugeriu que encomendassem 100 exemplares de um número especial de *Sings of the Times* [Sinais dos Tempos}. Julgando ele que vinte e cinco exemplares seria mais razoável, ambos concordaram finalmente com cinquenta. A continuação é celebrada cada ano ao tempo da Recolta.

Alguns leigos adventistas do século vinte têm desfrutado de impressionante direção da parte do Senhor. Carlos Ashcraft, de Carmel, Austrália, ficou a pensar em 1906 se deveria doar seu grande pomar de maçãs para uma escola secundária. Ele pediu um sinal dos Céus: uma tempestade dentro de uma semana, apesar do

céu estar azul. Dentro de uma semana uma nuvem negra apareceu em pleno céu azul, passou por sobre a colina dirigindo-se ao vale, emitiu fortes relâmpagos e trovões bem em cima de sua casa e então partiu pelo vale adiante. Seu irmão apareceu correndo de uma fazenda próxima gritando: “Você viu isso?”

“Sim, vi”, respondeu Carlos; “é o sinal para eu doar minha terra para o Senhor.” O Colégio Carmel está naquele local hoje.

As estatísticas servem para atestar o progresso animador. As contribuições aumentaram de meio milhão de dólares em 1895 para cerca de 300 milhões em 1975. As matrículas em escolas adventistas aumentaram de cerca 1.300 em 1890 para algo como 400 mil. Em 1853 a pequena imprensa manual Washington em Rochester produzia uma cópia por minuto, sessenta páginas por hora requerando um tal esforço, que o jovem que a movia, após poucos meses começou a cuspir sangue. No século vinte *The Times* alcançou uma tiragem de 200 mil exemplares mensais, *Sings of the Times* 350 mil, *Liberty* 500 mil. Transmissões radiofônicas e de televisão têm-se multiplicado ao redor do mundo. Somente “The Quiet Hour” emprega mais de 300 estações, “A Voz da Profecia”, mais de 800. Sessenta milhões de livros do “Tio Arthur”, S Maxwell têm levado os ideais cristãos e a mensagem bíblica integral a famílias que falam trinta e dois diferentes idiomas. Caminho Para Cristo tem sido impresso em quantidades de até um milhão de uma vez, e está traduzido em mais de 100 línguas.

Os montantes do número de membros são também impressionantes, em certo sentido. Em 1863 havia 3.500 adventistas numa população mundial de um bilhão. A proporção era de um crente para três milhões. Em 1975, quando o mundo havia atingido quatro bilhões, a proporção havia progredido para um crente para 1.600. Se a média de crescimento continuar somente no nível atual de 5,5 por cento ao ano até o ano 2000, quando o mundo terá 6,5 bilhões de habitantes, deverá haver nove milhões de observadores do sábado, ou um para cada 700 almas.

É um bom progresso, louvado seja Deus, mas não é o suficiente. Na verdade é até bem vagaroso. Se a igreja houvesse prosseguido no crescimento anual da década de 1870, de 11,1 por cento poderia contar hoje, não com 2,5 milhões de membros, mas com 275.458.110 membros! “Todo o Céu” tem estado “esperando” por tempo demasiado. A obra simplesmente carece de impulso e espalhar-se “como o fogo na palha”; e assim ocorrerá, segundo Ellen White, “ao aliar-se o poder

divino *com o esforço humano.*”² “Deus realizará a obra *se* lhe fornecermos os instrumentos.”³

Em 1845 a jovem Ellen viu surgindo num lugar após outro jatos de luz que encheram todo o vasto mundo. Representavam a promessa de Apocalipse 18:1: “Vi descer do céu outro anjo, que tinha grande autoridade, e a terra se iluminou com a sua glória.” E, logicamente, a glória de um anjo reflete a glória de Deus.

Esse anjo de apocalipse 18, a exemplo dos três anjos de Apocalipse 14:6-12, é simbólico de um povo que conduz uma mensagem. (Aggelos em grego significa “mensageiro”.) A “glória de Deus” é basicamente Seu glorioso caráter, cheio de graça e verdade. Ver basicamente Seu glorioso caráter, cheio de graça e verdade. Ver Êxodo 34. Assim, a terra deve ser iluminada com a glória de Deus quando a igreja de Deus estiver cheia do poder de Deus e reproduzir perfeitamente o Seu caráter. A glória que Ellen viu irradiando do sábado no lugar santíssimo, simbólica da amorável santidade do próprio Deus, um dia irradiará das faces e vida e lábios do povo observador do sábado que segue a Deus. Observando o sábado, homens e mulheres, meninos e meninas serão em si mesmos santos.⁴

“A Terra deve ser ‘iluminada com Sua glória’”, explica Ellen White. “O Espírito do Senhor abençoará tão graciosamente consagradas instrumentalidades humanas que homens, mulheres e crianças abrirão os lábios em louvor e ações de graças, enchendo a Terra com o conhecimento de Deus e com Sua glória insuperável.”⁵

A participação nesse glorioso clímax do movimento adventista não se restringirá a seus membros atuais. De modo algum” Está à disposição de todos quantos respirem. “Do Senhor é a Terra e a sua plenitude.” Deus é o Pai de todos e tão logo alguém ouça a palavra, poderá partilhar da alegria de experimentar seu poder transformador e da alegria ainda maior de passá-la adiante. “O Espírito do Onipotente está movendo o coração dos homens, e os que respondem a esta influência tornam-se testemunhas de Deus e Sua verdade. Em muitos lugares podem ser vistos homens e mulheres consagrados comunicando a outros a luz que lhes iluminou o caminho da salvação mediante Cristo. E enquanto deixam sua luz brilhar, como fizeram os que foram batizados com o Espírito no dia do Pentecostes, receberam mais e mais do poder do Espírito. Assim é a Terra iluminada com a glória de Deus.”²

“Servos de Deus, com o rosto iluminado e a resplandecer de santa consagração, apressar-se-ão de um lugar para outro para proclamar a mensagem do Céu. Por milhares de vozes em toda a extensão da Terra, será dada a advertência. Operar-se-ão prodígios, os doentes serão curados, e sinais e maravilhas seguirão aos crentes. ...

“Agora os raios de luz penetram por toda parte, a verdade é vista em sua clareza, e os leais filhos de Deus cortam os liames que os têm retido. ... A verdade é mais preciosa do que tudo mais. Apesar das forças arregimentadas contra a verdade, grande número se coloca ao lado do Senhor.”⁷

A verdade é mais preciosa do que tudo mais. A mensagem levada ao mundo nos anos futuros deve por todos os meios ser verdadeira. A verdade real. A verdade vital acerca de Jesus, sobre o que Ele realizou no passado e o que está realizando agora. Deve ser a mensagem do primeiro anjo: o evangelho eterno da cruz e a verdade presente de que a hora de Seu juízo é chegada. E a segunda mensagem angélica, apelando ao povo para separar-se de todo ídolo que os mantém retidos. E a mensagem do terceiro anjo, advertindo contra falsos sistemas de culto e apontando aos mandamento de Deus e à fé de Jesus, à justificação pela fé.

Deste 22 de outubro de 1844 Jesus, no lugar santíssimo, tem chamado a atenção para o sábado, não simplesmente porque é o sétimo dia, mas porque representa um modo único e cristão de vida, o critério final que separa o bem do mal nos últimos dias. Jesus está em operação eliminando os pecados, não somente nos livros celestiais mas também na vida de Seus filhos para que possam ser vitoriosos, santos, semelhantes a Ele. Mediante Seu representante, o Espírito Santo, Ele bate à porta de Seus seguidores buscando ajudá-los a desembaraçar sua vida de toda maldade, de modo cada vez mais completo e ansiando enchê-los com Seu poder.

Sabe que são ainda “vasos de barro” em grande necessidade de lavagem; e Ele os está lavando com o “sabão dos lavandeiros” até que (se O deixarem) fiquem perfumados e limpos, porque deseja enchê-los. Mas não deseja enchê-los como se enchem potes e panelas, mas como a água sob pressão que enche uma mangueira de jardim e flui através dela para levar “alegria e bênção aos corações humanos”. Assim, como a incandescência enche uma lâmpada elétrica e irradia luz em todas as direções do lado de fora, assim Ele deseja pessoas limpas mediante cujos olhos

e lábios e mãos e pés possa, sem impedimentos, irradiar ao mundo sua glória.

Sopra em mim, Sopra de Deus,

Até que eu seja totalmente Teu,

Até que esta minha parte terrena

Resplandeça com Teu fogo divino.

Por ocasião da segunda vinda, todos que ainda estão enamorados pelo pecado devem inevitavelmente ser destruídos. Deus, porém, não desejando que alguém pereça, ansiosamente convida a todos que compreendem a verdade contemporânea sobre Jesus Cristo que vivam e contem-na aos outros. Ele lhes pede que edifiquem escolas onde ela possa ser ensinada, e jovens possam ser preparados para ensiná-la; que estabeleçam editoras e outros centros de comunicação pelas quais ela possa ser publicada; a manterem instituições médicas onde a compaixão de Cristo possa ser especialmente demonstrada e pessoas possam aprender a sentir-se bem para que possam ser boas.

Os adventistas do sétimo dia crêem que foram chamados para proclamar a mensagem final de Deus. Sacrificaram-se e labutaram em grande medida durante os anos, e Deus evidentemente os tem abençoado com muitos sinais da divina providência e milagres de Sua graça. Mas o grande milagre para o qual sua igreja foi chamada à existência, o segundo advento de Cristo, ainda está por vir.

Que a presente geração de crentes aceite a Jesus inteiramente em sua vida, e então, com seus lábios ardentes, e a vida resplandecendo com Sua glória, avancem à mais remota pessoa sobre a terra. Possam eles rapidamente “contar isso ao mundo” para que Jesus Cristo possa finalmente vir.

1

2

3

4

5

¹ Cap 2

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

Cáp 3

1

2

3

4

Capítulo 4

1

2

3

Capitulo 5

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

Capitulo 6

1

2

Cap 7

1

2

3

Cap 9

1

2

3

4

5

6

7

8

9

Cap 10

1

2

3

4

5

6

7

8

9

Capt 13

1

2

3

4

5

6

Cap 14

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

Cap 15

1

2

3

4

5

6

7

Capítulo 16

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

Capítulo 17

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Capítulo 18

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Capítulo 19

1

2

3

4

5

6

7

8

9

Capitulo 20

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25

Capitulo 22

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

Capítulo 23

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

- 12
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13

Capitulo 25

- 14
- 15
- 16
- 17
- 18

Capitulo 25

- 1
- 2
- 3
- 4

5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

1

2